

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

DAS MIGRAÇÕES FORÇADAS À CONTENÇÃO TERRITORIAL: AS  
GEOGRAFIAS DO CAMPO DE REFUGIADOS DE DADAAB NO QUÊNIA.

**Daniela Florêncio da Silva**

Recife  
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

DAS MIGRAÇÕES FORÇADAS À CONTENÇÃO TERRITORIAL: AS  
GEOGRAFIAS DO CAMPO DE REFUGIADOS DE DADAAB NO QUÊNIA.

**Daniela Florêncio da Silva**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Geografia.

**Orientador:** Prof. Dr. Bertrand Roger Guillaume Cozic

**Coorientador:** Prof. Dr. Caio Augusto Amorim Maciel

Recife  
2016

Catálogo na fonte  
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB-4 1291

S586d Silva, Daniela Florêncio da.  
Das migrações forçadas à contenção territorial : as geografias do campo de refugiados de Dadaab no Quênia / Daniela Florêncio da Silva. – 2016.  
234 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Bertrand Roger Guillaume Cozic.

Coorientador: Prof. Dr. Caio Augusto Amorim Maciel.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Recife, 2016.

Inclui referências, apêndice e anexos.

1. Geografia. 2. Territorialidade humana. 3. Migração forçada. 4. Somalis. 5. Campos de refugiados - Quênia. I. Cozic, Bertrand Roger Guillaume (Orientador). II. Maciel, Caio Augusto Amorim (Coorientador). III. Título.

910 CDD (22.ed.)

UFPE (BCFCH2016-88)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - UFPE  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS - DCG  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - PP GEO



**DANIELA FLORÊNCIO DA SILVA**

**DAS MIGRAÇÕES FORÇADAS À CONTENÇÃO TERRITORIAL: AS GEOGRAFIAS DO CAMPO DE  
REFUGIADOS DE DADAAB NO QUÊNIA**

Dissertação aprovada, em 06/05/2016, pela comissão examinadora:

---

Prof. Dr. Bertrand Roger Guillaume Cozic  
(1º examinador - orientador - PP GEO/DCG/UFPE)

---

Prof. Dr. Rogério Haesbaert da Costa  
(2º examinador - Geociências/UFF)

---

Prof. Dr. Jan Bitoun  
(3º examinador - PP GEO/DCG/UFPE)

**RECIFE - PE  
2016**

*“Se você quiser entender o espaço definido pela geografia, primeiro precisa partir em busca de si mesma.”*

*(Simon Njami)*

*Dedico essa dissertação e o caminho para o  
continente africano ao saudoso professor  
Joaquim Correia de Andrade e aos moradores do  
campo de refugiados de Dadaab.*

## **Agradecimentos**

Nesse longo caminho percorrido entre o Brasil e o Quênia, durante a elaboração dessa dissertação, muitas pessoas foram determinantes e especiais nessa jornada. Sem elas, com certeza, esse caminho teria sido muito difícil de percorrer. Agradecerei eternamente pelo carinho e compreensão.

Começo agradecendo aos meus familiares, por sempre apoiarem os meus projetos de pesquisa, independente do local ou tema estudado. Sempre estiveram ao meu lado. Agradeço de forma carinhosa a minha irmã Andréa e ao meu cunhado Fernando, pelos diversos refúgios concedidos e pelo apoio à viagem ao Quênia, ao meu irmão Eduardo pela assistência técnica tão necessária nesse processo e aos meus pais, pelo carinho e apoio de sempre.

Aos amigos Flávio Ricardo, Cynthia e Keyla Melo, sempre queridos e presentes, agradeço o carinho e a compreensão por tanta ausência nesses dois anos de pesquisa. Ao querido ex-colega de trabalho, Danilo Lúcio que tanto me ajudou com a difícil arte, assim percebida por mim, de elaboração de gráficos e diagramas feitos por ele em praticamente cinco segundos. Obrigada Danilo! A querida amiga da família Mércia Dias, por suas palavras, incentivo e apoio.

Durante os momentos determinantes e de muito aprendizado na universidade tive sempre o apoio e incentivo de meus colegas de mestrado e doutorado que iniciaram essa jornada junto comigo. A todos agradeço pelas palavras ditas, todas as conversas no corredor ou em sala de aula, sempre tão importantes. Entre eles não poderia deixar de citar Yohanne Costa, a quem gostaria de agradecer por estar sempre presente, principalmente durante todo o processo da pesquisa de campo e das conversas geográficas. A Querida Zenis Freire, com quem compartilho um tema de pesquisa tão parecido, gostaria de agradecer o apoio e os aprendizados geográficos. Bruno Maia, ex-colega de graduação, tão presente nesse processo do mestrado, obrigada pelas conversas despojadas, sempre constituídas de tantas reflexões geográficas e pelo companheirismo. Não poderia deixar de agradecer a Eduardo Verás, assistente administrativo, por seu profissionalismo e atenção com todos os alunos da pós-graduação em Geografia da UFPE.

Agradeço imensamente todas as pessoas que foram muito importantes no desenvolvimento da metodologia da pesquisa e que sempre estiveram dispostas a ajudar, mesmo distantes, através do Skype, das redes sociais ou pessoalmente. Entre elas a professora e diretora do Centre For Refugee Studies and Empowerment (kenyatta University/Nairóbi), Dra. Josephine Gitome, aos funcionários do Flora Hostel em Nairóbi, que auxiliaram muito a

dinâmica da pesquisa de campo em Nairóbi, ao queniano e morador de Eastleigh, Douglas Masoka, pela disponibilidade e orientações para a pesquisa em Eastleigh, a funcionária Husna Hussein do International Rescue Committee em Dadaab, os funcionários das Nações Unidas (UNHCR/Kenya) em Dadaab, Silja Ostermann e Duke Mwanicha, o funcionário do National Council of Churches of Kenya em Dadaab, Desmond Paul, a Moulid Hujale e Mohamed Hussein Hassan, ex-moradores do campo de refugiados de Dadaab, que me ajudaram de forma significativa mostrando a realidade desse campo, com suas publicações nas redes sociais e suas respostas gentilmente enviadas, a doutoranda em Geografia da UFPE, Ivete Silves, o Professor Juan Federer e sua descrição humana do continente africano, a Flávio Gonçalves, a Professora Dra. Liliana Lyra Jubilut da Unisantos, a psicóloga Deborah Duarte e o jornalista Alex Fisberg, que através de suas palavras me fez ver Dadaab, da forma que gostaria de ter conhecido. A Abdullahi Said-Emkay, morador do campo de refugiados de Dadaab, agradeço imensamente pela informação sobre o significado da palavra Dadaab. Muito obrigada a todos!

Eu gostaria de agradecer, também, uma rede de solidariedade acadêmica formada no mundo, em que pesquisadores, não só disponibilizam seus trabalhos ao serem solicitados, como também, se prontificam, gentilmente, em responder questionamentos sobre o tema em questão ou fornecerem indicações bibliográficas. Entre eles, gostaria de agradecer ao historiador e professor Dr. José Bento Rosa da Silva da Universidade Federal de Pernambuco, ao geógrafo e professor Dr. Thiago Romeu de Souza da Universidade Federal de Campina Grande, aos antropólogos Leonardo Schiocchet (Austrian Academy of Sciences), Cindy Horst (Peace Research Institute Oslo) e Clara Lecadet (Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales), aos geógrafos Claudio Minca (Wageningen University) e Cristina Del Biaggio (University of Geneva) e ao cientista político Ricardo Sousa (Universidade Autónoma de Lisboa).

Aos professores Rogério Haesbaert e Jan Bitoun, agradeço imensamente pelas importantes observações e contribuições sobre a pesquisa desenvolvida e pela participação, tão desejada, no momento da defesa. Muito obrigada!

Ao meu orientador, Professor Dr. Bertrand Cozic, agradeço pelas reflexões sempre precisas sobre Dadaab, que suscitaram sempre um outro olhar para a sua compreensão, pelo incentivo para realização da pesquisa de campo, pelas instruções de viagem e pelo cuidado durante a realização da pesquisa de campo em Nairóbi. Ao meu querido coorientador e Professor Dr. Caio Maciel, agradecerei eternamente por mais uma jornada geográfica ao continente africano. Obrigada pelas importantes orientações, pelo carinho, pelo apoio financeiro para viagem e para a participação do Professor Dr. Rogério Haesbaert na defesa da dissertação, através do LECgeo, e pelas sábias palavras.

## Resumo

A seguinte pesquisa tem como objetivo a compreensão dos fatores estruturantes da dinâmica territorial do campo de refugiados de Dadaab no Quênia. Formado em 1991 pela migração forçada do povo somali, em virtude da eclosão da guerra civil em seu país, esse campo de refugiados, hoje, abriga 348 mil pessoas de diferentes nacionalidades e contextos de deslocamento forçado. A dimensão desse fenômeno, não é só percebida por ser o maior campo de refugiados no mundo, mas pela complexidade de fatores envolvidos em sua formação. A sua origem é aqui relacionada, desde o processo de migração forçada. A suspensão da vida dessas pessoas, que ao ultrapassarem a fronteira política de seus países, tornam-se refugiadas, não se refere apenas à perda de seus direitos políticos ou de sua cidadania, mas a uma suspensão de “sentidos” e de continuidade ocasionada pela sua contenção territorial nesse campo de refugiados. A sua jornada ou movimento em busca de um refúgio temporário é paralisada e transformada em espera e contenção. O campo de refugiados de Dadaab, formado em um contexto de “emergência”, transformou-se em um território de exceção, através de uma prática de contenção territorial informal adotada pelo governo queniano. A persistência de suas vidas no campo, em meio a muitas proibições, desenvolveu um processo de reterritorialização precário, mas confrontado por resistências, contornos e permeado por transterritorialidades e encontros.

**Palavras-chave:** Migração Forçada. Contenção Territorial. Território de Exceção. Campo de refugiados de Dadaab (Quênia).

## **Abstract**

The following research aims to understand the structural factors of territorial dynamics of the Dadaab refugee camp in Kenya. Formed in 1991 by the forced migration of the Somali people, because of the outbreak of civil war in their country, this refugee camp, today, houses 348,000 people of different nationalities and forced displacement contexts. The scale of this phenomenon is not only perceived to be the largest refugee camp in the world, but by complexity of factors involved in their formation. Its origin is related here, from the forced migration process. The suspension of their lives, that to overcome the political borders of their countries, they become refugees, refers not only to the loss of political rights, or their citizenship, but a suspension of "senses" and continuity occasioned by their territorial containment in this refugee camp. Your journey or movement, seeking temporary refuge, is paralyzed and transformed in waiting and containment. The Dadaab refugee camp, formed in a context of "emergency", turned into a territory of exception, through an informal practice of territorial containment adopted by the Kenyan government. The persistence of their lives in this camp, among many bans, developed a process of precarious reterritorialization, but confronted by resistance, contours and permeated by transterritorialities and encounters.

**Keywords:** Forced Migration. Territorial Containment. Territory of Exception. Dadaab refugee camp (Kenya).

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01- Roteiro e recordações da pesquisa de campo em Nairóbi.....	19
FIGURA 02 - Recordações de Porto Trombetas (PA) .....	22
FIGURA 03 - Orfanato de bebês elefantes em Nairóbi do projeto Sheldrick Wildlife.....	22
FIGURA 04 - Abrigos precários nos arredores da extensão de Dagahaley do campo de refugiados de Dadaab.....	23
FIGURA 05 - Entrada do Centre for Refugee Studies and Empowerment (KU-CRSE) .....	24
FIGURA 06 - Entrevista com Dra. Josephine Gitome.....	25
FIGURA 07 - Entrevista com Husna Hussein.....	26
FIGURA 08 - Sala principal de conferências das Nações Unidas em Nairóbi.....	27
FIGURA 09 - Entrevista com o morador de Eastleigh, Douglas Masoka.....	27
FIGURA 10 - Matatu na entrada de Eastleigh.....	28
FIGURA 11 - Ruas transversais no início de Eastleigh e a forte presença dos trajés muçulmanos.....	28
FIGURA 12 - Uma das duas avenidas principais de Eastleigh e seu cotidiano.....	29
FIGURA 13 - Pequeno comércio na entrada de Eastleigh.....	29
FIGURA 14 - Moradias precárias.....	30
FIGURA 15 - Uma das mesquitas do bairro.....	31
FIGURA 16 - Encontro com o povo Masai Mara no Parque Nairobi Safari Walk localizado em sua reserva.....	32
FIGURA 17 - Coordenação da extensão Ifo do campo de refugiados de Dadaab.....	37
FIGURA 18 - Refugiados afegãos montam um campo improvisado em Moria (Grécia), em novembro de 2015.....	42
FIGURA 19 - Principais dados estatísticos das populações em deslocamento forçado em 2014.....	45
FIGURA 20 - A criminalização do migrar.....	49
FIGURA 21 - Criação artística enfatiza que a migração não deve ser considerada crime.....	51
FIGURA 22 - Crianças e adolescentes presos por migrar.....	52
FIGURA 23 - Desenhos das crianças migrantes detidas em Christmas Island (Austrália).....	53
FIGURA 24 - O refugiado no contexto das migrações.....	55
FIGURA 25 - Evolução do número de refugiados de 1950 a 2014.....	57
FIGURA 26 - As marcas do deslocamento forçado e da desterritorialização.....	61
FIGURA 27 - Famílias de refugiados cruzando a fronteira entre a Grécia e a Macedônia.....	62

FIGURA 28 - Chegada de refugiados sírios na ilha de Kos na Grécia, em agosto de 2015.....	65
FIGURA 29 - Naufrágio no mar Mediterrâneo próximo às ilhas Canárias em 2004.....	66
FIGURA 30 - Migração dolorosa.....	67
FIGURA 31 - O campo improvisado como refúgio.....	67
FIGURA 32 - Fuga de refugiados somalis em direção ao campo de refugiados de Dadaab em 2011.....	71
FIGURA 33 - Refugiados somalis esperam para fazer o registro de chegada na extensão Ifo em Dadaab (2011) .....	71
FIGURA 34 - Espera por registro em Dadaab após dolorosa jornada.....	72
FIGURA 35 - Únicos pertences do refugiado sírio Nour.....	77
FIGURA 36 - Registro eletrônico de novos refugiados em Dadaab em 2011.....	84
FIGURA 37 - Cercas e controle no centro de distribuição de alimentos em Dadaab.....	84
FIGURA 38 - Comunidade etíope de Gambela na extensão Ifo do campo de refugiados de Dadaab em 2016.....	87
FIGURA 39 - Espinhos que transpassam as cercas e o controle do campo de refugiados de Dadaab.....	88
FIGURA 40 - Escoteiros da escola primária Amani na extensão Hagadera em Dadaab (2015) .....	89
FIGURA 41 - Enterro de uma criança de 3 anos na extensão Dagahaley no campo de Dadaab em 2011.....	89
FIGURA 42 - O retorno para o campo de refugiados de Dadaab.....	91
FIGURA 43 - Moulid Hujale em palestra no campo de refugiados de Dadaab em 2016.....	93
FIGURA 44 - Uma vida em espera na extensão Hagadera do campo de refugiados de Dadaab.....	95
FIGURA 45 - A globalização e a expansão de muros.....	103
FIGURA 46 - Pequeno abrigo na extensão de kambioos.....	105
FIGURA 47 - Salão de beleza de Asha Mohamed na extensão Ifo do campo de refugiados de Dadaab.....	106
FIGURA 48 - Artesanato de refugiadas etíopes da região de Gambela na extensão Ifo em 2015.....	106
FIGURA 49 - Mohamed Abdillahi em uma de suas lojas em Ifo no campo de refugiados de Dadaab.....	107
FIGURA 50 - Fragmentação em uma perspectiva espacial ou geográfica.....	108

FIGURA 51 - Campo de refugiados sobre trilhos na fronteira entre a Croácia e a Bósnia em 1994 (Conflito da antiga Iugoslávia) .....	114
FIGURA 52 - Quando as fronteiras se fecham.....	115
FIGURA 53 - Não aos campos e sim para liberdade!.....	116
FIGURA 54 - Conjunto residencial em Eastleigh.....	119
FIGURA 55 - Mulheres muçulmanas em uma das duas avenidas principais de Eastleigh.....	121
FIGURA 56 - Refugiada somali usando celular próximo ao centro de registro do campo de Dadaab.....	121
FIGURA 57 - Lixo e infraestrutura precária na entrada de Eastleigh.....	122
FIGURA 58 - Número de refugiados no Quênia em 2016.....	123
FIGURA 59 - Porcentagem de refugiados que vivem em campos ou em outras opções em diferentes países.....	123
FIGURA 60 - Centro de Nairóbi.....	127
FIGURA 61 - Modelo de uma comunidade “autossuficiente” nos campos.....	136
FIGURA 62 - Extensão de Kambioos do campo de refugiados de Dadaab em 2014.....	137
FIGURA 63 - Centro comercial da extensão Hagadera no campo de refugiados de Dadaab em 2015.....	138
FIGURA 64 - Instalações comerciais da extensão de Hagadera em 2015.....	138
FIGURA 65 - Abrigos com estruturas mais resistentes de argila no campo de refugiados de Dadaab.....	139
FIGURA 66 - Apresentação do grupo de dança Meng-Bul do povo etíope Anuak, na extensão Ifo do campo de refugiados de Dadaab em 2013.....	146
FIGURA 67 - Estatísticas das pessoas deslocadas internamente no Sudão do Sul.....	149
FIGURA 68 - Família de deslocados internos no Sudão do Sul prepara a escassa refeição em julho de 2014.....	149
FIGURA 69 - Construções em volta de uma acácia no campo de refugiados de Dadaab.....	152
FIGURA 70 - Diagrama das principais palavras que resumem e reafirmam o significado do campo de refugiados de Dadaab.....	161
FIGURA 71 - Refugiado somali no comércio de camelos na extensão Dagahaley do campo de refugiados de Dadaab.....	162
FIGURA 72 - Momento de chegada no campo de refugiados de Dadaab.....	164
FIGURA 73 - A força dos contrastes em Dadaab.....	165
FIGURA 74 - Questionando a ajuda da comunidade internacional.....	165
FIGURA 75 - Rua Feliz?.....	166

FIGURA 76 - Número total de refugiados e população por campo em Dadaab em 2016.....	168
FIGURA 77 - Nacionalidades dos refugiados em Dadaab em 2016.....	168
FIGURA 78 - Nacionalidades dos refugiados em Kakuma em 2016.....	169
FIGURA 79 - Principais fatores de formação da dinâmica territorial do campo de refugiados de Dadaab.....	170
FIGURA 80 - Fatores específicos da formação e contenção territorial do campo de refugiados de Dadaab.....	171
FIGURA 81 - Abrigos em tendas no campo de refugiados de Dadaab.....	174
FIGURA 82 - Corredores de espinhos do campo de refugiados de Dadaab.....	174
FIGURA 83 - Igreja de refugiados etíopes no campo de refugiados de Dadaab em 2011.....	177
FIGURA 84 - Pai e filho durante momento de orações na extensão Ifo do campo de Dadaab.....	177
FIGURA 85 - Patrulha da polícia queniana no campo de refugiados de Dadaab.....	178
FIGURA 86 - Patrulha da polícia queniana na área de tendas recentes da extensão de Dagahaley em 2011.....	178
FIGURA 87 - Construção de abrigos improvisados de tradição nômade somali na extensão Ifo.....	179
FIGURA 88 - “Uma mão fere e a outra socorre.”.....	180
FIGURA 89 - “Facilidades patrocinadas.”.....	180
FIGURA 90 - Escola com acesso à internet na extensão Ifo do campo de Dadaab.....	185
FIGURA 91 - Sistema de transferência de dinheiro por telefone Mpesa nos comércios do campo de Dadaab.....	187
FIGURA 92 - Ponto de táxi e ônibus no campo de refugiados de Dadaab em 2016.....	187
FIGURA 93 - Campus da Kenyatta University em Dadaab.....	189
FIGURA 94 - Costumes somalis em Dadaab.....	189
FIGURA 95 - Refugiado somali em Dadaab.....	190
FIGURA 96 - Refugiada do Sudão do Sul em Dadaab.....	191
FIGURA 97 - Competições esportivas no campo de refugiados de Dadaab.....	192
FIGURA 98 - Apresentação cultural em uma escola no campo de refugiados de Dadaab.....	193
FIGURA 99 - Trabalho de empoderamento de mulheres e igualdade de gênero na extensão Ifo 2 de Dadaab.....	194
FIGURA 100 - Útica, a cidade dos refugiados.....	198
FIGURA 101 - Entrada principal da Kenyatta University.....	225
FIGURA 102 - Uma das partes externas da sede das Nações Unidas em Nairóbi.....	226

FIGURA 103 - Jardim principal das Nações Unidas em Nairóbi.....	226
FIGURA 104 - Bandeira brasileira em destaque.....	227
FIGURA 105 - Sala principal de conferências.....	228
FIGURA 106 - Matatus no centro de Nairóbi.....	230
FIGURA 107 - Parque Uhuru no centro da cidade.....	230

### **LISTA DE SIGLAS**

ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados
IOM	International Organization for Migration
IRIN	Integrated Regional Information Networks
ONU	Organização das Nações Unidas
OXFAM	Oxford Committee for Famine Relief
PICUM	Platform for International Cooperation on Undocumented Migrants
UNECA	Economic Commission for Africa
UNESCO	United Nations Organization for Education and Culture
UNHCR	United Nations High Commissioner For Refugees

## LISTA DE MAPAS

MAPA 01 - Pessoas em deslocamento forçado pelo mundo em 2015.....	46
MAPA 02 - Fluxos de origem e destino dos refugiados pelo mundo em 2015.....	56
MAPA 03 - Recentes e antigos conflitos em andamento no mundo.....	59
MAPA 04 - Experiência de migração desesperada cartografada.....	64
MAPA 05 - Mortes de migrantes nas fronteiras do mundo em 2015.....	68
MAPA 06 - Causas e evolução do número de mortes de migrantes no mar Mediterrâneo em 20 anos.....	70
MAPA 07 - Complexo de campos de Dadaab em 2012.....	80
MAPA 08 - Localização dos diferentes campos de pessoas deslocadas à força e bases operacionais das Nações Unidas.....	111
MAPA 09 - Fluxos de refugiados no continente africano em 2015.....	129
MAPA 10 – Campos de refugiados com mais de mil pessoas no continente africano em 2015.....	130
MAPA 11 - Localização das pessoas deslocadas à força na África “Subsaariana” em 2015...	131
MAPA 12 - Espacialização das “emergências” nos países que compõem a África Oriental...	134
MAPA 13 - Conflitos, intervenções militares, operações de paz e terrorismo na África.....	144
MAPA 14 - Deslocamento forçado de refugiados e deslocados internos da Etiópia ocasionados pela apropriação de terras e construções de barragens em 2015.....	147
MAPA 15 - Localização do povo de origem somali no Chifre da África.....	153
MAPA 16 - Localização geográfica dos clãs somalis na África Oriental.....	154
MAPA 17 - Geografia em conflito.....	156
MAPA 18 - Terrorismo, insurreição ou resistência?.....	158

## Sumário

<b>Introdução</b> .....	18
<b>Capítulo 1 - Migrações desesperadas: uma jornada pela vida</b> .....	38
1.1. Migrações forçadas: “Uma nação de deslocados cresce nas margens do mundo”.....	39
1.1.1. <i>Migrações forçadas e a ilegalidade e criminalização do migrar</i> .....	44
1.2. Refugiados: categoria em discussão no atual cenário complexo.....	54
1.3. Migrações Desesperadas: quando o mundo nos “movimenta”.....	63
1.4. A busca por novas territorialidades: um olhar através das perspectivas dos refugiados.....	74
<b>Capítulo 2 – As implicações humanas da face perversa e “excludente” da globalização: tempos de imobilidade e estratégias de contenção territorial</b> .....	78
2.1. Território: o conceito em análise.....	79
2.1.1. <i>Território de exceção: o não pertencer e a espera</i> .....	91
2.2. A globalização e suas contradições: cercas, muros e “campos”.....	97
2.2.1. <i>A configuração de “campos” pelo mundo</i> .....	109
2.3. A política de acolhimento de refugiados e os dispositivos de contenção territorial do Quênia.....	117
<b>Capítulo 3 - Contextualizando o cenário de deslocamentos forçados e de formação de campos de refugiados na África Oriental: uma crise além das fronteiras</b> .....	126
3.1. As geopolíticas e o mapeamento de uma paisagem de “emergências”.....	127
3.1.1. <i>A desumanização da África: conflitos, especulação e financeirização da vida</i> .....	140
3.2. Somália: uma geografia de conflitos.....	151
<b>Capítulo 4 – Campo de refugiados de Dadaab: o desafio da contemporaneidade</b> .....	160
4.1. O significado das palavras e os sentidos geográficos.....	161
4.2. Dadaab: “o fenômeno do temporário-definitivo”.....	164
4.3. Um lugar de vida e sobrevivência: contenção e precarização territorial.....	173
4.3.1. <i>“Uma cidade de espinhos”</i> .....	181
4.4. Contornamento e transterritorialidades.....	184
4.5. Por uma Geografia de encontros: a integração social como solução?.....	196
<b>Considerações finais</b> .....	199
<b>Referências</b> .....	206
<b>Apêndice</b> .....	218

<b>Anexos.....</b>	<b>232</b>
--------------------	------------

## Introdução

*Dizem que entre nós  
há oceanos e terras com peso de distância.  
Talvez. Quem sabe de certezas não é o poeta.  
O mundo que é nosso  
é sempre tão pequeno e tão infindo  
que só cabe em olhar de menino.  
Contra essa distância  
tu me deste uma sabedora desgeografia  
e engravidando palavra africana  
tornei-me tão vizinho  
que ganhei intimidades  
com a barriga do teu chão brasileiro.  
E é sempre o mesmo chão,  
a mesma poeira nos versos,  
a mesma peneira separando os grãos,  
a mesma infância nos devolvendo a palavra  
a mesma palavra devolvendo a infância.  
E assim,  
sem lonjura,  
na mesma água  
riscaremos a palavra  
que incendeia a nuvem.*

Mia Couto<sup>1</sup>

No movimento contrário ao do escritor moçambicano Mia Couto, mas seguindo a mesma distância refletida, pelo escritor, entre o Brasil e a África, essa pesquisa percorreu caminhos, atravessou um oceano e um continente (FIGURA 01)<sup>2</sup>, até chegar em um de seus extremos, a África Oriental. Assim, a distância material foi sendo desconstruída, diferente da simbólica ou a dos pensamentos, que em 2003, durante a graduação, já começava a se desfazer. Aos poucos, as geografias do continente africano foram despertando um interesse que vai além dos questionamentos científicos. Os traços das experiências pessoais possuem relevância em

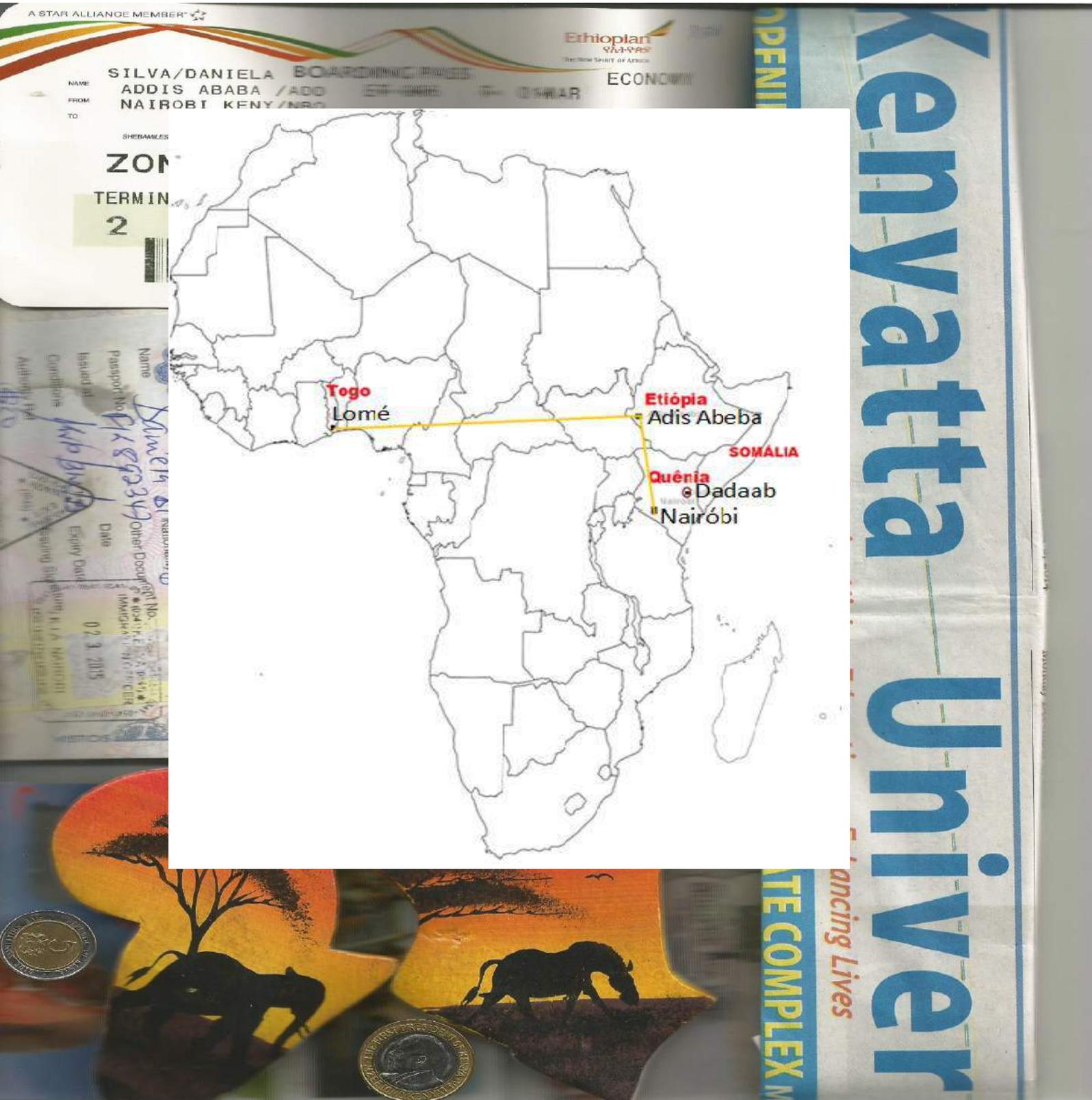
---

<sup>1</sup> Poema escrito em homenagem ao escritor brasileiro Manoel de Barros.

<sup>2</sup> A imagem de fundo do roteiro de viagem foi inspirada no trabalho artístico da fotógrafa e artista visual brasileira Marie Ange Bordas em seu livro Geografias em Movimento (2013).

nossa construção científica. Eles definem o nosso olhar geográfico nas composições acadêmicas.

FIGURA 01 - Roteiro e recordações da pesquisa de campo em Nairóbi.



A relação da imensa proximidade entre o Brasil e esse continente, talvez explique os primeiros passos construídos. A África sempre esteve muito próxima, através das aulas de capoeira, das festas de Iemanjá no bairro de Piedade, do som forte do Olodum nas ladeiras do Pelourinho, da noite dos Tambores Silenciosos no Pátio do Terço em Recife, onde cada rei e rainha dos Maracatus eram discretamente reverenciados, ao passar, pelo meu olhar atento às tradições dos diferentes povos.

Embora eu tenha a Bahia como Estado de nascimento, a experiência com mais significados, ocorreu no Estado do Pará, em uma pequena vila construída pela mineradora Rio do Norte, chamada Porto Trombetas, no coração da Floresta Amazônica, próximo dos municípios de Óbidos e Oriximiná. No mapa só existe o nome do rio que a batizou. A vila era o antigo quilombo do Rio Trombetas, refúgio construído pela população africana escravizada com a ajuda dos indígenas dessa região. Porém, esse refúgio continuou segregado, chamado agora, de Beiradão. Local onde os seus descendentes moram. O acesso era difícil, só por rio. Era necessária uma permissão da comunidade para que pudéssemos entrar.

A segregação era mútua porque existiam hostilidade e preconceito de alguns moradores da vila. Presenciei vários desses momentos, e guardo até hoje a indignação. Foi a partir dessa experiência que aprendi, mesmo criança, a questionar os lugares conhecidos por seu acesso restrito ou classificados como perigosos. É assim que a segregação se mantém. Aprendi com meus pais, conhecendo esses lugares e depois trabalhando neles.

Nós tínhamos amigos lá. Zilda e sua família. Lembrar de Zilda e de sua comunidade é reviver o meu trabalho sobre o Sudão para a monografia. Não sei a descendência da comunidade remanescente de quilombo que ali residia, mas era muito semelhante aos povos Dinka e Nuer do Sudão do Sul. Uma beleza incomparável!

Dessas memórias, ainda guardo o som dos tambores nos igarapés da floresta, os artesanatos produzidos por essa comunidade em conjunto com os povos indígenas locais, as marcas dos rituais dos seus ancestrais deixados nos igarapés e a terra de cor vermelha, tão característica dessa região da Amazônia, devido à presença do minério de bauxita, que foi revivida no Quênia, como um reencontro com o lugar onde a minha geografia começou a ser formada (FIGURAS 02 e 03).

O caminho que despertou o interesse pelas geografias do continente africano começou a ser traçado durante uma disciplina eletiva no curso de História. Um tema apresentado para um possível seminário chamou muito a atenção. Os descendentes de escravos. No curso de Bacharelado em Geografia fui desenvolvendo a percepção de que gostaria de trabalhar e pesquisar sobre as pessoas e os espaços mais vulneráveis, e a relação construída. Compreender

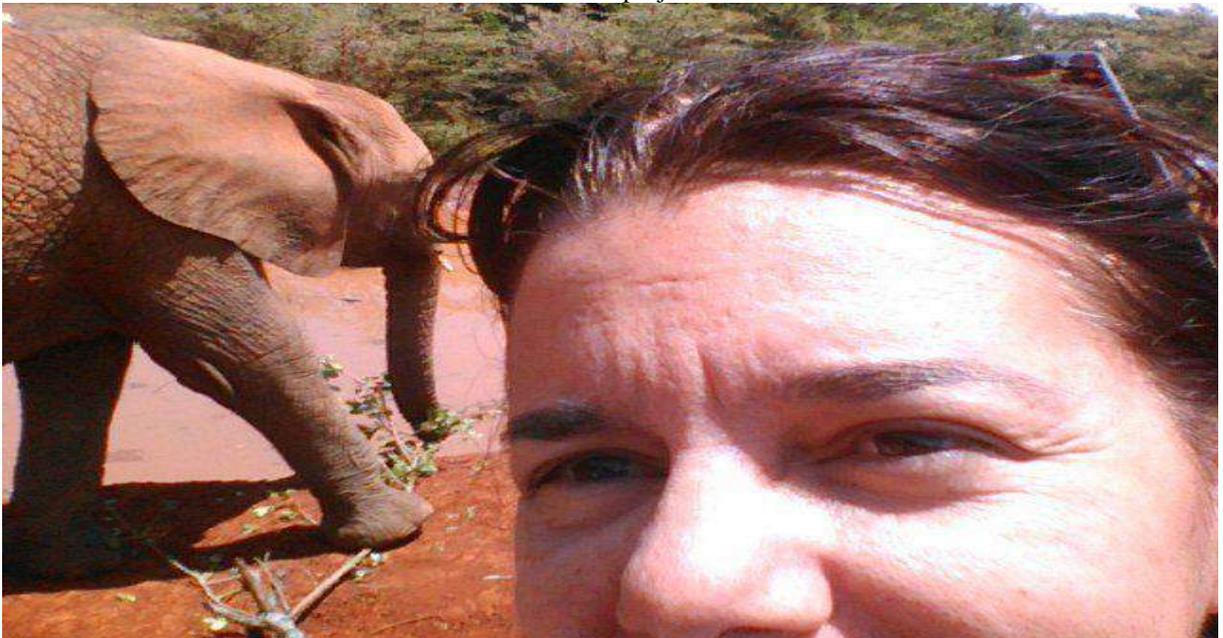
o porquê da sua formação e existência, sempre direcionou o meu olhar. A admiração pelo trabalho do brasileiro Sergio Vieira de Mello nas Nações Unidas, nos campos de refugiados do mundo, talvez tenha influenciado na escolha do tema dos refugiados em 2003. O continente eu já sabia.

FIGURA 02 - Recordações de Porto Trombetas (PA).



Fonte: Arquivo de família.<sup>3</sup>

FIGURA 03 - Orfanato de bebês elefantes em Nairóbi do projeto Sheldrick Wildlife.<sup>4</sup>



Fonte: SILVA, Daniela F. Março de 2015.

---

<sup>3</sup> Eu e meu pai durante desfile cívico em Porto Trombetas na década de 1980.

<sup>4</sup> Essa cor vermelha do solo está presente em muitos lugares do campo de refugiados de Dadaab, apesar do clima semiárido.

No mestrado continuei o interesse pelos Aglomerados Humanos discutidos nos textos do geógrafo Rogério Haesbaert, mas agora com um recorte geográfico mais específico, os campos de refugiados, abordados pelo autor. O continente africano continuou em mente. O fator determinante da escolha do campo de refugiados de Dadaab foi a sua localização em um país estável politicamente e muito visitado, como o Quênia. Um dos idiomas falados, o inglês<sup>5</sup>, facilitaria a comunicação durante a pesquisa. A extensa bibliografia produzida, documentários, matérias jornalísticas e projetos desenvolvidos no campo auxiliaram, também, na sua escolha. Sem perceber, eu continuava na África Oriental, e muito próxima do complexo contexto da Somália, que tive o cuidado de me distanciar durante a escolha do campo, mas não foi possível. Aos poucos fui percebendo que a Somália está muito presente em Dadaab.

A pesquisa em lugares segregados e com um acesso difícil, como o campo de refugiados de Dadaab, não teria sido a primeira experiência. O trabalho em salas de aula deu lugar à pesquisa de campo, em 2008, desenvolvida em um projeto de pesquisa estatística do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e em seguida na Universidade de Pernambuco (UPE) em parceria com a Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco (CONDEPE/FIDEM), com o levantamento dos índices de emprego e desemprego na Região Metropolitana do Recife. Nessas experiências foi possível ver de perto os espaços formados pela grande desigualdade e injustiça social. As contradições espaciais eram percebidas em seus detalhes mais ilógicos, principalmente nos lugares mais segregados, em que a atuação do Estado é inexistente. Dos becos estreitos às áreas rurais mais afastadas, as duras realidades desses espaços vivenciados durante as pesquisas de campo foram entrecruzando-se com as do campo de Dadaab.

Os domicílios improvisados com papelão, pedaços de madeira e chão de terra batida que ficavam atrás da comunidade de Aritana no bairro da Imbiribeira em Recife, construídos por pessoas que sobreviviam da venda de materiais encontrados no lixo para empresas de reciclagem foram lembrados ao conhecer os abrigos mais precários do campo de refugiados de Dadaab. Eles são formados no momento da chegada dos refugiados, mas em certas ocasiões, persistem por anos (FIGURA 04). O contexto de um campo de refugiados é mais difícil, mas como não associar as suas realidades formadas pela segregação e pelo esquecimento? A

---

<sup>5</sup> O uso disseminado e o domínio da língua inglesa são discutidos pelo filósofo Giorgio Agamben, que faz uma breve, mas importante reflexão, sobre esse domínio do inglês, em muitas conferências e universidades. Para o autor, muito da nossa língua e forma de comunicação materna, se perde de forma significativa. Esse domínio, para Agamben, não deve ser considerado de forma inocente ou natural, ele segue o caminho do capitalismo. No mundo, à parte, dos campos de refugiados, o inglês também é dominante. Sua palestra, intitulada **Resistance in Art**, de 2014, está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=one7mE-8y9c>>. Acesso em: 05 dez. 2015.

lembrança mais marcante dessa parte da comunidade de Aritana, e de outras como ela, é a gentileza, com um olhar que transparecia a pouca esperança, dessas pessoas que pouco tinham, mas que recebiam muito bem os pesquisadores, com um certo ar de expectativa, de que talvez, algo fosse feito.

FIGURA 04 – Abrigos precários nos arredores da extensão de Dagahaley do campo de refugiados de Dadaab.



Fonte: Fotografia Jonathan Ernst (Reuters, 2011). Disponível em: <<http://www.reuters.com/news/picture/the-worlds-biggest-refugee-camp?articleId=USRTSFL7O>>. Acesso em: 20 mai. 2016.

Diferente da pesquisa sobre o Sudão, no Quênia eu tive a oportunidade de conhecer e vivenciar o contexto do país pesquisado. Dos quase 10 mil quilômetros percorridos para chegar ao Quênia, uma distância de apenas 500 quilômetros foi o que me separou do campo de refugiados de Dadaab. Os poucos recursos financeiros que eu tinha, permitiram apenas uma viagem de oito dias em Nairóbi. No mestrado a cooperação internacional é muito restrita, são apenas dois anos de duração, para desenvolver um convênio internacional, que não existia, além de buscar os recursos em instituições de pesquisa acadêmica. Não houve nenhum auxílio para a pesquisa de campo em Nairóbi. Todas as instituições de fomento à pesquisa foram procuradas, mas os convênios para pesquisa na África são muito restritos. O projeto foi aceito no Programa de Cooperação Internacional da CAPES em agosto de 2015, mas até o dia da defesa, a resposta final ainda não tinha sido dada. O processo de permissão de realização de pesquisa em Dadaab e a organização do alojamento dura aproximadamente três meses. É necessária a autorização do governo queniano e avaliação do projeto pela organização em que ficaria hospedada no campo. Muitos emails e telefonemas para as Nações Unidas em Nairóbi, no Rio de Janeiro e

para a Kenyatta University foram enviados e feitos durante o ano de 2014, porém não houve nenhuma resposta concreta, nem mesmo a indicação do que seria preciso para a realização da pesquisa em Dadaab. Foi necessário ir para Nairóbi para descobrir. Durante o andamento do mestrado foi desenvolvida a percepção da extrema necessidade da realização da pesquisa em Nairóbi e da formulação de possíveis contatos para a ida ao campo de refugiados de Dadaab, já que no Brasil, essa comunicação não apresentava uma evolução. A pesquisa de campo em Nairóbi foi desenvolvida aos poucos e com bastante atenção nos mínimos detalhes. O Quênia, como foi ressaltado, é um país estável, mas tem sofrido atentados terroristas nos últimos anos do grupo somali Al Shabaab.

A localização do hostel e as visitas nas instituições que seriam pesquisadas teriam que ser pensadas de forma prática e segura. Em todos os meus deslocamentos em Nairóbi utilizei o transporte do hostel, o que encareceu muito a pesquisa. A ideia original era utilizar o transporte público, os matatus, mas como estava sozinha e conhecia muito pouco a cidade, fui aconselhada pelos funcionários do hostel a utilizar apenas o seu transporte. Se tivesse ficado mais tempo em Nairóbi teria me adaptado melhor a dinâmica da cidade.

O único contato institucional que foi estabelecido no Brasil foi com o Centro de Estudos e Empoderamento de Refugiados da Kenyatta University (FIGURA 05), através da professora e diretora desse centro de estudos, Dra. Josephine Gitome (FIGURA 06), que me recebeu para uma entrevista e para uma apresentação rápida do centro de estudos.

FIGURA 05 – Entrada do Centre for Refugee Studies and Empowerment (KU-CRSE).



SILVA, Daniela F. Março de 2015.

A Kenyatta University tem um projeto de extensão, em conjunto com outras universidades do mundo, no campo de refugiados de Dadaab, o qual oferece graduação e mestrado para os refugiados, para trabalhadores humanitários e para os moradores do vilarejo

de Dadaab. Ela me explicou o funcionamento do campo, a sua realidade, os desafios de se trabalhar e viver em um local com condições naturais muito restritas, a importância do contexto somali no campo e os processos e custos necessários para minha ida para Dadaab com segurança. Eu ficaria nas instalações das Nações Unidas, porque a universidade não possui alojamento em Dadaab. O projeto ainda está em fase de expansão e necessita de recursos para atender um número maior de estudantes. A universidade é particular e não recebe investimentos do governo para o projeto. Recebi um documento com todos os procedimentos necessários para dar início a pesquisa em Dadaab e o convênio entre a UFPE e a Kenyatta University.

FIGURA 06 - Entrevista com Dra. Josephine Gitome.



SILVA, Daniela F. Março de 2015.

Esse processo, como mencionado anteriormente, duraria três meses. Só assim poderia ir para o campo. Ela enfatizou os custos da pesquisa, principalmente pela necessidade do uso de uma escolta armada da polícia, que deveria ser contratada em cada saída do alojamento das Nações Unidas para o complexo de campos, para inibir qualquer tentativa de sequestro, embora eles sejam raros com estrangeiros. Esclareceu que a cor da minha pele e os traços diferentes chamariam a atenção. O campo de Dadaab não possui cercas ou muros nos seus limites e sua área é muito extensa<sup>6</sup>, por isso não existe um controle rígido. Alguns criminosos e militantes do Al Shabaab se infiltram entre os refugiados e praticam roubos, sequestros e aliciam crianças e adultos.

No hostel em que fiquei, consegui um contato através dos hóspedes, para uma carona ao outro campo de refugiados, Kakuma, mais acessível que Dadaab. A carona seria com a

<sup>6</sup> A área do campo de refugiados de Dadaab é maior que a do município pernambucano de Olinda, por exemplo.

polícia queniana e teria que dormir no seu posto dentro do campo. As estradas no Quênia têm se tornado muito inseguras por causa dos atentados terroristas. A polícia é o alvo principal dos atentados. Por isso resolvi não arriscar uma visita ao campo de refugiados de Kakuma. Se fosse com alguma organização humanitária, eu estaria mais segura e iria poder conhecer de perto a dinâmica de um campo de refugiados na África.

Aos poucos fui realizando em Nairóbi, a pesquisa de campo que não foi citada no projeto de pesquisa para o mestrado, mas que foi de fundamental importância para uma melhor compreensão da formação do campo de refugiados de Dadaab. Através do motorista do hostel, Raphael, consegui uma entrevista com uma funcionária da organização americana International Rescue Committee, durante seu horário de almoço. Husna Hussein (FIGURA 07) trabalha como auxiliar de cuidados médicos no hospital dessa organização no campo, mas estava em Nairóbi de licença por alguns dias. Conversamos um pouco sobre seu trabalho em Dadaab, sobre os problemas de segurança e violência no campo, a influência somali, o relacionamento e conflitos entre os refugiados e a maneira como eles enxergam Dadaab. Husna afirmou que, para muitos, Dadaab é uma forma de “lar”, apesar da esperança que eles têm de retornar para seus países de origem ou conseguir um reassentamento em outro país.

FIGURA 07 - Entrevista com Husna Hussein



SILVA, Daniela F. Março de 2015.

A visita na sede das Nações Unidas em Nairóbi (FIGURA 08) foi feita através da funcionária Rebecca Gakonyo. Conversamos por email e telefone no primeiro semestre de 2014. Quando cheguei em Nairóbi, em março de 2015, entrei em contato e no último dia da

semana conheci a sede e o funcionamento geral dessa organização em Nairóbi, junto com estudantes da University of Nairobi.

A pesquisa de campo em Eastleigh, bairro que possui uma importante conexão com o campo de refugiados de Dadaab, foi realizada no sábado. Os funcionários do hostel organizaram a minha ida com a ajuda de um amigo do motorista do hostel, Douglas Masoka (FIGURA 09), morador de Eastleigh, que nos acompanhou pelo bairro tão importante para os refugiados de Dadaab. É lá que a maioria deles fica quando têm permissão de saída do campo para assuntos relacionados à saúde e estudos em Nairóbi, e de onde saem e chegam os matatus (FIGURA 10)<sup>7</sup> que fazem essa viagem.

FIGURA 08 – Sala principal de conferências das Nações Unidas em Nairóbi.



SILVA, Daniela F. Março de 2015.

FIGURA 09 – Entrevista com o morador de Eastleigh, Douglas Masoka.



Fonte: SILVA, Daniela F. Março de 2015.

---

<sup>7</sup> Matatu é o transporte público do Quênia.

FIGURA 10 – Matatu na entrada de Eastleigh.



Fonte: SILVA, Daniela F. Março de 2015.

Fomos de carro e o combinado é que por hipótese nenhuma eu saísse dele, por questões de segurança. Marcamos um lugar de encontro com Douglas, que foi nos orientando por onde deveríamos passar. Não vi nada que justificasse isso, mas não argumentei. Afinal, sou de fora. Não conheço sua realidade profundamente. Sei que muitos pesquisadores vão para Eastleigh e realizam trabalho de campo. As fotos que consegui tirar são do início do bairro (FIGURAS 11, 12 e 13). Na sua parte comercial mais movimentada, com shoppings e diversas lojas, não pude ir. De acordo com o que o motorista do hostel informou, a movimentação de pessoas é intensa, seria difícil meu deslocamento nessa área com segurança.

FIGURA 11 – Ruas transversais no início de Eastleigh e a forte presença dos trajés muçulmanos.



SILVA, Daniela F. Março de 2015.

FIGURA 12 – Uma das duas avenidas principais de Eastleigh e seu cotidiano.



SILVA, Daniela F. Março de 2015.

FIGURA 13 – Pequeno comércio na entrada de Eastleigh.



SILVA, Daniela F. Março de 2015

O Instituto de Migração Internacional da Universidade de Oxford tem um projeto bem interessante sobre a diáspora e o convívio de diferentes identidades e nacionalidades nesse bairro, observando as influências exercidas por diferentes países, através de redes transnacionais, que formam uma rica confluência de experiências e povos (CARRIER; LOCHERY, 2013). Mas, como eu não tenho essa rede de contatos, resolvi ficar no carro mesmo. E não foi em vão. A experiência foi a mais próxima que eu poderia chegar a Dadaab.

Logo na entrada vi pequenos centros religiosos muçulmanos e seus membros vestidos a caráter, com túnicas brancas em confraternização na saída do encontro. Em muitos lugares tentei tirar fotos, mas Raphael pediu que aguardasse uma melhor oportunidade. O governo queniano proíbe que muitas instituições públicas sejam fotografadas. As embaixadas também não permitem fotos. Fomos andando em velocidade mínima e fui registrando um pouco do cotidiano desse bairro. De um centro comercial super agitado a pequenos becos com seus casebres em latões e uma pequena fogueira na frente para preparar os alimentos (FIGURA 14). O lixo é um problema constante em Eastleigh, assim como os altos índices de violência urbana e de ataques terroristas, principalmente nos matatus.

FIGURA 14 – Moradias precárias.



SILVA, Daniela F. Março de 2015.

Aqui são vendidas mercadorias de vários lugares do mundo, vindas principalmente do Oriente Médio e da China. Outra presença importante é a do Khat, uma folha que quando mastigada traz sensação de torpor. Plantada na região queniana do povo Meru é fortemente comercializada nesse bairro, de onde também saem os carregamentos de khat para o Reino Unido.

Um carregamento foi visto quando estava indo para o aeroporto, na minha viagem de volta. O motorista do hostel perguntou se eu sabia o que estava sendo transportado no pequeno carro que estava na frente. Eu respondi que não, e ele afirmou ser Khat. Eu perguntei como ele sabia, e então ele afirmou que era a única mercadoria transportada na madrugada para o aeroporto. O khat também é muito utilizado em Dadaab, apesar das campanhas de

conscientização sobre os danos causados pelo seu uso. Na despedida do bairro, vi uma de suas mesquitas (FIGURA 15) e um grupo de policiais que descansavam em seu caminhão, acompanhando a passagem do meu carro lentamente.

FIGURA 15 – Uma das mesquitas do bairro.



Fonte: SILVA, Daniela F. Março de 2015.

Mesmo sem ter tido a oportunidade de realização da pesquisa de campo em Dadaab, os onze dias de pesquisa, definidos entre o Quênia e os outros países africanos, conhecidos apenas em poucos aspectos, proporcionaram a vivência de outras experiências geográficas e a percepção da importância do conhecimento de diferentes geografias e das possibilidades que esses encontros geográficos podem desenvolver. A experiência de conhecer e vivenciar o Estado de Exceção no Quênia, implantado por questões de segurança nacional em virtude de ataques terroristas, de migrar de forma “irregular” sem estar devidamente documentada e de conhecer um pouco do cotidiano do país pesquisado foram essenciais para o desenvolvimento e estrutura da dissertação. As informações e reflexões dessa experiência estão presentes nos capítulos da dissertação, mas de forma detalhada, algumas reflexões adicionais da viagem foram abordadas no apêndice, como relato de viagem. Das geografias dos países às dificuldades encontradas, e os diferentes encontros ocorridos (FIGURA 16), o imaginário desse continente e as primeiras impressões são descritos.

Ao contrário do que acontece com alguns viajantes, que ignoram as possibilidades de novas vivências, e se deslocam “nas suas próprias certezas” (CLAVAL, 2010, p. 49), e assim as mantém, fui ao encontro de minhas incertezas científicas, buscando respostas. E como não

poderia deixar de ser diferente, fui ao encontro da alteridade. Raiz de tantos questionamentos e aprofundamentos de convicções nocivas à evolução da humanidade.

FIGURA 16 - Encontro com o povo Masai Mara no Parque Nairobi Safari Walk localizado em sua reserva.



SILVA, Daniela F. Março de 2015.

Essas convicções associadas às políticas de contenção criam lugares como o campo de refugiados de Dadaab, objeto da pesquisa. Dadaab é uma palavra somali, apesar de estar situado em território queniano, o que só demonstra que as fronteiras africanas de seus antepassados estão vivas e resistem aos limites desumanos impostos pelo processo de colonização europeia. A resistência, aliás, está expressa no significado do seu nome, “Rocha”. São 25 anos de resistência dessa população que vive sob condições desumanas e onde a insegurança ronda e faz vítimas, por sua proximidade territorial com a Somália e os conflitos existentes nesse país.

O objetivo principal dessa pesquisa é o da compreensão dos fatores formadores e estruturantes da dinâmica territorial do maior campo de refugiados do mundo, Dadaab. Nos questionamentos do filósofo italiano Giorgio Agamben (2002) sobre a formação de um campo e sua estrutura jurídico-política, delineiam-se, nesta pesquisa, as reflexões geográficas sobre esses fatores. O que faz com que 348 mil pessoas fiquem contidas em um espaço tão precário, por 25 anos? Por que esse espaço é compreendido como um território?

Construindo uma linha de pensamento, norteadas por todos os questionamentos acima citados, inicia-se a busca de sua compreensão, nas reflexões do filósofo francês Michel Foucault (2008) sobre segurança, território e população, título de um de seus livros. Essa tríade de conceitos esclarece a forma como a soberania, ou o poder central administrativo de um Estado coordena e controla a sua população e seu território. Foucault ressalta que a forma como esse

poder é exercido sobre a população, influi de forma determinante na configuração do espaço. Como exemplo, o autor cita o caso das cidades operárias no século XIX na Europa, com seu espaço ordenado e planejado, por mecanismos disciplinares de controle (FOUCAULT, 2000a). Essa relação, então descrita pelo autor, entre o Estado e o controle sobre seu território e sua população permite entender parte do contexto de formação de um campo de refugiados. Para uma melhor compreensão desses aspectos na contemporaneidade, segue-se uma linha de raciocínio histórica desenvolvida pelo autor, dos mecanismos de controle, ou tecnologias de poder, citadas por ele. Processo importante, para que se compreenda a formação de uma sociedade que permite a existência desses campos.

Observando a cronologia de formação do Estado, o autor identifica duas formas desse controle nos séculos XVII e XVIII. O primeiro estabelece-se no final do XVII e início do XVIII, e é exercido através de mecanismos disciplinares que atuam sobre o corpo, em processos individuais de atuação, através de instituições, como hospitais ou prisões. Com o desenvolvimento do capitalismo e uma maior circulação de pessoas, e complexidade de fatores, desenvolve-se um mecanismo voltado a uma regulamentação, em que o poder exercido, não é só sobre o indivíduo, mas também sobre a sua multiplicidade, ou sobre seu conjunto. Esse é o biopoder ou a biopolítica. Embora não tenha mencionado os campos de refugiados em sua análise sobre o controle das populações e as políticas exercidas nesse processo, os pensamentos de Foucault são primordiais para se compreender a formação desses territórios. A biopolítica e o biopoder são fatores estruturantes nesses campos.

Além do biopoder e da biopolítica de Foucault, a compreensão da formação de Dadaab, constitui-se pelas reflexões de Agamben, acima citado, que teve grande influência dos pensamentos de Foucault sobre a biopolítica. O autor analisa o poder do Estado e do direito, através da atuação dos seus instrumentos jurídico-políticos, e do questionamento sobre o Estado de Exceção. Diferente de Foucault, que inicia seus pensamentos sobre a influência do poder soberano do Estado sobre as pessoas e o espaço, na época moderna, Agamben analisa as atuações políticas do Estado, desde o início da história da sociedade ocidental e a instituição do direito, como instrumento de regulação da população. Para o autor desde essa época a política já era biopolítica. A figura do Homo Sacer (AGAMBEN, 2002) do direito romano arcaico, abordada pelo autor, é um exemplo dessa sua reflexão voltada para os primórdios da constituição da política e do direito. É nessa discussão do Homo Sacer, ou seja, das pessoas expostas a uma vida nua ou excluídas dos direitos, como acentua o autor, que é discutido o poder oculto do Estado soberano. Desse poder oculto e que fragiliza, surge no período entre as guerras mundiais, o Estado de Exceção (AGAMBEN, 2004). Dispositivo político e jurídico,

presente no Estado de Direto, mas utilizado em situações estratégicas do poder. Essa excepcionalidade jurídica cria uma suspensão que estabelece, entre outros fatores, os campos de refugiados.

É nesse contexto, associado ao pensamento do geógrafo Rogério Haesbaert, sobre contenção territorial, que se desenvolvem as reflexões estruturais sobre a formação do campo de refugiados de Dadaab, que no início da pesquisa, teve sua formação atrelada apenas à dinâmica territorial ocasionada por conflitos armados da região da África Oriental e às interferências econômicas externas. Seu contexto, durante a pesquisa, revelou fatores muito mais complexos. O campo de refugiados de Dadaab é um território que elucida as faces extremas do poder de controle de um Estado. Para Michel Agier, antropólogo francês, que discute a formação de campos de refugiados pelo mundo e as diferentes biopolíticas exercidas neles, esses territórios são também um “pequeno observatório do mundo” (AGIER, 2015a, p. 119). Seu estudo esclarece questões centrais da organização da vida em sociedade, apesar de estarem, muitas vezes, localizados em lugares, estrategicamente, de difícil acesso e distantes.

Nessa pesquisa, além das contradições sociais e espaciais, inerentes ao capitalismo e influenciadas pela globalização, discutidas pelo método do materialismo histórico e dialético, questões como o controle, a biopolítica e o biopoder, discutidas por Foucault e as ambiguidades<sup>8</sup> presentes na formação e existência dos campos de refugiados, abordadas pelos autores citados acima, estruturaram as discussões teóricas nessa dissertação, seguindo uma abordagem crítica da sociedade. O olhar das concepções teóricas pós-coloniais, também, delineou as discussões através de autores como Edward Said e Achille Mbembe.

Nesses dois anos de pesquisa tentou-se ultrapassar todos os limites e fronteiras, não só do saber, no transitar por outras ciências, mas também, porque não dizer, pessoais, tentando compreender os fatores estruturantes dessa dinâmica territorial tão complexa e desumana. As fronteiras, hoje, sempre tão discutidas foram significativamente vividas e com constantes tentativas de “contorno”, seguindo a expressão de Rogério Haesbaert (2014), no desenvolvimento da metodologia da pesquisa, delineada por uma abordagem qualitativa e quantitativa.

Os procedimentos técnicos foram norteados pela revisão bibliográfica, pela pesquisa de campo em Nairóbi, descrita anteriormente, e pela realização de entrevistas. Além das entrevistas citadas em Nairóbi foram realizadas duas entrevistas no campo de refugiados de

---

<sup>8</sup> A importante reflexão sobre as ambiguidades e ambivalências existentes no campo de refugiados de Dadaab foi feita pelo geógrafo e Professor Dr. Rogério Haesbaert durante as observações na defesa da dissertação.

Dadaab, através do Skype, com a funcionária das Nações Unidas em Dadaab, Silja Ostermann, e com o funcionário do National Council of Churches of Kenya, Desmond Paul. No Brasil foram feitas entrevistas, também pelo Skype, com o jornalista Alex Fisberg e a psicóloga Deborah Duarte Franco. Por email foram enviadas perguntas para a geógrafa e doutoranda da UFPE, Ivete Silves, para a Professora Dra. Líliliana Lyra Jubilut da Unisantos, para o jornalista Moulid Hujale e o estudante de jornalismo Mohamed Hussein Hassan, ex-moradores do campo de refugiados de Dadaab. Em Recife foi entrevistado o Professor Juan Federer da Associação Nordeste África (ANA).

Durante esse processo, em virtude da distância, o uso das redes sociais foi de grande importância para acompanhar o cotidiano e os aspectos da realidade de Dadaab, então expostos pelos refugiados, pelos funcionários das Nações Unidas, por pesquisadores e por jornalistas. A análise de documentos foi realizada através de publicações disponibilizadas na internet, por diferentes instituições e organizações. Alguns documentos das Nações Unidas sobre Dadaab foram enviados por email pela funcionária Silja Ostermann. Cabe ressaltar também, o auxílio prestado por essa organização, na busca por informações e esclarecimentos sobre campos de refugiados, por email ou telefone.

A arte em suas diferentes e importantes formas de expressão e reflexão, das fotografias às pinturas, foi utilizada nessa dissertação, como uma forma complementar de compreensão do tema em questão, incentivando um olhar mais profundo para a complexidade de seus fatores. Como bem ressalta a arqueóloga Gabriela Martins, ao citar o escritor pernambucano Ariano Suassuna, “a arte e a ciência partem de um só e mesmo núcleo e ambas valorizam não somente a reflexão, mas também a imaginação e a intuição” (SUASSUNA apud MARTIN, 1996, p. 209).

A estrutura dessa dissertação foi desenvolvida seguindo os passos de formação do campo de refugiados de Dadaab e dos objetivos traçados nessa pesquisa. Cada capítulo apresenta não só os fatores de sua formação, como também, lança alguns questionamentos. O primeiro capítulo aborda o início de uma suspensão jurídica e de vida. Esse processo começa a ter início durante as migrações, que mais do que forçadas, acontecem sobre um contexto de desespero, marcadas pelos processos de des-reterritorialização, onde muitas barreiras e dificuldades são impostas, porém a busca por uma vida melhor ou um lugar seguro acontece, também, traçada por movimentos de resistência em busca de novas territorialidades. Nesse contexto, uma outra visão, diferente do aspecto de fragilidade, é desenvolvida na busca por uma definição mais abrangente de refugiado, que movimenta tantos questionamentos.

O segundo capítulo desenvolve a discussão sobre a influência dos processos excludentes da globalização na formação dos campos de refugiados pelo mundo e sobre o conceito de território utilizado de acordo com as perspectivas do campo de refugiados de Dadaab, onde a exceção é determinante para sua compreensão, em que o “não-pertencer” e a espera são vistos como traços de sua complexidade. Todos os aspectos do campo são controlados, desde o acesso à água e alimentação à permissão de saída. Essa política de exceção é direcionada para refugiados e imigrantes em situação irregular no Quênia, mas acaba afetando os próprios cidadãos do país, na medida em que normas de segurança têm afetado o cotidiano dessa população, com abordagens e fiscalizações, de pessoas e veículos, em lugares públicos. Para os quenianos de origem somali, essas medidas são severas. Prisões e assassinatos extrajudiciais são realizados em diferentes operações deflagradas pela polícia, com a justificativa de associação dessas pessoas com o grupo terrorista somali Al Shabaab.

Os processos de contenção territorial e de acolhimento dos refugiados no Quênia são discutidos observando os possíveis fatores formadores e estruturantes de medidas adotadas, que ao longo de sua história de proteção aos refugiados adquiriu contextos contraditórios. A prática informal de contenção territorial do governo queniano faz com que “o campo” possua uma “estrutura de punição”, mesmo sem ter ocorrido “um crime”<sup>9</sup>, por isso a exceção é um aspecto tão central em sua compreensão.

O terceiro capítulo aborda o contexto geopolítico da África Oriental e a formação de uma paisagem de “emergências” desenvolvida por distintos fatores que constituem também, o campo de Dadaab, com destaque para a geografia de conflitos da Somália, país que está diretamente relacionado com a formação desse campo. Uma financeirização da vida e desumanização da África desenvolvem os processos de deslocamentos forçados formando uma rede de campos de refugiados em uma região fragilizada por distintas geopolíticas.

No quarto capítulo, o campo de refugiados de Dadaab surge com todas as contradições e ambiguidades de sua complexa formação e dinâmica territorial. Cidade ou campo? Lar ou uma prisão aberta? Dentro e fora do Estado queniano, assumindo assim uma extraterritorialidade. Não existe na legislação queniana, uma norma jurídica estabelecida para a administração de Dadaab ou para a sua existência. Esse campo de refugiados não pertence ao Estado queniano, é uma espécie de território internacional sob proteção das Nações Unidas e

---

<sup>9</sup> Informações do escritor e pesquisador da organização Human Rights Watch, Ben Rawlence, em seu artigo publicado para o jornal inglês The Guardian, intitulado **Story of Cities #40: will Dadaab, world’s largest refugee camp, really close?**, em 17 de maio de 2016. Disponível em: <[https://www.theguardian.com/cities/2016/may/17/story-of-cities-44-dadaab-kenya-worlds-largest-refugee-camp-closed?CMP=share\\_btn\\_fb](https://www.theguardian.com/cities/2016/may/17/story-of-cities-44-dadaab-kenya-worlds-largest-refugee-camp-closed?CMP=share_btn_fb)>. Acesso em: 18 mai. 2016.

do Estado (Quênia) de acolhimento, assim como os refugiados. A administração e coordenação do campo pertencem às Nações Unidas, embora a soberania do Quênia esteja presente (FIGURA 17), principalmente, no controle dos refugiados em diferentes aspectos, e na execução penal de eventuais crimes cometidos por eles.

Além da contenção territorial, a vida nesse campo de refugiados é marcada pelas resistências e pelos processos de contornamento dos refugiados, que influenciam na sua reterritorialização precária, e onde, sob a condição da contenção, as múltiplas territorialidades existentes transpassam limites ou fronteiras, desenvolvendo transterritorialidades e encontros.

FIGURA 17 - Coordenação da extensão Ifo do campo de refugiados de Dadaab.



Fonte: Fotografia Simone Tomczak (Organização HiiDunia, 2010).<sup>10</sup>

Nos sedimentos dessa “Rocha”, a despeito de qualquer processo erosivo que se tenta impor a esse, hoje, “Campo-Rocha”, percebem-se a sua riqueza e resistência, as quais fizeram brotar uma perspectiva de cidade, onde se tentou solidificar um deserto de sentidos, transformando a paisagem do pequeno vilarejo que o batizou.

<sup>10</sup> Cada extensão do campo tem uma placa informando as principais instituições responsáveis. O governo queniano e o UNHCR estão presentes em todas. Nas entrevistas realizadas com os funcionários das Nações Unidas, sempre foi enfatizado que a organização do campo acontece em parceria com o governo queniano. A soberania do Quênia aparece em destaque, entre os coordenadores do campo. O arquivo e a foto estão disponíveis em: <<http://www.hiidunia.com/2010/02/in-pictures-dadaab-refugee-camps-kenya//>>. Acesso em: 14 nov. 2015. A funcionária das Nações Unidas em Dadaab, Silja Ostermann e a psicóloga brasileira Deborah Duarte, entrevistadas durante a pesquisa, informaram que a administração do campo acontece de forma democrática. Todas as organizações presentes reúnem-se constantemente para discutir quais medidas e projetos serão desenvolvidos no campo. Os refugiados costumam participar de algumas dessas reuniões possuindo, também, os seus representantes eleitos entre eles, assim como suas próprias reuniões.

## Capítulo 1 - Migrações desesperadas: uma jornada pela vida.



Fonte: Quadro do pintor Pablo Picasso (1898) ilustrado na capa do livro: *Forced Migration and Global Politics* de Alexander Betts, 2009.

*“Eu pertencço a lugar nenhum. Meu país é a República dos Refugiados.”*

Depoimento de um refugiado somali no campo de Dadaab, para o pesquisador e escritor Ben Rawlence, 2015, tradução livre.

## 1.1 Migrações forçadas: “Uma nação de deslocados cresce nas margens do mundo.”<sup>11</sup>

*Perseguição, conflito, violência generalizada e violações dos direitos humanos formam uma “nação de deslocados” que se fosse um país, seria o 24º maior do mundo. Em todo o mundo uma nação de deslocados cresce. (United Nations High Commissioner For Refugees, 2014a, grifo do autor, tradução livre).*

A imagem da obra de Pablo Picasso ilustrada na abertura do capítulo, intitulada “The end of the road”<sup>12</sup>, e a citação de abertura desse capítulo resumem de forma importante as muitas contradições e dificuldades vivenciadas pelos refugiados em todo o mundo, porém não todas. Desde o caminhar incerto e doloroso, com tantas adversidades, barreiras e violência, caracterizando essas migrações como “desesperadas” (BLANCO, 2011, tradução livre)<sup>13</sup>, até o sentir-se deslocado mesmo quando durante sua jornada é encontrado um refúgio ou exílio. A perda dramática do lar, o refúgio mais simbólico de um ser humano, onde estão presentes grande parte da identidade e dos significados, assim como a ruptura dos “laços” (CLAVAL, 2010, p. 45) construídos e vivenciados ao longo de uma vida, compõem e dão forma a essa experiência traumática de um deslocamento forçado.

Os seres humanos podem ou não ter a experiência migratória durante sua vida, mas esse movimento sempre vem acompanhado de experiências e mudanças, que vão sendo conduzidas pelos migrantes com o intuito de nenhum trauma ser causado, ou de vivenciar uma migração em que sua relação espacial, repleta de subjetividades em sua origem, mantenha ainda um sentido de pertencimento ou de significado. “Os homens são seres sensíveis: o espaço onde eles evoluem não lhes parece jamais neutro” (Ibidem, p. 40). O exemplo dos nômades é bem significativo nesse contexto. A migração faz parte de sua existência e suas diversas estadias em locais diferentes, sempre seguindo percursos relacionados a suas atividades econômicas, são constantemente planejadas para que a mudança não seja difícil, ao contrário:

“Seu domicílio não cessa de se deslocar, mas é de fato um verdadeiro domicílio. De um lugar a outro, eles transportam – como um tapete – os nomes que lhes servem para falar de seu cotidiano: o lugar onde dormem, o lugar onde as mulheres cozinham, o ambiente onde fazem suas refeições, o espaço em que se isolam, o espaço em que as

<sup>11</sup> Esse título surgiu da junção de duas importantes frases sobre o fenômeno dos refugiados no mundo. “Uma nação de deslocados cresce” do relatório do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (UNHCR) em Global Trends de 2014 e “nas margens do mundo” refere-se ao título do livro sobre refugiados, do antropólogo Michel Agier, “On the margins of the world”, 2008b.

<sup>12</sup> O fim da estrada, tradução livre.

<sup>13</sup> O título desse capítulo foi inspirado no artigo Migraciones desesperadas en África Subsahariana Poscolonial de Pablo Blanco, 2011.

crianças brincam. As tendas estão sempre orientadas da mesma maneira: tudo é feito para que, de um lugar a outro, a transição seja fácil. A sensação de ser estrangeiro nunca chega a ser total. (CLAVAL, 2010, p. 41).

É importante salientar, que o fenômeno que se desenvolve possui uma extrema complexidade de fatores envolvidos e que ainda não permitem uma completa definição de suas contradições que estão em curso. Os refugiados formam uma categoria de análise de escala planetária e muitos de seus desafios e discussões ainda despontam no horizonte científico. Seus desafios são os desafios da humanidade.

A migração forçada ou “fuga” (PÓVOA NETO, 2010, p. 470) vem acompanhando ao logo da história o desenvolvimento de adversidades cada vez maiores para as pessoas que mais do que migrar, se (des)locam<sup>14</sup> em uma constante busca por um refúgio ou por uma humanidade que ficou perdida. Busca que se prolonga por toda sua jornada, ao ultrapassar fronteiras políticas ou não. Muitas vezes tendo que passar por outras guerras ao atravessar durante sua fuga, países em conflito. Esse deslocar-se é composto por um movimento desordenado, vulnerável e traumático, não representando apenas um “deslocamento entre espaços físicos” (VIANNA; FACUNDO, 2015, p. 46), mas um deslocamento de “sentidos”, que os força a viver em uma situação de exceção ou inexatidão do pertencer a um lugar, a um território ou a uma nação. Um sentimento que se pudesse ser configurado geograficamente poderia ser interpretado como um “limbo geográfico”<sup>15</sup>, como a sensação de estar sempre em movimento, ou deslocado, quando esse pertencer não é reconhecido juridicamente pelo Estado, e nem simbolicamente pelo refugiado.

É o estar “entre mundos” tão bem definido pelo autor palestino Edward Said (2003, p. 301), ao relatar a sua convivência com refugiados palestinos no Egito onde morou, ou a experiência de sua família, de origem palestina, como refugiados em 1948 em decorrência da fundação do Estado de Israel e da evolução do cenário de conflitos nesta região (SAID, 2004). A perda do lar e da língua, para o autor, formam o primeiro impacto ao chegar ao exílio. Edward Said também vivenciou a experiência migratória em diferentes países e ao encontrar grandes dificuldades para sentir-se pertencente a eles, experimentava sempre a sensação do deslocamento e do exílio. O “estado de ser descontínuo” (SAID, 2003, p. 50) descrito por ele define de forma minuciosa toda a trajetória percorrida pelos refugiados em busca de um refúgio,

---

<sup>14</sup> “Ser deslocado não significa apenas ser transplantado de seu lugar para um outro, significa perder a terra onde suas raízes estavam plantadas”. Marie Ange Bordas, 2002. Projeto artístico **Deslocamentos**. Disponível em: <<http://marieangebordas.com/>>. Acesso em: 10 out. 2015.

<sup>15</sup> KNOBEL, Marcelo. **O terminal**. 2004. Resenha do filme O Terminal. Revista Eletrônica de Jornalismo Científico Com Ciência. Disponível em: <<http://comciencia.br/resenhas/2004/10/resenha3.htm>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

algo mais importante e acolhedor do que o exílio. O fato do autor não ter vivido em um campo de refugiados ou em nenhum outro “campo” e ainda assim, descrever vivências tão traumáticas evidencia que essa experiência do deslocamento forçado está além dos limites, das cercas ou muros e tem seu início marcado durante a fuga. Para o autor:

O exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível de experimentar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada. E, embora seja verdade que a literatura e a história contêm episódios heroicos, românticos, gloriosos e até triunfais da vida de um exilado, eles não são mais do que esforços para superar a dor mutiladora da separação. As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre. (Ibidem, p. 46).

Esse espaço de incertezas formado, onde a única percepção que é claramente sentida é a da sobrevivência, foi também abordado pelo Vice Alto Comissário das Nações Unidas para Refugiados Alexander Aleinikoff, que aborda essa questão enfatizando que esse espaço intermediário formado entre a fuga e a solução dos problemas dos refugiados terá agora grande atenção no trabalho dessa Organização, pois os deslocamentos forçados de pessoas, não só dos refugiados, têm se tornado cada vez mais prolongados, forçando grande parte delas a viverem em um segundo exílio. Para o Vice Alto Comissário:

O primeiro exílio ocorre quando eles são forçados a deixar suas casas. O segundo exílio ocorre quando eles enfrentam profundas e longas exclusões em lugares em que encontraram segurança - excluídos do direito ao trabalho (e, portanto, de sustentar suas famílias), excluídos das comunidades e forçado a viver em campos, excluídos da educação e de serviços de saúde e outros benefícios que os Estados de acolhimento fornecem aos seus cidadãos. (ALEINIKOFF, 2015, tradução livre).

Esse estar situado em algum lugar entre dois estados extremos pode também ser compreendido pela palavra “in-between”<sup>16</sup> citada por Heather Johnson (2013, p. 76) que, neste caso, aborda os espaços localizados em zonas de fronteira fora da soberania rigorosa dos Estados. Quando esse espaço tão contraditório, definido pela sua indeterminação, recebe limites concretos ou materiais, ele se torna um “campo”.

A mesma autora ao citar o filósofo italiano Giorgio Agamben (2000) e sua teorização sobre o “campo” argumenta que:

Nos termos de Agamben (2000: 39), um "Campo" é um "espaço que se abre quando o estado de exceção começa a se tornar a regra. Existem várias abordagens do espaço campo como uma resposta às questões de controle de segurança e fronteiras e, como espaços que são projetados para controlar e impedir a migração irregular. (...). Campos podem incluir centros de detenção, centros de acolhimento de imigrantes, centros de "processamento", salas nos aeroportos, postos de fronteira, ou campos de refugiados. (JOHNSON, 2013, p. 76, grifo da autora, tradução livre).

---

<sup>16</sup> Palavra em inglês traduzida como intermediário. Michel Agier (2015a) utiliza a expressão “entre dois” para caracterizar esses espaços incertos vividos por migrantes ou refugiados, em campos de refugiados ou zonas de espera, nas fronteiras. No caso dos refugiados é o estar situado entre o mundo que se deixou e o outro onde se pretende chegar. É um local de espera, indeterminação e sobrevivência.

Para o antropólogo francês Michel Agier, os campos de refugiados não podem ser compreendidos apenas no interior de seus limites, pois as condições de sua existência estão intimamente relacionadas com a análise de um contexto mais amplo, que possui “um sentido estruturante e, em certa medida, prévio à sua análise situacional” (AGIER, 2008a apud BIRMAN, 2009, p. 362). Assim, os campos de refugiados começam a ser formados de forma simbólica, visível e invisível materialmente durante as migrações forçadas (FIGURA 18).

FIGURA 18 - Refugiados afegãos montam um campo improvisado em Moria (Grécia, novembro de 2015).<sup>17</sup>



Fonte: Fotografia Daniel Etter, 2015. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/9tio4rCVVt/>>. Acesso em: 08 nov. 2015.

O sentimento traumático é formado por uma diversidade de vivências: violência, guerras, conflitos, perseguições, desespero, a restrição de sua mobilidade e o desrespeito aos direitos humanos. Todas essas experiências começam a compor a “excepcionalidade” a que serão submetidos. É uma vida em suspensão, colocada “fora do ordenamento jurídico formal”, “deslocados da relação entre nascimento e nacionalidade”, onde no decorrer de sua jornada, a latência dessa suspensão é consolidada pela formação de “espaços de exceção” e por “territorializações forçadas” (BRAGA, 2011, p. 12 – 15).

Ao redor do mundo, o deslocamento forçado vai configurando espacialmente “novas margens” (AGIER, 2008a apud BIRMAN, 2009, p. 361), revelando ainda mais divisões do que as já encontradas pelas extremas desigualdades socioeconômicas aceleradas pelo processo de

<sup>17</sup> Essa cidade é um dos locais onde refugiados e solicitantes de asilo obtêm registro.

globalização. Essas margens produzidas por estas desigualdades são ressaltadas por Haesbaert (2013a):

A afirmação do neoliberalismo econômico dito pós-fordista ou de acumulação flexível (altamente especulativo), deu lugar também à insegurança nas relações de trabalho, com a fragmentação dos movimentos sociais e a precarização socioeconômica de uma massa crescente da população, colocada estruturalmente à margem por uma economia altamente tecnificada e “fictícia” (financeirizada) e potencializada em termos da imprevisibilidade de sua ação/de seus efeitos sobre a nova *des-ordem* em construção. (HAESBAERT, 2013a, p. 16-17).

Essas novas margens são agora produzidas pelo controle da mobilidade de pessoas através do uso de dispositivos governamentais de segurança “que dividem as populações entre aquelas com direitos e aquelas sem Estados, quer dizer sem direito a ter direitos” (Ibidem, p. 361), podendo ser interpretadas como locais de retenção, como os que foram destacados na citação anterior: as salas de espera em aeroportos, as zonas de trânsito, os centros de detenção ou de acolhimento e os campos de refugiados ou de pessoas deslocadas internamente à força<sup>18</sup>.

Em uma profunda reflexão sobre a formação dessas margens que o autor denomina de um “mundo” ou “país” à parte desenvolvidos como consequência desse deslocamento forçado, de populações chamadas por ele de “machucadas” e desconhecidas, Michel Agier (2008b, tradução livre, grifo nosso) chama a atenção para a formação de dois mundos, em que o segundo não está muito consciente das especificidades do outro. Esse distanciamento de realidades mantém o banimento desse outro mundo, ou seja, dessa população machucada. A distância intelectual e o não compartilhamento de sua existência, segundo Agier, também auxilia nesse exílio, que foi ocasionado por um cenário de conflitos, injustiças sociais, “pilhagem e destruição de diferentes tipos – humano, material e ambiental” (AGIER, 2008b, p. 8, tradução livre). O seu desconhecimento gera uma rejeição em todas as suas faces, que tem como base uma “alteridade congelada” que é estabelecida “no pensamento e nas práticas dos países de exílio”. Ressaltando as reflexões de Zygmunt Bauman, Agier caracteriza a formação desse mundo como uma cultura de rejeição no qual sua produção é marcada por um “espaço residual de vidas desperdiçadas” (Ibidem, p. VIII, tradução livre).

Esses espaços contraditórios grafados por traços de controle, através da contenção desses deslocamentos forçados, vistos como fluxos de pessoas tidas como indesejadas ou como uma sobrecarga socioeconômica, são tecidos por diferentes relações de poder, em sentido amplo, e controle transformando-os assim em territórios (HAESBAERT, 2010, 2012). Sua compreensão é delineada por uma complexidade de fatores, onde a excepcionalidade adquirida para sua formação, se dá através de suspensões jurídicas para manutenção da ordem e segurança

---

<sup>18</sup> São pessoas que apesar do deslocamento forçado não ultrapassam as fronteiras do seu país de origem.

destinadas “ao controle de pessoas consideradas perigosas” (Ruiz, 2010, p. 29), entendida assim, como uma suspensão da lei em casos excepcionais<sup>19</sup>. Para Michel Agier esses espaços são também compreendidos como territórios e “correspondem sob muitos aspectos a territórios de exceção” (AGIER, 2008a apud BIRMAN, 2009, p. 361).

Olhar as margens, afirma Michel Agier, coloca-se hoje como um imperativo para se compreender as consequências de uma política homogeneizante, multilocalizada e mundial em que os recalcitrantes de toda espécie são redefinidos como restos e detidos “no exterior”, isto é, em territórios sem pertencimento a Estados-Nações. (AGIER, 2008a apud BIRMAN, 2009, p. 362).

A configuração desses espaços vai sendo desencadeada pela transformação, ao longo dos anos, do direito de migrar em uma seleção controlada e discriminatória, em espaços estratégicos permitidos apenas, por exceções jurídicas.

### **1.1.1 Migrações forçadas e a ilegalidade e criminalização do migrar.**

A migração faz parte da história da humanidade, é “uma condição humana” (INGLÊS, 2015, p.182), e por isso é “uma mutação complexa”, sem “quadros epistemológicos ou mapas originais que unem as diferentes experiências que dela decorrem” (BLANCO, 2011, p. 522). Diferentes são os motivos que impulsionam as pessoas a migrar, mas ao longo das últimas décadas tem se instalado um cenário complexo de fatores forçando um número cada vez mais elevado de pessoas, a se deslocarem pelo mundo de forma dramática. Roger Zetter (2015) observa que uma das características mais marcantes nos padrões contemporâneos de deslocamento forçado é a sua dispersão mais ampla pelo mundo, em diferentes escalas, tanto regional quanto global, assim como o prolongamento de sua situação nesse processo.

De acordo com as últimas estatísticas do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (UNHCR, 2014a)<sup>20</sup>, até o final de 2014, 59,5 milhões de pessoas (FIGURA 19) foram deslocadas à força em todo o mundo, “em função de violência e/ou perseguição” (JUBILUT; MADUREIRA, 2014, p. 12). Esses dados apresentam apenas uma estimativa dessa realidade, já que não há uma consolidação numérica e estatística dos números reais (JUBILUT;

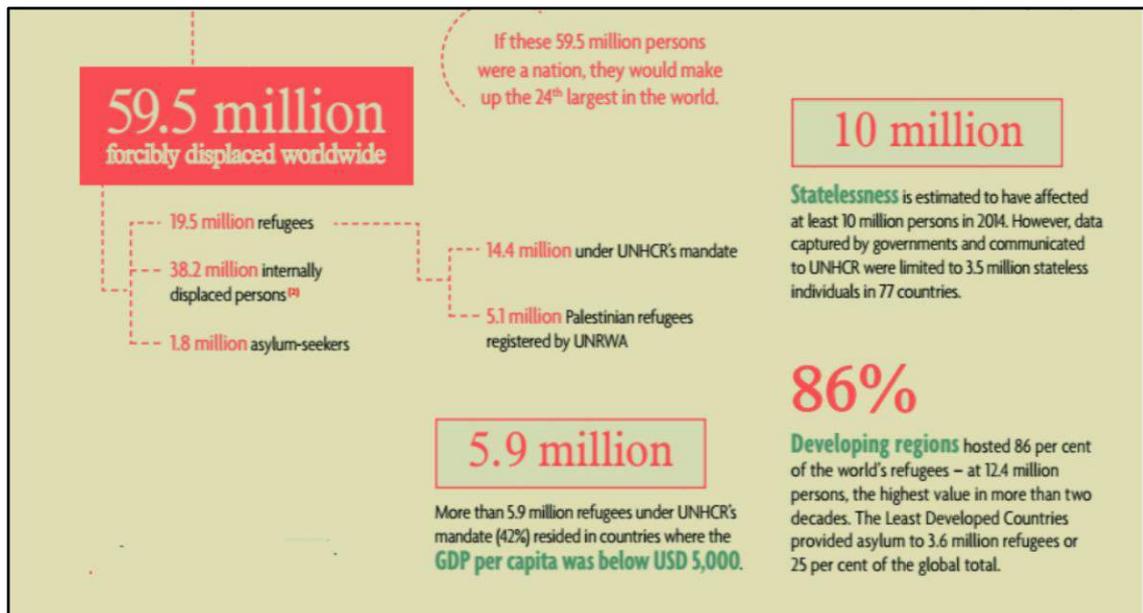
<sup>19</sup> É importante observar como o filósofo Castor Ruiz (2010) enfatiza a também utilização dessas medidas de exceção decretadas pelo Estado, no contexto da América Latina durante o período de ditaduras, através de decretos jurídicos e atos políticos suspendendo a ordem, com a argumentação de que existia uma ameaça contra a ordem então estabelecida. O caráter preocupante dessas medidas, segundo o autor, é que elas continuam “sendo uma sombra que nos ameaça e que pode se tornar realidade quando as condições vierem a ser propícias” (RUIZ, 2010, p. 29).

<sup>20</sup> A sigla em inglês para essa agência das Nações Unidas é UNHCR (United Nations High Commissioner For Refugees), responsável também pela divulgação dos dados estatísticos sobre os migrantes forçados. O documento está disponível em: <<http://unhcr.org/556725e69.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2015.

MADUREIRA, 2014; AGIER, 2011). É importante ressaltar também que os dados citados só fazem referência aos deslocamentos forçados ocasionados por conflitos e perseguições. Hoje, existe uma complexidade muito mais abrangente de fatores que ocasionam esses deslocamentos, anteriormente compreendidos e relacionados à conjuntura do período das Grandes Guerras Mundiais e dos conflitos gerados pelo desenvolvimento da Guerra Fria e suas implicações. Os fatores ambientais vêm ganhando cada vez mais visibilidade na análise da migração forçada em virtude dos expressivos números de pessoas deslocadas por esses motivos. Um exemplo da importância desse debate relaciona-se a um número de 50 milhões de deslocados ambientais que foi alcançado no ano de 2010, de acordo com informações da Universidade das Nações Unidas<sup>21</sup>.

Tal fato é comprovado, por exemplo, pelo dado da Cruz Vermelha de que em 2008 já havia 51,1 milhões de deslocados ambientais internos, ou seja, que a estimativa da ONU estava já superada mesmo sem se contar os deslocamentos internacionais (...). As estimativas para 2050 variam de 25 milhões a 1 bilhão de deslocados ambientais, com o número mais utilizado sendo o de 200 milhões. (JUBILUT; MADUREIRA, 2014, p. 12).

FIGURA 19 - Principais dados estatísticos das populações em deslocamento forçado em 2014.

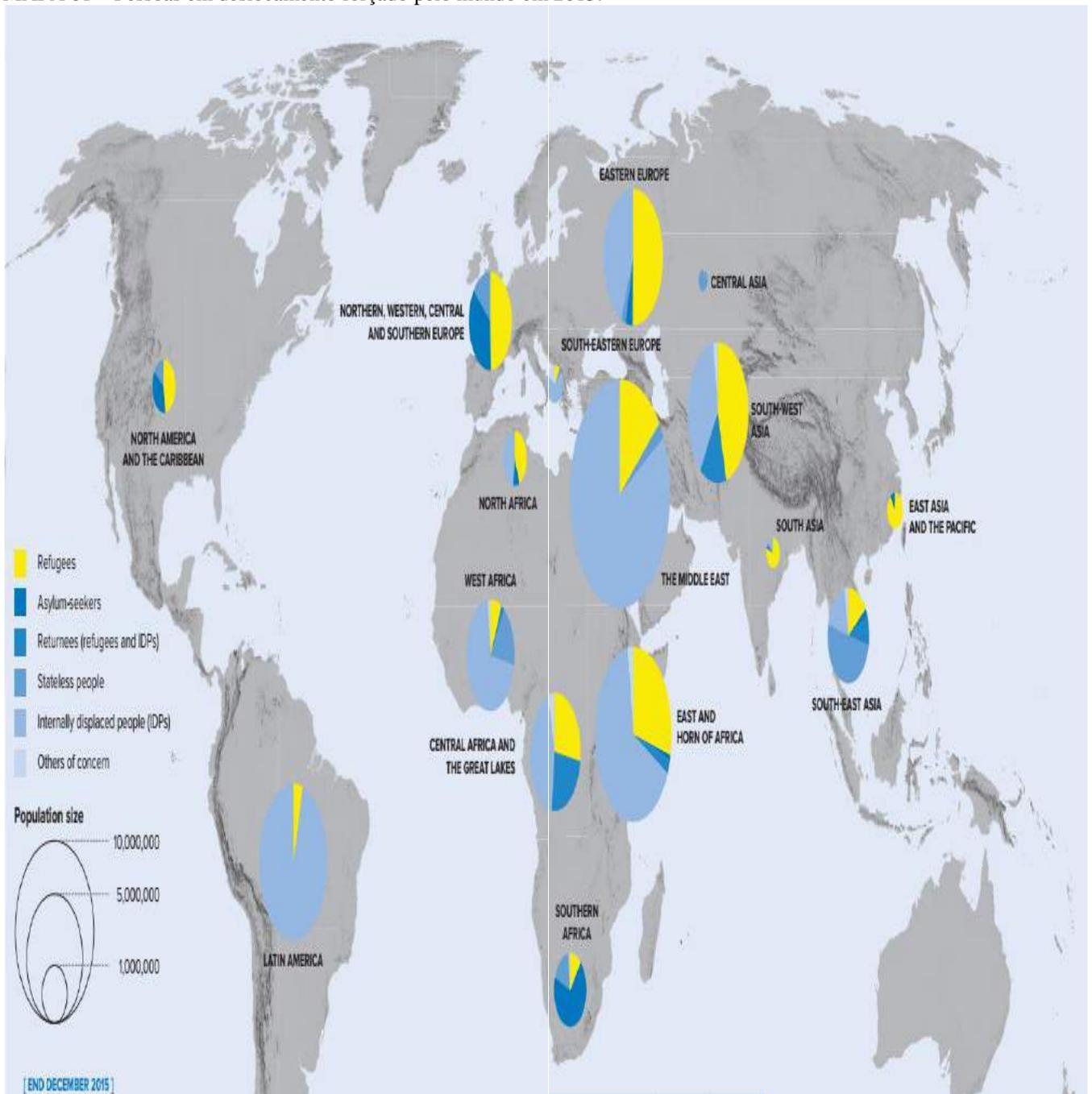


Fonte: World at war (UNHCR, 2014a). Disponível em: <<http://unhcr.org/556725e69.html>>. Acesso em: 19 jun. 2015.

As estatísticas não conseguem de forma segura, delinear o quadro que se desdobra (MAPA 01), as vidas que se perdem, as que se encontram perdidas e as que buscam novamente o seu “pertencer” ou o “fazer parte”.

<sup>21</sup> JUBILUT; MADUREIRA, op. cit., p. 12.

MAPA 01 – Pessoas em deslocamento forçado pelo mundo em 2015.



Fonte: United Nations High Commissioner for Refugees (UNHCR, 2016). Disponível em: <<http://www.unhcr.org/574ed5234.html>>. Acesso em: 26 mai. 2016.

Nesse contexto, mais amplo, relacionado às migrações forçadas, fatores como a implantação de grandes obras de infraestrutura e desenvolvimento, como hidrelétricas, situações de prolongadas carências ocasionadas por desemprego ou fome e causas ambientais ocasionados ou não pelos seres humanos, podem ser também relacionados a esse tipo de migração<sup>22</sup>. Porém, juridicamente a proteção internacional não faz parte desse contexto

<sup>22</sup> PÓVOA NETO, op. cit., p. 470.

relacionado, apenas se refere a refugiados e deslocados internos por conflitos, perseguições e desastres naturais.

Percebe-se então, que “a migração forçada vai além do estatuto de refugiado, pois é socialmente mais amplo visto que se relaciona com diversos outros processos migratórios”, abordando não só os processos individuais, mas também de grupos sociais para a compreensão mais abrangente do contexto (CALEGARI, 2013, p. 03). Nesse entrelaçar de aspectos diversos, as migrações forçadas também questionam a característica voluntária e forçada dos deslocamentos populacionais produzidos no atual cenário mundial, ocorrendo com isso um questionamento sobre o significado e definição da migração forçada, observando a dimensão contraditória, hoje, da voluntariedade no migrar, quando se percebe o seu estreito limiar com os fatores geradores de uma migração involuntária, também desenvolvida por fatores econômicos (AYDOS, 2010 apud CALEGARI, 2013). Não deixa de ser por isso, uma migração forçada por sobrevivência, como as que ocorreram no Brasil quando migrantes chamados de “retirantes” abandonaram tudo que tinham nos sertões nordestinos em virtude das secas prolongadas e da falta de assistência governamental. Essa relação entre migrações forçadas e problemas ambientais e os seus determinantes está estruturalmente mais relacionada aos aspectos sociais, econômicos e políticos dos Estados (GRASSI, 2006 apud CASTLE, 2005). A ausência de assistência, de criação de projetos para a resolução do problema em questão e de seu gerenciamento, impulsiona os deslocamentos.

Esta relação entre ambiente e migrações, que tem gerado muita literatura, parece não ter para este autor uma relação direta, e Stephen Castles apresenta (...) algumas críticas a esta interpretação, apontando para as estratégias de adaptação que se instauram logo que o desastre ambiental se verifique. Considera que os problemas ambientais não determinam diretamente o aumento do fluxo migratório, sendo, pelo contrário, um fenômeno estratégico estrutural dos países que originam os fluxos ligados à sua estrutura econômica e social. (GRASSI, 2006 apud CASTLE, 2005, p. 276).

Um dos grandes desafios, impostos ao longo do século XX e que tem desenvolvido importantes contornos desumanos nos últimos anos, para a questão migratória e em específico para os migrantes forçados, é a criminalização do migrar. A criação de diversas barreiras para contenção dos fluxos migratórios indesejados, parece não ser suficiente para os Estados que as desenvolvem e investem financeiramente nessas táticas de “segurança”. Além de conter essa população migratória, criam argumentos legislativos para torná-la “ilegal” e passíveis de detenção, para os que conseguem acesso ao seu território de forma “irregular”. Uma série de direitos vem ao longo das últimas décadas sofrendo restrições, suspensões e desrespeitos. O próprio direito de ir e vir, expresso na Declaração Universal de Direitos Humanos (UNESCO,

1998) de 1948, no artigo XIII<sup>23</sup>, tem sofrido profundo desrespeito, e o mais preocupante nessa situação é o agravamento da violência. A migração se tornou também, um tema de abordagem policial e militar. Stephen Castles ao citar Zygmunt Bauman afirma que:

o direito à mobilidade é hoje mais seletivo e dependente da classe social do que antes. Os controles das fronteiras nacionais e a cooperação internacional na gestão das migrações se tornaram altamente restritivos. A maioria das pessoas não tem os recursos econômicos nem os direitos políticos necessários para a livre circulação. (CASTLES, 2010, p. 15).

Essas imposições à mobilidade das pessoas fizeram crescer paralelamente, uma outra violência aos que migram sem “permissão”: a dos traficantes de pessoas, com suas redes clandestinas de “extrema degradação humana”, colaborando também “para um crescimento ainda maior da rejeição e da criminalização do migrante, confundido com o contrabandista e o traficante” (PÓVOA NETO, 2010, p. 493). Em 2005, centenas de migrantes desesperados, considerados ilegais e alguns refugiados, foram presos em centros de detenção em Marrocos ao tentarem alcançar a Europa através dos enclaves espanhóis de Melilla e Ceuta no norte da África (FIGURA 20).

Os limites à migração no mundo surgiram com a criação dos Estados-nações e a definição de seus limites territoriais e soberania (JUBILUT; MADUREIRA, 2014), já os obstáculos introduzidos pelos movimentos políticos contrários, ou “movimentos não tradicionais da direita radical” de países europeus, e “a xenofobia de massa” (HOBSBAWM, 1995, p. 98) parecem acompanhar as duas grandes eras<sup>24</sup> “da migração em massa” (CASTLES, 2010, p. 17). Para o historiador Eric Hobsbawm (1995) o final do século XIX e início do século XX antecipou a introdução dessa xenofobia, por parte desses movimentos políticos, desenvolvendo-se de forma acentuada, também no final do século passado. Esse sentimento de aversão aos estrangeiros tinha como fundo ou “cimento comum desses movimentos”<sup>25</sup> um ressentimento às mudanças impostas pelo liberalismo (transformações da sociedade pelo capitalismo), a ascensão dos movimentos trabalhistas e a grande presença de trabalhadores estrangeiros, impulsionada pela primeira era de migração em massa da história, já mencionada. Movimento esse, que ganhou força também nos Estados Unidos.

<sup>23</sup> Artigo XIII dessa Declaração: 1- Todo ser humano tem direito à liberdade de locomoção e residência dentro das fronteiras de cada Estado. 2- Todo ser humano tem o direito de deixar qualquer país, inclusive o próprio, e a este regressar. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2015.

<sup>24</sup> Para Stephen Castles (2010) a primeira era da migração em massa ocorreu no final do século XIX e início do século XX. A segunda era ocorre principalmente, de acordo com o autor, com a grande velocidade imposta pela globalização, a partir do ano de 1945.

<sup>25</sup> HOBSBAWM, op. cit., p. 85.

FIGURA 20 - A criminalização do migrar.



Fonte: **Refugee or Migrant? Why it matters**. United Nations High Commissioner for Refugees (UNHCR, 2007). Disponível em: <<http://www.unhcr.org/publ/PUBL/475fb0302.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2014.

Mas é no final da década de 1970, época de reestruturação produtiva, que os países desenvolvidos dão início ao movimento que tem por objetivo “zerar” a entrada de migrantes, restringindo o fluxo migratório apenas para a mão de obra qualificada. Essa restrição imprime um caráter de criminalidade a esse migrante, chamado de ilegal<sup>26</sup> pelas autoridades e reafirmado pela mídia, criando assim um sentimento de repulsa a esse ser humano por sua dita condição de ilegalidade (RAMOS; RODRIGUES; ALMEIDA, 2011, p. 208). Como afirma Helion Póvoa:

Em contraste com contextos históricos anteriores, nos quais predominaram políticas ativas de atração e inserção de trabalhadores estrangeiros nos países do mundo desenvolvido, assiste-se, nas últimas décadas, à crescente tendência dos mesmos estabelecerem medidas restritivas e desestimuladoras da imigração. (...). Essa tendência se reafirma nos anos noventa, alcançando maior radicalização após os acontecimentos de 11 de setembro de 2001. (PÓVOA NETO, 2010, p. 492 - 493).

<sup>26</sup> O termo “imigrante ilegal” surgiu em 1939, desenvolvido por ingleses, como um insulto à entrada sem permissão de imigrantes (refugiados) alemães, de origem judaica, que fugiam dos nazistas e tentavam entrar sem permissão na Palestina, então território de administração inglesa. Fonte: GARCIA, Charles. Why “illegal immigrant” is a slur. 2012. Disponível em: <<http://edition.cnn.com/2012/07/05/opinion/Garcia-illegal-immigrants/index.html>>. Acesso em: 08 abr. 2015.

Essa ilegalidade que obteve “centralidade” nessa década, citada acima, tem afetado principalmente os migrantes econômicos e os solicitantes de asilo e as suas distinções classificatórias, que têm se tornado cada vez mais complexas, com grandes perdas para as duas categorias (MEZZADRA, 2015, p. 15). Para o autor Sandro Mezzadra não é por acaso o surgimento dessa classificação, quando se percebe concomitantemente o aparecimento dos “processos de flexibilização dos mercados de trabalho e das economias que têm acompanhado essas transformações”<sup>27</sup>, em virtude disso, essa ilegalidade abrange, sobretudo, uma delimitação econômica, através de uma sujeição estratégica desse migrante, como afirma Mezzadra, ao constatar que mais que um processo de exclusão, esse migrante, assim caracterizado, é incluído através da ilegalidade:

A linguagem e o espectro da raça continuam sendo mobilizados em muitas partes do mundo a fim de oferecer um tipo de suplemento para esta produção do “corpo estrangeiro” do “migrante ilegal” que – é importante enfatizar – não é uma mera figura da “exclusão”. Enquanto “outro interno”, o migrante “ilegal” é, antes de tudo, o produto do que Nicholas De Genova, em um importante trabalho sobre a migração do México para os Estados Unidos, definiu como “um processo ativo de inclusão através da ilegalização”. Estes processos de produção de ilegalidade (de “clandestinidade”) acabam fragmentando e segmentando os espaços confinados da cidadania, espalhando dentro deles mais um dispositivo de sujeição, que conduz à reprodução de uma multiplicidade de regimes de trabalho caracterizados por vários graus de coerção. (MEZZADRA, 2015, p. 14).

O autor enfatiza também que se a figura do migrante ilegal atrai discussões políticas e sobre controle migratório, percebe-se também a emergência de debates e movimentos (FIGURA 21) expondo a arbitrariedade do seu uso.

Já na década de 1970 a Organização das Nações Unidas (ONU) chamou a atenção para a necessidade da retirada do termo ilegal, pelo uso do irregular ou não documentado. Opinião compartilhada também, em 2014, pela organização europeia PICUM (Platform for International Cooperation on Undocumented Migrants) que lançou uma campanha pela mudança desse termo considerando-o desumanizador e suscetível a desconfianças<sup>28</sup>.

O processo de desumanização nas migrações consideradas irregulares, ou até mesmo na forçada, detentora juridicamente de instrumentos internacionais de proteção, tem atingido níveis cada vez mais preocupantes. O esfacelamento das famílias faz parte desse processo. Ao migrar, em muitos casos os filhos se perdem dos pais ou de forma mais dolorosa, membros da família não resistem à jornada tão dura, e falecem durante o trajeto; ou até mesmo, as crianças

<sup>27</sup> MEZZADRA, op. cit., p. 15.

<sup>28</sup> Fonte: Nenhum ser humano é ilegal: o significado das palavras, Museu da Imigração do Estado de São Paulo, agosto de 2014. Disponível em: <<http://museudaimigracao.org.br/nenhum-ser-humano-e-ilegal-o-significado-das-palavras/>>. Acesso em: 15 mai. 2015.

e adolescentes fogem sozinhas. As últimas estatísticas do United Nations High Commissioner for Refugees (UNHCR, 2014a) indicam que 51% dos refugiados de todo mundo é formado por crianças e adolescentes menores de 18 anos, e vem aumentando sensivelmente ao longo dos anos, com destaque para os 34.300 pedidos de asilo dessas crianças e adolescentes que estão desacompanhadas ou foram separadas de suas famílias.

FIGURA 21 - Criação artística enfatiza que a migração não deve ser considerada crime.



Fonte: Convergence of Cultures, 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ConvergenceOfCultures/photos/pb.370384386370793.-2207520000.1449786829./868540906555136/?type=3&theater>>. Acesso em: 25 out. 2015.

São as vidas desperdiçadas citadas por Zygmunt Bauman (2005). A desumanização parece expandir-se sem limites, tornando as vidas que se perdem em travessias desumanas, em números. São apenas números expostos nos caixões dessas vítimas<sup>29</sup>. Perde-se uma história ou uma parte do mundo, que passa a compor um ciclo apenas de destruição e desequilíbrios. Como bem enfatiza o fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado, ao se referir, na década de 1980, sobre as migrações forçadas na Etiópia em virtude de conflitos e fome, “cada pessoa que morre é um pedaço do mundo que morre”<sup>30</sup>. Nesse caso, o fotógrafo não se referia ao ciclo natural da vida,

<sup>29</sup> Fonte: European Leaders pledge to send ships to Mediterranean to pick up migrants, The Guardian, 2015. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/world/2015/apr/23/european-leaders-pledge-ships-mediterranean-pick-up-migrants>>. Acesso em: set. 2015.

<sup>30</sup> Citação presente no documentário sobre a vida de Sebastião Salgado: O Sal da Terra (2014).

mas às contradições de uma morte que poderia ser evitada, atingindo a humanidade como um todo. Naturaliza-se o que deveria ser inconcebível<sup>31</sup>.

Uma injustiça ou desumanidade são processos que se implantam e vão aos poucos estruturando bases de desequilíbrio. A princípio, parece ter um aspecto local, singular, mas quando se amplia a escala de análise, percebem-se outros pontos que se interligam através desses mesmos processos desumanos, essa morte, então, deixa de ser distante e passa a fazer parte de um contexto em que todos estão inseridos. As vítimas mais vulneráveis nas migrações forçadas são as crianças e adolescentes, mas mesmo essa vulnerabilidade tão visível, não escapa da criminalização e desumanização a que esses migrantes sofrem (FIGURA 22). Muitas são presas em centros de detenção e identificadas por números, e não pelos seus nomes. Em alguns casos, como o da ilha grega de Kos, são detidas em prisões comuns junto com prisioneiros, em instalações precárias e em muitos casos até algemadas<sup>32</sup>.

FIGURA 22 - Crianças e adolescentes presos por migrar.



Fonte: The State of the World's Refugees: In Search of Solidarity (UNHCR, 2012). Disponível em: <[http://www.unhcr.org.uk/fileadmin/user\\_upload/pdf/StateofWorldsrefugees2012.pdf](http://www.unhcr.org.uk/fileadmin/user_upload/pdf/StateofWorldsrefugees2012.pdf)>. Acesso em: 12 mar. 2015.

Desenhos feitos por crianças, solicitantes de asilo, alojadas em um centro de detenção para imigrantes em Christmas Island na Austrália, expressam as experiências sofridas por elas nesse local, dando ênfase nos desenhos aos cadeados, grades e a tristeza. Outro aspecto muito

<sup>31</sup> Para Milton Santos, em *Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal* (2000), existe na atual sociedade um sentimento de percepção distorcida da realidade, através de uma crescente perversidade sistêmica.

<sup>32</sup> Fonte: **Crianças refugiadas são mantidas em prisões na Grécia**, *Jornal O Globo*, outubro de 2015. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/criancas-refugiadas-sao-mantidas-em-prisoos-na-grecia-17780472>>. Acesso em: 20 out. 2015.

preocupante nessa situação, relatado pela Comissão de Direitos Humanos Nacional (Austrália), é a assinatura das crianças em cada desenho. Elas assinaram utilizando um número de identificação recebido de acordo com o barco em que chegaram. De acordo com o mesmo relatório, elas não eram tratadas por nomes, e sim por esse número de identificação. Esses números nos desenhos foram cobertos por tarjas claras (FIGURA 23).

FIGURA 23 - Desenhos das crianças imigrantes detidas em Christmas Island (Austrália).



Fonte: Jornal The Guardian, 2014. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/commentisfree/2014/mar/26/pictures-of-misery-what-children-draw-in-detention-on-christmas-island>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

Toda essa contextualização favorece o diagnóstico do migrante como um problema, indesejado ou um desconhecido perigoso. Se sua origem, não estiver enquadrada nos países chamados de “primeiro mundo”, possivelmente esse migrante receberá classificações pejorativas, como por exemplo, as relacionadas à sua religião ou cor da pele. Essas assimilações e padronizações entre os diferentes tipos de migrantes favorecem a uma homogeneização estratégica de controle da sua mobilidade, cada vez mais ampliados.

A crescente assimilação entre dois tipos de sujeitos – migrantes e refugiados – que, para efeito das políticas migratórias, eram reconhecidos como distintos – representa mais um indicador da absorção das considerações econômicas quanto à imigração por considerações de natureza política e securitária. (PÓVOA NETO, 2010, p. 494).

Como bem ressalta Stephen Castles (2010), a migração não é um problema, mas sim o contexto de desigualdades em que se realizam. O desenvolvimento, ressalta o autor, não diminuirá as migrações, mas elas iriam ocorrer em circunstâncias melhores.

## 1.2 Refugiados: categoria em discussão no atual cenário complexo.

A história da humanidade, até onde se tem registro, sempre esteve entrelaçada por conflitos e perseguições, por isso o refúgio, ou a prática de fornecer asilo, tem como exemplo, registros que datam de 3.500 anos, durante os impérios de povos como o Hitita, Babilônio, Assírio e o Egípcio (ACNUR, 2014). Os refugiados, a categoria abordada neste trabalho, teve sua origem na palavra francesa “refugié” em virtude da fuga dos Huguenotes (pessoas pertencentes à religião Protestante) na França, no ato da revogação do Edito de Nantes (1685) pelo rei Luís XIV, que impedia a perseguição religiosa.<sup>33</sup> Com o fim da primeira Guerra Mundial (1918) e a eclosão da Revolução Russa (1917), o seu significativo número de refugiados fez surgir o debate à sua proteção. Em 1921, através do Conselho da Sociedade das Nações (1919) surge o primeiro Alto Comissariado para Refugiados, principalmente destinado ao apoio humanitário aos refugiados russos. Juridicamente, sua proteção foi estabelecida em 1951 com a formulação do Estatuto dos Refugiados, com seus direitos e deveres, mas apenas vinculados aos fluxos de refugiados anteriores a 1951 e a possibilidade dos Estados só aceitarem esses fluxos se fossem oriundos de países europeus, ou seja, não existia a obrigatoriedade de aceitar refugiados de outros continentes. As ampliações jurídicas à sua proteção e a eliminação de restrições foram, ao longo dos anos, ganhando definições mais próximas de diferentes realidades e desafios para os refugiados ao redor do mundo (RAMOS; RODRIGUES; ALMEIDA, 2011)<sup>34</sup>.

A partir da origem dessa proteção jurídica internacional, os refugiados começam a fazer parte, no âmbito das discussões sobre migrações, das migrações forçadas, diferenciando-se dos critérios que institucionalizariam as migrações voluntárias (FIGURA 24).

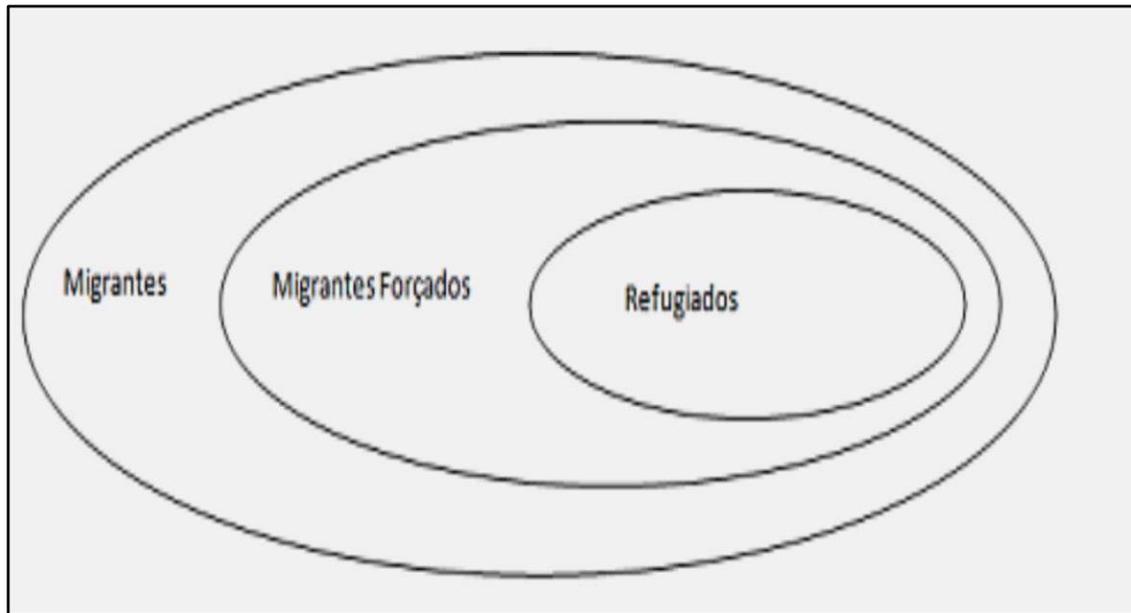
Atualmente, as discussões existentes em relação à categoria refugiado e os direitos dos outros migrantes, tem como origem o desrespeito e a vulnerabilidade dos migrantes em todo o mundo. O Estatuto dos refugiados destaca-se como um elemento dissonante nessa lógica desumana das restrições e violência à mobilidade humana, desenvolvida desde o final da década de 1970.

---

<sup>33</sup> AGUIAR, Carolina M. **Refugee(s)**. Disponível em: <<https://www.academia.edu/12056355/Refugees>>. Acesso em: 22 nov. 2015.

<sup>34</sup> Em 1967, entrou em vigor um protocolo adicional que retirou a limitação de sua definição em relação à data de 1951.

FIGURA 24 - O refugiado no contexto das migrações.



Fonte: Observatório 9474. Disponível em: <<https://observatorio9474.wordpress.com/sobre/migracao-forcada/>>. Acesso em: 12 nov. 2015.

O Estatuto se tornou um elemento norteador e de esperança, desde a massificação da irregularidade da migração imposta por diferentes países. Sofrendo ele próprio, tentativas de restrições e revisões quanto a sua legitimidade.

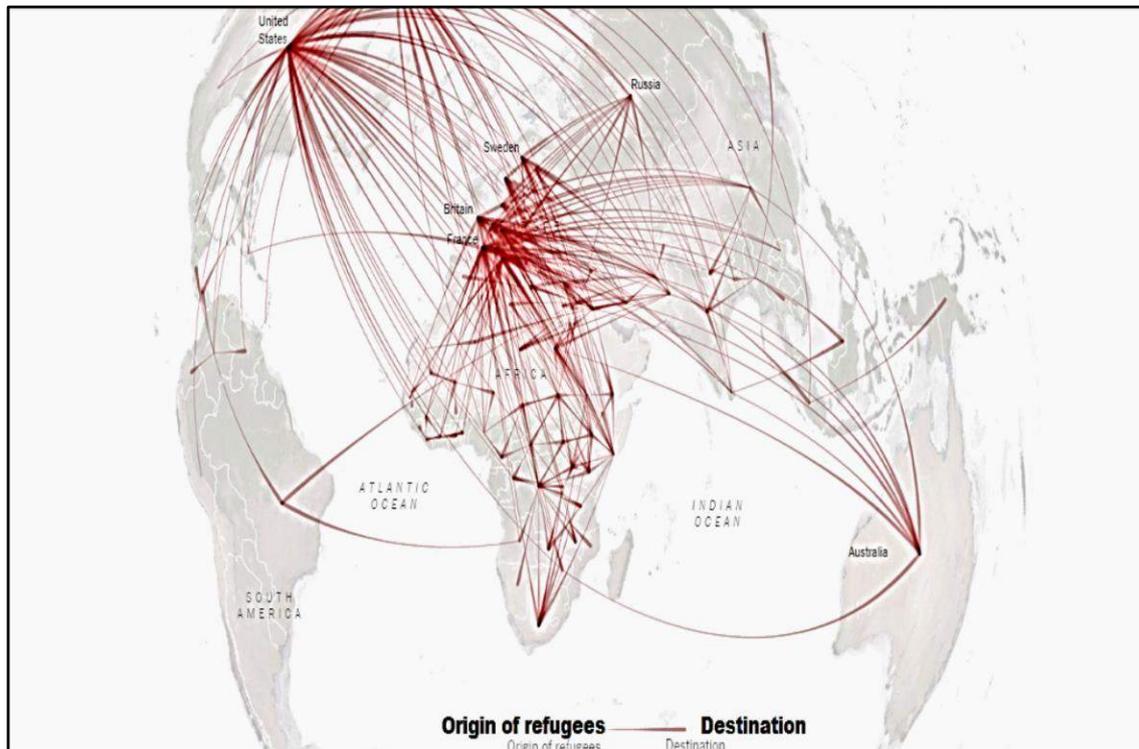
Hoje, toma conta de diversos países um discurso político que condena qualquer forma de migração, e que, inclusive, deseja revisar alguns pontos do Estatuto dos Refugiados, como ficou claro no discurso de posse, proferido em 1998, da presidência rotativa da União Europeia, cujo representante pertencia a Áustria, que afirmou, em alto e bom som, a necessidade de se alterarem as normas que concedem o refúgio, alegando que ele vem sendo utilizado por pessoas que não se encaixam na sua descrição legal. (BUSCH, 1999). Além desse exemplo, mais recentemente há o caso de Itália e França que resolveram restringir a entrada de imigrantes de vários países africanos devido aos acontecimentos da chamada Primavera Árabe. Tal iniciativa recebeu a reprimenda do Conselho Europeu, mas nem por isso, esse discurso de restrição aos imigrantes, inclusive aos refugiados, foi abandonado por esse e por outros países. (RAMOS; RODRIGUES; ALMEIDA, 2011, p. 210).

O que emerge com grande importância nesse contexto é a necessidade de criação de instrumentos jurídicos, nacionais e internacionais, que concedam direitos eficazes aos que migram, também, em condições de vulnerabilidades. A questão migratória, assim como outros parâmetros de cunho social, cada vez mais, tem evidenciado um contexto, em expansão, em que uma série de direitos tem sido contestados e retirados.

A questão dos refugiados, hoje, vive seu maior desafio depois da Segunda Guerra Mundial. Nos últimos anos, as estatísticas alertam para dados que não param de crescer e em proporções onde o custo humano parece não ter fim. Sempre foi um fenômeno mundial, mas agora, atinge de maneira mais significativa, por exemplo, países nunca antes tão afetados com

o seu fluxo (MAPA 02), como o Brasil. Sua temática “era tratada como um problema pontual e não como um assunto permanente” (BRAGA, 2011, p. 08).

MAPA 02 - Fluxos de origem e destino dos refugiados pelo mundo em 2015.



Fonte: **The Flight of Refugees Around the Globe**. The New York Times, 20 jun. 2015. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/interactive/2015/06/21/world/map-flow-desperate-migration-refugee-crisis.html?r=2>>. Acesso em: 15 set. 2015.

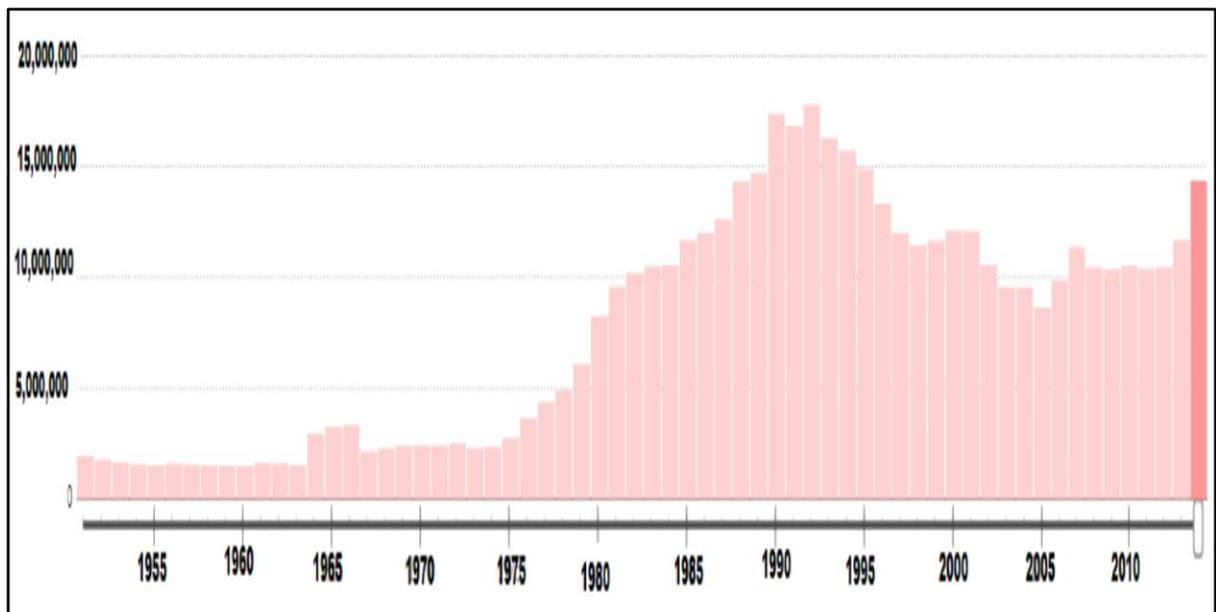
Quando se observa o contexto de formação e as estatísticas dos grandes fluxos de refugiados que se desenvolveram após a Segunda Guerra Mundial e o da atualidade, percebe-se uma mudança, não só na natureza dos conflitos, mas também o desenrolar de novos desafios em seus horizontes. Esses desafios são compreendidos através de um conjunto de fatores que complexificam sua origem e dinamizam sua velocidade de formação, tendo como principais motores propulsores, a globalização, os conflitos pós-Guerra Fria, e como mais recente aspecto, a guerra ao terror após o 11 de setembro de 2001 (BRAGA e KAROL, 2009; UNHCR, 2000 e 2006). O Alto Comissariado das Nações Unidas (ACNUR), ao analisar as mudanças ocorridas nos fatores desencadeadores de conflitos e perseguições, ao longo de sua história de proteção a refugiados, destaca que no seu contexto de formação em 1950, os esforços concentrados eram na proteção de refugiados provenientes de regimes totalitários, como o Fascismo e o Stalinismo. Porém, nas últimas décadas, os conflitos armados principalmente desenvolvidos pelo contexto pós-Guerra Fria desempenharam um papel determinante na evolução do número de refugiados.

Repressão política e violações maciças dos direitos humanos ainda são elementos significativos em deslocamentos atualmente. Mas para a maioria dos refugiados de

hoje, conflitos armados - que frequentemente envolvem perseguição e outros abusos dos direitos humanos contra civis - é a principal fonte de ameaça. Muitos dos conflitos armados do período pós-Guerra Fria provaram ser particularmente perigosos para os civis, evidenciado pela escala de deslocamento e pela alta proporção de mortes de civis em relação aos militares. (...). O custo humano devastador de guerras recentes levou muita discussão sobre a natureza mutável dos conflitos armados no período pós-Guerra Fria. (...). O que distinguiu a década de 1990 a partir de décadas anteriores foi o enfraquecimento dos governos centrais em países que tinham sido amparadas pelo apoio de superpotências, e a conseqüente proliferação de conflitos baseadas em identidade, muitas dos quais envolveram sociedades inteiras em violência. (UNHCR, 2000, p. 277, tradução livre).

Na evolução da população de refugiados no mundo da década de 1951 a 2014 (FIGURA 25), nota-se um acréscimo significativo do número de refugiados no período entre o início da década de 1980 até 1992, impulsionado principalmente, pelo desenvolvimento da globalização e da Guerra Fria. Nos últimos anos, principalmente em decorrência do conflito na Síria, os números têm atingido recordes. De acordo com as últimas estatísticas do Alto Comissariado das Nações Unidas, só o número de refugiados atingiu o valor de 19,5 milhões de pessoas até junho de 2015 (UNHCR, 2014a).

FIGURA 25 - Evolução do número de refugiados de 1950 a 2014.



Fonte: Population Statistics, UNHCR (2015). Disponível em: <<http://popstats.unhcr.org/en/overview>>. Acesso em: 18 nov. 2015.

A “globalização neoliberal” que se fortificou, durante a década de 1970 (CASTLES, 2010, p. 14) vem imprimindo grande complexidade a esse cenário ao gerar uma evidente desigualdade econômica e concentração de riqueza no mundo. Ao analisar a relação dos processos migratórios com a globalização percebe-se que “a globalização e as migrações internacionais andam de mãos dadas” (UNHCR, 2006, p. 12, tradução livre) e “a mobilidade humana é uma forma crucial de globalização” (CASTLES, 2010, p. 23), onde nos últimos 30

anos, esse processo desenvolveu um grande aumento no fluxo migratório mundial, e em conjunto com as reconfigurações “das relações de poder político e militar, desde o fim da Guerra Fria, representam uma “mudança radical contemporânea” – uma nova “grande transformação” (Ibidem, p. 29).

Para os refugiados, a globalização limita seu acesso à proteção, devido a um seletivo processo de circulação de pessoas nas fronteiras políticas dos países (UNHCR, 2006), assim como desafia a sua definição em virtude da complexidade dos fluxos migratórios existentes.

O fim da Guerra Fria e a consolidação dos processos da globalização acentuaram as contradições no encaminhamento da temática dos refugiados, principalmente com a ascensão dos nacionalismos e dos conflitos étnicos ao lado dos problemas econômicos. Assim, temos um conjunto de questões responsáveis pela mobilidade das pessoas, seja pela violência praticada entre grupos de origem diferente, seja pelas mazelas socioeconômicas que obrigam o deslocamento de milhares de indivíduos por diferentes continentes. (BRAGA; KAROL, 2009, p. 04).

Em 2015, o cenário descrito como “crise de refugiados” traz à tona diversos aspectos que vêm impondo desafios aos direitos humanos, desequilibrando não só os aspectos socioeconômicos, como também os ambientais. O expressivo título “World at war”<sup>35</sup> do novo documento do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados, destaca a preocupante situação atual envolta em um cenário de combinação de novos e antigos conflitos, ainda em andamento (MAPA 03), que segundo seu Alto Comissário, António Guterres, é agravada também pela crise econômica, através da diminuição da ajuda humanitária e da clara ligação entre a instabilidade gerada pela alta dos preços dos alimentos e pela instabilidade em áreas urbanas<sup>36</sup>. António Guterres ressalta também a sua preocupação em relação à estreita ligação entre importantes conflitos existentes, como os da Líbia, Mali, Nigéria, Somália, Síria, Iraque, Iêmen ou no Afeganistão<sup>37</sup>. São conflitos com contextos interligados.

---

<sup>35</sup> O mundo em guerra, tradução livre. Disponível em: < <http://unhcr.org/556725e69.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2015.

<sup>36</sup> Entrevista feita pelo jornal Euronews com o Alto Comissário das Nações Unidas para Refugiados, António Guterres, em 2012. Disponível em: <<http://www.euronews.com/2012/06/19/antonio-guterres-we-re-witnessing-human-suffering-on-an-epic-scale/>>. Acesso em: 10 out. 2015.

<sup>37</sup> Artigo publicado pelo United Nations High Commissioner for Refugees (UNHCR, 2014), intitulado **UN Refugee Chief warns against overlooking humanitarian crises in Africa**. Disponível em: <<http://www.unhcr.org/54292c399.html>>. Acesso em: 23 jun. 2015.

MAPA 03 - Recentes e antigos conflitos em andamento no mundo.



Fonte: Integrated Regional Information Networks (IRIN), 2015. Disponível em: <<http://www.irinnews.org/photo/201507301330360672/map-all-active-conflicts-globally>>. Acesso em: 05 ago. 2015.

O maior deslocamento forçado de pessoas desde a Segunda Guerra Mundial exprime uma complexidade de fatores estruturantes que tem como base a lógica capitalista desproporcional ao desenvolvimento humano, que se dispersa pelo mundo. Mundo este, que tenta obscurecer “de forma quase imoral, a presença dos países de recepção, no Norte e no Sul, nas lógicas dos conflitos que estão na origem da fuga de milhões de pessoas” (AGUIAR, 2015, p. 02) através de um discurso pautado na segurança e no medo, imbuído de questões identitárias e racistas. Como afirma a escritora e jornalista canadense Naomi Klein:

a crise de refugiados, as medidas de austeridade na Grécia e "a degradação do sistema planetário do qual toda a vida depende" estão todos interligados. "As mesmas forças, a mesma lógica, estão por trás de todos esses atentados contra a vida" (...) é uma "ideologia tóxica do fundamentalismo de mercado. (KLEIN, 2015, grifo da autora, tradução livre)<sup>38</sup>.

Por sua grande experiência, ao redor do mundo, de documentação sobre a temática dos refugiados e de seu trabalho como economista, o fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado, pôde vivenciar de perto o surgimento de muitos dos conflitos, hoje existentes. Ao analisar essa atual “crise”, observa que os fatores estruturantes desses conflitos tiveram início com as intervenções externas americanas e europeias. Citando a atual situação do Iraque, Sebastião Salgado afirma que:

como essas pessoas estão chegando à Europa, parece que a história é nova, mas não é nova, não. É velha, é a história da globalização, da reorganização da família humana, da concentração em centros urbanos, das geopolíticas. Quando eu conheci

<sup>38</sup> Pensamento expresso pela autora em uma palestra no Festival of Dangerous Ideas, na Austrália em 2015. Algumas partes da palestra foram transcritas no artigo de jornal, em publicação eletrônica, Eco Watch (2015), assim como o vídeo de sua palestra. Disponível em: <<http://ecowatch.com/2015/09/08/naomi-klein-climate-refugees/>>. Acesso em: 20 set. 2015.

o Iraque, era um país rico, onde as pessoas trabalhavam, tinham aposentadoria, residências e viviam em paz. Um país [Estados Unidos] imaginou que lá havia armas de destruição em massa, atacou o lugar e o trouxe para a idade da pedra. No Iraque hoje ninguém tem casa, bomba explode todos os dias, é um país fisicamente destruído. Para onde você quer que esse povo vá? (SALGADO, 2015)<sup>39</sup>.

A “crise” atinge todos, e os refugiados, agora envoltos em contextos econômicos e ambientais, estão no front<sup>40</sup> desse conflito, indicando as suas faces ocultas e as enfrentando nesse local mais frágil de uma batalha.

A definição da categoria de refugiados vai muito além da definição atribuída pelo seu Direito Internacional, de que:

é considerado refugiado o indivíduo que tenha bem-fundado temor de perseguição em virtude de sua raça, religião, nacionalidade, opinião política ou pertencimento a certo grupo social, que esteja fora de seu território de origem (extraterritorialidade), que necessite de proteção internacional (ou seja, que não se enquadre nas cláusulas de cessação também definidas pela Convenção de 51, e que não conte com outras formas de proteção internacional), e que mereça a proteção internacional (isto é, que não venha a ser incluído nas cláusulas de exclusão definidas pela Convenção de 51. (JUBILUT; MADUREIRA, 2014, p. 14).

Observando que “as migrações são um processo multidimensional, condensando toda a complexidade da des-re-territorialização das sociedades” e que podem ser entendidas “como um processo em diversos níveis de des-reterritorialização” (HAESBAERT, 2012, p. 233 e 246), os refugiados, nesse aspecto, formam uma categoria em constante movimento não só no sentido do seu deslocamento geográfico, mas também nas reflexões sobre sua definição impulsionadas pelos muitos desafios que enfrentam. Eles reconstróem sua relação com o espaço durante seu movimento forçado em busca de proteção e de novas possibilidades de reconstrução de sua vida, ou seja, de uma reterritorialização, que em muitos aspectos denota uma relação frágil e vulnerável. Essa extrema vulnerabilidade, principalmente entendida pela perda de seus direitos básicos, os deixam em uma condição de limites entre espaços (Estados), onde a retomada desses direitos, ou pelo menos uma parte deles, “depende, prioritariamente, de sua reintegração territorial e, por consequência, jurídica ao espaço da política governamental” (AGUIAR, 2011, p. 148). “A acentuada desterritorialização”, cheia de cicatrizes e sofrimento (FIGURA 26), ocorrida no momento de sua fuga, dá origem à sua fragilização territorial, ou sua relação com

<sup>39</sup>Artigo publicado na internet pela revista **Forum** em outubro de 2015. Disponível em: < <http://www.revistaforum.com.br/blog/2015/10/para-sebastiao-salgado-crise-dos-refugiados-e-culpa-dos-eua-e-europa/>>. Acesso em: 10 out. 2015.

<sup>40</sup> Front no sentido de linha de frente. As referências desse pensamento vêm do antropólogo Michel Agier, ao se referir a relação dos refugiados com as fronteiras e o cosmopolitismo, em palestra na Bienal do Livro de Alagoas, em 23 de novembro de 2015, e de Rogério Haesbaert (2013b).

o espaço, mas tem como consequência, também, o início de um novo ciclo de dinâmica territorial (HAESBAERT, 2012, p. 246).

FIGURA 26 - As marcas do deslocamento forçado e da desterritorialização.



Fonte: Marie Ange Bordas, 2009. Exposição New Territories com sua instalação intitulada (Up)Rooted. Disponível em: <<http://marieangebordasupdates.blogspot.com.br/search?updated-min=2009-01-01T00:00:00-08:00&updated-max=2010-01-01T00:00:00-08:00&max-results=15>>. Acesso em: 14 nov. 2015.<sup>41</sup>

Eles trazem consigo uma territorialidade “extra” (sua extraterritorialidade)<sup>42</sup> na esperança de conquistar outra, e seguir em frente criando novos laços. Em sua complexa dinâmica territorial vivida, eles territorializam-se também, por meio de seus fluxos, virtuais, através dos territórios-rede<sup>43</sup>, ou in situ, constituindo assim, “territórios em trânsito”, pois “o território, assim como o próprio espaço, antes de ser uma matéria estanque, é um movimento, um ato” (HAESBAERT, 2013b, p. 67 e 73). Eles recriam-se, reinventam-se, aprendem novas

<sup>41</sup> No mesmo site estão disponíveis outras imagens e um vídeo que representa esse simbolismo do desenraizamento.

<sup>42</sup> Como mencionado acima por Liliana L. Jubilit e André L. Madureira (2014). A extraterritorialidade é um termo utilizado no Direito Internacional como uma isenção jurídica adotada por países, através de acordos diplomáticos para pessoas, como por exemplo os diplomatas, ou a lugares como as embaixadas. No caso dos refugiados, ela refere-se a sua diferente nacionalidade.

<sup>43</sup> Neste caso, construídos principalmente pelas diásporas e suas diversas conexões construídas, ao redor do mundo. Uma rede de solidariedade, principalmente entre parentes, que mantêm vidas.

línguas, culturas, desafiam-se, impõem velocidade e reflexão, questionam e movimentam, ao percorrerem seu caminho, agora de geografias redesenhadas (FARKAS; MARTINHO, 2013). Eles estão em movimento (FIGURA 27), e esse ato imprime novas perspectivas. Sua força é maior que qualquer filiação ou ato político, que questionam no cerne de sua formação, o Estado-Nação.

FIGURA 27 - Famílias de refugiados cruzando a fronteira entre a Grécia e a Macedônia em 2015.



Fonte: Jornal britânico Daily Mail, 2015. Disponível em: <<http://www.dailymail.co.uk/news/article-3224173/Desperate-migrants-curl-sleep-railway-tracks-long-night-journey-safety-head-Germany-Austria.html?ito=social-facebook>>. Acesso em: 10 set. 2015.

Nas sensíveis e esclarecedoras palavras das documentaristas Helen Crouzillat e Laetita Tura, eles são mais que migrantes, são “mensageiros”, em referência aos que migram de forma desesperada, expressando a mensagem do funcionamento cruel e inaceitável de um sistema que envolve a todos e pelo qual “eles têm sido devorados” em um “aterrador abismo que divide o mundo em terras de abundância e terras de onde muita dessa abundância vem”.<sup>44</sup>

<sup>44</sup> O documentário em questão é o “**Les Messagers**” (2014). Informação obtida através da publicação eletrônica Página Vermelha, em janeiro de 2015. Disponível em: <<http://www.paginavermelha.org/noticias/150105-filme-os-mensageiros.htm>>. Acesso em: 02 dez. 2015.

### 1.3 Migrações Desesperadas: quando o mundo nos move.

*Enquanto caminho, despeço-me do meu país, sem sentir saudades. Na minha cabeça duas palavras: Europa e segurança. Está a ser duro, mas também esperançoso. A única solução era sair dali, não importava como. É por isso que quando me perguntam se tenho medo de atravessar o Mediterrâneo, eu não percebo a pergunta. Medo? Eu tenho medo é de ficar. Não vamos à procura de uma vida melhor. Vamos à procura de vida. Atrás de nós só há morte. Ahmed Abdalla<sup>45</sup>*

Desespero foi uma palavra recorrente durante toda pesquisa para essa dissertação. Citações diversas a destacavam. Artigos científicos, livros, diferentes entrevistas realizadas, publicações em jornais, palestras ou em documentários. Essas migrações definem algo muito mais contundente que um movimento, ou a mobilidade das pessoas de um lugar para outro. Esse sentimento não se faz só presente durante esse percurso, mas persiste, acompanhando os refugiados em seu caminho de incertezas nos diferentes locais de chegada, onde muitas vezes a sua busca por refúgio é interrompida pelas circunstâncias impostas através de sua contenção, quando, por exemplo, são confinados em campos de refugiados.

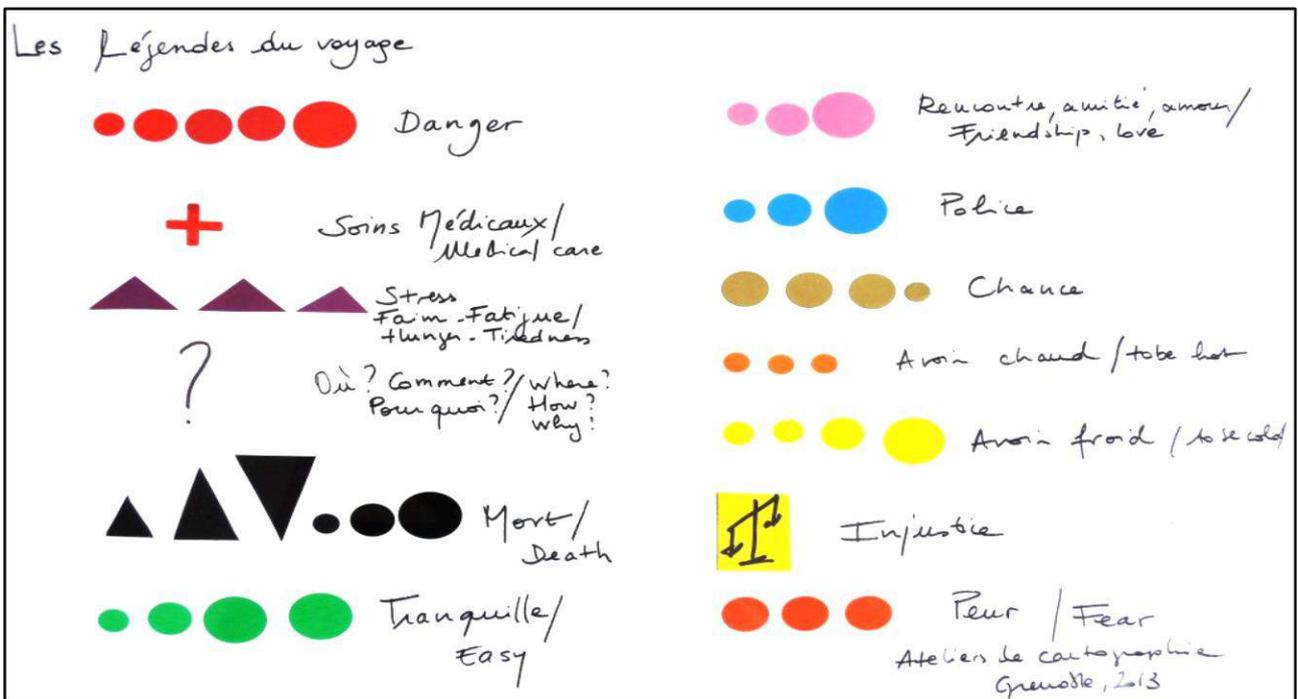
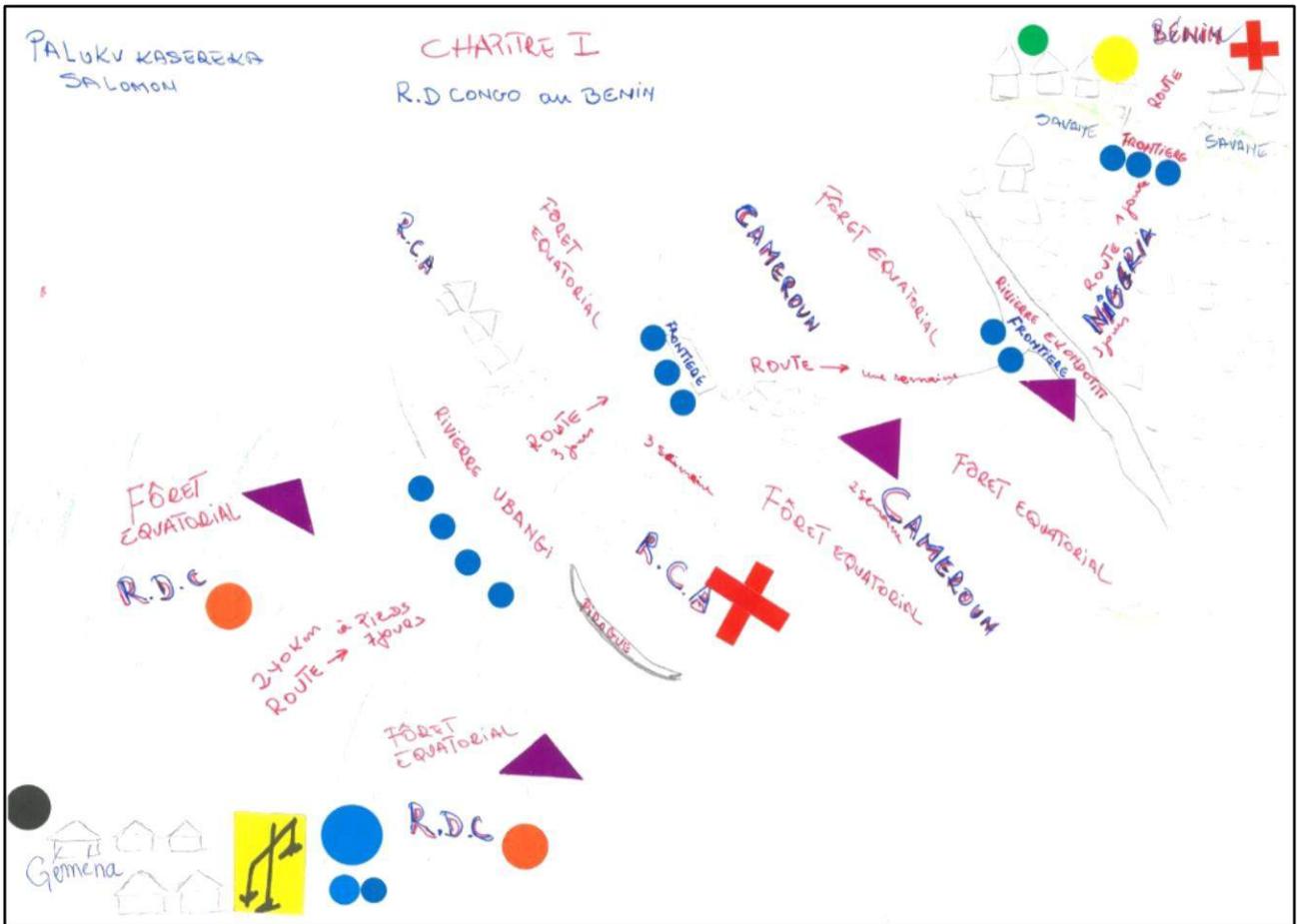
Uma jornada que dura dias, meses ou anos, onde diversas fronteiras são vivenciadas; as visíveis, como as cercas e os muros, e as humanas, através do preconceito e da segregação. Sede, fome, medo, sufocamento, violência, constrangimento, esconderijos, desencontros ou vidas que se perdem. É a caracterização de uma fuga pela sobrevivência, que pode ser visivelmente percebida nas expressões das faces de quem a vivencia ou nos seus atos. Em um projeto geográfico de uma universidade francesa (MAPA 04)<sup>46</sup>, algumas dessas experiências migratórias foram registradas em forma de mapas e legendas que expressaram mais do que rotas, setas de sentidos ou lugares percorridos durante essa jornada, trazendo a complexidade desses deslocamentos através da perspectiva dos refugiados e de suas experiências, transformando-as assim em legenda, como uma cartografia de sentidos.

---

<sup>45</sup> Depoimento dado por Ahmed Abdalla para o jornal Expresso de Portugal, relatando sua fuga com sua família da Somália para a Europa. Hoje, Ahmed não é mais refugiado, conseguiu sua cidadania portuguesa e tenta refazer sua vida com muitas dificuldades neste país. Disponível em: <<http://expresso.sapo.pt/sociedade/2015-09-02-nao-vamos-a-procura-de-uma-vida-melhor.-vamos-a-procura-de-vida.-atras-de-nos-so-ha-morte-4>>. Acesso em: 05 set. 2015.

<sup>46</sup> O mapa retrata as experiências vividas durante a fuga da República Democrática do Congo para Benin, pelo refugiado Palukv K. Salomon, passando pela República Centro-Africana, Camarões e Nigéria. Mapa e legenda foram criados em 2013.

MAPA 04 - Experiência de migração desesperada cartografada.



Fonte: Projeto Cartographies traverses, des espaces où l'on ne finit jamais d'arriver, 2013. Disponível em: <<http://visionscarto.net/cartographies-traverses>>. Acesso em: 18 ago. 2015.

Nesse projeto buscou-se principalmente enfatizar a abordagem das linhas de fronteiras e dos fluxos migratórios, criando com isso “uma reflexão sobre a política de liberdade de circulação e do direito de asilo” (MEKDJIAN; SZARY, 2015, tradução livre), com o intuito de esclarecer e tornar mais visíveis os conceitos abordados nessa questão migratória.

Outra forma importante de expressão dessa realidade são as fotografias. Elas expressam o desespero de pessoas que se deslocaram de maneira forçada, quando o retorno para o seu país de origem não é uma opção, e seguir em frente é a sua única alternativa para sua sobrevivência. O olhar e a expressão facial, capturados em fotos, materializam o desespero (FIGURAS 28 e 29). Desespero esse, presente na expressão do refugiado sírio Laith Majid e de sua família (FIGURA 28), após conseguirem realizar a travessia em um bote de plástico frágil, saindo de Bodrum na Turquia em direção à ilha grega de Kos.<sup>47</sup>

FIGURA 28 - Chegada de refugiados sírios na ilha de Kos na Grécia em agosto de 2015.



Fonte: Fotógrafo Daniel Etter, 2015. Disponível em: <<http://www.danieletter.com/editions/>>. Acesso em: 26 ago. 2015.

---

<sup>47</sup> As informações são do jornal The Sunday Morning Herald. Disponível em: <<http://www.smh.com.au/world/the-story-behind-the-heartbreaking-photo-of-refugee-family-shared-by-thousands-20150820-gj3yi0.html>>. Acesso em: 30 ago. 2015.

FIGURA 29 - Naufrágio no mar Mediterrâneo próximo às ilhas Canárias em 2004.



Fonte: Fotografia Juan Medina, 2004. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/magazine-32433547>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

As figuras 30 e 31 são fotografias do brasileiro Sebastião Salgado, e se tornaram importantes registros do genocídio que ocorreu em Ruanda em 1994 e do recrudescimento do conflito e violência nos anos seguintes após seu término. O conflito entre as etnias de Ruanda, Tutsis e Hutus, ocasionou a fuga de milhões de refugiados, além de um número elevado de mortes, em apenas cem dias. Os refugiados capturados nas fotografias estavam retornando para Ruanda, mas encontraram um caminho cheio de incertezas e medo, por isso permaneceram nessa parte da selva da República Democrática do Congo durante seis meses, sem saber ao certo qual caminho poderiam percorrer. Situação muito recorrente entre os refugiados e deslocados internos de diferentes regiões do mundo, que ao fugir procuram sempre que possível não serem percebidos. A violência é quase sempre constante nessa jornada.

Na figura 30 foi retratada a volta dos refugiados ruandeses saindo da República Democrática do Congo para Ruanda em 1997, após três anos de refúgio nesse país. A visível fragilidade das expressões em suas faces demonstra o sofrimento dos anos em fuga, mas também a afirmação no seu migrar, doloroso e sofrido, do seguir em frente, mesmo no limite de suas forças.

FIGURA 30 - Migração dolorosa.



Fonte: Imagem do documentário O Sal da Terra, 2014. Direção de Wim Wenders e Juliano Ribeiro.

O fotógrafo também capturou o momento (FIGURA 31) em que esses refugiados de Ruanda, na volta para seu país, construíram um campo improvisado na selva da República Democrática do Congo, onde permaneceram durante 6 meses em 1997. Mesmo após o fim do genocídio em seu país em 1994, atos de violência e perseguição ainda ocorriam, principalmente ao longo das estradas. Os olhares perdidos questionam a irrealidade dessa experiência.

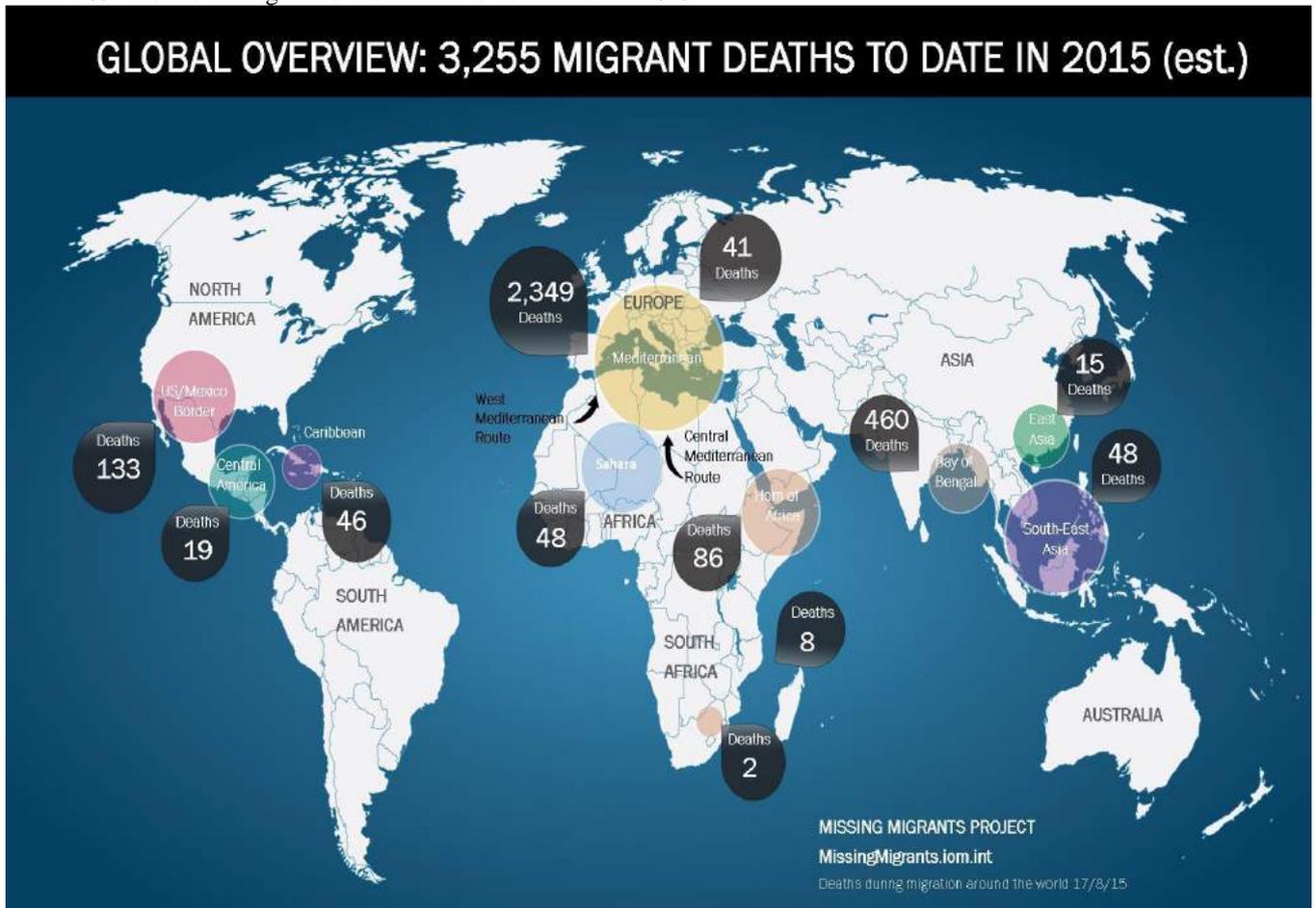
FIGURA 31 - O campo improvisado como refúgio.



Fonte: Imagem do documentário O Sal da Terra, 2014. Direção de Wim Wenders e Juliano Ribeiro.

O mapa 5, elaborado pela International Organization For Migration (IOM), lançou os recentes números das mortes de migrantes em 2015, assim como sua localização, com destaque para a região do mar Mediterrâneo<sup>48</sup>. Como bem ressalta essa organização, o mapa destaca apenas as mortes registradas, ou uma base mínima de representação da situação em destaque.

MAPA 05- Mortes de migrantes nas fronteiras do mundo em 2015.



Fonte: International Organization For Migration (IOM), 2015. Disponível em: <<https://www.iom.int/infographics/missing-migrants-project-global-map-17-august-2015>>. Acesso em: 13 dez. 2015.

Mesmo apresentando um caráter totalmente involuntário e motivado muitas vezes por atores distantes de sua localização e realidade geográfica, a jornada dos refugiados encontra diversas barreiras à sua fuga, impostas contraditoriamente, em muitos contextos, pelos mesmos responsáveis por sua formação. Essa é a situação, por exemplo, do mar Mediterrâneo, como foi

<sup>48</sup> De acordo com os registros da International Organization for Migration (OIM), a travessia do mar Mediterrâneo é a fronteira mais mortal do mundo para os migrantes que tentam cruzá-la de forma "irregular", por não terem alternativa.

relatado no mapa 5 anteriormente citado, em que o número de mortes ocasionadas pelas travessias de migrantes possui a maior estatística do mundo.

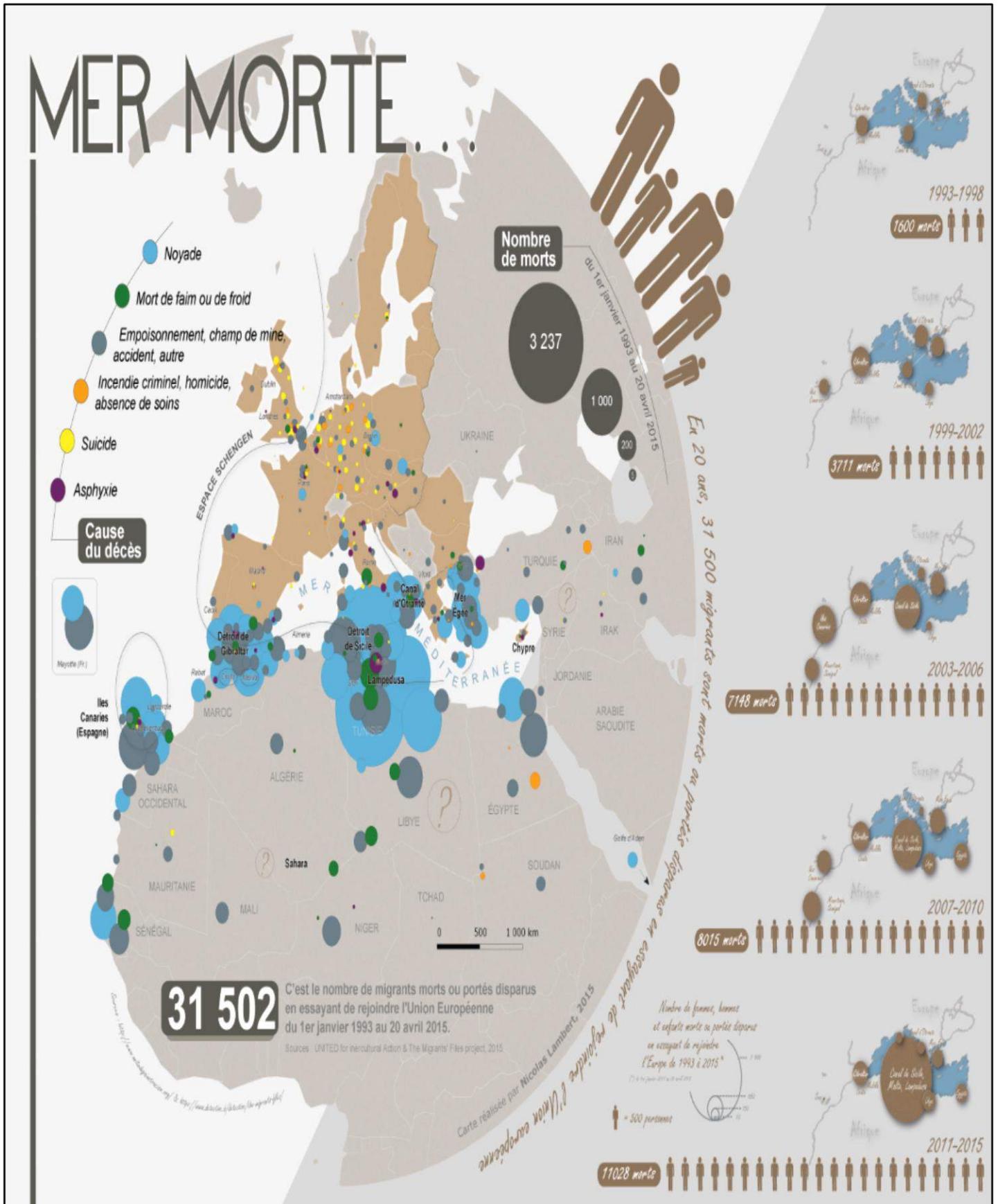
Em 2015, 75% dessas mortes em todo mundo aconteceram no Mediterrâneo (VALLET, 2015), onde uma somatória de fatores contribuiu para o quadro que se desenvolve. O fortalecimento do tráfico de pessoas devido ao aumento de políticas de vistos mais rigorosas da União Europeia, o aumento do controle nas fronteiras e a mudança da operação Mare Nostrum para Triton em 2014 contribuíram muito, para o aumento do número de mortes e para a desumanização da migração, aumentando a vulnerabilidade e a violência sofrida pelos migrantes forçados, efetuadas não só pelos traficantes de pessoas, mas também por quem deveria zelar pela sua segurança, dando um caráter policial e militar à migração. “Assim, o fortalecimento das fronteiras cria áreas onde a violência (estupro, homicídio, etc.), muitas vezes, deixa cicatrizes mais profundas – e mais permanentes – que os próprios muros fronteiriços.” (VALLET, 2015, tradução livre).

O mapa 6 demonstra em legendas, as vidas que se perdem nesse trajeto tortuoso e cheio de contradições. A face de um sofrimento humano sem dimensões ocasionado principalmente pelo fechamento das fronteiras. Esse fechamento tem agravado de forma preocupante o atual cenário das migrações classificadas como irregulares.

As consequências mais alarmantes dessa evolução recente do controle das migrações são o número de pessoas que morrem a caminho dos países receptores. As migrações ilegais têm se transformado em um processo extremamente perigoso e arriscado (...). Estas trágicas consequências da migração não documentada não são específicas dos países ocidentais: o mesmo documento das Nações Unidas faz alusão às vítimas ocorridas na costa da Austrália, na fronteira entre México e Guatemala e no Saara. Em qualquer caso, o cálculo numérico é provavelmente muito baixo, uma vez que ninguém sabe quantos corpos continuam a ser descobertos. (PÉCOUD; GUCHTENEIRE, 2005 apud BLANCO, 2011, p. 529, tradução livre).

Em conjunto, no mesmo mapa, é também registrada a evolução dessas mortes desde 1993 até 2015. Em mais de 20 anos, houve um total de 31.500 mortes na tentativa dessas travessias. Na sequência da legenda são citadas as causas das mortes: afogamento, fome e frio, intoxicação, campo minado e outros, acidente, incêndio criminal, homicídio, falta de cuidados, suicídio e asfixia. De acordo com o mapa pode-se observar a significativa espacialização dessas mortes ocorridas por suicídio na Europa.

MAPA 06 - Causas e evolução do número de mortes de migrantes no mar Mediterrâneo em 20 anos.



Fonte: Mapa de Nicolas Lambert produzido em abril de 2015, em L'actualité. Disponível em: <<http://www.lactualite.com/actualites/politique/quand-la-mediterranee-se-fait-meurtriere/>>. Acesso em: 25 abr. de 2015.

No campo de refugiados de Dadaab o sentimento de desespero está presente, como foi ressaltado em entrevista, pela professora Josephine Gitome ao afirmar que “eles estão desesperados para retornar para casa”<sup>49</sup>. O desespero, também para eles, começa nessa jornada tortuosa em direção ao campo (FIGURA 32), acompanhado do sentimento de incerteza, ao chegar, dos traumas e vulnerabilidade vivenciados durante o trajeto e das recordações de uma vida deixada para trás (FIGURAS 33 e 34).

FIGURA 32 - Fuga de refugiados somalis em direção ao campo de refugiados de Dadaab em 2011.



Fonte: Fotografia Rebecca Blackwell, Boston.com, 2011. Disponível em: <[http://archive.boston.com/bigpicture/2011/07/horn\\_of\\_africa\\_on\\_the\\_brink\\_of.html#photo2](http://archive.boston.com/bigpicture/2011/07/horn_of_africa_on_the_brink_of.html#photo2)>. Acesso em: 28 abr. 2015.

FIGURA 33 – Refugiados somalis esperam para fazer o registro de chegada na extensão Ifo em Dadaab (2011).



Fonte: Fotografia Rebecca Blackwell, Boston.com, 2011. Disponível em: <[http://archive.boston.com/bigpicture/2011/07/horn\\_of\\_africa\\_on\\_the\\_brink\\_of.html#photo2](http://archive.boston.com/bigpicture/2011/07/horn_of_africa_on_the_brink_of.html#photo2)>. Acesso em: 28 abr. 2015.

<sup>49</sup> Professora e Diretora do Centre for Refugee Studies and Empowerment (KU-CRSE). Entrevista concedida no dia 04 de março de 2015, no centro de estudos citado, na Kenyatta University em Nairóbi.

FIGURA 34 – Espera por registro em Dadaab após dolorosa jornada.



Fonte: Arquivos do fotógrafo Jonathan Ernst (2011). Disponível em: <<http://jonathanernst.com/dadaab.html>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

Dependendo de onde eles fugiram da Somália ou dos outros países que constituem as nacionalidades dos refugiados em Dadaab, esse deslocamento pode demorar semanas ou meses. Essa extrema vulnerabilidade e dificuldades vivenciadas pelos refugiados somalis, como a violência sexual e as perdas humanas, também fazem parte da experiência dos refugiados de diferentes nacionalidades e origem, que fogem para Dadaab.

O jornalista David Muir, em 2011, acompanhou a chegada de milhares de refugiados somalis em Dadaab, nesse que foi o período de grande fluxo de refugiados devido ao agravamento de uma grande seca que afetou essa região do Chifre da África e do conflito de décadas em seu país. Diariamente chegavam em média 1500 refugiados vindos da Somália. Ao chegar nas imediações do campo, testemunhou a fragmentação de vidas desenvolvida durante o caminho.

Nós identificamos famílias arrastando seus pertences, existem carcaças de animais ao longo da estrada. É o seu gado perdido ao longo do caminho. Para muitos dos refugiados, essa é sua menor perda. Mais tarde, à beira do deserto, descobrimos sepulturas recém cavadas cobertas de sujeira. Estes são os entes queridos que não sobreviveram à jornada. Não há sinais de trânsito ao longo destas estradas de terra. Famílias simplesmente seguem aqueles à sua frente. Eles oram para não serem atingidos por bandidos ou animais selvagens. Notamos uma mulher exausta demais para continuar, sentada debaixo de uma árvore. Uma linha de tendas improvisadas no horizonte oferece um sinal de que ela está quase lá. (...) as famílias que fazem a jornada para Dadaab carregam contos inimagináveis de sofrimento e sobrevivência. (MUIR, 2011, tradução livre).

O sociólogo Pablo Blanco (2011) faz uma importante reflexão sobre as particularidades desses deslocamentos, aproximando sua complexa realidade ao escrever sobre as migrações forçadas de refugiados da África Subsaariana para a Argentina, classificando-as de migrações desesperadas, e evidenciando a sua especificidade na “experiência traumática” e “catastrófica” em que esses migrantes quase não possuem consciência dos perigos que essa experiência pode acarretar (BLANCO, 2011, p. 522, tradução livre). Baseado em entrevistas realizadas com esses refugiados que atravessaram o oceano Atlântico de maneira clandestina em navios, o autor aponta que esses deslocamentos, mesmo apresentando características tão diferenciadas, não estão presentes em tipologias clássicas sobre migração, que mostram apenas uma variação entre migrações voluntárias e forçadas.

O autor reafirma a sua classificação ao analisar o contexto social e histórico em que essas migrações provenientes da África Subsaariana, realizadas nos últimos, estão imersas e se desenvolvem, relatando a permanência dos conflitos e seu consequente aumento após a Guerra Fria, criando com isso um cenário cada vez mais caótico, e que em sua opinião, essa migração torna-se a saída do “inferno” (BLANCO, 2011, p. 523, tradução livre). O aumento da desumanização e vulnerabilidade nos últimos anos agrava essa situação.

O conceito de migrações desesperadas dá vida e forma a subjetividade dessa experiência migratória do refugiado ou de outros migrantes que se deslocam de maneira forçada, como os deslocados internos, por exemplo.

Estabelece-se para além das estatísticas e dos fluxos, ao abordar a forma desumana presente nesses deslocamentos e a complexidade de fatores envolvidos em sua formação. Uma “subjetividade em trânsito” que continua “atravessando lugares, escritórios, expectativas, desejos” e sofrendo perdas. Mas essas perdas propõem “estabelecer novos projetos na subjetividade de cada migrante” (BLANCO, 2011, p. 533-537, tradução livre), que vão em busca de novas territorialidades.

## 1.4 A busca por novas territorialidades: um olhar através das perspectivas dos migrantes forçados.

O corpo em trânsito foge, desenraizado, violentado, gasto, discriminado. Mas o seu pensamento e experiência através de sua cultura permitem criar novas formas de sobrevivência a partir da vontade e de novas formas de estar no mundo. (BLANCO, 2011, p. 539, tradução livre).

O sociólogo angolano Paulo Inglês (2015) desenvolve uma visão crítica sobre as migrações forçadas, a categoria de refugiado e de outros migrantes forçados, destacando que os processos estruturantes dessas migrações, só recentemente têm sido vistos como uma anomalia que tem como sua estrutura os aspectos sociais, econômicos e políticos, e não apenas como resultado de catástrofes ou emergências, ou seja, deve-se abarcar todo o contexto relacionado a cada processo. Ampliando a visão sobre essas discussões, e enfatizando a complexidade e diversidade dos contextos que envolvem essas migrações, o autor propõe uma mudança de perspectiva ao abordar, além dos aspectos de sofrimento e vulnerabilidade desses migrantes, os fatos positivos e formas criativas que podem surgir dessa experiência, que ao se deslocarem reafirmam a sua dignidade e lidam com situações políticas e econômicas adversas. Assim, partindo dessa análise mais completa sobre esse processo, pode-se observar a sua linearidade através das transformações e adaptações mais implícitas, e como ressalta o autor, “a migração é apenas uma expressão ou uma fase do ciclo completo.” (INGLÊS, 2015, p. 171). Para o autor:

Uma das implicações dessa perspectiva é olhar para o refugiado ou o retornado não só como sujeito que necessita de proteção (física e jurídica) de instituições internacionais, isolando-o enquanto categoria, mas situá-lo num processo mais vasto e complexo de reconfigurações sociais e políticas. (...). Também ajudaria a ter em conta que a migração é um fenômeno humano e que os seus protagonistas, os migrantes, também têm as suas visões e perspectivas e refletem sobre a migração. Considerar o que eles pensam e o que fazem talvez ajude a captar aspectos das migrações que estão para além do controle burocrático e administrativo. (INGLÊS, 2015, p. 181 - 184).

Um “desvio do olhar”, que foi tão moldado durante séculos em uma mentalidade objetiva, é cada vez mais necessário, nesse cenário em que as subjetividades estão em discussão. As complexas contradições, realidades e fenômenos expressos no espaço geográfico contemporâneo, orientam diferentes discussões e questionamentos. Colocando em debate, um pensamento e racionalidade formulados na idade moderna, não mais suficientes para responder todas às indagações da atualidade. Mas, para que se entenda esse atual contexto, é necessário voltar para o referencial histórico dessa época, onde se iniciaram as bases conjunturais da atual sociedade, com uma mentalidade mecanicista, positivista e cartesiana, formulada através do conhecimento científico moderno. Essa visão mecânica do mundo se refletiu em um

comportamento similar do ser humano, como uma espécie de moldagem de mentalidade, reafirmada na forma de viver, com poucos questionamentos acerca de outras possibilidades e perspectivas de existência.

A partir do início do século XX ocorrem transformações profundas principalmente desencadeadas pela física quântica, quando os sujeitos passam a ter um papel ativo na ciência exercendo influência nos experimentos (PESSOA, 2001). O mundo é então, visto de outra forma e por uma perspectiva mais abrangente, colocando em crise o pensamento moderno europeu evidenciando que os fenômenos demonstram a não previsibilidade e linearidade em seu estudo. O princípio da incerteza de Heisenberg, no ano de 1927 (PESSOA, 2001), colaborou de forma significativa para o reconhecimento de outras formas de pensamento, que até então eram desqualificadas. Desenvolve-se nesse contexto a emergência de um paradigma formado por esses questionamentos, motivados por um movimento de resistência e luta, não só pela sua sobrevivência, mas por um protagonismo no mundo, onde são propostas outras realidades, diversidades e particularidades, que foram suprimidas e universalizadas a partir da colonização.

O mundo como é interpretado hoje, é configurado por múltiplas e distintas tensões e relações, sejam elas econômicas, políticas, sociais ou culturais, que vão estabelecendo sem uma singular linearidade e assimetria, a emergência de diferentes contextos e realidades espaciais. Realidades essas, moduladas por uma sobreposição de escalas, através da atuação de “novos protagonistas” (GONÇALVES, 2002, p. 247) que estão construindo além de novas territorialidades e territórios, outras epistemes e geografias. Surge então, outra visão de mundo, mais complexa e com incertezas, onde os limites e as fronteiras perdem sua rigidez e o espaço geográfico apresenta uma variedade de realidades distintas e significativas, a partir de novas perspectivas e abordagens desenvolvidas por outros sujeitos que lançam questionamentos e buscam seu lugar e protagonismo. A mudança de perspectiva é então necessária para o desenvolvimento de uma abordagem científica mais abrangente.

Os migrantes classificados como “irregulares”, os refugiados, os deslocados internos e solicitantes de asilo são um importante exemplo desse movimento de contestação e questionamentos, na contemporaneidade, do sistema “moderno-colonial” (GONÇALVES, 2002, p. 224), apesar de não constituírem um nível político e organizado de luta. Para eles, a busca por novas territorialidades esbarra em uma imensidão de dispositivos de controle do seu direito de decisão de permanecer e de ir e vir e de, no caso dos refugiados, buscar refúgio. Esses dispositivos de controle não se resumem a formas materiais de contenção, como muros, centros de acolhimento e campos de refugiados, mas também pelos discursos do “medo infundado” (DELFIM, 2015). Medo da diversidade presente no mundo, orientado ainda por resquícios de

uma mentalidade desenvolvida pelo pensamento cartesiano, que a desqualifica, e que no caso dos migrantes, ganham contornos de ilegalidade.

A complexidade do fenômeno dos refugiados no mundo é justificada pelos diversos fatores, em diferentes escalas, que influenciam no seu desenvolvimento, e pelas suas diferentes perspectivas constituintes. Na visão geográfica, essa complexidade também tem como importante fator de análise, a subjetividade das relações dos refugiados com o espaço, ou seja, a relação intrínseca do ser humano com o território e sua territorialidade. Essa relação, que foi traumaticamente rompida em seu país de origem estabelece a busca por uma nova relação de pertencimento e de significado no mundo.

As migrações contemporâneas são também avaliadas através de suas dimensões subjetivas e políticas, e pelas potencialidades de seus sujeitos, por Leonora Corsini (2010). A autora afirma que os aspectos de desigualdade humana dessas migrações são resultado direto de uma globalização injusta e geradora de precariedades humanas. Mas, em suas reflexões, ela chama a atenção para a existência de novos sujeitos, ou migrantes, na análise dos processos e fluxos migratórios: os refugiados e os chamados migrantes “ilegais”, que com suas potencialidades inerentes, transformam o seu movimento migratório em resistências buscando “transformar o território em espaço de vida e a circulação em liberdade, reivindicando, enfim, uma cidadania global” (NEGRI; HARDT, 2005 apud CORSINI, 2010, p. 535), desenvolvendo com isso uma outra globalização, agora impulsionada também por eles.

Nesse sentido, podemos concluir que a circulação e a mobilidade de migrantes de todo tipo, com seus desejos, expectativas, saberes, conhecimentos, necessidades, se inter-relacionam tão profundamente com os interesses econômicos, políticos e geopolíticos dos governos do mundo globalizado – a economia-mundo, parafraseando Immanuel Wallerstein – que se torna cada vez mais necessário ler as coisas em outro sentido: como diz Yann Moulier-Boutang (1998), são agora as periferias que se voltam contra o Velho Mundo, e não o contrário.

O autor Fabrício Toledo de Souza ao refletir sobre o drama vivenciado pelos refugiados no mundo e as condições de tragédia que determinam a sua fuga, enfatiza que “é preciso ir além e verificar que mesmo naquilo que parece o último sopro de vida ainda há resistência” (SOUZA, 2014, p. 110). O mesmo autor ao citar, também, Michael Hardt e Antonio Negri (2005), fala dessa experiência de fuga não só como uma tentativa de sobrevivência, mas também de novas possibilidades ou esperanças.

É preciso afirmar então, no caso concreto dos refugiados e migrantes, a força constituinte e ontológica de sua fuga. Isso significa sustentar o caráter antecedente e constituinte da fuga, e, em seguida, o direito como terreno imanente às lutas dos refugiados, de onde emergirá, assim, uma nova narrativa sobre o direito e sobre a justiça. Neste terreno de lutas, a fuga dos refugiados é produção de resistência, de subjetividades: produção do ser. (SOUZA, 2014, p. 115).

No momento de sua fuga leva-se o que está ao seu alcance e o que é de maior importância. Em alguns casos só a sua vida. As recordações do que um dia foi o seu lar, o território detentor de grande simbolismo (HAESBAERT, 2004), são levadas apenas em suas memórias. Essa experiência é retratada no projeto desenvolvido pela organização International Rescue Committee, com os refugiados que chegavam à ilha grega de Lesbos em 2015. Um dos refugiados entrevistados, que deixou ser fotografado e identificado, foi o artista sírio de 20 anos, chamado Nour. Ele relata o momento de sua fuga enfatizando que conseguiu preparar apenas duas mochilas, mas a que continha suas roupas teve que ser deixada durante a sua ida para a Grécia. Essa foi uma determinação dos traficantes de pessoas, por causa do peso nas embarcações. Os seus poucos pertences (FIGURA 35) resumiram-se, então, a alguns itens indispensáveis e cheios de recordações. Nessa pesquisa, os pertences trazidos pelos refugiados em suas mochilas no momento de sua fuga e em sua chegada têm no depoimento de Nour, uma de suas expressões:

Nour tem uma paixão pela música e arte. Ele tocou guitarra na Síria durante sete anos e pintou. Como bombas e tiros ecoavam à distância, Nour pegou os itens mais próximos de seu coração antes de fugir para a Turquia - coisas que hoje evocam memórias agridoces de casa. (INTERNATIONAL RESCUE COMMITTEE, 2015, tradução livre).

FIGURA 35 - Únicos pertences do refugiado sírio Nour.



Fonte: International Rescue Committee. Disponível em: <<https://medium.com/uprooted/what-s-in-my-bag-758d435f6e62#.4pfnrbhzn>>. Acesso em: 23 set. 2015.

Apesar dos poucos pertences, os refugiados levam também suas subjetividades, riqueza de conhecimentos e potencialidades (SOUZA, 2014). As mochilas e malas que alguns conseguem preparar simbolizam apenas uma pequena parte de sua história, mas não conseguem dar uma exata dimensão dessas “Geografias em Movimento” (BORDAS, 2013).

**Capítulo 2 - As implicações humanas da face perversa e “excludente” da globalização: tempos de imobilidade e estratégias de contenção territorial.**



Fonte: Imagem intitulada “Kakuma 42 graus” (2002) criada pela artista visual, escritora e fotógrafa brasileira Marie Ange Bordas do campo de refugiados de Kakuma no Quênia, presente na obra Deslocamentos. Disponível em: <<http://marieangebordas.com/>>. Acesso em: 20 out. 2015.

*E logo adiante da fronteira entre “nós” e os “outros” está o perigoso território do não-pertencer, para o qual, em tempos primitivos, as pessoas eram banidas e onde, na era moderna, imensos agregados de humanidade permanecem como refugiados e deslocados internos.*

Edward Said, 2003, grifos do autor.

## 2.1 Território: o conceito em análise.

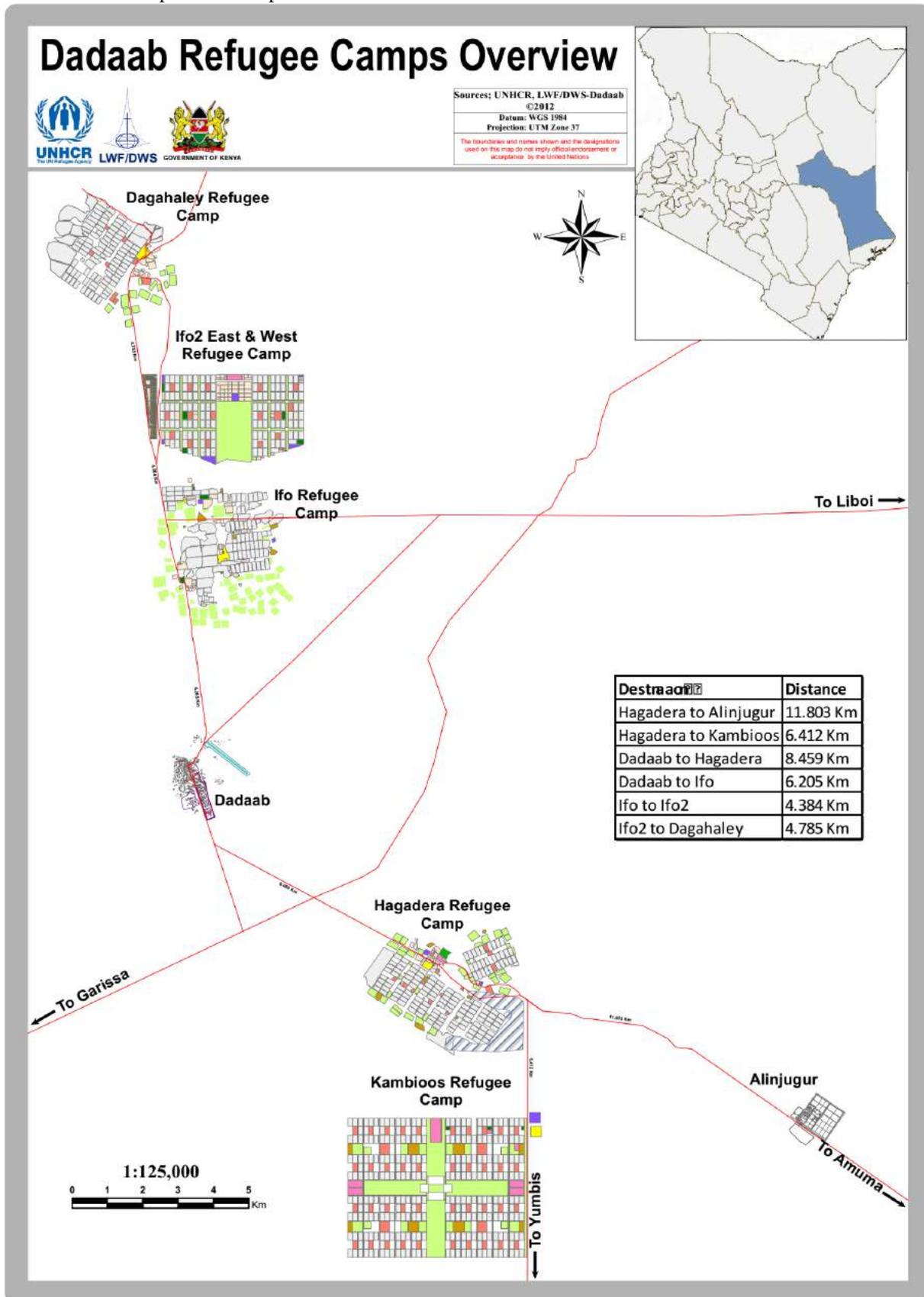
A abordagem do conceito de território nessa dissertação refere-se ao olhar geográfico empregado no questionamento central da pesquisa. Questionamento esse, referente à compreensão dos fatores estruturantes e formadores da dinâmica territorial desse campo de refugiados. Como ele foi formado? Quais os atores responsáveis pelos processos de desterritorialização dos refugiados em seus países de origem, que os fizeram migrar de forma desesperada em busca de um refúgio? Como ocorreria o processo de reterritorialização dos refugiados, em um lugar formado para sua contenção, sem prazos? Dadaab foi questionado em sua formação, observando que esse processo de 25 anos de existência, ainda está em andamento. Ele é formado diariamente, em uma dinâmica complexa de contradições, entre refugiados, organizações internacionais humanitárias e governo queniano. Juntos, eles compõem a dinâmica territorial do campo, permeada então, por múltiplas e diversificadas relações de poder, sendo estas, “o foco conceitual” do território (HAESBAERT, 2014, p. 92). O campo de refugiados de Dadaab, ao longo dos seus 25 anos de formação, cresce e se expande formando, hoje, um complexo de 5 campos separados (MAPA 07), com um total de 348 mil refugiados, ocupando uma área total de 50 km<sup>2</sup>. O fluxo de refugiados para Dadaab é constante.

O campo de refugiados de Dadaab poderia ser visto como um lugar ou uma “paisagem de esperança e desespero” (PETEET, 2005, tradução livre), mas a sua formação e construção, é a de um território, ou seja, um espaço de dominação, controle, contenção de pessoas e de uma apropriação simbólica dos refugiados. Assim, o conceito de território aqui abordado, auxilia na compreensão da formação desse campo, produzindo “uma linha, um regime de luz que ilumina de certo modo a superfície do real, dando forma, contorno, maior nitidez e resolução a certos aspectos, dimensões e fenômenos da realidade” (CRUZ, 2011, p. 92).

Definido o conceito que será trabalhado nesta pesquisa, surgem então outros questionamentos. Qual seria a definição deste conceito, ou perspectiva trabalhada, para que se compreenda a formação do campo de refugiados de Dadaab? Qual definição poderia ser dada a esse território tão complexo? Para que se tenha uma melhor compreensão do conceito de território, aqui trabalhado, é necessário discutir, de maneira breve, o longo caminho percorrido na sua conceituação. Como bem ressalta Rogério Haesbaert:

Mais importante, portanto, do que esta caracterização problemática, porque genérica e aparentemente dicotômica, é perceber a historicidade do território, sua variação conforme o contexto histórico e geográfico - inclusive, como já ressaltamos, dentro das diversas fases do capitalismo. Os objetivos dos processos de territorialização, ou seja, de dominação e/ou de apropriação do espaço, variam muito ao longo do tempo e dos espaços. (HAESBAERT, 2007, p. 28).

MAPA 07 - Complexo de campos de Dadaab em 2012.



Fonte: Dadaab Refugee Camps Overview (UNHCR, 2012).

Ao retornar nos primórdios da pré-história, a relação entre os povos primitivos e o lugar em que viviam, já era permeada de significados. Neste lugar, ou nos lugares por onde traçavam sua jornada de vida, uma relação de apropriação simbólica era criada, através do uso dos recursos, então disponíveis, e do seu uso como abrigo. Dessa relação então vivida nasceram as primeiras manifestações do significado desse espaço através, por exemplo, das pinturas rupestres, hoje importantes registros arqueológicos, que nada mais são do que relatos ou expressões dessa experiência com o espaço, então percebido e apropriado, embora a sua delimitação não fosse feita de forma tão concreta como os muros ou cercas da atualidade. O espaço como território mostra suas feições desde então.

Com a origem da propriedade privada, a formação dos Estados Soberanos na Europa em 1648 e a Paz de Westfália, o contexto de dominação do espaço foi exercido em pleno vigor, e já na contemporaneidade “a dinâmica de acumulação capitalista” fez com que, a dominação “sobrepusesse quase completamente” a apropriação do espaço (HAESBAERT, 2014, p. 58). Nesse sentido, o território é interpretado com maior convicção na sua “função” ou no “ter”, ao invés do “ser” (Ibidem, p. 61)<sup>50</sup>. No contexto da modernidade e da formação dos Estados-Nações no século XIX, o conceito de território ganha um caráter de natureza política e de dominação. Seguindo essa conotação, surge então, a sua discussão na Geografia, desenvolvida por Friedrich Ratzel na segunda metade do século XIX, influenciado pela conjuntura de unificação da Alemanha, nessa época, e do seu processo de expansão imperialista.

Do caráter político e de relações de poder centralizadas, apenas na figura do Estado no século XIX, o conceito de território, é discutido ao longo dos diferentes contextos históricos, em perspectivas que acrescentariam à sua conceituação, novas possibilidades de compreensão. É importante observar que “desde sua origem, o território nasce com uma dupla conotação, material e simbólica”, ambas relacionadas com o significado de poder, tanto o poder político de dominação do Estado, por exemplo, quanto o poder simbólico, através de uma apropriação (HAESBAERT, 2014, p. 57)<sup>51</sup>. Na contemporaneidade, o conceito de território, é discutido de forma “renovada, em obras como a de Jean Gottmann (1952), entendida, sucintamente, com um caráter político-administrativo para além do Estado-Nação, contemplando-se aspectos materiais e ligados ao mundo das ideias” (SAQUET, 2007, p. 62). O desenvolvimento, mais acentuado,

<sup>50</sup> Nessa reflexão Rogério Haesbaert refere-se à visão culturalista de território dos autores Bonnemaïson e Cambrèzy (1996).

<sup>51</sup> Rogério Haesbaert (2014) discute essa concepção de território, através das reflexões de Henri Lefebvre, que apesar de não utilizar o termo “território”, e sim espaço, diferencia dominação de apropriação, ao relacionar a primeira, a um “processo mais objetivo, funcional e vinculado ao valor de troca”, enquanto a apropriação refere-se a “um processo muito mais simbólico, carregado das marcas do vivido, do valor de uso” (HAESBAERT, 2014, p. 57).

de novas abordagens em relação ao conceito de território, ocorre a partir dos anos de 1960 e 1970, através da concepção do materialismo histórico e dialético, rediscutindo, também, territorialidade, a partir de estudos articulados realizados na filosofia e nas ciências sociais (SAQUET, 2007).

Além de Jean Gottmann, outro geógrafo que trouxe grandes contribuições na discussão do conceito de território, foi Claude Raffestin que “desde os anos 1970, constrói uma argumentação em favor de uma concepção multidimensional de território e da noção de territorialidade” (SAQUET; BRISKIEVICZ, 2009, p. 05). Para o autor, território e territorialidade ocorrem além da ação do Estado, através também, de diferentes ações sociais, redimensionando assim as relações de poder. A concepção de múltiplos poderes abordada por Michel Foucault, teve grande influência no pensamento de Raffestin. Marcos Aurelio Saquet (2007), ao referir-se às contribuições importantes de Raffestin, salienta também que:

Outra contribuição fundamental de Claude Raffestin, em outra obra (1984), diz respeito ao que denomina de *processo TDR* (territorialização, desterritorialização e reterritorialização), que se dá em virtude de fatores, principalmente, econômicos: o mercado é um *lugar de emissão de símbolos*, sinais, códigos. Estes estão presentes, para C. Raffestin, a partir da argumentação de Deleuze e Guattari (1972/1976), na dinâmica econômica, nas informações e comunicações, nos preços e também significam reterritorialização. O processo de *TDR* gera um *espaço temporalizado* em razão destas informações que circulam e comunicam. A territorialização, para Raffestin (1984), é um processo de relações sociais, de perda e reconstrução de relações, substantivando uma abordagem relacional e transescalar do território e da territorialidade. (SAQUET, 2007, p. 62).

A importância da contextualização histórica na abordagem dos conceitos que serão utilizados, também é destacada por Milton Santos (1998), que enfatiza o caráter híbrido do território. Para o autor:

Vivemos com uma noção de território herdada da Modernidade incompleta e do seu legado de conceitos puros, tantas vezes atravessando os séculos praticamente intocados. É o uso do território, e não o território em si mesmo, que faz dele objeto da análise social. Trata-se de uma forma impura, um “híbrido”, uma noção que, por isso mesmo, carece de constante revisão histórica. O que ele tem de permanente é ser nosso quadro de vida. (SANTOS, 1998, p. 15, grifo nosso).

Esse caráter híbrido do território destacado acima por Milton Santos, e suas distintas possibilidades e fatores de apreensão da realidade, torna mais compreensível a complexidade então vigente. Percebe-se assim, que o território “manifesta hoje um sentido multiescalar e multidimensional que só pode ser devidamente apreendido dentro de uma concepção de multiplicidade” (HAESBAERT, 2014, p. 86). Com o objetivo de apreender a complexidade de fatores constituintes desse conceito, Rogério Haesbaert (2012, p. 235) desenvolve uma perspectiva integradora em que vê:

o território – ou os processos de territorialização – como fruto da interação entre relações sociais e controle do/pelo espaço, relações de poder em sentido amplo, ao mesmo tempo de forma mais concreta (dominação) e mais simbólica (um tipo de apropriação).

Essa expansão da compreensão do conceito de território, não só atrelado à configuração estatal, mas também a outros atores constituintes, é igualmente abordada na noção de territorialidade do geógrafo Robert Sack (2013). Para o autor, a compreensão de alguns lugares como territórios auxilia na compreensão dos detalhes de certas atividades, iluminando seus diferentes efeitos, ou seja, o fenômeno em si. O território, para o autor, é visto como uma área geográfica controlada. Um espaço delimitado “torna-se território somente quando seus limites são usados para afetar o comportamento ao controlar o acesso” (SACK, 2013, p. 77).

A relação dos seres humanos com o território, ou “o meio pelo qual espaço e sociedade estão inter-relacionados”, compõem o significado, para o autor, da territorialidade. Percebida, através de relações cotidianas ou complexas, de um indivíduo ou de um grupo. Ela é um tipo particular de comportamento no espaço, permeado por motivações ou objetivos. Essa relação, porém, para ele, é vista como uma relação social de poder, na qual o controle sobre uma determinada área é desenvolvido, e está presente em diferentes sociedades, tanto as que possuem divisões, com a disseminação da propriedade privada, por exemplo, quanto a igualitária, podendo ocorrer, também, em diferentes níveis de escala (SACK, 2013).

O autor destaca, que a territorialidade, vista simplesmente como o “controle da área”, “tem servido até agora como uma definição reduzida” (Ibidem, p. 76). Como complemento às suas reflexões sobre territorialidade, o autor a define como “a tentativa, por indivíduo ou grupo, de ‘afetar’, ‘influenciar’, ou ‘controlar pessoas’, fenômenos e relações, ao delimitar e assegurar seu controle sobre certa área geográfica” (Ibidem, p. 76, grifo nosso). Territorialidade “está intimamente relacionada ao como as pessoas usam a terra, como organizam o espaço e como dão significados ao lugar” (SACK, 1986 apud SAQUET, 2011, p. 81).

As reflexões sobre o conceito de territorialidade, desenvolvidas por Robert Sack, auxiliam, de forma significativa, na compreensão da construção de territorialidades no campo de refugiados de Dadaab, que foi formado com o intuito de controle da população de refugiados e da sua circulação no território queniano. Esta formação não está relacionada a uma alternativa de assistência humanitária, mas a uma estratégia de contenção e controle do grande fluxo de refugiados que se formava na década de 1990. Essa é a relação estabelecida entre o governo queniano e os seus dois campos de refugiados, ou seja, é a territorialidade (FIGURAS 36 e 37) desenvolvida, por esse governo, nessas áreas geográficas, compreendidas assim, por territórios,

nos quais, o comportamento desenvolvido é o de “afetar, influenciar, ou controlar pessoas” (Ibidem, p. 76). Como destaca Sack (2013) é preciso conhecer não só, o que a territorialidade é, mas também, observar os seus efeitos.

FIGURA 36 - Registro eletrônico de novos refugiados em Dadaab em 2011.



Fonte: Al Jazeera, 2011. Disponível em: <<http://www.aljazeera.com/indepth/inpictures/2011/07/2011781567358646.html>>. Acesso em: 25 mai. 2016.

FIGURA 37 - Cercas e controle no centro de distribuição de alimentos em Dadaab.



Fonte: Los Angeles Times, 2012. Disponível em: <<http://www.latimes.com/world/population/la-fg-population-matters3-20120726-html-htmlstory.html>>. Acesso em: 20 mai. 2016.

Os efeitos causados pela territorialidade são discutidos pelo autor através de três relações que são interdependentes e a compõe: a classificação por área através de imposição de limites, a criação de uma forma de comunicação da existência desses limites e, por último, a imposição de controle de acesso à área. No campo de refugiados de Dadaab, essas três relações podem ser, claramente, percebidas. Para os refugiados o controle é sentido em quase todos os aspectos: água, comida, saúde, saída e entrada, construção de abrigos mais resistentes, desenvolvimento de atividades econômicas, corte de árvores e proibição de trabalho, por exemplo. Para os visitantes ou trabalhadores, o controle é feito apenas para o acesso de entrada. É necessária uma autorização do governo queniano, para entrar nos seus campos de refugiados. É importante observar, também, o controle exercido pelas Nações Unidas nesse campo de refugiados, como forma de coordenação e administração do acesso a muitas coisas no campo. O registro de refugiado<sup>52</sup>, o recebimento do cartão de alimentação, o acesso à água e à lona de plástico e o desenvolvimento de projetos são alguns dos exemplos, em que o seu controle neste território é estabelecido. O autor e pesquisador da organização Human Rights Watch, Ben Rawlence, observa a forma de organização política do campo de refugiados de Dadaab, desenvolvida pela coordenação conjunta das Nações Unidas e do governo queniano. O autor destaca o papel central dessas instituições no campo, salientando que, apesar da existência de eleições entre os refugiados, para escolha de seus representantes em reuniões de coordenação do campo, não existe uma democracia, apenas uma forma de “autocracia consultiva”, em que o governo queniano e as Nações Unidas operam, sob alguns aspectos, fazendo vista grossa para muita coisa que acontece no campo, mas em relação a outras questões, são contundentes na imposição de restrições.<sup>53</sup>

Essas territorialidades, em que o controle assume fator primordial na sua constituição e nas práticas territoriais, observadas por Robert Sack, são desenvolvidas, também, pelos refugiados no campo de Dadaab, principalmente, como forma de proteção. Não existe uma delimitação material, em forma de cercas ou muros, ao redor da área total do complexo de campos de Dadaab, apenas uma proibição de saída dos seus limites de 50 km<sup>2</sup>, assim como

---

<sup>52</sup> O fornecimento desse registro era feito apenas pelas Nações Unidas (UNHCR), mas hoje é realizado em conjunto com o governo queniano, através do seu Departamento de assuntos relacionados a refugiados.

<sup>53</sup> Informações de Ben Rawlence, em seu artigo, citado anteriormente, publicado para o jornal inglês The Guardian, intitulado **Story of Cities #40: will Dadaab, world’s largest refugee camp, really close?**, em 17 de maio de 2016. Disponível em: <[https://www.theguardian.com/cities/2016/may/17/story-of-cities-44-dadaab-kenya-worlds-largest-refugee-camp-closed?CMP=share\\_btn\\_fb](https://www.theguardian.com/cities/2016/may/17/story-of-cities-44-dadaab-kenya-worlds-largest-refugee-camp-closed?CMP=share_btn_fb)>. Acesso em: 18 mai. 2016. O autor desenvolveu essa pesquisa, que se transformou em livro, durante cinco anos, dos quais, ao todo, passou cinco meses no campo de refugiados de Dadaab.

também, não existe um policiamento eficaz em todo o complexo. Muitas pessoas saem e entram no campo, sem que sejam percebidas. A área do campo é extensa e aberta, e o mais importante nessa questão, é a sua proximidade da fronteira com a Somália. Os refugiados vivem, dessa forma, uma insegurança e vulnerabilidade extrema, já que o seu fluxo é constante e a identificação das pessoas é difícil sob essas condições. Com o passar dos anos, os refugiados vão construindo estruturas melhores de moradia e acrescentando cercas de proteção e delimitação de área, formando comunidades, como as dos etíopes (FIGURA 38) e sudaneses, que são a minoria, em um campo onde o domínio somali é evidente. Além da violência externa existem, também, os conflitos e tensões geradas entre os refugiados.

O antropólogo Michel Agier (2002), que pesquisou durante alguns meses no campo de refugiados de Dadaab e ficou hospedado nas instalações da organização internacional dos Médicos sem Fronteiras, relata sobre a construção de uma dessas comunidades, na extensão de Dagahaley, construída pelos refugiados do Sudão do Sul e chamada por eles de Equatoria Gate. O autor a descreve como um espaço que expressa comportamento de medo, rejeição e defesa. Segundo o autor:

Este grupo foi relocado para Dagahaley, onde foi construído um espaço notável, diferente dos refugiados somalis, mas também, dos sudaneses nos outros dois campos.<sup>54</sup> O habitat é organizado em fileiras de casas pequenas de barro, bem alinhadas em ambos os lados de uma rua principal perfeitamente linear, com 50 metros de comprimento, na extremidade dos quais, uma igreja de barro foi construída, com um sentido distinto da perspectiva arquitetônica. Uma creche, uma fileira de chuveiros, um banheiro e um pequeno campo de voleibol completa o que parece ser uma moderna aldeia de sudaneses do Sul ou, pelo menos, um bairro de uma cidade em miniatura. O espaço distinto é cercado por uma cerca de espinhos e arame farpado ao longo do qual, cada noite, 12 homens se revezam, em grupos de três, para guardar o perímetro da quadra. Como em outros blocos, o portão principal fecha às 18 horas, durante a noite inteira. Lá, o inimigo da noite é um vizinho imediato: “Eles são Somalis Bantu”, explicam os jovens líderes do quartel sudanês, “quem quer sangue paga com dinheiro” (o que significa que, tão logo qualquer problema aconteça, por exemplo, uma briga entre crianças de diferentes grupos, os vizinhos vêm imediatamente e exigem compensação em dinheiro). No portão de metal reciclado são esculpidas as palavras à mão “Equatoria Gate”, em memória ao distrito do Sudão do Sul, de onde eles fugiram em 1994-1995. (AGIER, 2002, p. 328, tradução livre).

---

<sup>54</sup> Os outros dois campos que Michel Agier cita são Hagadera e Ifo. Na época da pesquisa de campo do autor, Ifo 2 e Kambioos não tinham sido construídos.

FIGURA 38 – Comunidade etíope de Gambela na extensão Ifo do campo de refugiados de Dadaab em 2016.



Fonte: Foto de A. Nasrullah. Publicação na rede social Facebook (UNHCR/Kenya) em 05 de maio de 2016.

A principal consequência dessa territorialidade abordada por Sack, em que o controle exerce um papel estruturante, no campo de refugiados de Dadaab pelo governo queniano é uma reterritorialização dos refugiados, extremamente precária e norteadas por limites e dificuldades. Os espinhos, tão característicos dessa região do Quênia, mostram mais que a aridez desse lugar. Evidenciam como as diferentes formas de vida sobrevivem nessa região. Os espinhos são estruturas modificadas de uma planta, estrategicamente, para uma melhor adaptação ao ambiente em que se encontram, protegendo-a, por exemplo, de uma desidratação. No campo de refugiados de Dadaab, além das estratégias criadas para sobreviver com recursos tão escassos, como a água, existe uma luta diária para transformar o controle, das cercas e muros visíveis e invisíveis do campo, em possíveis formas de “vida”. Esses espinhos,<sup>55</sup> mostram as duas faces do campo: as dificuldades que machucam e as adaptações estratégicas de sobrevivência dos refugiados, em forma de resistência e de superação, ou contornamento, desse controle (FIGURA 39).

<sup>55</sup> As reflexões sobre os espinhos do campo de refugiados de Dadaab tiveram como inspiração o título do livro sobre esse campo de refugiados, intitulado **City of Thorns: nine lives in the world's largest refugee camp** do autor Ben Rawlence (2016).

FIGURA 39 – Espinhos que transpassam as cercas e o controle do campo de refugiados de Dadaab.



Fonte: Foto de arquivo do projeto Warehoused, documentário que está sendo produzido em Dadaab. Publicada na rede social Facebook em 28 de setembro de 2013.

O controle esclarece aspectos importantes desse campo de refugiados, mas em Dadaab existem múltiplas territorialidades. Sua conceituação como território, só pode ser compreendida de forma integradora, como nas reflexões de Rogério Haesbaert (2012), mencionadas anteriormente. Formado por políticas de contenção territorial do Quênia e por um contexto complexo global, em que os atuais conflitos e deslocamentos forçados de pessoas são motivados por diferentes atores e estratégias, esse campo, como sua própria designação o denomina, é de “refugiados”. Eles não possuem o controle pleno e posse material desse território, mas mantêm uma relação simbólica, mesmo que frágil ou temporária, nesse local onde sobrevivem (FIGURA 40). No campo de refugiados de Dadaab, por exemplo, eles se casam, têm filhos, tornam-se avós, adquirem novos conhecimentos, convivem com outras realidades, aprendem novas línguas e enterram seus entes queridos (FIGURA 41). São vidas que buscam um significado, mesmo suspensas, em um campo de refugiados.

FIGURA 40 – Escoteiros da escola primária Amani na extensão Hagadera em Dadaab (2015).



Fonte: UNHCR/Kenya. Publicação na rede social Facebook em 15 mar. 2015.

FIGURA 41 – Enterro de uma criança de 3 anos na extensão Dagahaley no campo de Dadaab em 2011.



Fonte: Fotografia Rebecca Blackwell, Boston.com, 2011. Disponível em: <[http://archive.boston.com/bigpicture/2011/07/horn\\_of\\_africa\\_on\\_the\\_brink\\_of.html#photo2](http://archive.boston.com/bigpicture/2011/07/horn_of_africa_on_the_brink_of.html#photo2)>. Acesso em: 28 abr. 2015.

O depoimento de Mohamed Hussein Hassan, em abril de 2015, que nasceu no campo de refugiados de Dadaab e conhece a história de migração forçada de sua família por diferentes

países até chegar no Quênia, expõe a relação construída nesse lugar, que é o único que ele conhece como lar.<sup>56</sup> Com o desenvolvimento do pior atentado terrorista do grupo somali Al Shabaab no Quênia, iniciou-se uma discussão do possível fechamento imediato do campo. Norteadado pelas incertezas das prováveis medidas que seriam tomadas e da inexistência de um lugar seguro para ir, Mohamed escreveu, duas semanas após o atentado, sobre o sentimento da possível perda, desse que é, o seu único refúgio, e sobre os laços criados no campo de refugiados de Dadaab.

Ah as memórias! Lembro-me de quando eu era criança, crescendo na extensão Ifo do campo de refugiados de Dadaab. Eu ia para a escola todas as manhãs. Às vezes, com o estômago vazio. A educação era um empreendimento solene naqueles dias. Lembro-me de mulheres idosas aprendendo inglês sob as sombras das árvores. Todo mundo estava ansioso para construir um futuro brilhante para sua família. Ninguém queria ser chamado de refugiado. Era como um insulto. Mas, agora tornou-se a nossa identidade, e o Quênia começou a nos odiar pelo o que somos. (...). Dadaab ficará para sempre em minha mente, não importa o que aconteça. (...). A poeira. O Sol escaldante. As acácias secas. Eles são todos nossos.<sup>57</sup>

Muitos refugiados passam um longo tempo tentando o reassentamento em outro país para conseguir sair do campo de Dadaab, em busca de uma vida melhor. Mas, nem todos conseguem se adaptar a um modo de vida tão diferente das tradições dos seus países de origem e preferem retornar. O depoimento do refugiado somali conhecido em Dadaab por Sufi Barre (FIGURA 42), em fevereiro de 2016, expressa essa experiência:

Os Estados Unidos não é um paraíso como muitos de vocês pensam. Seis meses foi o suficiente, não era o lugar certo para mim. Eu tive que exigir um retorno imediato à minha terra natal. Eles me disseram que a Somália não era segura, então eu escolhi voltar para Dadaab, a minha segunda casa onde morei desde 1991. Ao chegar em Minnesota, caí doente e não podia nem mesmo comer ou rezar. Todos os médicos brancos falharam no meu tratamento, mas quando eu estava no avião de volta para a África, graças à comunidade Sufi de Minnesota, eu miraculosamente acordei e recuperei a minha força. Alhamdulillah, agora estou respirando um ar saudável aonde eu conduzo minha rotina diária de fazer caridade, orando e lendo Alcorão para as pessoas. Se o campo fechar, eu vou caminhando para Kismaio onde ninguém vai me controlar. Enquanto isso é melhor eu ficar no campo de refugiados do que ir para a América e ficar doente.<sup>58</sup>

<sup>56</sup> Apesar das restrições de saída do campo, Mohamed conseguiu sair muitas vezes, através de um passe de movimento, para ir a Nairóbi. Mohamed utiliza a rede social Facebook, para compartilhar suas memórias e seu dia a dia. Ele utiliza o pseudônimo de Asad Hussein nessa rede social. Mohamed tem hoje, aproximadamente 20 anos.

<sup>57</sup> Depoimento de Mohamed Hussein Hassan publicado Sahan Journal em 16 de abril de 2015, intitulado **Why I call Dadaab home**. Disponível em: <<http://sahanjournal.com/call-dadaab-home/#.V3r0JPkrLrf>>. Acesso em: 20 jun. 2015.

<sup>58</sup> Depoimento de Sufi Barre para o jornalista somali Moulid Hujale na extensão Ifo do campo de refugiados de Dadaab em fevereiro de 2016. O depoimento foi publicado na rede social Facebook de Moulid Hujale em 18 de julho de 2016.

FIGURA 42 – O retorno para o campo de refugiados de Dadaab.



Fonte: Foto e publicação de Moulid Hujale na rede social Facebook em 18 jul. 2016.

Mesmo frágil e permeada por tantos obstáculos, uma relação simbólica, e com alguns significados, como no caso de Sufi Barre, é construída ao longo dos anos no campo de refugiados de Dadaab, ainda que sob aspectos ambíguos.

### 2.1.1 Território de exceção: o não pertencer e a espera.

A imagem exposta na abertura desse capítulo é do outro campo de refugiados no Quênia, chamado Kakuma, situado na região noroeste, na fronteira com o Sudão do Sul. A tradução de seu nome, de origem suaíli<sup>59</sup>, é “lugar nenhum”. O projeto artístico Deslocamentos de Marie Ange Bordas, citado anteriormente, questiona que tipo de relação humana é constituída nesse lugar, envolta em um ciclo de experiências tão traumáticas, como a dos deslocamentos forçados e a vida em um campo de refugiados. Essa imagem expõe a reflexão: “como apropriar-se de um espaço quando sua vida está suspensa?” (BORDAS, 2006)<sup>60</sup>.

<sup>59</sup> Uma das línguas oficiais do Quênia.

<sup>60</sup> Texto de abertura criado por Marie Ange Bordas, exposto nas instalações artísticas da obra Deslocamentos em seu site, citado anteriormente.

Esse é um dos questionamentos expostos no início deste capítulo. Qual definição poderia ser dada a esse território tão complexo? Por sua complexidade, não apenas um olhar deveria ser desenvolvido na busca por respostas. O campo de refugiados de Dadaab, assim como o de Kakuma, faz surgir muitos questionamentos. Cada campo de refugiados no mundo tem a sua especificidade e contexto de formação, a sua geografia. A particularidade de Dadaab é a extrema resistência e força dos refugiados diante de tantas imposições. Um “território de resistências”. Mas algumas indagações os unem, em um emaranhado de fios que os tecem.

O território do não pertencer abordado por Edward Said, na citação de abertura, reflete sobre a relação primordial de um ser humano com o espaço. A existência humana é atrelada a ele. “Pertencer”. Fazer parte de um lugar, existir nele, independente de se ter a sua posse material ou não. Ter a condição mínima, de se apropriar simbolicamente, criar laços. O território “etimologicamente”, como enfatiza Roberto Lobato Côrrea, “deriva do latim *terra* e *torium*, significando terra pertencente a alguém. Pertencente, entretanto, não se vincula necessariamente à propriedade da terra, mas a sua apropriação” (CORRÊA, 1998, p. 251). A apropriação simbólica nos campos de refugiados é extremamente precária, assim como a territorialidade criada nesse espaço por eles. A territorialidade mais sentida é a que foi produzida nos países de que se deslocaram de maneira forçada. A lembrança contraditória e sofrida, dos momentos felizes e do desespero dos conflitos. Para os que nasceram no campo, sem conhecer a terra de seus familiares, a precariedade é ainda maior. Só conhecem o que é viver em um campo. O depoimento de Moulid Iftin Hujale expressa a experiência do “não pertencer”:

Sinto-me embaraçado quando eu sou forçado a me apresentar como "um refugiado somali que vive no Quênia". Não estou mais na Somália e, no entanto, eu não sou um cidadão queniano; então, onde eu pertencço? Eu vou ser um refugiado para sempre? Sinto que estou perdido em um “espaço intermediário”<sup>61</sup>. Mas eu acredito em quem eu sou. (HUJALE, 2011, tradução livre, grifo nosso).<sup>62</sup>

Em entrevista realizada<sup>63</sup> com Moulid Hujale (FIGURA 43), ele afirmou que esse sentimento de permanecer em um espaço intermediário continua, mesmo após ter conseguido a possibilidade de sair do campo de refugiados de Dadaab, e hoje morar e trabalhar em Londres. Moulid destacou que:

<sup>61</sup> Espaço intermediário foi a tradução feita para a expressão “in-between”, então utilizada por Moulid Iftin Hujale nessa citação.

<sup>62</sup> Depoimento de Moulid Hujale, refugiado somali que viveu quase 15 anos em Dadaab. Hoje, trabalha como jornalista em Londres. Artigo publicado pela Integrated Regional Information Networks (IRIN) em 2011. Disponível em: <<http://www.irinnews.org/report/93527/kenya-somalia-refugees-story>>. Acesso em: 04 fev. 2016.

<sup>63</sup> A entrevista foi realizada através de algumas perguntas que foram enviadas para Moulid, por email e respondidas no dia 27 de abril de 2016. As perguntas foram enviadas dois dias antes.

Claro, sinto-me longe de casa e não inteiramente pertencente onde estou, mas gosto da liberdade e dos direitos. Aqui é muito melhor que Dadaab. A liberdade de movimento, o direito a uma educação com qualidade e assistência médica, e o mais importante, o direito de trabalhar.

FIGURA 43 – Moulid Hujale em palestra no campo de refugiados de Dadaab em 2016.<sup>64</sup>



Fonte: Publicação de Moulid Hujale na rede social Facebook em 16 abr. 2016.

O sentimento de não pertencimento dos refugiados somalis, não se resume só à vida nos campos. O impacto do deslocamento prolongado, a percepção de lar e pertencimento entre os refugiados somalis que vivem no Quênia, tanto nos campos quanto na capital, foi estudado pela antropóloga queniana Idil Lambo (2012), em pesquisa realizada para o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (UNHCR). “A vida em um limbo” é o resumo de suas vidas no Quênia. A constante perseguição policial e a quase inexistência da possibilidade da cidadania queniana indicam que a sua integração nesse território é praticamente inexistente. Sua permanência, se restringe apenas à condição de refugiado, e nenhum direito além disso. “Mesmo se quiséssemos ser quenianos, não poderíamos, porque somos vistos como diferentes”.<sup>65</sup>

<sup>64</sup> Mesmo morando, agora, em Londres, Moulid Hujale retorna algumas vezes para o campo de refugiados de Dadaab, para realizar trabalhos humanitários e como jornalista. O workshop realizado tinha como tema as condições do repatriamento voluntário dos refugiados somalis para o seu país.

<sup>65</sup> Relatos de refugiados que moram em Nairóbi, presentes em entrevistas realizadas em 21 de setembro de 2011, em Eastleigh, Nairóbi (Quênia) pela pesquisadora Idil Lambo.

O resultado da pesquisa de Idil Lambo mostrou que todos os refugiados somalis que foram entrevistados, afirmaram que só tinham um sentimento de pertencimento à comunidade somali existente no Quênia. Esse é o refúgio criado por eles.

O outro olhar desenvolvido na busca de uma compreensão desse território é direcionado para o tempo. Os deslocamentos são “pontuados de tempos, mais ou menos longos, de espera”, tendo como sua “tradução espacial” os territórios da espera, ou lugares do “entre-deux”<sup>66</sup>, onde existe “uma geografia dos tempos de parada e dos lugares da espera” (VIDAL, L.; MUSSET; VIDAL, D., 2011, p. 01, 11 e 12).

São espaços que crescem no mundo, alargando as fronteiras políticas em função da construção cada vez maior de zonas de espera, campos de trânsito e de refugiados, estendendo-se também no tempo, para um grande número de pessoas, onde sua “temporalidade suspensa” faz com que essas pessoas não façam “outra coisa senão ‘empurrar o tempo’, como dizem alguns refugiados” (AGIER, 2015a, p. 73, grifo do autor). Mas o tempo da espera provoca, também, outras percepções. “Nestes espaços confinados, passado, presente e futuro são definidos de outra maneira. Com efeito, longe de ser um tempo morto, o tempo de espera é um tempo de reinvenção da temporalidade” (VIDAL, L.; MUSSET; VIDAL, D., 2011, p. 04) que os faz agir no presente e criar uma possível projeção para o futuro, ou viver um momento de aculturação em “um enclave de inesperados e metamorfoses” (CHAR apud VIDAL, L.; MUSSET; VIDAL, D., 2011, p. 04). É, exatamente, o que acontece no campo de refugiados de Dadaab.

Na tipologia desses territórios da espera, feita pelo geógrafo Alain Musset, pelo sociólogo Dominique Vidal e pelo historiador Laurent Vidal (2011), a dos refugiados e migrantes é classificada como dramática e excepcional, determinada por espaços fechados e separados. Formam-se assim, territórios em que as vidas estão em suspensão, não só juridicamente. Para os refugiados que vivem em “campos”<sup>67</sup>, “a espera é a pausa em seu movimento”.<sup>68</sup>

As vidas de Sarah e Mohammed Abdi Abdulahi (FIGURA 44) são um exemplo de uma vida em espera no campo de refugiados de Dadaab. O casal nasceu, cresceu e se conheceu no campo. As malas utilizadas na fuga da Somália pela mãe de Sarah, ainda são utilizadas para guardar as roupas da família, agora com mais itens, por causa do nascimento da filha do casal,

<sup>66</sup> Citado no texto como “entre-deux”.

<sup>67</sup> Os campos entre aspas se referem também aos centros de detenção, de acolhimento, de trânsito ou as zonas de espera, nas fronteiras ou aeroportos, onde os refugiados ficam contidos.

<sup>68</sup> Pensamento exposto pelo geógrafo e doutorando em Geografia da Universidade Federal Fluminense (UFF), Bruno Maia Halley, durante uma conversa informal sobre o tema, em outubro de 2015.

chamada Somaya. As suas famílias chegaram ao campo com a expectativa de voltar para Somália, após alguns meses. Mais de 20 anos se passaram, e a expectativa de uma vida melhor, ou de uma volta segura para a Somália, se desfaz a cada dia. A dificuldade de conseguir uma cidadania, para o refugiado que nasce em um campo, e do qual não pode sair, cria uma situação de indeterminação em sua existência. Para Sarah, a origem somali dos pais, influencia em seu sentimento de nacionalidade. Mohammed, porém, se sente mais queniano, apesar de não ter a cidadania. Para ele, o vínculo com a Somália é muito incerto. Ele afirma que se pedissem para localizar a direção da Somália, ele não saberia afirmar. Mohammed define a vida no campo de refugiados de Dadaab, como “a de um pássaro em uma gaiola”. O casal e sua família, nunca saíram do campo. As permissões de saída são muito restritas. Dadaab é o único local que conhecem, e que tem a permissão de conhecer. A única esperança que Mohammed tem é a de que, um dia a sua filha, com quase dois anos hoje, viva em liberdade.<sup>69</sup>

FIGURA 44 - Uma vida em espera na extensão Hagadera do campo de refugiados de Dadaab.



Fonte: Imagem do documentário **A lifetime of Waiting** (UNHCR, 2014). Disponível em: <<http://tracks.unhcr.org/2014/08/a-lifetime-of-waiting/>>. Acesso em: 10 mai. 2016.

Às nuances do território do não pertencer e da espera, soma-se agora o da exceção, abordado no primeiro capítulo pelo antropólogo Michel Agier. O vínculo territorial extremamente frágil e a temporalidade suspensa desenvolvem-se onde uma excepcionalidade jurídica “informal” foi criada territorialmente, com o intuito de controle de populações

<sup>69</sup> As informações e os relatos das vidas de Sarah e Mohammed foram obtidos através dos documentários **A lifetime of Waiting** (UNHCR, 2014). Disponível em: <<http://tracks.unhcr.org/2014/08/a-lifetime-of-waiting/>> e no **Inside the world's biggest refugee camp** (BBC News, 2016). Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/36285926>>. Acesso em: 14 mai. 2016. Sarah tem 23 anos e Mohammed tem uma faixa etária aproximada a de Sarah.

“indesejadas” como os refugiados, aqui abordados. O território de exceção existe para “manter as vítimas ‘em vida’, mas ‘fora’ dos mundos socialmente organizados no interior dos Estados-Nações” (AGIER, 2008a apud BIRMAN, 2009, p. 361, grifo da autora). Nesse território, as vidas gerenciadas, são protegidas apenas pelo frágil direito humanitário, destituídas ou “nuas”, nas palavras de Giorgio Agamben (2002), dos efetivos direitos políticos. Nos campos de refugiados, a imposição da exceção e a proteção humanitária em longo prazo, transforma-se em cerceamento de vidas.

Essas observações são referentes aos atores que constroem, e com o passar do tempo, formam esses territórios. Os campos de refugiados são construídos através de políticas de controles governamentais, administrados ou “regidos por outro regime de governança e de direitos, onde indivíduos ou organizações podem anunciar regras” (AGIER, 2009 apud FERNANDES, 2014, p. 324-325), mas a formação desse território também é influenciada pelas ações e territorialidades dos refugiados, apesar da fragilização imposta. Formula-se assim, uma dinâmica territorial conduzida por múltiplas relações de poder, um embate onde a luta pela sobrevivência conduz as negociações.

## 2.2 A globalização e suas contradições: cercas, muros e “campos”.

*“Eu nasci e cresci em um campo de refugiados: o mundo não é tão globalizado quanto você pensa.” Brownkey Abdullahi, 2016, tradução livre.<sup>70</sup>*

O espaço geográfico, ao longo dos anos, vem sendo moldado e transformado através dos diferentes contextos históricos e econômicos mundiais. A compreensão destas transformações e suas manifestações no espaço e na sociedade tem sido objeto de análise para a Ciência Geográfica, que tem como desafio na contemporaneidade, a apreensão de múltiplos e complexos fenômenos que estão agora inseridos em contextos mais amplos. Com a globalização, surge então a necessidade de análises complementares que interliguem desde a escala local à global, observando com isto a emergência de processos contraditórios, pois só beneficiam uma pequena parcela da população, desenvolvendo a desigualdade social e espaços de segregação.

Na atual conjuntura, a globalização em seus diferentes parâmetros (social, econômico, político e cultural), promove mudanças no cenário mundial desenvolvendo uma profusão de conexões e fluxos que modulam o espaço em ritmos diferenciados. Este cenário é resultado do aprofundamento do processo do neoliberalismo, em um contexto de desregulamentação e flexibilização das normas do mercado e financeiras, apoiadas por um sistema jurídico conivente com suas ações de lógica nociva. Uma desregulamentação gerida por novas regras: a do modo de produção capitalista de acumulação flexível, assim definido por David Harvey (2013).

O capitalismo em todo seu desenvolvimento sempre buscou alternativas para manter ou aumentar a sua lógica de acumulação. Este novo modelo produtivo descrito por Harvey (2013) funciona sobre a égide do chamado Neoliberalismo, onde o mercado dita as regras para o seu funcionamento. Esta fase surgiu em resposta à crise da década de 1970, onde o modelo que vigorava era o do Fordismo/keynesianismo, caracterizado pelo Estado regulador e do bem-estar social (Welfare). Com a crise, a característica de rigidez do anterior modelo, dá lugar à lógica

---

<sup>70</sup> Brownkey Abdullahi nasceu e cresceu no campo de refugiados de Dadaab. Esse depoimento é o título de um artigo escrito por BrownKey, na publicação eletrônica do World Economic Forum em 6 de julho de 2016, onde o autor relata a face contraditória da globalização para quem vive em um campo de refugiados. Disponível em: <[https://www.weforum.org/agenda/2016/07/i-was-born-and-raised-in-a-refugee-camp-the-world-isn-t-as-globalized-as-you-think?utm\\_content=buffer9e813&utm\\_medium=social&utm\\_source=facebook.com&utm\\_campaign=buffer](https://www.weforum.org/agenda/2016/07/i-was-born-and-raised-in-a-refugee-camp-the-world-isn-t-as-globalized-as-you-think?utm_content=buffer9e813&utm_medium=social&utm_source=facebook.com&utm_campaign=buffer)>. Acesso em: 06 jul. 2016.

da flexibilização com a retirada de possíveis obstáculos à circulação do capital, inclusive a diminuição gradativa da interferência do Estado, anterior regulador dos processos econômicos.

Com o avanço desse modo de produção e de seu caráter de acumulação flexível, que cria ajustes para superar suas barreiras de expansão, o espaço geográfico se tornou mais complexo e desigual. O desenvolvimento dos meios de transporte, de comunicação e da alta tecnologia diminuiu a distância entre os lugares, as pessoas e o capital, ampliando de forma marcante a sua velocidade e os diferentes fluxos. Essa nova dinâmica é abordada por Milton Santos (2006), destacando que essa produção flexível aliada às intensas inovações tecnológicas, científicas e informacionais, formam o mercado global.

Os espaços assim requalificados atendem sobretudo aos interesses dos atores hegemônicos da economia, da cultura e da política e são incorporados plenamente às novas correntes mundiais. O meio técnico-científico-informacional é a cara geográfica da globalização. (...). A diferença, ante as formas anteriores do meio geográfico, vem da lógica global que acaba por se impor a todos os territórios e a cada território como um todo. O espaço "no qual o homem sobrevive há mais de cinquenta mil anos [...] tende a funcionar como uma unidade" (J. Bosque Maurel, 1994, p. 40). Pelo fato de ser técnico-científico-informacional, o meio geográfico tende a ser universal. Mesmo onde se manifesta pontualmente, ele assegura o funcionamento dos processos encadeados a que se está chamando de globalização. (SANTOS, 2006, p. 160).

David Harvey (2013) também aborda a dimensão dessas transformações no processo de produção e seus impactos, sugerindo que o pós-modernismo é uma nova fase da compressão do tempo-espaço, no qual nos últimos vinte anos tem ocorrido uma intensificação desta compressão, que marca a relativização das distâncias físicas através do uso de aparatos tecnológicos. A consequência deste processo, segundo o autor, tem causado grandes modificações não só no âmbito político e econômico, como também no social e cultural.

Essa nova dinamicidade econômica dissipa pelo mundo suas características, “levando a formas mais indiretas de exploração e a controles culturais e ideológicos muito mais sofisticados e eficazes” (GOMES, 2009, p. 33).

Este é o lado obscuro da globalização, pois esta inserção em um mundo de oportunidades e melhorias não está acessível a todos. Essas inovações e benefícios seguem apenas determinados circuitos, onde esta flexibilidade e uma maior fluidez não se aplicam, por exemplo, a mobilidade das pessoas e o seu acesso a condições básicas de sobrevivência.

Zygmunt Bauman (1999) aborda o real significado desse processo apontando a fragilidade cada vez maior em que o Estado se encontra, provendo mínimas garantias de segurança para uma determinada população, e para os que não fazem parte minimamente desta produção e consumo só resta à violenta repressão contra os questionamentos e ataques em virtude de sua atual condição. A flexibilidade, na verdade, apresenta feições de um profundo

controle em relação aos seus possíveis obstáculos de fluidez, destacados pelo autor como controle dos gastos públicos, redução de impostos, diminuição da proteção social e a diminuição das regras rígidas do mercado de trabalho.

Flexibilidade do lado da procura significa liberdade de ir aonde os pastos são verdes, deixando o lixo espalhado em volta do último acampamento para os moradores locais limparem; acima de tudo, significa liberdade de desprezar todas as considerações que “não fazem sentido economicamente”. O que, no entanto, parece flexibilidade do lado da procura vem a ser para todos aqueles jogados no lado da oferta um destino duro, cruel, inexpugnável: os empregos surgem e somem assim que aparecem, são fragmentados e eliminados sem aviso prévio. (BAUMAN, 1999, p. 112, grifo do autor).

Esta flexibilização e desregulações não ficaram apenas no âmbito dos aspectos econômicos, produziram reflexos diretos nos direitos sociais e nas relações humanas. As transformações impulsionadas pelo atual modelo produtivo desenvolvem não só novas produções espaciais, assim como novos parâmetros para as relações humanas e seu desenvolvimento, direcionando agora também, o modo de vida das pessoas e suas representações do mundo, onde se destacam a competitividade e a individualidade.

Essas consequências são também discutidas por Milton Santos (2000, p. 28), onde ele observa que a realidade do período atual pode ser descrita como uma “fábrica de perversidade”, onde a “fome deixa de ser um fato isolado, e nunca na história houve um número tão grande de deslocados e refugiados”, havendo também uma ruptura da dignidade, consumismo desenfreado e um aumento da competitividade também nas relações humanas. “Consumismo e competitividade levam ao emagrecimento moral e intelectual da pessoa, à redução da personalidade e da visão do mundo” (SANTOS, 2000, p. 24).

Assim, há o desenvolvimento de uma sociedade indiferente, que permite e pouco questiona a criação de territórios de grandes contrastes e disparidades sociais como as favelas ao redor do mundo, edificações modernas, segregadoras e despersonalizadas que seguem a lógica dos investimentos imobiliários e financeiros e não as reais necessidades e anseios da população. A cidade, por exemplo, torna-se assim um espaço para reprodução do capital e não um espaço de vida. É neste espaço, principalmente nas grandes aglomerações urbanas, que se percebe a proliferação de condomínios fechados, grades, cercas elétricas e circuitos de vigilância, em uma preocupação crescente e desenfreada com a segurança. Não existe mais uma convivência entre vizinhos. As pessoas se tornaram cada vez mais individualistas e indiferentes aos processos de precarização e de marginalização das pessoas.

O contexto atual é marcado, como afirma Bauman (2001), por uma modernidade leve ou líquida. Onde saímos da era do hardware (modernidade pesada) para a do software, “num mundo percebido como múltiplo, complexo e rápido e, portanto, como ‘ambíguo’, vago ou

plástico” (BAUMAN, 2001, p. 136, grifo nosso). A volatilidade do líquido caracteriza a lógica deste modelo econômico e das relações humanas, com a artificialidade, o consumo, incertezas e insegurança. Percebe-se que o atual modo de produção, não só condiciona e normatiza as relações e atividades econômicas, mas vai além delas, como bem destaca Bauman. A sua lógica do acumular, do especular e espoliar, da padronização do pensar, do tornar tudo em produto, inclusive o conhecimento, é reproduzida por todas as esferas sociais, sem distinção.

Quando se faz uma análise dos aspectos humanos na contemporaneidade ou das consequências humanas da globalização, surgem fatores preocupantes como as segregações espaciais e as territorializações precárias. A crescente ascensão destes fatores vem configurando cada vez mais no mundo, espaços e territórios conflitantes. Um dos mecanismos de manutenção da ordem, que deve ser mantida em virtude do desenvolvimento dos diversos fatores de desestruturação social engendrados pelo atual capitalismo, é a “contenção” de pessoas (HAESBAERT, 2010). Hoje, percebe-se cada vez mais a existência de fronteiras, muros, diferentes zonas de controle de migração, centros de acolhimento de migrantes e campos de refugiados. Este mecanismo está cada vez mais vivo e ativo, permitindo apenas o fluxo da mobilidade humana desejável e de acordo com os interesses econômicos. Para Bauman:

As viagens globais dos recursos financeiros são talvez tão imateriais quanto a rede eletrônica que percorrem, mas os vestígios locais de sua jornada são dolorosamente palpáveis e reais: o “despovoamento qualitativo”, a destruição das economias locais outrora capazes de sustentar seus habitantes, a exclusão de milhões impossíveis de serem absorvidos pela nova economia global. (BAUMAN, 1999, p. 80).

A mobilidade das pessoas e seu antagonismo desenvolvem contornos sociais significativos na atualidade, pois nela, se observa uma estratificação das camadas sociais, onde há uma grande disparidade. Disparidade essa, materializada nos desiguais índices de mobilidade, onde “o topo da nova hierarquia é extraterritorial; suas camadas inferiores são marcadas por graus variados de restrições espaciais e as da base são, para todos os efeitos práticos, “glebae adscripti” (BAUMAN, 1999, p. 113). Para o mesmo autor, a modalidade de confinamento e encarceramento de pessoas, em toda a história, tem sido utilizada como dispositivo de segregação para os que causam problemas à ordem estabelecida e para os que não se encaixam ou participam dela.

O relatório da Comissão Mundial sobre Migrações Internacionais (2005) chama a atenção para o surgimento de uma tensão entre os interesses dos Estados e das empresas privadas em relação às migrações internacionais, demonstrando uma contradição no atual processo de globalização. As facilidades cada vez mais conferidas às circulações de bens,

serviços, capitais, ideias e informações não são atreladas aos migrantes devido às políticas restritivas e a rígidos controles.

O que está sendo formado é um “fechamento seletivo de fronteiras” segundo os geógrafos Adriana Dorfman e Tito Carlos Machado de Oliveira (apud WEISSHEIMER, 2015)<sup>71</sup>. Para os pesquisadores, a partir de setembro de 2001, após o atentado nos Estados Unidos, houve um sensível fechamento de fronteiras e construção de novos muros, além de para o capital, serem também estabelecidos seletivos corredores para sua circulação. Esse fechamento seletivo das fronteiras relativo à mobilidade das pessoas pode ser compreendido também pela permissão de entrada, apenas, de profissionais altamente qualificados ou de uma quantidade mínima de migrantes em situação de precariedade socioeconômica, que compõem o conjunto da mão-de-obra com pouca qualificação ou em situação de “ilegalidade” jurídica. Os migrantes que conseguiram contornar as fronteiras e entraram sem o visto ou o status de refugiados, trabalham muitas vezes em funções que permitem a sua condição de “ilegal” ou que não são valorizadas nos países de destino.

Toda essa lógica excludente atual da globalização, tem como testemunho a proliferação de formações espaciais de contenção territorial pelo mundo, como as cercas e muros. Rogério Haesbaert enfatiza que a construção de muros ao longo da história da humanidade obedeceu a contextos e pretextos diferenciados, mas “a atual proliferação de novos muros, especialmente aqueles erguidos ao longo das fronteiras internacionais” (2014, p. 222) contextualiza a ação de dispositivos políticos, ou da biopolítica, de contenção dos fluxos migratórios indesejados ou de mercadorias ilegais. Essas formações espaciais são provas contundentes dos mecanismos de injustiças e controle gerados, principalmente nas últimas décadas.

Para a década de 2020, existem estimativas de que o mundo terá dez vezes mais muros aproximadamente, possuindo, porém, estes fechamentos, um corte seletivo, no qual dentro dos muros estão presente 75% da riqueza mundial e apenas 20% da população mundial. E ao contrário, fora dos muros estão presentes 20% da riqueza mundial e 80% da sua população (DORFMAN; OLIVEIRA apud WEISSHEIMER, 2015). São “as geografias da globalização perversa” ou da “desigualdade” abordadas por Maria Adélia Aparecida de Souza (1998).

Em recente publicação, a organização não governamental internacional OXFAM (2016), alertou para o crescimento da extrema desigualdade no mundo. Com um título esclarecedor de “Uma economia para o 1%”, a organização afirma que, atualmente, o 1% mais

---

<sup>71</sup> A entrevista com os geógrafos foi publicada em um artigo do jornal Sul21 de publicação eletrônica. Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/vivemos-um-processo-de-fechamento-seletivo-de-fronteiras-no-mundo-dizem-pesquisadores/>>. Acesso em 10 dez. 2015.

rico da população mundial possui mais riquezas do que todo o resto do mundo. São ilhas de prosperidade que se abastecem de um oceano de desigualdades e exploração. De acordo com a organização:

A crise da desigualdade global está chegando a novos extremos. O 1% mais rico da população mundial detém mais riquezas atualmente do que todo o resto do mundo junto. Poderes e privilégios estão sendo usados para distorcer o sistema econômico, aumentando a distância entre os mais ricos e o resto da população. Uma rede global de paraísos fiscais permite que os indivíduos mais ricos do mundo escondam 7,6 trilhões de dólares das autoridades fiscais. A luta contra a pobreza não será vencida enquanto a crise da desigualdade não for superada. (OXFAM, 2016, p. 01).

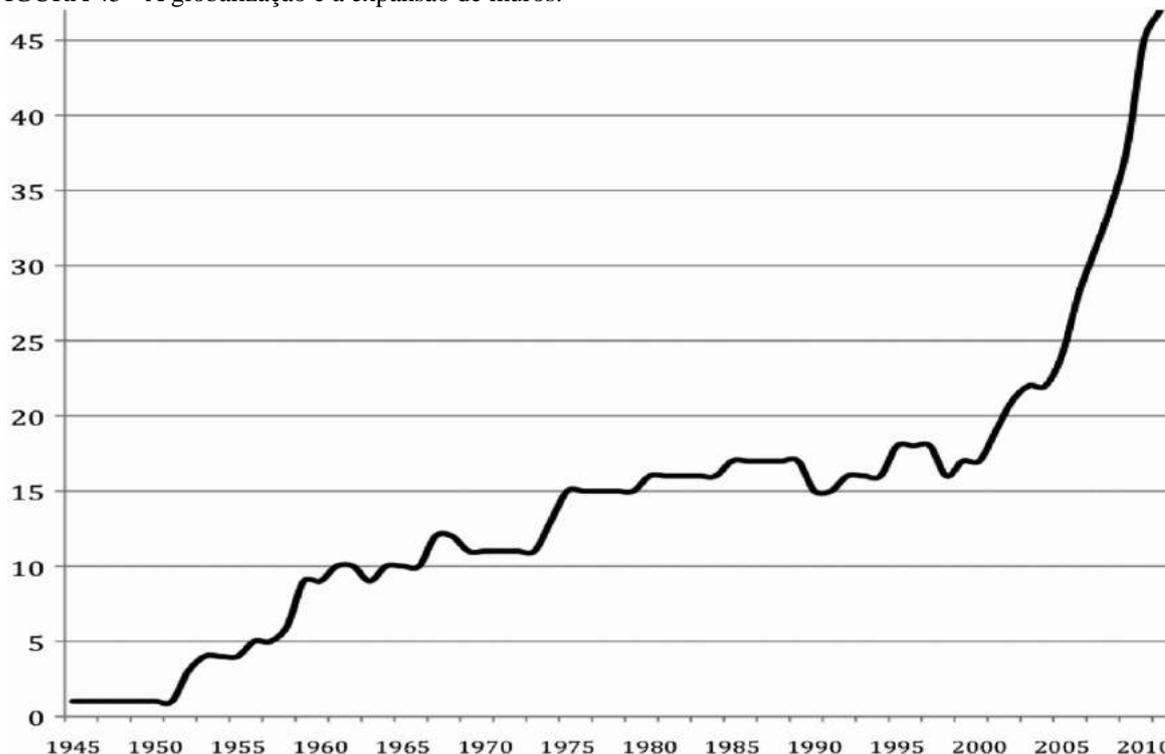
Esse acúmulo de riqueza é um dos grandes desafios na contemporaneidade, tendo como uma de suas consequências diretas, a construção de novos muros e novas estratégias de controle da população. É importante sublinhar, nessas entrelinhas da obscuridade, que a lógica impressa na criação dessas excepcionalidades jurídicas concedidas aos paraísos fiscais (HAESBAERT, 2013a), então abordadas no relatório da OXFAM, assemelha-se em grande parte, à exceção jurídica criada para a existência dos campos de refugiados. É necessário, então, que se discutam os “argumentos” criados para o desenvolvimento dessas exceções. Mesmo em um período de Totalitarismo, como o da Alemanha Nazista, foi necessário a criação de “argumentos” para que a exceção jurídica fosse estabelecida. O “argumento”, portanto, é o que deve estar na pauta das discussões políticas e da sociedade, como um todo, na criação dessas “excepcionalidades”, pois elas sempre beneficiam um grupo seletivo com interesses escusos.

O fenômeno da expansão de muros pelo mundo, também é abordado pelos pesquisadores Elisabeth Vallet e Charles-Philippe David (2012) ao afirmarem que, através de uma análise quantitativa, os muros construídos entre países formam “um fenômeno global que merece maior atenção” (VALLET<sup>72</sup>; DAVID, 2012, p. 112, tradução livre). Para os autores, o atentado de setembro de 2001, não só provocou um aumento quantitativo nessa construção de muros (FIGURA 45), mas também uma ruptura qualitativa, observada através de sua construção ou intensificação, por governos democráticos, como uma tentativa de evidenciar a sua capacidade do controle de suas fronteiras.

---

<sup>72</sup> De acordo com os autores, em 2010 existiam cerca de 45 muros, com uma extensão aproximada de 29.000 Km<sup>2</sup>.

FIGURA 45 - A globalização e a expansão de muros.



Fonte: VALLET, Élisabeth; DAVID, Charles-Philippe. **Introduction: The (Re) Building of the Wall In International Relations**, Journal of Borderlands Studies, 2. ed., v. 27, p. 111-119, 2012. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/08865655.2012.687211>>. Acesso em: 03 jan. 2016.

A lógica da construção de muros e cercas, nas fronteiras do mundo, reforçam a divisão territorial projetada e disseminada pelo contexto europeu do século XVII, que teve como marco principal de sua origem a Paz de Westfália de 1648 e a formação dos Estados Soberanos, com a criação de seus limites. Nessa época, as regiões de fronteira nesse continente, ganharam limites políticos. Com o processo de expansão colonial europeia, essas mesmas divisões territoriais de dominação, se disseminaram pelo mundo, formando a divisão conhecida contemporaneamente, no mapa político do mundo. Esses marcos simbólicos e concretos se disseminaram também dentro dos países, em seus interstícios, crescendo cada dia mais (HAESBAERT, 2013a). Eles são os símbolos da desigualdade social, do individualismo e da acumulação. É o predomínio da dominação territorial ao invés da sua apropriação simbólica sem limites impostos. Por isso o controle da população e a insegurança se disseminam, sem escolher classe social ou localizações. Hoje, os dispositivos de segurança, transformaram-se em itens de primeira necessidade. Das pequenas e simples moradias às mais luxuosas. Nas palavras de Rogério Haesbaert:

Os novos muros, ainda que pautados pela pouca eficácia, não se restringem às fronteiras internacionais, expandindo-se no nível das propriedades privadas (residências gradeadas ou muradas) e das “comunidades” (tanto dos condomínios

fechados dos mais abnegados quanto das favelas e bairros pobres, como no Rio de Janeiro). A problemática (efetiva ou imaginária) da in-segurança se torna aí, muitas vezes, o discurso dominante. (HAESBAERT, 2013a, p. 19-20).

A precariedade social gerada pelo então modo de produção vigente, não só fragmenta e desenvolve descontinuidades espaciais, como também afeta os indivíduos e as relações sociais. Para Ana Fani Carlos (2007, p. 36) “a globalização e a fragmentação dão-se no plano do indivíduo, tanto quanto no espaço”.

O debate aqui estabelecido, em relação à globalização, diz respeito aos seus processos contraditórios, sua face “perversa” (SANTOS, 2000, p. 07), na qual a fragmentação “impõe-se com toda força” devido ao domínio exercido pelos atores hegemônicos, como as grandes empresas multinacionais ou transnacionais, onde resolvem exercer influência ou sua ordem (Ibidem, p. 41). Ordem essa, individualista e exploradora, portanto, desintegradora. Para Milton Santos:

Como essa ordem desordeira é global, inerente ao próprio processo produtivo da globalização atual, ela não tem limites; mas não tem limites porque também não tem finalidade e, desse modo, nenhuma regulação é possível, porque não desejada. Esse novo poder das grandes empresas, cegamente exercido, é, por natureza, desagregador, excludente, fragmentador, sequestrando autonomia ao resto dos atores. (SANTOS, 2000, p. 41).

O uso de aspas na palavra excludente, no título desse capítulo evidencia que os processos excludentes, não determinam a exclusão social, política ou econômica. Eles desenvolvem a contradição e a formação de realidades sociais desiguais e desumanas. Este é o pensamento do sociólogo José de Souza Martins (1997), ao enfatizar essa dinâmica conflitiva entre as vítimas desses processos excludentes e os agentes responsáveis por eles. Para o autor:

rigorosamente falando, não existe exclusão: existe contradição, existem vítimas de processos sociais, políticos e econômicos excludentes; existe o conflito pelo qual a vítima dos processos excludentes proclama seu inconformismo, seu mal-estar, sua revolta, sua esperança, sua força reivindicativa e sua reivindicação corrosiva. Essas reações, porque não se trata estritamente de exclusão, não se dão fora dos sistemas econômicos e dos sistemas de poder. Elas constituem o imponderável de tais sistemas, fazem parte deles ainda que os negando. As reações não ocorrem de fora para dentro; elas ocorrem no interior da realidade problemática, “dentro” da realidade que produziu os problemas que as causam. (MARTINS, 1997, p. 14, grifos do autor).

No campo de refugiados de Dadaab, essas contradições desenvolvidas por esses processos excludentes são percebidas claramente através da precarização humana a que os refugiados são submetidos. A assistência que recebem das organizações internacionais não é suficiente para que consigam algo, além da sobrevivência diária, forçando muitos refugiados a deixar Dadaab e procurar outras alternativas de vida, como a travessia arriscada do mar Mediterrâneo ou a ida clandestina para Nairóbi. O abrigo precário da refugiada Fatuma Sankos

(FIGURA 46), na extensão de Kambioos em Dadaab, que será seu provável domicílio por um longo período, exemplifica essa precariedade existente nesse campo de refugiados. Após alguns meses de sua chegada no campo, Fatuma conseguiu construí-lo com os materiais que encontrou sobrando no campo e através de doações de outros refugiados. Prática muito comum em Dadaab. Eles costumam dividir o pouco que têm com os recém-chegados.

FIGURA 46 – Pequeno abrigo na extensão de Kambioos.



Fonte: Fotografia Jo Harrison (BBC/Africa, 2012). Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-africa-18786210>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

Apesar da extrema precariedade, muitas oportunidades são geradas nesse campo de refugiados. Com o passar dos anos, muitos refugiados vão construindo um padrão de vida melhor, principalmente com a ajuda das remessas de dinheiro que seus parentes, em diáspora, enviam do exterior para o campo, ou “passando fome por anos para conseguir abrir um pequeno negócio”<sup>73</sup>. Essa ajuda possibilita a formação de comércios, estabelecimentos de prestação de serviços e pequenas fábricas no campo (FIGURAS 47 e 48). Muitos quenianos tornam-se funcionários dos refugiados, que passam a gerar empregos.

---

<sup>73</sup> Informações do escritor e pesquisador Ben Rawlence, em seu artigo para o jornal inglês The Guardian, citado anteriormente na introdução.

FIGURA 47 – Salão de beleza de Asha Mohamed na extensão Ifo do campo de refugiados de Dadaab.



Fonte: Fotógrafo Jo Harrison (BBC/Africa, 2012). Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-africa-18786210>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

FIGURA 48 – Artesanato de refugiadas etíopes da região de Gambela na extensão Ifo em 2015.



Fonte: Publicação da UNHCR/Kenya na rede social Facebook em 24 de julho de 2015.

Alguns refugiados mais antigos no campo, através dessas atividades econômicas, conseguiram enriquecer, embora suas condições de vida continuem precárias por causa das muitas restrições impostas pelo governo queniano. Esse é o exemplo do refugiado somali Mohamed Abdillahi Abeh (FIGURA 49), que se estabeleceu na extensão Ifo do campo de Dadaab, em 1991. Mohamed chegou a ter 15 lojas de diferentes segmentos, mas com a atual insegurança ocasionada por ações terroristas no campo, onde os principais alvos são os policiais

quenianos, mais da metade de seus estabelecimentos fecharam por causa do medo das pessoas de irem aos centros comerciais. Em virtude dessas dificuldades, Mohamed, em 2012, inscreveu-se no programa de reassentamento em outros países.<sup>74</sup>

FIGURA 49 – Mohamed Abdillahi em uma de suas lojas em Ifo no campo de refugiados de Dadaab.



Fonte: Fotógrafo Jo Harrison (BBC/Africa, 2012). Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-africa-18786210>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

Como em muitos lugares do mundo, as atividades econômicas desenvolvidas no campo de refugiados de Dadaab integradas, principalmente, na economia da África Oriental sofrem também com as variações das crises mundiais. A crise econômica de 2008 foi sentida no campo. Moulid Hujale, citado anteriormente, acompanhou uma jornalista americana em sua visita ao campo em 2011, que relatou as repercussões da crise, nos negócios dos refugiados no campo. Durante a visita, a jornalista Erica Hill do canal americano CBS, constatou essas repercussões ao conversar com comerciantes em um dos centros comerciais do campo de refugiados de Dadaab.<sup>75</sup>

A formação de um campo de refugiados, fenômeno abordado na pesquisa, e sua complexa dinâmica territorial, é relacionada à forma mais estrita de fragmentação por Rogério Haesbaert (2013a), denominada de excludente ou desintegradora<sup>76</sup>, e compreendida como

<sup>74</sup> As informações e as imagens das figuras 46, 47 e 49 são da publicação **Dadaab life in pictures: actors and millionaires** da rede britânica de televisão BBC. A reportagem em Dadaab foi feita em 12 de julho de 2012. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-africa-18786210>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

<sup>75</sup> O vídeo da reportagem intitulada **Dadaab refugee camps functions like town** está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YSnQKa2JyGk>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

<sup>76</sup> O autor também destaca a existência de uma fragmentação inclusiva ou integradora relacionada a um sentido mais amplo da globalização hegemônica.

produto das contradições implementadas pela globalização direcionada pelo capitalismo de acumulação flexível ou hegemônica. Com feições contrárias à globalização, essa fragmentação é desdobrada em duas perspectivas pelo autor:

- uma contraface excludente; relacionada aos processos de globalização neoliberal e suas implicações de desigualdade e formação de espaços precários;
- reações ou resistências ao processo de globalização hegemônica.

A compreensão desses processos relacionados à fragmentação excludente ou desintegradora, em uma perspectiva geográfica, é abordada, em forma de síntese, em um quadro (FIGURA 50) elaborado pelo mesmo autor, no qual os campos de refugiados<sup>77</sup>, são relacionados como produto dessa fragmentação excludente.<sup>78</sup>

FIGURA 50 - Fragmentação em uma perspectiva espacial ou geográfica.

<b>Fragmentação Inclusiva ou Integradora</b>	<b>Fragmentação Excludente ou Desintegradora</b> <i>(em relação à globalização hegemônica)</i>	
<p><b>Inerente ao processo de globalização</b> Mais zonal: divisões e/ou agrupamentos regionais (em nível econômico e/ou cultural) e territoriais (em nível político) em diferentes escalas Mais reticular: fluxos de rápida des-relocalização de capital, mercadorias, força de trabalho</p>	<p><b>Produto da globalização hegemônica</b></p>	<p><b>Resistência à globalização hegemônica</b></p>
<p>“novos regionalismos” econômicos mercados comuns / blocos mundiais de poder; regiões de “conhecimento intensivo” e fluxos transfronteiriços altamente seletivos; deslocalização e circularidade espacial do aparato produtivo e da captação de força de trabalho; paraísos financeiros; reservas naturais</p>	<p>Redes/circuitos ilegais da economia; aglomerados de exclusão (campos de refugiados e de controle de migrantes), novos muros fronteiriços de contenção de grupos subalternizados, exclusão territorial por precarização das condições ambientais (depósitos de lixo tóxico, áreas de acidentes nucleares etc.)</p>	<p><b>Conservadora (excludente)</b> Controle nacionalista de fluxos de diversas ordens pelo fortalecimento das fronteiras; guetos étnico-religiosos tradicionalistas <b>Progressista (reincludente)</b> Criação de redes antiglobalização com ocupações de espaços públicos; criação de territórios autônomos, como os zapatistas</p>

Fonte: HAESBAERT, Rogério. **Globalização e fragmentação no mundo contemporâneo**. Rogério Haesbaert. (Org.). 2. ed. Niterói: Editora da UFF, 2013a. 218 p.

Aos corredores fechados da circulação segura de mercadorias, fluxos financeiros e profissionais qualificados (DORFMAN; OLIVEIRA apud WEISSHEIMER, 2015), somam-se agora, a circulação restrita de imigrantes, deslocados internos e refugiados nos “corredores de

<sup>77</sup> No quadro elaborado por Rogério Haesbaert, foi feito um destaque em vermelho nos campos de refugiados.

<sup>78</sup> Elaborado através de um recurso analítico, o autor enfatiza que os diferentes processos relacionados às modalidades apresentadas no quadro, não se encaixam de forma estrita a elas, pois prevalecem nesse contexto, a possibilidade de convergência desses processos e a existência de distintas realidades, podendo tanto fazer parte da fragmentação inclusiva quanto da excludente, ao imprimir resistência às desigualdades sociais, e em alguns casos ao encontro com o “outro”, com a alteridade.

exílio” (AGIER, 2010), formados por uma globalização parcial em que mundos a parte são construídos dentro desses corredores, como heterotopias<sup>79</sup>, afirma Michel Agier, ao citar Michel Foucault. Um mundo de “outsiders”<sup>80</sup> em formação. Este exílio é o “estar fora” ou nas margens, através da criação de uma extraterritorialidade definida por procedimentos jurídicos e de discursos políticos (AGIER, 2010).

### 2.2.1 A configuração de “campos” pelo mundo.

*Esta é a nossa nova percepção: a de que "situações prolongadas de deslocamento são agora a regra, não a exceção", e que a maior parte do nosso trabalho agora e no futuro próximo terá lugar "neste espaço intermediário" entre a fuga e solução. Alexander Aleinikoff<sup>81</sup>, 2015, tradução livre, grifo nosso.*

A atual configuração espacial do mundo não deixa dúvidas. Antes, percebidos nos cantos e recantos do mundo, hoje, os campos de refugiados e os outros tantos “campos”, por assim dizer, formam uma paisagem cada vez mais percebida, até mesmo em países que não conheciam essa realidade, como o Brasil<sup>82</sup>. Dispersos pelo mundo (MAPA 08)<sup>83</sup>, as suas

---

<sup>79</sup> Conceito utilizado por Michel Foucault (2009, p. 415) para designar a existência de “outros espaços” ou “espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora eles sejam efetivamente localizáveis”, reservados às pessoas com comportamento desviante em relação à média ou à norma exigida, localizadas nas margens da sociedade, como os manicômios e as prisões, por exemplo. Em um documentário sobre sua vida e pesquisa, intitulado “Michel Foucault por ele mesmo” (2003), o autor classifica as heterotopias como espaços reais, diferentes ou “contestações míticas do espaço em que vivemos”, ou ainda “o lugar que a sociedade reserva nessas margens, nas praias vazias que a envolvem”. Disponível em: <[http://www.michelfoucault.com.br/?videos\\_24,,,3](http://www.michelfoucault.com.br/?videos_24,,,3)>. Acesso em: 12 dez. 2015.

<sup>80</sup> Pessoas consideradas como sendo de fora ou que não pertencem a determinado lugar. Os refugiados são um exemplo de outsiders.

<sup>81</sup> Vice Alto Comissário das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR/UNHCR).

<sup>82</sup> O Brasil, nos últimos anos tem se tornado destino de milhares de refugiados de diferentes nacionalidades. Antes, a sua presença era pontual, porém hoje, principalmente em virtude da migração de haitianos que, embora não sejam considerados refugiados por questão de definição internacional, são amontoados de forma desumana em centros de “acolhimento” no Acre, que na verdade são campos. A história do Brasil é marcada pela existência de “campos”. Dos “currais” cearenses, como eram chamados os campos de concentração construídos em diferentes épocas, no início do século XX, por causa das grandes secas, tão bem descritos pela autora Rachel de Queiroz (1977), aos muitos campos de concentração de imigrantes alemães, italianos e japoneses acusados de associação nazista na década de 1940 e espalhados pelo Brasil.

<sup>83</sup> No site evidenciado na fonte existe a possibilidade de informações mais precisas, em termos de localização, aproximando o local desejado de pesquisa. A publicação destacada dá a possibilidade de aumentar a escala e conhecer, assim, maiores detalhes das localizações. As Nações Unidas, através de seu escritório em Genebra, informaram por email, que não existe um mapa específico de localização de campos de refugiados no mundo.

diferentes geografias denunciam, através de suas marcas incontestáveis, pois são espaciais, a segregação em massa de pessoas em territórios de dominação e controle. Talvez seja por isso, que muitos deles, são formados em lugares tão distantes. Longe dos olhares dos que ainda não perceberam, a realidade que os formam. Em um campo de refugiados percebe-se o controle sem “máscara” (AGAMBEN, 2002, p. 138), embora seja revestido de ajuda humanitária. O contrato social, nesse espaço, não é necessário.

De acordo com uma publicação das Nações Unidas, de novembro de 2014, a maioria dos refugiados no mundo, não vive em campos, mas em centros urbanos, devido ao aumento na tendência global da urbanização.

Os campos de refugiados são localizados predominantemente em áreas rurais. Cerca de 2,6 milhões de refugiados, em 2014, vivem em campos ao redor do mundo, por mais de 5 anos, ou em muitos casos, por toda uma geração, ocasionando com isto, de acordo com a mesma publicação, diferentes patologias, dependência da ajuda humanitária e isolamento (UNHCR, 2014b).

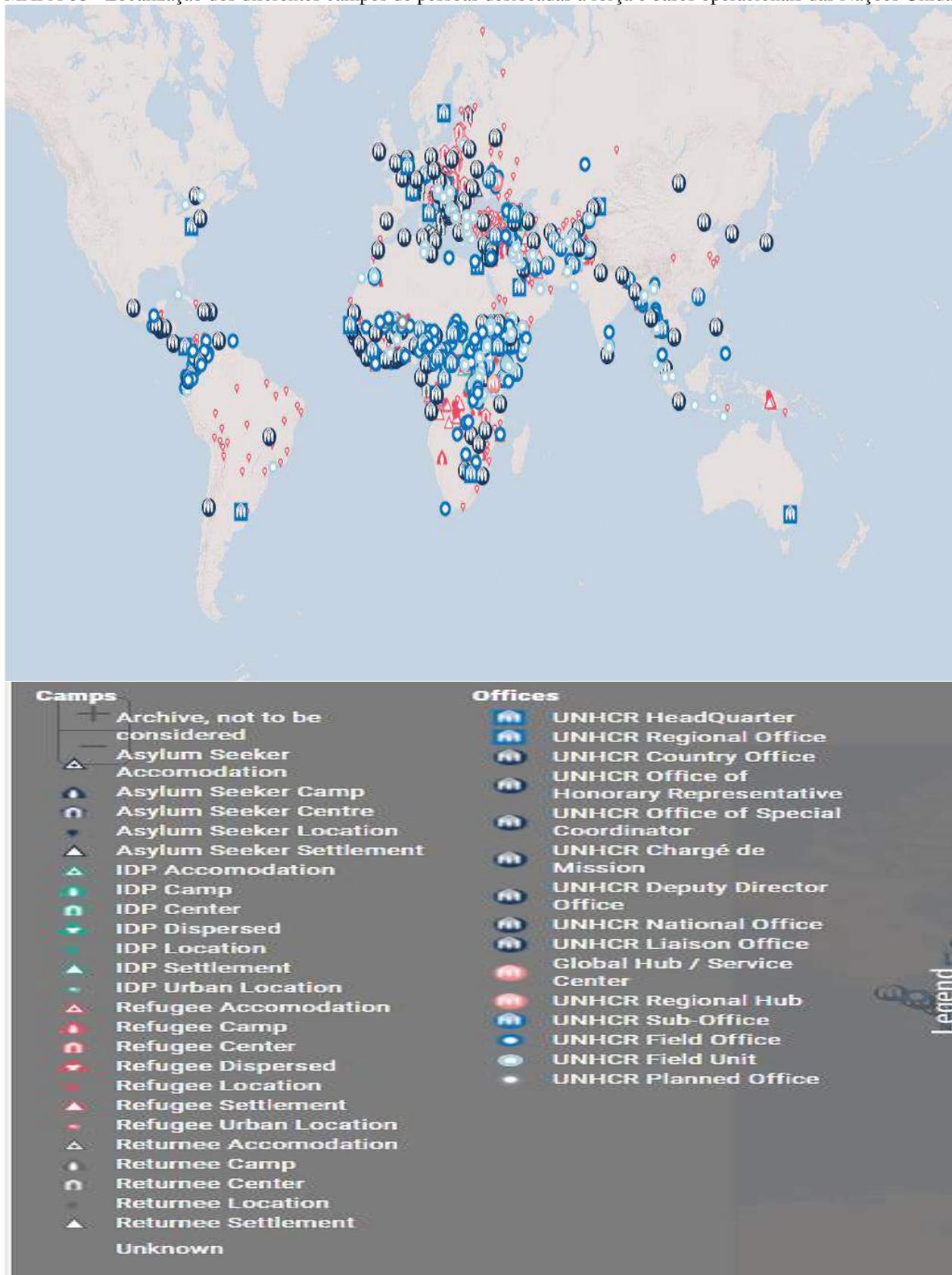
As estatísticas de 2014, na qual o número de refugiados era de 14,4 milhões, sobre a proteção do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados<sup>84</sup>, informam que 12,2 milhões, ou seja, 85%, têm suas acomodações conhecidas, das quais mais da metade (63%) são privadas, e menos de um terço (29%) vive em campos (UNHCR, 2015). Para as Nações Unidas, o campo tem como “característica definidora, a limitação dos direitos e da liberdade dos refugiados, assim como de sua capacidade de fazer escolhas significativas sobre suas vidas” (UNHCR, 2014c, p. 04, tradução livre). É importante salientar, mais uma vez, como foi destacado no primeiro capítulo, que as estatísticas então apresentadas, mesmo importantes, dão apenas uma noção da realidade. Com o crescente deslocamento do povo sírio, principalmente para Europa, novos campos estão sendo criados, e as estatísticas, em breve, revelarão uma realidade ainda mais difícil. A paisagem de campos cresce, agora, no hemisfério norte.

---

Apenas por regiões ou sub-regiões, mas sempre em conjunto com a localização de seus escritórios de atuação e outros campos e centros de acolhimento de pessoas deslocadas à força.

<sup>84</sup> Esses dados apresentados são referentes, apenas, aos dados estatísticos do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (UNHCR, sigla em inglês), que dá proteção a 14,4 milhões de refugiados. Os outros 5,1 milhões de refugiados, que compõem as estatísticas, formando um número total de 19,5 milhões em 2014, são protegidos por outro comissariado das Nações Unidas (UNRWA), pois são palestinos. Existe uma agência específica das Nações Unidas para a questão palestina. A justificativa para essa divisão é relacionada ao grande deslocamento de palestinos, em virtude do conflito e expansão israelense no território palestino, a partir de 1948.

MAPA 08 - Localização dos diferentes campos de pessoas deslocadas à força e bases operacionais das Nações Unidas.



Fonte: UNHCR Global Focus Operations Worldwide, 2015. Disponível em: <<http://reporting.unhcr.org/node/38>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

Quando se analisa a formação histórica dos campos de refugiados ou de pessoas deslocadas internamente pelo mundo, percebe-se que este dispositivo de contenção de deslocamento populacional em massa não é recente. Um dos registros de contenção territorial de pessoas deslocadas à força, remonta ao final do século XIX, onde foram construídos assentamentos coloniais para pessoas deslocadas dentro de seus países, posteriormente tornando-se cidades (GRBAC, 2013). Podem-se citar como exemplo, no século XIX, as cidades africanas de Ibadan na Nigéria e Mbuhi-Mbaya no Congo, que tiveram sua origem atrelada “aos deslocamentos em massa de pessoas capturadas nas guerras entre as populações” nativas (GRBAC, 2013, p. 19, tradução livre).

Conflitos étnicos, guerras civis e “a resposta policial dos estados-nação” (AGIER, 2011, p. 128), ou medidas de contenção, são os agentes propulsores da formação desses territórios pelo mundo, que também é influenciada pela lógica do atual sistema capitalista de acumulação flexível, que exclui uma parcela cada vez maior da população, provocando constantes alterações no espaço geográfico de acordo com as suas necessidades de expansão, acumulação e competitividade, contribuindo assim para o atual cenário de desigualdades e produzindo espaços de periferia e precários. David Harvey (2013) observa a configuração da lógica capitalista do poder que cria diferentes territórios afirmando que:

Deste modo, é de se perceber que o capitalismo tem uma clara dimensão e impacto geográficos, os quais estão, entretanto, se modificando constantemente. (...). Portanto, a lógica do capitalismo não é isenta de uma dimensão espacial, o contrário da lógica territorial fixa de poder político. Mais precisamente, o que ocorre é o conflito entre essas duas diferentes concepções e lógicas de espacialidade, a primeira envolvida com a acumulação de capital, e a segunda com a gestão de populações por meio de configurações territoriais, conhecida como “aparelho estatal”. (HARVEY, 2013, p. 76, grifo do autor).

Essa conjuntura pode ser percebida através da existência de um elevado número de campos de refugiados e de deslocados internos<sup>85</sup> pelo mundo e o seu desenvolvimento crescente. De acordo com Agier (2011) as estatísticas oficiais do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados não expressam a realidade exata da concentração do número de campos de refugiados e deslocados internos no mundo. Ao todo são mil campos, onde a metade deles está concentrada na África e um terço na Ásia (AGIER, 2011). Peter Grbac (2013) reflete sobre essa situação, citando as observações de Zygmunt Bauman, ao observar os dados históricos, enfatizando que, se o século XVII foi interpretado como o da razão, o século XVIII o das luzes,

---

<sup>85</sup> Os campos de deslocados internos são locais que recebem as pessoas que fogem de conflitos e guerras civis, mas permanecem dentro das fronteiras do seu país.

e o século XIX o das revoluções, o século passado pode entrar para a história como a era dos campos.

Para os autores Nezar Alsayyad e Ananya Roy (2009) a formação destes campos pelo mundo, na contemporaneidade, é interpretada como consequência de uma globalização que está ganhando cada vez mais contornos de um imperialismo, desenvolvendo configurações espaciais de segregação, no qual o campo é visto como paradigmático. Os mesmos autores, seguindo as formulações de Giorgio Agamben, observam que o campo é assim interpretado como um espaço onde a ordem normal foi suspensa, o Estado de exceção se consolida e a emergência transforma-se em uma duradoura espera. Designado assim, como espaço de exceção, o campo assume uma “extraterritorialidade”<sup>86</sup> que é marcada pela emergência de sua formação, excedendo fronteiras nacionais e criando uma legislação a parte para a jurisdição de sua excepcionalidade (ALSAYYAD; ROY, 2009, p. 122). O campo assume então, diferentes formas, que vão desde campos de detenção, como Guantánamo<sup>87</sup> ou Abu Ghraib, ao campo de refugiados. De acordo com os autores, esses espaços de exceção, lançam uma reflexão sobre sua configuração em todos os espaços, até mesmo nas cidades. Eles ressaltam que:

O campo é um espaço pós-cidade. Ele coloca em questão a relação normativa entre as cidades e a cidadania. Como afirma Agamben, “o campo joga uma luz sinistra” sobre os modelos a partir dos quais as ciências sociais, a sociologia, os estudos urbanísticos e a arquitetura hoje procuram conceber e organizar o espaço público das cidades de todo o mundo, sem nenhuma consciência de que “em seu centro repousa a mesma vida nua” (mesmo que tenha sido transformada e tornada, aparentemente, mais humana) que definiu a biopolítica dos grandes Estados totalitários do século. (ALSAYYAD; ROY, 2009, p. 121, grifos nosso).

Os “campos” podem assumir diferentes configurações (FIGURA 51). Eles podem ser fechados ou abertos, em áreas rurais ou urbanas, construídos de forma espontânea pelos que buscam um refúgio ou pré-determinados pelas autoridades governamentais ou militarizados, como os campos de refugiados palestinos no Líbano, onde o exército libanês, em virtude de um acordo político, não tem permissão de entrar nos campos. Cada campo seja ele de refugiados,

---

<sup>86</sup> Para os autores a extraterritorialidade vai além da exceção jurídica. Eles ressaltam que na análise da obra de Giorgio Agamben feita por Judith Butler (2004), a filósofa destaca que o campo não é apenas um Estado de exceção, “mas também um estado de dessubjetivação. É aqui que o próprio status ontológico dos sujeitos é suspenso quando o estado de emergência é invocado. Essa é a ‘vida nua’, (...) é o ‘estar fora da condição constitutiva do Estado de direito.” (BUTLER apud ALSAYYAD; ROY, 2009, p. 122, grifos dos autores). Nessa reflexão sobre a vida nua, os autores também destacam as observações do filósofo e cientista político camaronês Achille Mbembe (2003), que enfatiza que a soberania se torna uma necropolítica, quando a vida e a morte dessas pessoas submetidas a esse jugo, não têm relevância. É nesse sentido, para os autores, que o campo excede o biopoder.

<sup>87</sup> Originalmente, em inglês, é chamado de Guantánamo Bay Detention Camp.

deslocados internos, centro de detenção de migrantes, zonas de espera nas fronteiras, centros de trânsito ou de “acolhimento”, apesar do contexto de formação, tem como origem a política. Como claramente afirma Giorgio Agamben (2002, p. 173), ele é “a matriz oculta, o nómos do espaço político em que ainda vivemos”.

As Nações Unidas também confirmam essa variação na configuração dos campos de refugiados. Para eles:

Campos nem sempre são claramente definidos, porque um campo pode ser com ou sem tendas. Alguns campos, que usam mais abrigos permanentes não podem mesmo parecer como um campo, mas têm "Campo" em seu nome. Com isso em mente, temos 199 campos de refugiados e 260 assentamentos de refugiados; para um total de 459 locais. (UNHCR/DPSM, 2016, tradução livre).<sup>88</sup>

FIGURA 51 - Campo de refugiados sobre trilhos na fronteira entre a Croácia e a Bósnia em 1994 (Conflito da antiga Iugoslávia).<sup>89</sup>



Fonte: Imagem do documentário O Sal da Terra, 2014. Direção de Wim Wenders e Juliano Ribeiro.

O fechamento de fronteiras é um dos motivos para o surgimento de outro número alarmante, o de pessoas deslocadas internamente<sup>90</sup>. Outro fator importante por trás do aumento do seu número é “a natureza de muitos conflitos intraestatais”, “onde os civis são frequentemente alvo de grupos em conflito” (UNHCR, 2006, p. 18, tradução livre). Eles começaram a fazer parte da agenda internacional a partir da década de 1990. Sua definição é

<sup>88</sup> Resposta dada por email, pelo Division of Programme Support and Management (DPSM), unidade de estatística das Nações Unidas (UNHCR) localizada em Genebra. Resposta dada em 04/04/2016.

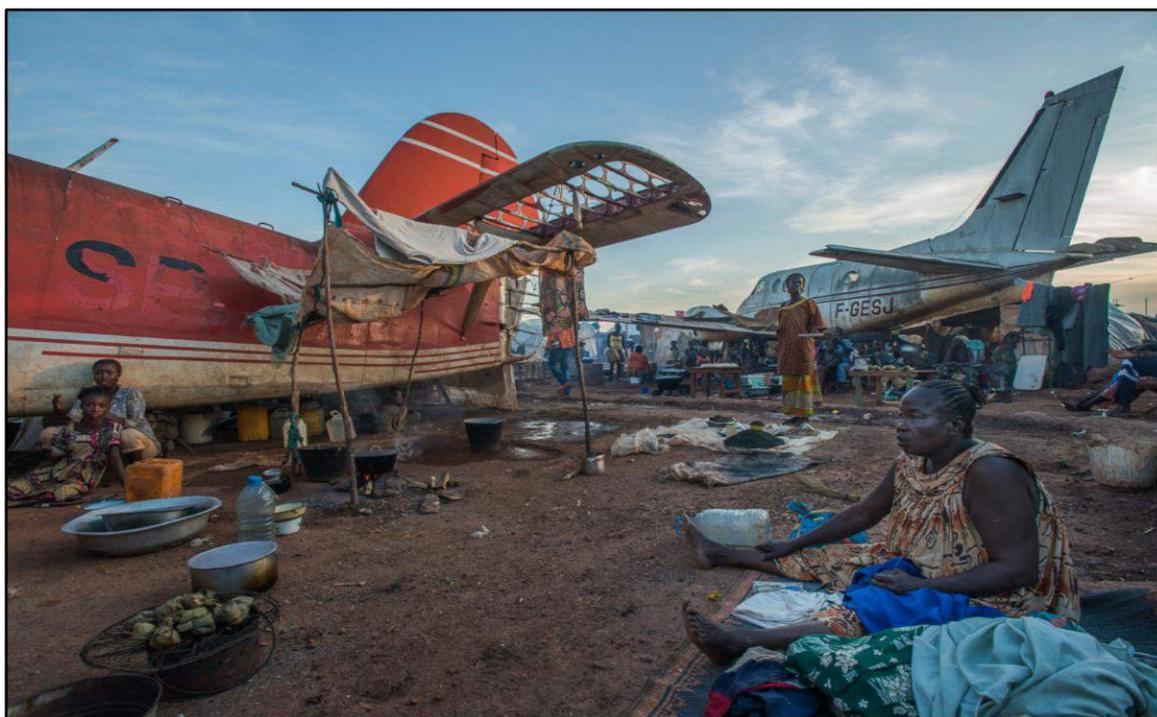
<sup>89</sup> O trem foi transformado em um campo de refugiados.

<sup>90</sup> Informação também confirmada pela professora e integrante da Cátedra Sérgio Vieira de Mello, Liliana Jubilut (Universidade Unisantos, São Paulo), em 23 de setembro de 2015. As perguntas foram respondidas por email.

baseada em sua permanência em seu país, apesar do seu deslocamento forçado ocasionado por conflitos, perseguições e desastres naturais. Hoje, existem 38,2 milhões de pessoas deslocadas internamente (UNHCR, 2014), número muito mais expressivo quando se compara ao de refugiados, mencionado no primeiro capítulo.

Um exemplo da construção desses campos, muitas vezes improvisados pela indeterminação dos conflitos e de sua proximidade, é um campo de deslocados internos construído entre aviões em ruínas, no Aeroporto Internacional de Bangui (Capital da República Centro-Africana) em 2014, onde 60.000 mil pessoas buscaram abrigo, fugindo de um conflito iniciado em 2012 no seu país (FIGURA 52).

FIGURA 52 - Quando as fronteiras se fecham...



Fonte: Publicação on line da rede de notícias Aljazeera, em junho de 2015. Disponível em: <<http://www.aljazeera.com/indepth/inpictures/2015/06/world-refugee-day-150619120217942.html>>. Acesso em: 02 set. 2015.

As décadas de sofrimento e esquecimento registradas nos campos de refugiados no Oriente Médio, formados no final da década de 1940, e no continente africano, cada vez mais superlotados e sem condições mínimas de sobrevivência, com corte sistemático da ajuda internacional para suprimentos básicos, contribuíram para a criação de um cenário insustentável, onde a sobrevivência dessas pessoas, também encontra-se fortemente comprometida, além da percepção de que os campos, não são mais uma alternativa a se considerar. Os campos se espalham e junto, levam reflexão, não só por se estabeleceram em

locais mais visíveis, mas acima de tudo porque a contenção começa a ser discutida. “Um mundo de campos”, assim exposto por Michel Agier (2014), declara também, que o século dos campos, então citado por Peter Grbac (2013) ao se referir às observações de Zygmunt Bauman sobre o século passado, não só persiste no tempo atual, como também ganha contornos cada vez mais dramáticos. O protesto dos refugiados recém-chegados na Hungria em setembro de 2015, deixa claro que a experiência dos campos não será facilmente aceita (FIGURA 53).

FIGURA 53 - Não aos campos e sim para liberdade!



Fonte: CERNUSÁKOVÁ, Barbora. **Trains to Nowhere, Hungary's harsh welcome for refugees**, Amnesty Internacional (2015). Disponível em: <<https://www.amnesty.org/en/latest/news/2015/09/trains-to-nowhere-hungary-harsh-welcome-for-refugees/>>. Acesso em: 10 set. 2015.

Aos espaços segregados e de grande desigualdade social, como as favelas, adiciona-se uma realidade de extrema precariedade espacial ao redor do mundo. Suspensos juridicamente, como enclaves jurídicos, se desenvolvem e crescem, sem existirem oficialmente, com uma extraterritorialidade, muitas vezes permeadas por diferentes nacionalidades. Esses espaços são os campos de refugiados, e estão nas fronteiras do mundo.

### **2.3 A política de acolhimento de refugiados e os dispositivos de contenção territorial do Quênia.**

No contexto do neoliberalismo, onde mobilidade e imobilidade, em todos os seus aspectos, desenvolvem um contraditório cenário, o Estado reconfigura-se para a manutenção de sua soberania e do controle exercido em seu território. Controle, que tem como desafios atuais, os “diversos fluxos através de suas fronteiras” (HAESBAERT, 2013a, p. 23). Fluxos de mercadorias, financeiros, de pessoas ou de empresas. Uma multiterritorialidade, em uma complexa rede de poderes múltiplos. Como centralizar e controlar esses distintos e múltiplos agentes des-reterritorializadores?

É importante observar nesse contexto, que o controle na lógica do poder do Estado, é exercido de forma contraditória. Ele age estrategicamente, de forma restritiva, em relação à população indesejada, como os migrantes de baixa renda, ou em situação de instabilidade, como os refugiados, ou ainda em relação às classes menos favorecidas. O aumento da precarização social, como afirma Haesbaert (2014), e o declínio do Estado de bem-estar social, faz emergir um “estado de contenção social”, sendo esta, uma importante questão “na reterritorialização do Estado contemporâneo” (HAESBAERT, 2014, p. 141 e 214) onde se observa, inseridos nesse processo, a biopolítica e o biopoder. O termo contenção territorial abordado por Haesbaert (2014), apreende a complexidade da atual conjuntura mundial, ao apontar as fragilidades nas tentativas de controle dos fluxos indesejados. “A contenção territorial envolve sempre a impossibilidade da reclusão ou do fechamento integral, da clausura ou confinamento” (Ibidem, p. 215). Na tentativa de controle dos diferentes fluxos indesejados, como de refugiados ou de drogas, o que se tem conseguido realizar é um “efeito-barragem”, pois existe a possibilidade da transposição das barreiras impostas através, por exemplo, de “vertedouros” que fazem com que o fluxo prossiga (Ibidem, p. 215).

A existência de instrumentos jurídicos, inerentes ao Estado de direito, que criam circunstâncias excepcionais para atos não constituintes da normalidade jurídica permite que territórios, como os campos de refugiados, sejam não só formados, mas detentores de uma existência sem prazos. Anos, e muitas vezes décadas, marcam a sua constituição como uma “emergência” permanente. Os dispositivos, dessa contenção mais estrita, são implementados pelas práticas de um Estado de exceção:

onde grande parte da legislação “normal” do país é colocada entre parênteses, ou mais diretamente jurídico-políticas –, como os campos de refugiados e de controle de imigrantes. Estas últimas, como já ressaltamos, configuram “campos”, espécies de território-limbo em que vigoram processos de “exclusão includente”, ao mesmo

tempo de exclusão – no sentido de que os migrantes são impedidos de entrar e usufruir dos direitos de cidadania nacionais – e de inclusão – na medida em que continuam dentro do “território nacional”, ainda que sob regras de exceção. (HAESBAERT, 2013a, p. 27).

A história de acolhimento de refugiados no Quênia tem seu início marcado no período colonial, quando os refugiados tinham liberdade para trabalhar, livre mobilidade e permissão para se estabelecer sem restrições, inclusive com possíveis direitos à cidadania. Essa maior facilidade de integração dos refugiados estava relacionada, principalmente, ao seu pequeno número existente. Na década de 1980, por exemplo, eram cerca de 12 mil. Porém, no começo da década de 1990, período em que foi estabelecido o campo de refugiados de Dadaab, diferentes restrições começaram a ser implementadas, centradas na contenção e isolamento. Essa mudança está fortemente relacionada ao final da Guerra Fria. A antiga prática de reassentamento<sup>91</sup> de grande número de refugiados implantada durante esse conflito, pelos países ocidentais, sofreu com o final da Guerra Fria, expressivas alterações, sobrecarregando os países que eram os primeiros a recebê-los. A diminuição da ajuda internacional, também nessa época, constituiu outro fator determinante. Os conflitos que surgiram com o fim da Guerra Fria, na região oriental da África, aumentaram sensivelmente o número de pessoas deslocadas à força. O Quênia, já em 1992, possuía 400 mil refugiados (LAMBO, 2012). “Foi neste novo clima geopolítico que a ‘política de campos’ foi concebida e implementada no Quênia, uma política que gira em torno do isolamento e contenção de refugiados em ‘áreas designadas’ do país” (Ibidem, p. 03, tradução livre, grifo do autor). É importante destacar que essa política de confinamento do Quênia é informal, pois suas imposições não foram escritas ou regulamentadas juridicamente (LAMBO, 2012; HUMAN RIGHTS WATCH, 2002).

Embora o Quênia seja signatário da Convenção do Estatuto dos Refugiados (1951), da Convenção da Organização de Unidade Africana (1969) e do Pacto Internacional sobre os Direitos Civis e Políticos (ICCPR), que estabelecem a liberdade de movimento no país em que foi concedido o refúgio, esse direito tem sido negado. Os refugiados que vivem em áreas urbanas, como Nairóbi, são vítimas constantes de abordagens violentas da polícia e de prisões arbitrárias. Até mesmo a permissão de saída dos campos de refugiados de Dadaab e Kakuma, que ocorre sob circunstâncias restritas, como por exemplo, cuidados médicos específicos ou risco de vida ocasionado por perseguições, não tem sido respeitada (HUMAN RIGHTS WATCH, 2002).

---

<sup>91</sup> O reassentamento ocorre quando refugiados recebem a permissão de receber refúgio em outro país de acolhimento.

Com a instituição da Lei de Refugiados do Quênia, em 2006, uma série de procedimentos para restringir a saída dos refugiados dos campos foi desenvolvida. Em 2009, apenas 3% dos refugiados dos campos no Quênia receberam a permissão de saída, ou um passe de movimento, como é chamado. O governo queniano alega que essas medidas de restrição ao movimento de refugiados e da escolha de sua residência, têm sido tomadas por questões de segurança nacional, em virtude dos ataques terroristas em seu território, mas nesse mesmo ano, 80% dos refugiados em seu país eram constituídos por mulheres e crianças (Ibidem, 2010). De acordo as leis internacionais, estabelecidas em convenções internacionais de proteção aos refugiados, essas medidas são ilegais (HUMAN RIGHTS WATCH, 2002).

A criminalização do migrar, abordada no capítulo 1, é fortemente reconhecida nessas medidas de contenção territorial do Quênia. Afinal, por que essas pessoas são presas em centros de detenção para imigrantes ou contidas, por décadas, em campos de refugiados? Não existe crime. O que existe é uma prática recorrente em diversos países, sem embasamento jurídico, de segregação, que só é desenvolvida, porque é aceita, e não contestada pela sociedade que deveria ser de acolhimento e integração. O que se percebe é que, assim como a migração, a segregação de pessoas faz parte da história da humanidade.

Mesmo com tantas restrições impostas aos refugiados e a política de confinamento em campos de refugiados do Quênia, o bairro de Eastleigh, em Nairóbi (FIGURA 54), é um exemplo importante, de como essas imposições têm sido contornadas e sofrido resistência em plena área urbana de Nairóbi.

FIGURA 54 – Conjunto residencial em Eastleigh.



SILVA, Daniela F. Março de 2015.

Esse bairro tem um contexto de formação muito parecido com o do campo de refugiados de Dadaab. Existe uma estreita conexão entre esses dois espaços, formada diariamente, na saída de Matatus em direção ao campo de Dadaab. O entrevistado queniano Douglas Masoka informou que os Matatus que fazem a viagem para o campo de refugiados de Dadaab saem de um prédio comercial em Eastleigh, chamado Garissa Lodge, localizado na parte central do bairro. Douglas informou também, que muitos refugiados que viviam em Eastleigh foram levados para os campos durante um forte esquema de segurança organizado pelo governo. Para ele, muitas pessoas que vivem nesse bairro, o fazem de forma “ilegal”, sem documentos regularizados. Em Eastleigh, muitos dos refugiados que conseguem a permissão de saída do campo, conseguem um retorno a uma certa “normalidade” de vida ou sentir um certo grau de integração. Uma liberdade, que embora vigiada pela polícia e desafiada pelo preconceito sofrido, traz de volta pequenas oportunidades de vivenciar um pouco dos países de origem deixados para trás. Nele, os somalis podem ir em mesquitas maiores, como a indicada na introdução dessa dissertação, ouvir o som dos chamados das orações nas ruas ou reviver o movimentado centro comercial de Mogadíscio. Essas experiências de reencontro também são vivenciadas por refugiados etíopes e eritreus. Eastleigh conseguiu tornar-se um mosaico de diferentes países, apesar do predomínio somali no bairro. Para os refugiados que nasceram nos campos, ele é a oportunidade de conhecer um espaço diferente, ou uma cidade em sua forma mais desenvolvida. Os refugiados ficam instalados também, em outros locais em Nairóbi, mas Eastleigh tornou-se um importante destino, principalmente para os de origem somali.

Eastleigh nasceu no contexto da segregação colonial do Quênia, onde a população africana ficava em bairros separados dos europeus. Formado no início do século passado, era conhecido pela denominação de “campo somali”<sup>92</sup>. Com a eclosão da guerra civil da Somália e dos conflitos em outros países, que fazem fronteira ou são próximos ao Quênia, Eastleigh tornou-se um bairro, principalmente, de imigrantes e refugiados de diferentes nacionalidades, transformando-se, hoje, em um dos principais centros comerciais do leste da África. Ele é um exemplo de forma mais urbanizada do campo de refugiados de Dadaab.

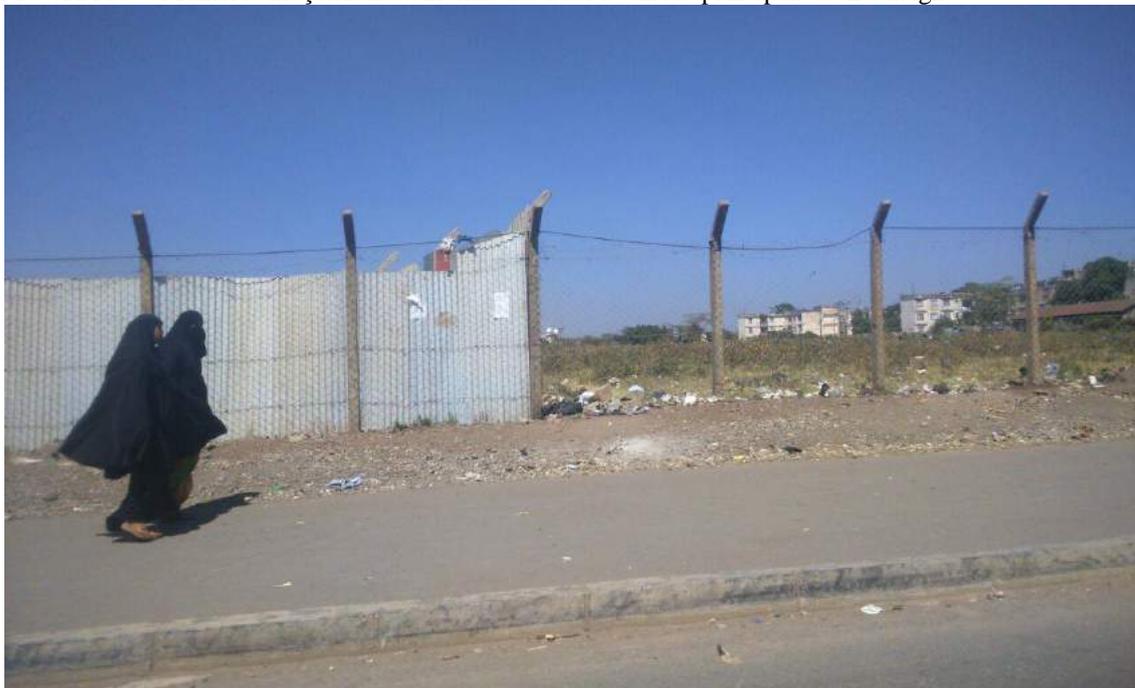
Andar pelas suas ruas permite ver um pouco do cotidiano do campo de refugiados de Dadaab (FIGURAS 55 e 56). Sua identidade de segregação permanece até hoje, nas suas ruas sujas, enlameadas e sem praticamente nenhuma assistência governamental (FIGURA 57). A cidade e o centro de Nairóbi são locais bem estruturados e cuidadosamente limpos. Em

---

<sup>92</sup> Informação obtida do documentário Eastleigh on the Move, 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aOKoIF3d4p4&nohtml5=False>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

Eastleigh a falta de infraestrutura é evidente. Sua reputação carrega um tom de medo e desprezo, onde são constantes as revistas e investidas policiais, atrás de integrantes do grupo terrorista Al Shabaab e as remoções de refugiados, enviados de volta para os campos.

FIGURA 55 – Mulheres muçulmanas em uma das duas avenidas principais de Eastleigh.



Fonte: SILVA, Daniela F. Março de 2015.

FIGURA 56 – Refugiada somali usando celular próximo ao centro de registro do campo de Dadaab.



Fonte: Arquivo pessoal da fotógrafa Sarah Elliott de 2011. Disponível em: <[http://www.sarahelliottphotography.com/two-decades-of-temporary-solutions/Dadaab\\_Sarah\\_Elliott07//](http://www.sarahelliottphotography.com/two-decades-of-temporary-solutions/Dadaab_Sarah_Elliott07//)>. Acesso em: 20 jan. 2016.

FIGURA 57 – Lixo e infraestrutura precária na entrada de Eastleigh.



Fonte: SILVA, Daniela F. Março de 2015.

É um local a poucos minutos do centro, mas quando se ingressa nele, nota-se uma mudança na atmosfera. Apesar de tantas dificuldades impostas, Eastleigh sobrevive e responde à imposição de lugar relegado, com a criação de diversas redes transnacionais de comércio desenvolvidas, principalmente, por diferentes diásporas que ultrapassam os limites impostos (CARRIER; LOCHERY, 2013). A contenção restringe-se ao controle policial percebido durante a pesquisa de campo no bairro.

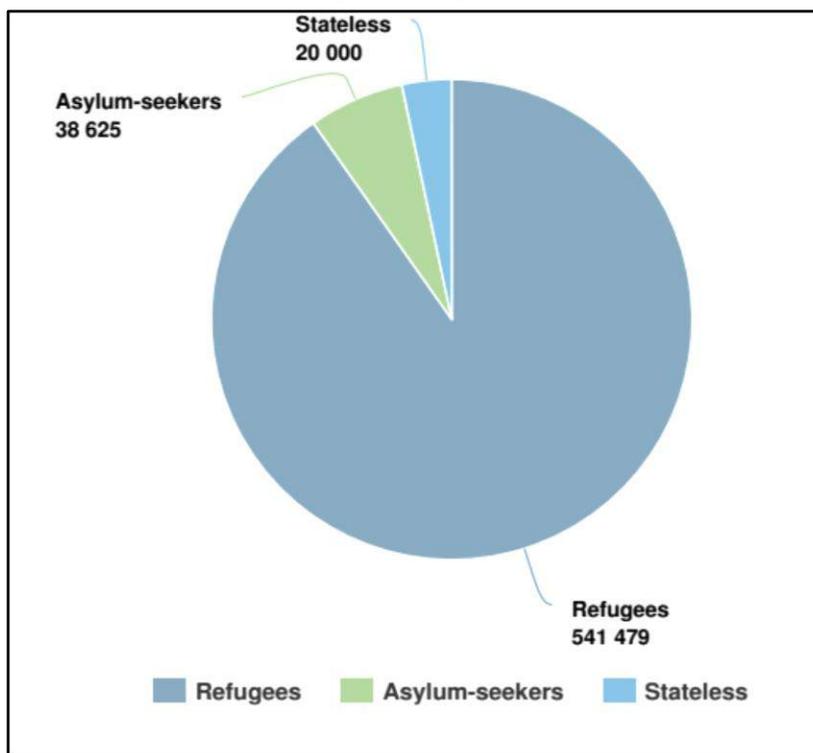
Eastleigh é uma forma de “território alternativo” (HAESBAERT, 2013c) onde uma mínima integração social tem sido conquistada pelos moradores de origem estrangeira e pelos refugiados, que de certa forma encontram nesse bairro um refúgio entre as pessoas de mesma nacionalidade e costumes. Como afirma Rogério Haesbaert:

Ao lado de uma geopolítica global das grandes corporações brotam “micropolíticas” capazes de forjar resistências menores - mas não menos relevantes -, em que territórios alternativos tentam impor sua própria ordem, ainda minoritária e anárquica, é verdade, mas talvez por isso mesmo embrião de uma nova forma de ordenação territorial que começa a ser gestada. (HAESBERT, 2013c, p. 15).

Hoje, vivem no Quênia 541 mil refugiados (FIGURA 58)<sup>93</sup>. A forte política de contenção territorial do Quênia é percebida nas estatísticas. Dos 541 mil refugiados no Quênia, cerca de 533 mil vivem nos campos de Kakuma e Dadaab (FIGURA 59).

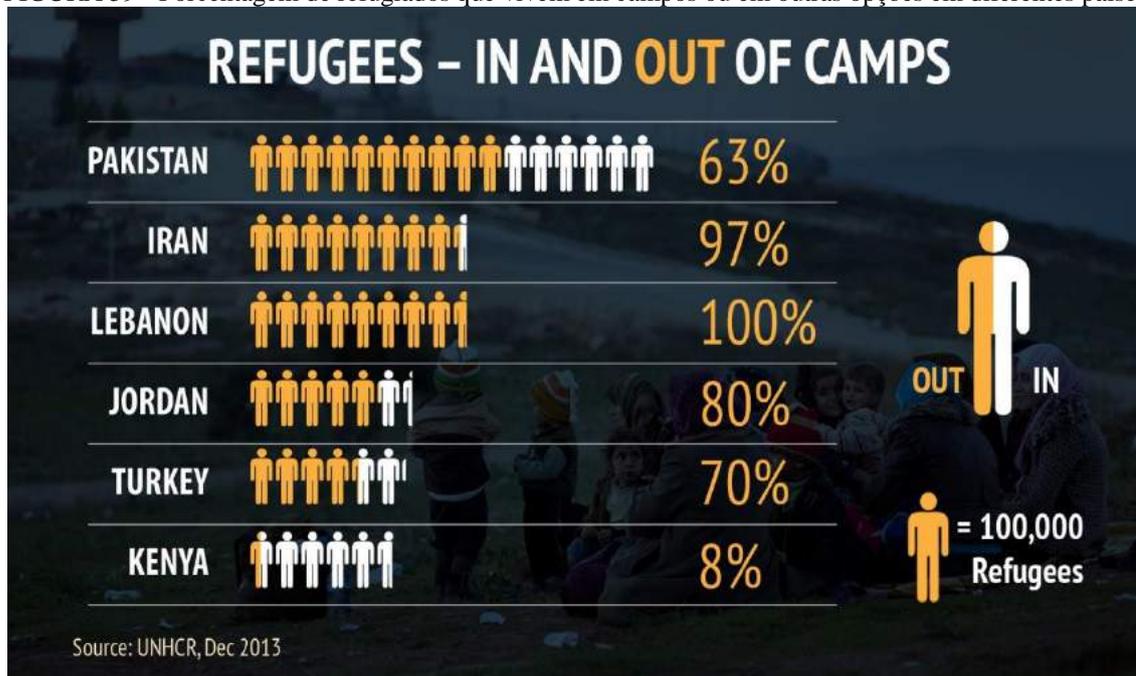
<sup>93</sup> O mapa do Anexo B mostra maiores detalhes da situação dos refugiados e solicitantes de asilo no Quênia, assim como as informações de suas nacionalidades e localização no território queniano, no ano de 2015.

FIGURA 58 - Número de refugiados no Quênia em 2016.



Fonte: Global Focus UNHCR Operations Worldwide (2016). Disponível em: <<http://reporting.unhcr.org/sites/default/files/tmp/GR2016-Kenya-eng.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

FIGURA 59 - Porcentagem de refugiados que vivem em campos ou em outras opções em diferentes países.



Fonte: Integrated Regional Information Networks (IRIN), 2014. Disponível em: <<http://www.irinnews.org/analysis/2014/10/07/alternatives-refugee-camps-can-policy-become-practice>>. Acesso em: 04 mar. 2016.

A questão fundiária no Quênia é outro fator relevante para o desenvolvimento da política de campos, como ressaltam os autores Marc-Antoine Montclos e Peter Kagwanja (2000). A falta de investimentos na região em que o campo de Dadaab foi formado, dificulta ainda mais essa questão. Existe um conflito por recursos, no qual a população queniana do vilarejo, apesar de ser de origem também somali, disputa os recursos escassos dessa região. O impacto de um complexo de campos de quase 400 mil pessoas em um local, pode gerar oportunidades e melhorias para o seu entorno, mas também um desequilíbrio, quando investimentos políticos não são assegurados para a nova realidade da região. De acordo com os autores:

No Quênia, a questão da terra é sensível. O governo temia que os refugiados fossem instalados em áreas valiosas do país, especialmente nas regiões mais altas. Assim, os campos de Kakuma e Dadaab foram construídos em um ambiente semiárido, com uma densidade de menos de 0,05 habitantes por hectare, em comparação com 5, em distritos rurais como Kisii, por exemplo. Nessas áreas pouco povoadas, os refugiados não podem desenvolver atividades agrícolas. O potencial de progresso nessa direção é negligenciado, a menos que grandes investimentos sejam utilizados, porque nunca foi uma prioridade para o governo em Nairóbi. Sob o pretexto do desmatamento e da seca, as atividades agrícolas foram, de fato, totalmente proibidas fora dos campos de refugiados. Em Dadaab, os cinturões verdes em torno dos campos são simplesmente frutas e hortas. (MONTCLOS; KAGWANJA, 2000, p. 207, tradução livre).

Após o ataque terrorista em 1998 na embaixada americana em Nairóbi, o governo queniano criou a Unidade de Polícia Antiterrorismo (ATPU) em 2003. A unidade recebe financiamento dos Estados Unidos, Reino Unido e de Israel (WEITZBERG, 2014). A evolução dos ataques terroristas em seu território fortaleceu a criação de outras medidas restritivas à mobilidade dos refugiados em seu território, direcionadas principalmente aos refugiados somalis. A operação Usalama Watch lançada em 2014 pelo governo queniano, depois de ataques terroristas no bairro de Eastleigh, afetou duramente a circulação dos refugiados, não só na capital, como também nos campos.

O Quênia vem desenvolvendo, ao longo dos anos, uma dura e violenta política de combate ao terrorismo. A liberdade dos refugiados tem sido colocada em questão, assim como a dos próprios quenianos, que vivem em constante estado de tensão. Na pesquisa de campo realizada em Nairóbi, em março de 2015, essa tensão foi percebida. O cotidiano dos quenianos tem sido muito afetado com medidas extremas de segurança. Em quase todos os lugares visitados, durante a pesquisa de campo, a revista no carro e em todos os pertences, foi uma constante. O Estado de exceção no Quênia difundiu-se por todo o seu território, não está restrito aos campos. Assassinatos extrajudiciais, interrogatórios, contenção à força sem embasamentos jurídicos e desaparecimentos. Os refugiados somalis e os quenianos de mesma origem são os que mais sofrem com essas medidas de segurança, por causa da nacionalidade, ou origem,

relacionada ao do grupo terrorista somali Al Shabaab, que tem vínculo com a Al Qaeda. Os ataques têm sido frequentes, principalmente depois que o Quênia integrou a missão de paz da União Africana (AMISON) no conflito existente na Somália. A tensão e o medo tornaram-se maior após o último atentado. O pior na história desse país. Três semanas após a volta da pesquisa de campo, uma universidade na cidade de Garissa, próxima a Dadaab, foi violentamente atacada. A tensão só cresce, e a restrição a mobilidade dos refugiados, degrada-se a cada ato terrorista.

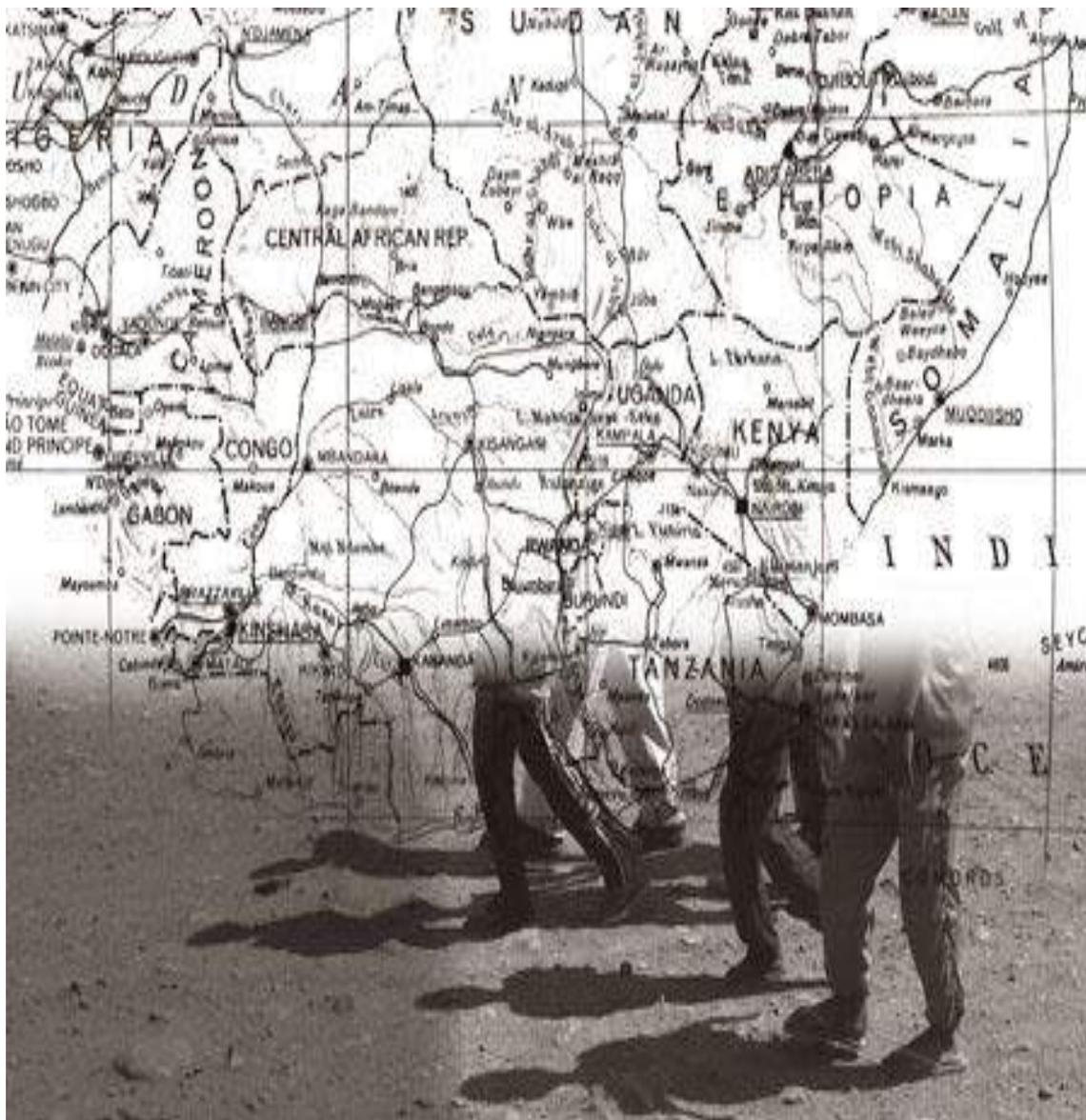
A guerra global ao terror tem dado poder aos oficiais quenianos em novas maneiras. Ela tem permitido a justificação da criação de perfis de somalis e muçulmanos e de legitimar a suspensão de direitos civis. Isto tem também dado acesso para novas formas de financiamento ocidental e recursos políticos e militares. Quênia, por exemplo, tornou-se um importante aliado dos Estados Unidos em suas campanhas secretas na Somália. (WEITZBERG, 2014, tradução livre).

Com a globalização, em seu processo atual, muitos aspectos ganharam uma dimensão nunca antes alcançada. O Estado de exceção ou a atuação de excepcionalidades jurídicas em nome de distintos interesses parece seguir o curso global, ou melhor dizendo, estaria transpassando as portas da obscuridade? Como afirma a historiadora Keren Weitzberg (2014), o questionamento em relação à globalização de execuções de medidas antiterror devem ir além das investigações das violações cometidas. Para a autora:

É preciso, ao contrário, investigar a estrutura do estado de exceção que permite que tais violações ocorram. Os críticos devem questionar a eficácia das operações antiterroristas; os meios duvidosos pelos quais certos grupos são considerados como "ameaças à segurança", e o medo subjacente e desorientação política que tem fortalecido agências antiterroristas. Além disso, é importante mostrar, como no caso do Quênia, facilmente "estados de exceção" podem tornar-se parte permanente da ordem jurídica, e um meio, para o Estado, consolidar o poder e reverter as liberdades civis. (WEITZBERG, 2014, grifo da autora, tradução livre).

A reflexão desenvolvida nesta pesquisa, mais uma vez coloca em discussão, o papel político desenvolvido pelo Estado-Nação, que ao reconfigurar-se no atual contexto, demonstra claramente o contínuo processo de configuração de uma dinâmica territorial excludente e centralizadora. Tenta-se exercer um controle, em função da manutenção dos privilégios de poucos em detrimento do sofrimento de muitos. Não se governa em função da construção de uma Nação, através por exemplo, de uma democracia política, mas sim, por uma democracia de mercado ou de exceções.

### Capítulo 3 - Contextualizando o cenário de deslocamentos forçados e de formação de campos de refugiados na África Oriental: uma crise além das fronteiras.



Fonte: Imagem criada pela artista plástica e fotógrafa brasileira Marie Ange Bordas. Disponível em: <<http://horizontegeografico.com.br/exibirMateria/312/a-vida-no-campo-de-refugiados>>. Acesso em: 20 out. 2015.

*“Nós não podemos entender os nossos problemas se não pensarmos neles em uma escala global, planetária.”*

Ryszard Kapuscinski, tradução livre.

### 3.1 As geopolíticas e o mapeamento de uma paisagem de “emergências”<sup>94</sup>.

*Toda a África está em movimento, vagando, caminhando atrás de alguma coisa. (...) a África não tem fronteiras, não tem países (...), um irmão procura outro irmão. (KAPUSCINSKI, 2002, p. 258).*

Essa foi uma das impressões percebidas ao caminhar pelas ruas de Nairóbi durante a pesquisa de campo realizada. Uma multidão em constante movimento, não só no centro da cidade (FIGURA 60), mas nos seus arredores, e até mesmo nas áreas mais afastadas, dos parques e reservas ambientais. Um vai e vem de pessoas nas calçadas e nas margens das estradas.

FIGURA 60 – Centro de Nairóbi.



Fonte: SILVA, Daniela F. Março de 2015.

A citação, acima, do jornalista polonês Ryszard Kapuscinski (2002), conhecido como o poeta de linha de frente por seus muitos anos trabalhando em coberturas de zonas de guerra, mostra o cotidiano do continente africano, expresso nos costumes dos diferentes povos que o jornalista conheceu nesse continente, onde as fronteiras humanas é que teriam que ser transpostas. Com a colonização e posteriormente a Guerra Fria, o cenário de caos imposto,

<sup>94</sup> Título inspirado no artigo intitulado **The New Geopolitics of Peace operations: Mapping the Emerging landscape** (2012). Disponível em: <[http://www.sipri.org/research/conflict/pko/other\\_publ/NGP-Policy-Report.pdf](http://www.sipri.org/research/conflict/pko/other_publ/NGP-Policy-Report.pdf)>. Acesso em: 14 out. 2015.

período em que o jornalista e escritor trabalhou na África<sup>95</sup>, as fronteiras transformaram-se em políticas, e as humanas, ganharam uma alteridade de conflitos.

Um cenário de crises constituído também por fronteiras que ultrapassam essa região do continente africano e se expandem em escala mundial, como afirma o escritor<sup>96</sup>. O coração das trevas, descrito por Joseph Conrad (2008) ainda pulsa em meio ao um cenário de violência e usurpação. A República Democrática do Congo, então descrita pelo autor no século XIX, possui hoje, a maior operação de paz das Nações Unidas no mundo (ONYANGO-OBBO, 2016), a instabilidade iniciada com a colonização persiste, agora com distintas geopolíticas.

O movimento da população africana que foge de conflitos ou perseguições tornou-se penoso e forçado. O deslocar-se sempre em busca de uma vida melhor. Apesar disso, as fronteiras, no continente africano, “teimam” em mostrar a sua verdadeira face, não obedecendo às imposições ilógicas da época colonial. Elas não são absolutas. O campo de refugiados de Dadaab é um exemplo dessa resistência à imposição de fronteiras políticas. O território, em que está localizado é queniano, mas a população dos pequenos vilarejos e da cidade de Garissa, ainda mantém fortes vínculos com a sua origem somali, mantendo as suas tradições, inclusive a língua somali.

Outra visão desse cenário é exposta pela artista brasileira Marie Ange Bordas, ao refletir sobre esses deslocamentos forçados no continente africano em sua região oriental, abordada nessa pesquisa. A imagem exposta na abertura deste capítulo está relacionada ao seu projeto de trabalho no campo de refugiados de Kakuma, no noroeste do Quênia. A artista e jornalista questiona nesse projeto, esse movimento forçado constante, em busca de um lugar seguro, em que “fronteiras visíveis e invisíveis” são transpostas constantemente (BORDAS, 2006)<sup>97</sup>. “De acordo com o relatório anual das Nações Unidas sobre migração, a África é o continente com a maior população móvel do mundo” (BLANCO, 2011, p. 538).

Os diferentes conflitos, perseguições, deslocamentos ocasionados por construções de grandes obras de infraestrutura e retirada de terras para instalação de grandes projetos agrícolas, constroem um espaço de fluxos forçados (MAPA 09) em que uma “rede de campos” (AGIER, 2015a, p. 125), formada pelos movimentos incessantes dos que buscam um refúgio, formam

---

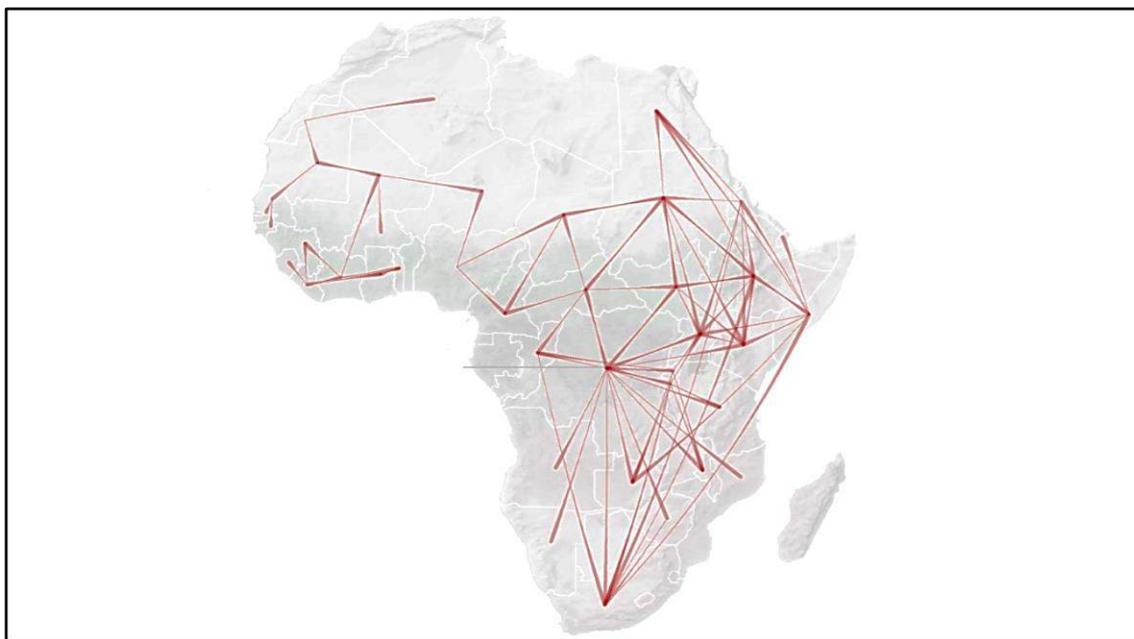
<sup>95</sup> Ryszard Kapuscinski trabalhou em períodos distintos no continente africano, somando ao todo 40 anos entre idas e vindas nesse continente.

<sup>96</sup> Citação exposta no site em sua homenagem, onde são organizados projetos e palestras nos temas então trabalhados pelo jornalista. Disponível em: <<http://kapuscinskilectures.eu/ryszard-kapuscinski/>>. Acesso em: 18 jul. 2015.

<sup>97</sup> Texto de abertura criado por Marie Ange Bordas, exposto nas instalações artísticas da obra Deslocamentos em seu site, citado anteriormente.

agora, uma realidade na configuração espacial desse continente (MAPA 10). Uma vida em “errância” sempre em busca de um lugar mais seguro (AGIER, 2015a, p. 125)<sup>98</sup>.

MAPA 09 - Fluxos de refugiados no continente africano em 2015.



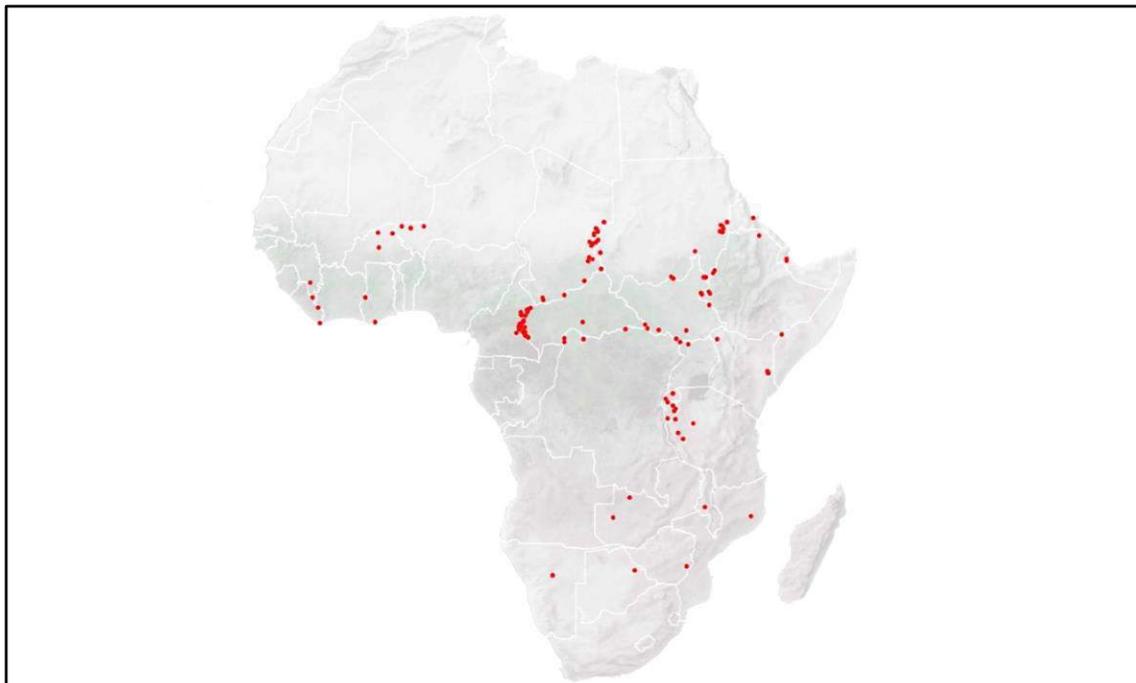
Fonte: **The Flight of Refugees Around the Globe**. The New York Times, 20 jun. 2015. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/interactive/2015/06/21/world/map-flow-desperate-migration-refugee-crisis.html?r=2>>. Acesso em: 15 set. 2015.

Michel Agier (2015b), em pesquisa de campo realizada no continente africano, exemplifica a existência de uma rede de campos, em regiões de conflitos persistentes, refazendo o itinerário de refugiados em alguns campos na Libéria, Guiné e Serra Leoa. O autor relata que:

O percurso padrão do refugiado parte de Lofa, na Libéria, passa num campo de deslocados, próximo de Monróvia, depois em Serra Leoa em um campo de refugiados; e quando as coisas vão mal em Serra Leoa, o refugiado encontra-se em um campo no leste da Guiné. (...). Uma vasta rede dos lugares de guerra, de fuga e de refúgio formou-se ao longo da guerra, no seu centro ou em suas margens. Isso estruturou um espaço comum de práticas, comunicação e de interconhecimento. (AGIER, 2015b, p. 69).

<sup>98</sup> Michel Agier cita exemplos de refugiados no continente africano que saem de campo em campo buscando sempre melhores condições de vida e de refúgio. É importante salientar também, as observações do secretário executivo da Comissão Econômica da ONU para a África (Economic Commission for Africa - Uneca), Carlos Lopes. O secretário adverte que o cenário de conflitos na África, atinge apenas 100 milhões de pessoas, da sua população total de 1,1 bilhão de pessoas. Reconhece que mesmo assim, 100 milhões é muito significativo, mas enfatiza que o contexto desse continente não é permeado de conflitos, como destacado nas diversas publicações e informes sobre a África. Para o secretário, os desafios são grandes, principalmente em relação à estrutura econômica, mas o continente, entre muitos outros exemplos positivos citados por ele, é o que mais cresce economicamente. Carlos Lopes desconstrói todo o cenário de negatividades atribuídas ao continente africano, trazendo dados e informações sólidas, que contradizem todas as informações negativas produzidas sobre a África. Informações foram citadas em palestra proferida no Brasil em abril de 2015, e no seu resumo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IdAUjKryKJo>>. Acesso em: 24 ago. 2015. Resumo: Disponível em: <<http://www.institutolula.org/por-dentro-da-africa-entrevista-carlos-lopes>>. Acesso em: 24 ago. 2015.

MAPA 10 - Campos de refugiados com mais de mil pessoas no continente africano em 2015.



Fonte: **The Flight of Refugees Around the Globe**. The New York Times, 20 jun. 2015. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/interactive/2015/06/21/world/map-flow-desperate-migration-refugee-crisis.html?r=2>>. Acesso em: 15 set. 2015.

O sociólogo angolano, Paulo Inglês (2015), também ressalta a formação de uma rede de campos ao afirmar que:

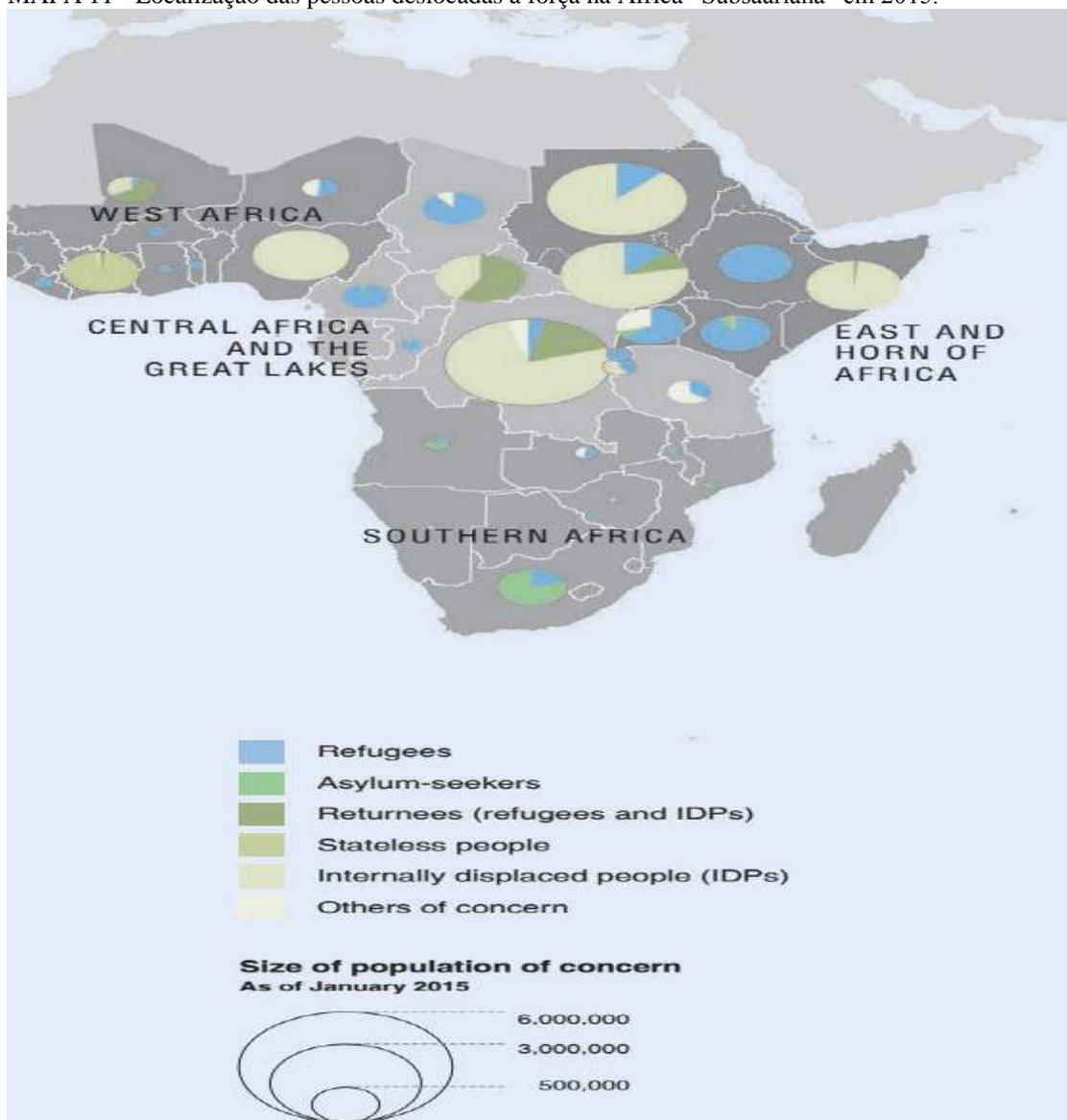
Em decorrência de sucessivas vagas<sup>99</sup> de migrações, especialmente as forçadas, e da necessidade de uma melhor administração e contenção de dramas humanos, foi-se instalando lentamente o sistema de campo de refugiados, que, com o tempo, transformou-se, de fato, num regime. Malkki (1985, p. 51, tradução livre) denomina os campos de refugiados como uma “tecnologia de cuidado e de controle”, isto é, uma tecnologia de poder cujo objetivo é gerir o espaço e o movimento das pessoas que, supostamente, se encontram fora da ordem (MALKKI, 1992, p. 34). (INGLÊS, 2015, p. 172).

De acordo com as últimas estatísticas das Nações Unidas, no continente africano existem aproximadamente 17.949 milhões<sup>100</sup> de pessoas deslocadas à força (MAPA 11), onde em 2015, foram estabelecidos mais 12 campos e outros 7 foram expandidos.

<sup>99</sup> Possui o sentido de vagar ou andar a esmo, por exemplo.

<sup>100</sup> Esse número foi obtido na soma dos dados estatísticos por regiões do continente. Os dados estão disponíveis na tabela fixada no mapa intitulado **Populations of Concern to UNHCR** (UNHCR, 2016). Disponível em: <<http://www.unhcr.org/564da0e3b.html>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

MAPA 11 - Localização das pessoas deslocadas à força na África “Subsaariana” em 2015.<sup>101</sup>



Fonte: **Global Appeal 2016-2017 (UNHCR)**. 2016. Disponível em: <<http://www.unhcr.org/ga16/index.xml>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

<sup>101</sup> Os dados referentes à região norte do continente, não aparecem na visualização do mapa, porque para as Nações Unidas, a sua divisão regional está inserida em uma sub-região junto com o Oriente Médio, embora o valor ressaltado acima, do número de pessoas deslocadas à força, possua os dados da África do Norte. É importante também ressaltar a conotação do termo subsaariana, muito utilizado na definição dos países localizados abaixo do deserto do Saara. África Subsaariana, definida também, de forma pejorativa, como África negra, impõe uma conceituação, como o seu próprio prefixo “sub” a define, de inferioridade ou homogeneidade. Apesar da forte influência árabe no norte do continente, esses traços de miscigenação, ocorreram em grande parte do continente, não sendo conveniente então, essa divisão e, muito menos, pelas características do desenvolvimento dos aspectos econômicos e sociais. Aí a classificação, também assume pontos divergentes. Em entrevista informal por email, em abril de 2016, a geógrafa e doutoranda da UFPE, Ivete Silves Ferreira, enfatiza a dissonância dessa classificação, ao afirmar que “provém da convenção geográfica eurocentrista, estando subjacente à ideia de que o Norte estaria acima e o Sul abaixo”, e que tem como pano de fundo, a lógica estratégica do dividir e desagregar, para melhor explorar, desenvolvida então pelos colonizadores, hoje, revestidos com a máscara de investidores e parceiros comerciais. O termo esconde a exuberante riqueza dos milhares de povos, ricos em sua diversidade e no seu modo de ver o mundo, que está presente em todas as partes da África. A entrevista com Ivete foi feita por email, porque no momento dos questionamentos, ela estava no país em que reside, Cabo Verde.

A mesma publicação destaca que os novos movimentos e fluxos dessas pessoas têm tornado cada vez mais difícil, o seu alojamento, em virtude da superlotação nos lugares de acolhimento. Por isso, muitos países têm tentado estabelecê-los fora dos campos (UNHCR, 2016).

O que se destaca, no mapa citado, como informação relevante, assim como foi visto no capítulo 2, é o expressivo número de pessoas deslocadas internamente no continente. Esse cenário de deslocamentos humanos forçados, tão expressivo, configura-se através de distintos fatores, os quais, nos últimos anos, têm adquirido complexidade e desenvolvimento marcantes. A sua constituição é marcada pela formação de estratégias de múltiplos poderes nesse espaço, ou melhor dizendo, na “dimensão política do espaço” (BECKER, 2012, p. 117).

Tomando novamente, como reflexões, a microfísica do poder de Foucault (1984) e as múltiplas concepções que ela elucida ao analisá-lo, a geopolítica atual, pode ser compreendida através de diferentes e novos poderes, e suas estratégias de atuação, pelo e no território. A geopolítica tem assim, diferentes faces. Na África Oriental, elas são constituídas, pelos Estados-Nações, pelas corporações econômicas e militares, pelas organizações não governamentais, por instituições religiosas, pelo terrorismo internacional e por organizações militares. A complexidade geopolítica dessa região é compreendida justamente, pela atuação desses distintos poderes, e suas diferentes estratégias de influência “na decisão dos Estados sobre o uso de seus territórios” (BECKER, 2005, p. 71). Para Bertha Becker, que analisa a geopolítica contemporânea:

A geopolítica sempre se caracterizou pela presença de pressões de todo tipo, intervenções no cenário internacional desde as mais brandas até guerras e conquistas de territórios. Inicialmente, essas ações tinham como sujeito fundamental o Estado, pois ele era entendido como a única fonte de poder, a única representação da política, e as disputas eram analisadas apenas entre os Estados. Hoje, esta geopolítica atua, sobretudo, por meio do poder de influir na tomada de decisão dos Estados sobre o uso do território, uma vez que a conquista de territórios e as colônias tornaram-se muito caras. (BECKER, 2005, p. 71).

A autora ressalta ainda, de forma importante, que existe uma articulação complexa de distintas territorialidades que formulam suas geopolíticas, sendo elas, por exemplo, constituídas desde o forte domínio do sistema financeiro internacional aos movimentos sociais. Embora, essa pesquisa analise, nesse tópico, a formação e os agentes constituintes, de uma configuração espacial de “campos” na região oriental da África, as geopolíticas e territorialidades exercidas por movimentos sociais, por exemplo, contrários a muitos desses processos nocivos, que estimulam ou formam essa configuração, compõem essa complexidade e atuam de forma direta na dinâmica de relações de poder então desenvolvidas.

No contexto de diferentes atores geopolíticos, que implementam relações de dominação em benefício próprio, forma-se assim, uma paisagem de “emergências” e sua imensidão de “campos”, espalhados principalmente, nas regiões de fronteira (MAPA 12)<sup>102</sup>.

Como definir as diversas “emergências” contemporâneas? Por que muitas, e em tantos lugares? Por que as aspas colocadas nessa palavra quando se refere, por exemplo, aos campos de refugiados? Não seriam realmente emergências? O contexto de formação desses campos e a sua longa ou permanente existência, comprovam o contrário.

Giorgio Agamben<sup>103</sup> ressalta a origem das “emergências”, ao referir-se à ideia de segurança exposta por Michel Foucault (2008). Para Agamben, essa ideia de segurança, tão discutida na atualidade, teve início com a teoria econômica dos fisiocratas na França, de não intervenção estatal na economia no século XVIII, antes da Revolução Francesa. A segurança foi introduzida na política, como técnica de governo, por essa teoria. Houve então, uma “grande mudança nas técnicas de governo”, com a sua implantação como dispositivo de segurança (FOUCAULT, 2008, p. 45). A abordagem dos fisiocratas de eliminação da prevenção da escassez de cereais<sup>104</sup>, em sua época para evitar a fome, e assim, gerenciá-la quando acontecesse, para restabelecer a segurança, instalou a percepção de que as emergências, deveriam ser geridas, e não evitadas. É a ideia do deixar acontecer, para que sejam melhor gerenciadas. Para Giorgio Agamben, essa é a ideia de hoje. Deixar os desastres e emergências ocorrerem, porque isso favorece sua gestão de acordo com os interesses de quem deveria evitá-las. Nesse contexto, o autor ressalta que é necessário compreender que os governos não têm o objetivo de manter a ordem, mas sim de gerir a desordem. Para o autor:

Nunca há uma situação normal, nunca há uma situação "ordenada" (...). Crise tem se tornando tão internalizada no mecanismo, que ela está sempre presente. E isto é exatamente como a segurança. A situação de emergência, o perigo está sempre presente e é, em seguida, parte da máquina. Assim, pode-se dizer que nos paradigmas do governo que hoje regulam nossos países e nossas sociedades, a exceção, a emergência, desordem, crises, segurança, devemos parar de pensar que eles são circunstâncias excepcionais; eles são, de fato, o núcleo interior da máquina, os seus mecanismos interiores. (AGAMBEN, 2011, tradução livre).<sup>105</sup>

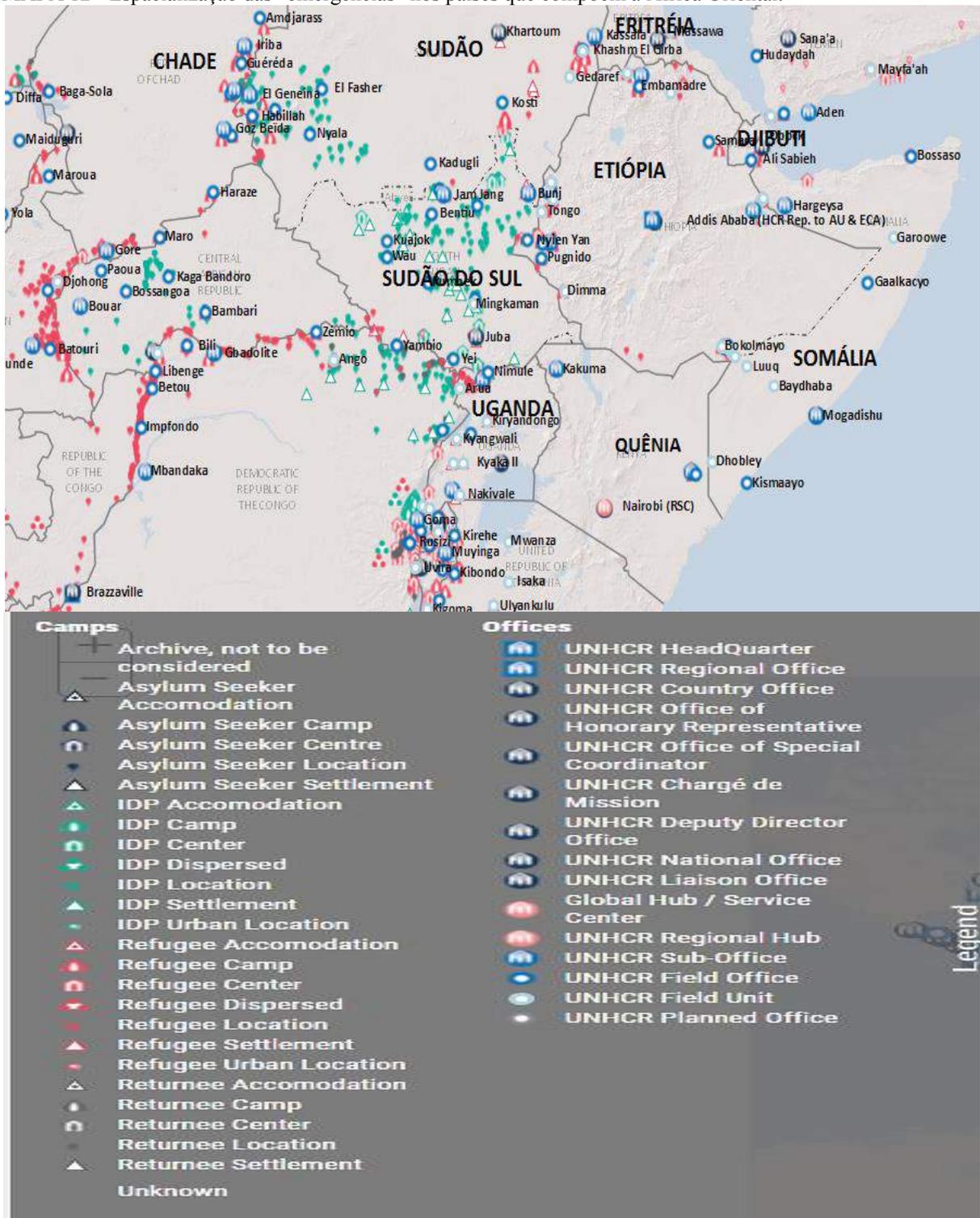
<sup>102</sup> Essa classificação dos países da África Oriental segue a abordagem das Nações Unidas para essa parte do continente africano, onde o Quênia é então constituinte. No mapa foi destacada a localização dos países.

<sup>103</sup> Entrevista dada pelo filósofo Giorgio Agamben para um canal de televisão grego, chamado Akis Gavriliadis, em 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=skJueZ52948>>. Acesso em: 12 dez. 2015. A entrevista pode ser lida no site Nomadic Universality. Disponível em: <<https://nomadicuniversality.wordpress.com/2015/10/30/giorgio-agamben-on-biopolitics-the-greek-tv-interview-2/>>. Acesso em: 12 dez. 2015.

<sup>104</sup> De acordo com Agamben, mesmo estocando os cereais, os fisiocratas não conseguiram evitar a fome.

<sup>105</sup> Entrevista dada pelo filósofo Giorgio Agamben, citada anteriormente.

MAPA 12 - Espacialização das “emergências” nos países que compõem a África Oriental.



Fonte: United Nations High Commissioner For Refugees, 2015. Disponível em: <<http://reporting.unhcr.org/node/38?y=2015>>. Acesso em 01 dez. 2015.<sup>106</sup>

<sup>106</sup> Mesmo com o dispositivo de aproximação para uma melhor visualização, no site da organização, o mapa não mostra, por exemplo, os campos de pessoas deslocadas internamente no Quênia. A sua sigla é IDP (Internally Displaced People).

O discurso do Alto Comissário das Nações Unidas para Refugiados, António Guterres, em um debate na sede da organização na Suíça em 2015, enfatiza a existência dessa prática da comunidade internacional, de só atuar na gestão dos conflitos e não na sua prevenção. Além de prevenir o sofrimento humano e a instabilidade, em termos financeiros o custo seria bem menor. Os pedidos de recursos, feitos pelas Nações Unidas, para investimento na atuação de prevenções de emergências, não são atendidos, segundo António Guterres.<sup>107</sup>

Essa é a percepção da paisagem de “emergências”, que está sendo construída na África Oriental. A conotação de um espaço temporário e emergencial, dos campos de refugiados, vai desenvolvendo críticas e questionamentos, devido a sua longa permanência, onde cada vez mais percebe-se o seu caráter geopolítico, envolto por uma solução temporária e um dispositivo jurídico de exceção ou de emergência. Elas constituem sim, é a emergência, agora sem aspas, no cenário mundial, de uma forma de contenção territorial estratégica, muito mais eficaz em seus objetivos, pois controlam, no caso dos refugiados, por total destituição dos direitos políticos, das pessoas que são incluídas nesse espaço de exclusão política. Os direitos humanitários são muito frágeis para impor uma mudança nesse contexto. O próprio Alto Comissariado das Nações Unidas (ACNUR/UNHCR), não detém poder político, apenas humanitário. Ele, junto a outras agências humanitárias das Nações Unidas, tenta manter vivas as vidas que foram descartadas no jogo político, econômico e militar. Como afirma Michel Agier:

O uso geopolítico dos campos e da ajuda humanitária já é uma realidade evidenciada em muitas situações. A violação então aberta pode ampliar amanhã, englobando uma grande parcela da humanidade, mas separada do resto do mundo e então negligenciada. (AGIER, 2008b, p. 60, tradução livre).

A antropóloga Patricia Birman, ao abordar os pensamentos de Michel Agier e suas reflexões sobre Michel Foucault, afirma que os cuidados humanitários se transformaram em um dispositivo biopolítico de governo, em que o padrão de atuação é o atendimento de urgência, uma “urgência sem fim”, onde são instaurados “campos em lugar de cidades, silêncio e controle sob cuidados humanitários e autoridade administrativa em lugar de espaços públicos heterogêneos” (AGIER, 2008b apud BIRMAN, 2009, p. 361).

A organização de um campo de refugiados também obedece a um plano emergencial. As Nações Unidas têm um manual de emergência<sup>108</sup>, que contém todo o planejamento de formação de um campo. Planejado por arquitetos, esse modelo obedece a critérios restritos de

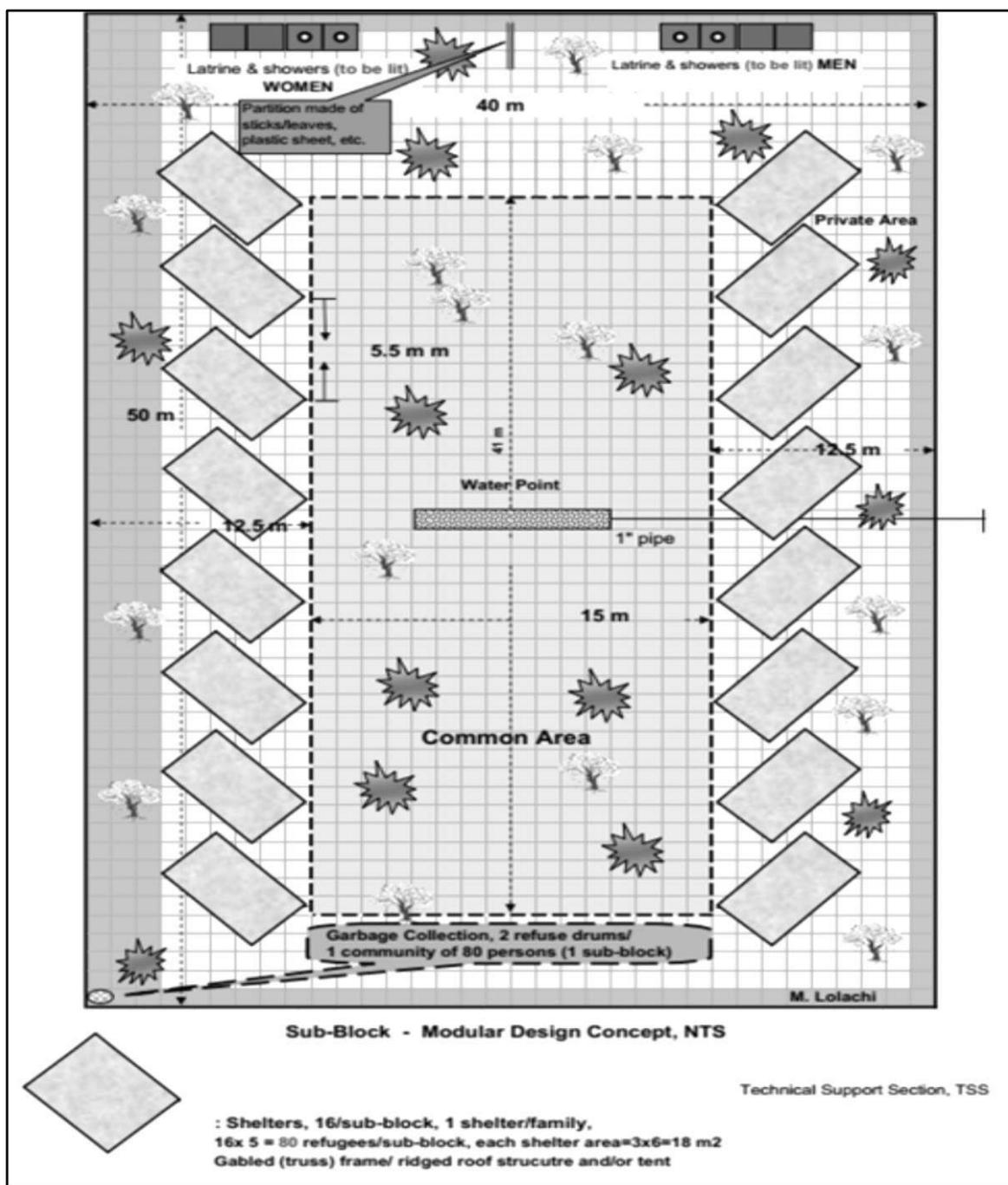
<sup>107</sup> A palestra e o debate, com as informações estão disponíveis em: <<https://www.youtube.com/watch?v=l2CPzObgTfI>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

<sup>108</sup> Handbook for Emergencies.

sobrevivência. Um planejamento uniforme, que molda a forma desde a circulação dentro do campo à utilização dos espaços. Os processos de reterritorialização dos refugiados acontece, então, sob uma forma coercitiva, onde regras são estabelecidas pelas agências humanitárias internacionais e pelo Estado de acolhimento.

A figura 61 mostra um modelo, do que as Nações Unidas classificam como comunidade. É um modelo central, repetido até formar um campo. Uma comunidade como a exemplificada, comporta 16 famílias, de 4 a 6 pessoas, formando um total aproximado de 80 pessoas.

FIGURA 61 - Modelo de uma comunidade “autossuficiente” nos campos.



Um bloco no campo é formado por 16 dessas comunidades, um setor é composto por 4 blocos, e o campo deve conter 4 setores com no máximo 20 mil pessoas (UNHCR, 2007).

No campo de refugiados de Dadaab esse modelo e planejamento de construção emergencial é visivelmente percebido nos primeiros anos das instalações de suas extensões. A extensão de Kambioos (FIGURAS 62) foi construída em 2011, por isso, ainda possui, visivelmente, a estrutura desse modelo de construção. Mas com o passar dos anos, há uma desconstrução desse modelo de emergência e de tendas, modificada pelos refugiados em seu processo de reterritorialização em Dadaab<sup>109</sup>. Apesar do governo queniano proibir construções em alvenaria ou em estruturas mais resistentes, os refugiados resistem e constroem abrigos e centros comerciais com aspectos diferentes de algo provisório (FIGURAS 63, 64 e 65), embora o material utilizado nessas construções sejam frágeis.

FIGURA 62 - Extensão de Kambioos do campo de refugiados de Dadaab em 2014.



Fonte: Fotografia Daniel Hayduk, 20 de agosto de 2014. Disponível em: <<http://danielhayduk.photoshelter.com/image/I0000OESEBaXSjRQ>>. Acesso em: 15 set. 2015.

---

<sup>109</sup> Essa desconstrução do modelo padrão de um campo de refugiados pode ser visualizada, também, no mapa 07 do complexo de campos de Dadaab, mencionado no capítulo 2. As extensões mais recentes Kambioos e Ifo 2, nesse mapa, demonstram claramente essa estruturação padrão de um campo, ainda sem as modificações desenvolvidas pelos refugiados, em seu processo de reterritorialização.

FIGURA 63 - Centro comercial da extensão Hagadera no campo de refugiados de Dadaab em 2015.<sup>110</sup>



Fonte: Fotografia Thomas Mukoya, International Business Time (2015). Disponível em: <<http://www.ibtimes.com/largest-refugee-camp-pictures-kenya-dangerous-dadaab-camp-ordered-closed-photos-2367548>>. Acesso em: 15 set. 2015.

FIGURA 64 - Instalações comerciais da extensão de Hagadera em 2015.



Fonte: Fotografia Tony Karumba, International Business Time (2015). Disponível em: <<http://www.ibtimes.com/largest-refugee-camp-pictures-kenya-dangerous-dadaab-camp-ordered-closed-photos-2367548>>. Acesso em: 15 set. 2015.

<sup>110</sup> Na foto em destaque, percebe-se essa desconstrução não só no centro comercial de Hagadera (localizado no centro da foto), um dos mais antigos do campo, como também na configuração dos abrigos, que não possuem mais a sua localização com aspectos tão acentuados de coordenação estratégica.

FIGURA 65 - Abrigos com estruturas mais resistentes de argila no campo de refugiados de Dadaab.



Fonte: Fotografia Spencer Platt, 23 ago. 2009 (Getty Images). Disponível em: <<http://www.theatlantic.com/photo/2011/04/the-worlds-largest-refugee-camp-turns20/100046/#img14>>. Acesso em: 08 mar. 2015.

Para o autor Peter Grbac<sup>111</sup> (2013) o campo, apesar da sua arquitetura de restrições e imposições de diferentes atores que gerenciam o campo, é um espaço em que os direitos especiais, principalmente o direito à cidade, pode de alguma forma, ser concebido e realizado, pois se observa que “identidade é ativamente formada, o empoderamento é incentivado, e a resistência é praticada” (GRBAC, 2013, p. 07, tradução livre), constituindo assim, segundo o autor, um espaço de paradoxos. Ele ressalta também, que o manual utilizado pelas Nações Unidas, realiza uma arquitetura de imposições, na medida em que elabora um planejamento de cima para baixo, sem observar as subjetividades dos refugiados, como a sua maneira de vivenciar o espaço, sua construção de territorialidades e de territórios e sua forma de se relacionar com a comunidade, por exemplo. Uma identidade em forma de setores, blocos e comunidades é imposta. Mas, apesar das restrições, o autor ressalta que práticas espaciais distintas e orgânicas são desenvolvidas pelos refugiados. Elas são inevitáveis, de acordo com a argumentação do autor, para que ocorra um mínimo de reorganização e reestruturação de forma concreta e significativa. Para o autor:

No plano conceitual, o Manual não faz menção à cidadania. Em vez disso, noções de pertencimento, direitos, responsabilidades e obrigações sociais são emolduradas por uma abordagem baseada na comunidade e estruturado em torno de serviços

---

<sup>111</sup> Peter Grbac é formado em Direito e possui mestrado em Direito dos Refugiados e Migração Forçada.

comunitários. ACNUR define a abordagem baseada na comunidade como "uma estratégia abrangente de parceria, um processo, e uma forma de trabalhar com pessoas de interesse que reconhece [os refugiados] capacidades individuais e coletivas, recursos e constrói sobre estes, para garantir a sua proteção" (ACNUR, 2007, p.182). Esta abordagem parece promissora na medida em que reconhece a importância da capacitação e participação genuína (Stevenson 2012: 140). No entanto, a linguagem usada no Manual para descrever os atores envolvidos nesta abordagem, parece incompatível com a visão e os objetivos da abordagem. (GRBAC, 2013, p. 22, tradução livre).

Nas pesquisas relacionadas aos refugiados em migrações forçadas, a sua perspectiva ainda é muito relacionada às emergências ou catástrofes, porém a sua compreensão e efetiva resolução devem estar relacionadas a uma complexidade de fatores de ordem política, econômica e social (INGLÊS, 2015).

### **3.1.1 A desumanização da África: conflitos, especulação e financeirização da vida.**

*Controle petróleo e você controla nações; controle comida e você controla pessoas.* Henry Kissinger<sup>112</sup>

Como foi mencionado no capítulo 1, uma série de conflitos e guerras civis dão origem a muitos deslocamentos de refugiados e deslocados internos pelo mundo. Na região oriental<sup>113</sup> do continente africano, onde está localizado o campo de refugiados de Dadaab, esses conflitos são também, um importante fator na formação desses campos, mas não o único. O recorte temporal feito nessa pesquisa abrange o início da década de 1990, período de constituição do campo de refugiados pesquisado, até os dias atuais, devido à persistência de sua existência, nesses 25 anos de formação, em que fluxos de chegada de refugiados são constantes. Formado em 1991, com um campo para 30 mil pessoas, hoje Dadaab, é um complexo de 5 campos com quase 400 mil refugiados.

O início da sua formação está atrelado a um contexto de conflitos armados e guerras civis, principalmente nos países que fazem fronteira com o Quênia, no início da década de 1990.

---

<sup>112</sup> Citação do ex-Secretário de Estado dos Estados Unidos, exposta na publicação **Food Prices and Market Speculation: The Return of global Hunger Games** (Global Research, 22 mar. 2016). Disponível em: <<http://www.Globalresearch.ca/food-prices-and-market-speculation-the-return-of-the-global-hunger-games/5515718>>. Acesso em: 16 mar. 2016.

<sup>113</sup> A região oriental do continente africano é a que possui o maior número de refugiados e deslocados internos da África. São ao todo 7.651.666 (UNHCR, 2016). Disponível em: <<http://www.unhcr.org/564da0e3b.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

Esse período, que como comentado no capítulo 2, foi significativamente influenciado pelo contexto do fim da Guerra Fria e das associações estratégicas então formadas com os países africanos, em aliança geopolítica com países capitalistas ou socialistas, que configuravam a então ordem bipolar mundial. A geógrafa Cristina Pessanha Mary (2013), ao contextualizar os processos de integração e fragmentação da África, no atual processo de globalização, descreve esse período de jogo geopolítico durante a Guerra Fria, dando como exemplo, a região do Chifre da África<sup>114</sup> afirmando que:

O Chifre da África também sofreu os impactos do grande jogo entre União Soviética e Estados Unidos. Na década de 1970, o governo da Somália, instigado pelos soviéticos, avançou sobre o território etíope de Ogaden (região de maioria somali). O pretexto para a anexação foi a reunificação dos somalis. Os Estados Unidos, contrabalançando tal política, deram suporte ao governo etíope. Em meio a tal conflito, russos e americanos inverteram suas posições: enquanto os primeiros aliaram-se aos etíopes, os americanos aproximaram-se da Somália. Durante esse processo, os americanos obtiveram o controle da base naval de Berbera, na costa da Somália, no Mar Vermelho e, desde então, ali se mantêm. Em 1991, mesmo depois da dissolução da União Soviética, os Estados Unidos mantiveram sua política de desestabilização do governo etíope, passando a apoiar forças separatistas no interior da própria Etiópia. (MARY, 2013, p. 201).

Os conflitos e deslocamentos forçados, nessa região, eram até então, permeados por esse contexto de guerras interestatais. Com a diminuição de investimentos estrangeiros, desses polos de poder, e a fragilidade política dos recentes estados formados, após os processos de independência, formou-se um cenário de conflitos, agora intraestatal.

O contexto de desestabilização e expropriação, implantados durante a colonização, persistiram após os processos de independência dos países africanos. A conjuntura da realidade africana foi alterada, regida pela violência estratégica do capitalismo. Uma dominação que gerou fissuras, construiu limites, divisões e privilégios. Uma forma administrativa estatal, com todas as suas prerrogativas, foi instalada nesses países obedecendo às especificidades de cada lugar. O problema nesse processo é que antigas formas de acordos, estabelecidos durante a colonização, permaneceram após a independência. A influência externa, não deixou de ser exercida. Ela, apenas, foi direcionada às novas formas de exploração. A “desumanização da África”, seguindo as palavras de Manuel Castells (1999), persiste.

Formado esse cenário de difícil contexto, começaram a se desenvolver de forma consistente, os conflitos dentro dos estados, então constituídos. Guerras civis, como as da Somália (1991), Sudão (1983-2005), Etiópia (1974-1991), Djibuti (1991-1994), Ruanda (1990-1994) e Burundi (1993-2005) são exemplos dos conflitos pós-Guerra Fria, que deram a tônica,

---

<sup>114</sup> O Chifre da África é parte constituinte da sua região oriental, composta pela Somália, Djibuti, Eritreia e Etiópia. A denominação foi dada, em virtude de sua forma geográfica, ser semelhante a um chifre de rinoceronte (MAPA 15).

para o aumento de desestabilização do continente. Na conjuntura de conflitos da África Oriental, quando se analisa o processo de deslocamento forçado e a formação do campo de refugiados de Dadaab, cabe destacar também o conflito interestatal, de 30 anos, entre Eritreia e Etiópia, que gerou um expressivo número de refugiados eritreus. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, o território da Eritreia, antiga colônia da Itália, passou a fazer parte do domínio da Etiópia, desencadeando assim, uma longa batalha pelo controle da Eritreia, e sua estratégica localização geográfica.

A conotação de conflitos étnicos ou entre clãs, é a face mais visível, porque assim foi exposta, de um complexo jogo pelo poder dentro dos estados, ainda direcionado pelos que os exploraram. As marcas da colonização europeia nesse continente, ainda são muito recentes. Teve início no século XIX e formalizada pela Conferência de Berlim (1884-1885), há 131 anos. As suas independências começaram a ocorrer na segunda metade do século seguinte, percebendo assim, que ambos os processos, ocorreram em épocas muito próximas. Uma história, ainda muito recente.

Ao contexto de guerras civis, desenvolvidas no processo de independência e, principalmente, do pós-Guerra Fria, acrescenta-se no decorrer dos anos, uma complexa configuração de “novas conflitualidades” (FONSECA, 2009), em que atores distintos, não só representados por Estados ou grupos rebeldes, imprimem um cenário de difícil distinção, dos seus lugares ocupados no conflito. A natureza híbrida dos conflitos contemporâneos é destacada pelos autores Sharon Wiharta, Neil Melvin e Xenia Avezov (2012), que ressaltam também, a sua mudança na conceituação, ao longo das duas últimas décadas, afastando-se de sua compreensão relacionada ao contexto da Guerra Fria e de uma afirmação política, delineando-se, agora, em motivações econômicas. Os autores ressaltam que:

Muitos conflitos são, agora, também caracterizados pelo envolvimento de múltiplos atores, com frequentes mudanças de alianças. O aumento da privatização da segurança e da emergência de empresas importantes de segurança privada tem promovido esta tendência. (WIHARTA; MELVIN; AVEZOV, 2012, p. 04, tradução livre).

O confronto entre capitalismo versus socialismo, agora dá lugar, a lógica do capitalismo financeiro e da globalização, em seus diferentes aspectos. Rogério Haesbaert (2013a) observa essas mudanças desenvolvidas pela globalização e dinâmica do capitalismo, com a disseminação também, de setores militares privados, que comercializam seus serviços de guerra, em todo mundo. Os conflitos em conjunto com o mercado e a indústria de armas, tornaram-se também, atores importantes na conjuntura dos conflitos mundiais. Ao observar o

processo atual, de reconfiguração do Estado, frente aos desafios da globalização, o autor afirma que:

as dinâmicas de privatização e de retração dos espaços públicos que acompanharam esse momento da globalização alcançaram não apenas a seara econômica, mas também a esfera de mais típica prerrogativa do Estado: o setor militar, lócus do pretense exercício do “monopólio da violência legítima”. Ai o Estado também perde poder em termos de controle territorial, não só ao ter de admitir (e às vezes até estimular, ainda que indiretamente) a proliferação interna de territórios de segurança privada (que pode, inclusive, acarretar a apropriação de espaços públicos) como a difusão, externa, de grupos privados que lutam não mais diretamente em nome de um Estado, mas em função de empresas às quais encontram-se subordinados e que vendem seus serviços no mercado de conflitos e de violência globais. Surgem daí, também, muitas figuras “híbridas”, como no caso das milícias. (HAESBAERT, 2013a, p. 26).

Nas últimas décadas, outro fator que tem se desenvolvido nesse cenário de conflitos, na região destacada, é o terrorismo internacional. Em 1998, com os atentados conjuntos, nas embaixadas americanas no Quênia e na Tanzânia, iniciou-se um ciclo de operações e intervenções internacionais direcionados ao seu combate. A guerra civil da Somália, que teve início em 1991, hoje, tem como seu principal desestabilizador, o terrorismo internacional.

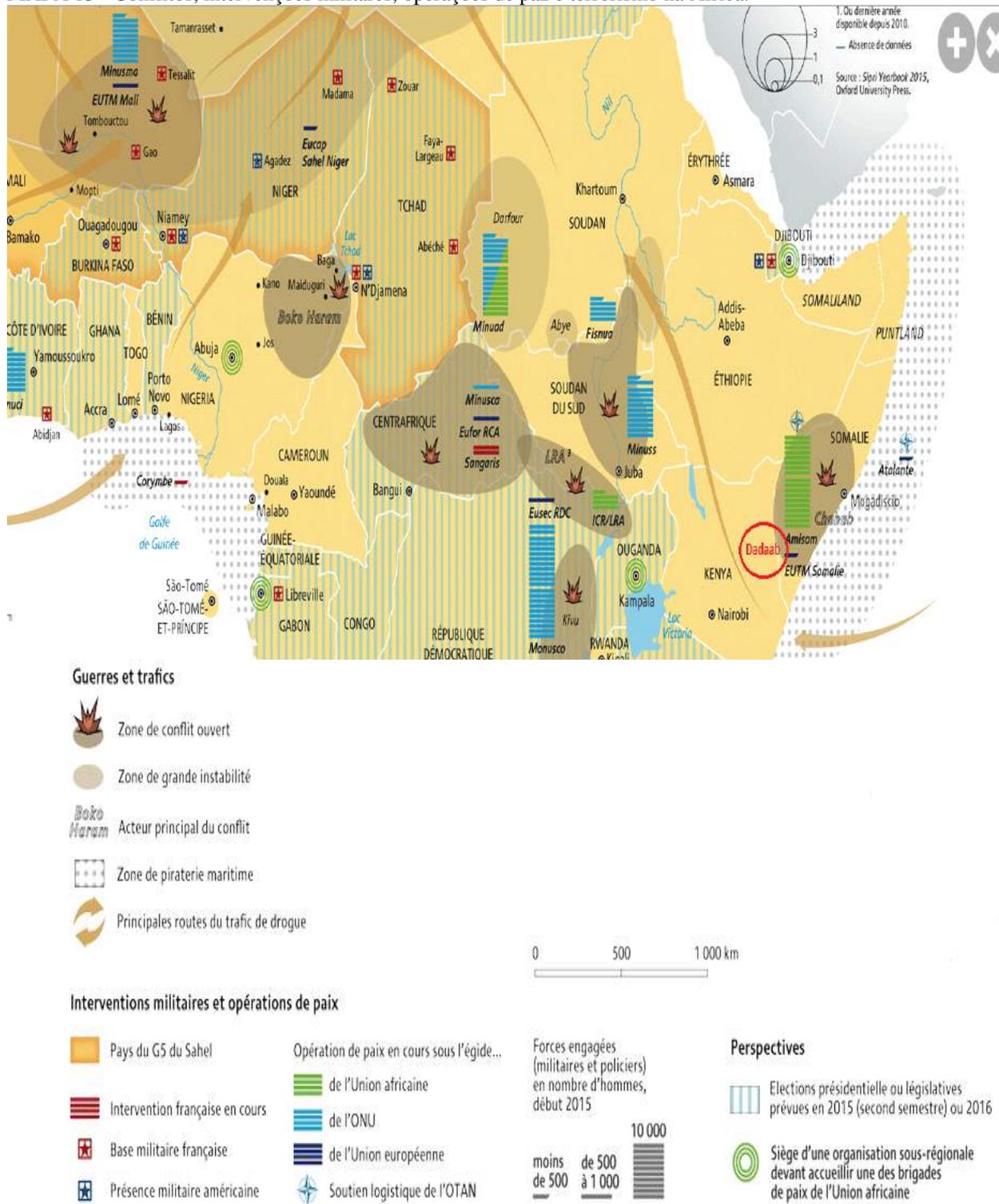
A instabilidade deixada pelas marcas de uma colonização, não muito distante, ainda permitem que sejam desenvolvidos nessa região, várias intervenções estrangeiras militares. Atualmente, algumas são chamadas de “operações de paz”. Como enfatizado anteriormente, o cenário de conflitos armados da África Oriental (MAPA 13), compõe apenas uma parte dos fatores que provocam os deslocamentos forçados.

Ao lado, e de mãos dadas, com a excepcionalidade jurídica formadora dos campos de refugiados, desenha-se mais um fator nessa lógica dos conflitos atuais. A construção de “espaços sem lei” (ALSAYYAD; ROY, 2009, p. 122), ou de privilégios jurídicos para alguns. Essa excepcionalidade jurídica ocorre, por exemplo, para os militares das forças de paz das Nações Unidas, que cometem crimes contra a população local, durante uma missão. Esses militares trabalham frequentemente em países fragilizados por conflitos, onde dificilmente ocorrem medidas punitivas. Eles são expulsos das Nações Unidas, mas não sofrem penalidades jurídicas, inclusive em seus países de origem.<sup>115</sup> Neste caso, elas podem ocorrer, mas não é o que tem acontecido.

---

<sup>115</sup> Informação dada pelo próprio Alto Comissário das Nações Unidas para Direitos Humanos, Zeid Ra’ad Al Hussein, em palestra proferida nas Nações Unidas, em 2015, no evento em homenagem a Sérgio Vieira de Mello, ex-Alto Comissário das Nações Unidas para Direitos Humanos, morto em um atentado terrorista no Iraque em 2003. O evento foi citado anteriormente. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=l2CPzObgTfl>>. Acesso em: 10 set. 2015.

MAPA 13 - Conflitos, intervenções militares, operações de paz e terrorismo na África.



Fonte: Cécile Marin, Le Monde Diplomatique, 2015. Disponível em: <<http://www.monde-diplomatique.fr/cartes/securiteafrica>>. Acesso em: 16 set. 2015.<sup>116</sup>

<sup>116</sup> Foi feito um destaque em vermelho no mapa, para a localização do campo de refugiados de Dadaab, assim como um recorte, para uma melhor visualização da região em destaque.

Os autores Nezar Alsayyad e Ananya Roy, também destacam esses processos enfatizando que:

Como fica claro na atual guerra no Iraque, os aparatos de segurança, assim como os militares são crescentemente privados, com mercenários assumindo a responsabilidade pela proteção de funcionários do governo norte-americano, pelos interrogatórios de prisioneiros e pela administração da infraestrutura do petróleo. Esses mercenários não estão sujeitos a nenhuma jurisdição legal, pois operam a partir de um *status* excepcional. (...). Tais tendências exigem, mais uma vez, que o poder territorializado seja entendido para além dos conceitos de segregação, cercamento e quarentena, e que seja entendido também por meio do conceito de excepcionalidade. (ALSAYYAD; ROY, 2009, p. 122).

Este cenário de migrações forçadas, só pode ser compreendido em sua totalidade, quando se observa a existência de fatores econômicos, uma outra geopolítica, influenciada pela expansão do mercado e dos fluxos financeiros e de investimentos, ao redor do mundo. Uma “des-reterritorialização do/pelo mercado” (HAESBAERT, 2013a, p. 26).

O financiamento do Banco Mundial, de uma iniciativa de desenvolvimento social na Etiópia, que teria como destino projetos de educação e saúde, foi responsável pela remoção forçada de milhares de pessoas da província de Gambela. O povo Anuak, é um exemplo, dos diversos processos de deslocamento forçado, ocasionados não por conflitos ou guerras civis, mas sim, por iniciativas privadas, que neste caso, tem como objetivo investimentos estrangeiros ou nacionais, em terras então desapropriadas após a remoção forçada. Em depoimento, os moradores afirmaram que mesmo após as denúncias feitas, o Banco Mundial continuou financiando o projeto, cujo dinheiro tem sido usado, também para pagar os salários dos funcionários do governo que realizam as remoções realizadas com muita violência. Em depoimento, o povo Anuak e seus advogados:

declararam que eles foram retirados de suas terras férteis por soldados e policiais e que, depois, boa parte das terras foram arrendadas pelo governo a investidores. As remoções foram “acompanhadas por violações de direitos humanos generalizadas, incluindo desalojamento forçado, prisões e detenções arbitrárias, espancamentos, estupro e outras violências sexuais, de acordo com um relatório da ONG Human Rights Watch, publicado em 2012. (CHAVKIN, 2015).<sup>117</sup>

Os grandes deslocamentos forçados ocasionados pela agricultura comercial na Etiópia começaram em 1979. Esse projeto de reassentamento do governo etíope, denominado

---

<sup>117</sup> Artigo publicado eletronicamente, pela Agenda Pública em 23 de janeiro de 2015. CHAVKIN, Sasha. **Banco Mundial violou suas próprias regras na Etiópia, diz relatório vazado**. Agenda Pública, 23 jan. 2015. Disponível em: <<http://apublica.org/2015/01/banco-mundial-violou-suas-proprias-regras-na-etiofia-diz-relatorio-vazado/>>. Acesso em: 05 nov. 2015.

“Villagization”<sup>118</sup>, teve origem em 1986, e desde então, tem ocorrido, em épocas distintas (Human Rights Watch, 2012).

Diferentes povos etíopes encontram-se instalados em Dadaab. A nacionalidade etíope é, hoje, a segunda maior no campo, com quase 15 mil refugiados (UNHCR/Kenya, 2016). O povo Anuak está entre eles (FIGURA 66).

FIGURA 66 - Apresentação do grupo de dança Meng-Bul do povo etíope Anuak, na extensão Ifo do campo de refugiados de Dadaab em 2013.



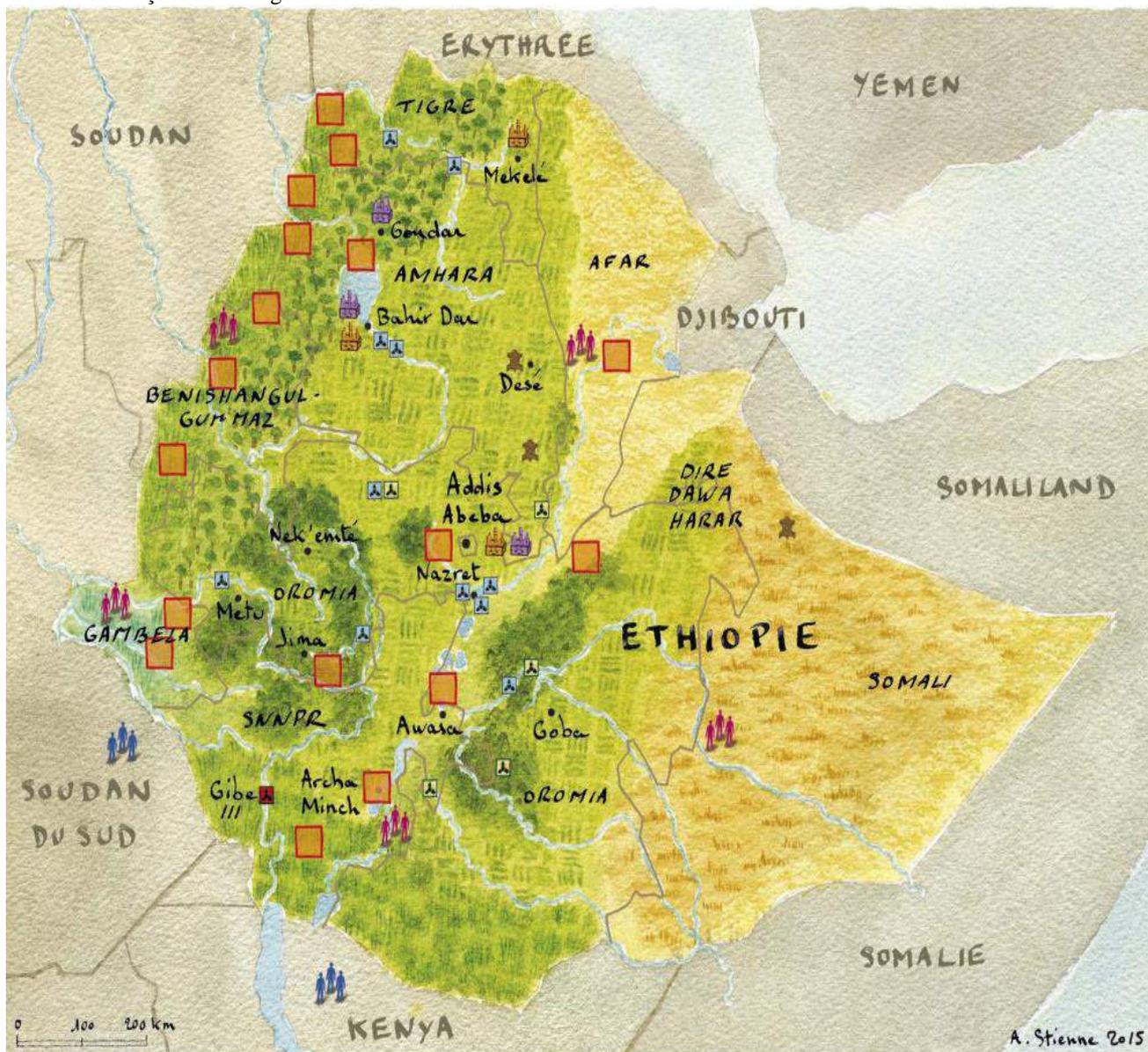
Fonte: Fotografia de Kepha Kiragu para Revista The Refugee Dadaab Edition/FilmAid (número 01, 2014).

O exemplo do povo Anuak é um relevante indicador dos distintos processos de deslocamentos forçados na Etiópia, causados por processos capitalistas e relacionados, também, à construção de grandes obras de infraestrutura, como barragens e a instalação de agroindústrias (MAPA 14).

---

<sup>118</sup> De acordo com a tradução feita pela publicação da Agenda Pública (2015), traduz-se como “formação de vilas”.

MAPA 14 - Deslocamento forçado de refugiados e deslocados internos da Etiópia ocasionados pela apropriação de terras e construções de barragens em 2015.



**Paysages et principales ressources agricoles**

**Basses terres**

- Désert } Elevage nomade bovin et caprin
- Prouse }
- Savane : cultures vivrières dispersées, élevage extensif, céréales, coton
- Zone humide

**Hautes terres**

- Forêt claire } Café
- Forêt équatoriale }
- Cultures céréalières, élevage bovin, canne à sucre, plantes d'ornement

**Agro-industrie**

- Agroalimentaire
- Coton
- Cuir

**Barrages**

- en service
- en projet
- contesté

**Appropriations et évictions**

- Acquisitions de terres
- Minorités autochtones chassées de leurs terres
- Victimes de déplacements forcés ayant fui le pays

Sources : FAO ; CIA ; Atlas de l'Afrique 2011 ; farmlandgrab.org ; African Energy Energy 1009.

Fonte: Philippe Rekacewicz, 2015. Disponível em: <<http://visionscarto.net/des-terres-et-des-territoires>>. Acesso em: 20 out. 2015.

A “financeirização da vida”<sup>119</sup> é a centralização do dinheiro, no que se tem de mais importante, a vida. A distância entre um e o outro, tem diminuído. Para Milton Santos (2000, p. 18) o que se tem observado com o caráter “perverso” da globalização é “a emergência do dinheiro em estado puro como motor da vida econômica e social”, tornando-se agora, o centro do mundo. As formas de obtê-lo não têm limites.

Nesse contexto, observa-se também, a existência de projetos de investimentos em terras agrícolas desenvolvidos, segundo o jornal britânico *The Guardian*<sup>120</sup>, por importantes universidades mundiais. Entre elas, a universidade de Harvard e outras grandes universidades americanas, que estão investindo, através de especuladores financeiros europeus, na compra ou arrendamento de grandes áreas de terras agrícolas no continente africano, podendo gerar com isto, o deslocamento forçado de milhares de pessoas, de acordo com pesquisas que estão sendo realizadas. Os pesquisadores, segundo a reportagem, afirmam que os investidores estrangeiros estão lucrando com a apropriação de terras, mas não estão desenvolvendo os benefícios prometidos às comunidades, incluindo também como consequência negativa o desenvolvimento de problemas ambientais pela exploração sem responsabilidades.

O mesmo relatório, citado na publicação, afirma que esses investimentos estão ocorrendo em sete países africanos, onde muitas universidades americanas têm investido pesadamente nos últimos anos.

Um desses países onde esses investimentos têm ocorrido é o Sudão do Sul. Mesmo em guerra civil desde 2013, esses processos têm se realizado. A desestabilização no país, parece facilitar essas negociações, uma vez que o número elevado de pessoas que se deslocam de maneira forçada (FIGURA 67 e 68), abandonam suas casas e terras. A mesma publicação do jornal britânico *The Guardian* afirma que as negociações envolvendo terras no Sudão do Sul, nos últimos anos, tiveram uma representativa venda de 9% de suas terras para as empresas Texas-based, Nile Trading and Development e uma cooperativa local, sem donos reconhecidos.

---

<sup>119</sup> Essa reflexão foi inspirada no título da revista do Instituto Humanitas Unisinos, **Financeirização da Vida**, n. 468, 2015. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?secao=468>>. Acesso em: 05 nov. 2015.

<sup>120</sup> VIDAL, John; PROVOST, Claire. **US universities in Africa 'land grab'**. *The Guardian*, 08 jun. 2011. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/world/2011/jun/08/us-universities-africa-land-grab>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

FIGURA 67 - Estatísticas das pessoas deslocadas internamente no Sudão do Sul.



Fonte: OXFAM, 2015. Disponível em: <<http://victimasolvidades.eldiario.es/>>. Acesso em: 05 nov. 2015.

FIGURA 68 - Família de deslocados internos no Sudão do Sul prepara a escassa refeição em julho de 2014.



Fonte: Aljazeera, 2015. Disponível em: <<http://www.aljazeera.com/indepth/inpictures/2015/06/world-refugee-day-150619120217942.html>>. Acesso em: 23 dez. 2015.

Outros fatores, como as perseguições políticas e de origem homofóbica, devido a alguns países africanos, como Quênia e Uganda, considerarem a homossexualidade um crime<sup>121</sup>, completam o contexto de fatores que desencadeiam os deslocamentos forçados na África Oriental.

<sup>121</sup> No campo de refugiados queniano de Kakuma, existe uma área específica para instalação dos refugiados de Uganda, que fogem das perseguições homofóbicas em seu país. Em Uganda, em 2014, foi decretada uma lei que tornou a homossexualidade crime.

Nas reflexões do sociólogo Daniel Zamora (2016)<sup>122</sup> sobre os pensamentos de Michel Foucault, em relação ao neoliberalismo e sua análise centralizada não nos atores que produzem a desigualdade, mas na sua distribuição ou “nos sistemas difusos de dominação”, percebe-se a urgência em questionar, de forma política, essa centralização da vida humana nos aspectos de mercado e finanças. Praticamente tudo virou moeda de troca ou tornou-se produto passível de ser consumido ou negociado. As incursões militares têm objetivos geopolíticos, mas são norteadas também, pela lógica do capitalismo atual. Como afirma Daniel Zamora é preciso “desmercadorizar as partes importantes da nossa vida” e limitar a ação do mercado. A distribuição dessa dominação é percebida na própria reprodução do sistema capitalista. Todos o reproduzem, desde as grandes corporações econômicas aos refugiados em Dadaab<sup>123</sup>. Essas reproduções, porém, muitas vezes passam despercebidas, em atos que costumam ser interpretados, como banais.

---

<sup>122</sup> Observação do autor e sociólogo Daniel Zamora, expressa em entrevista para o Programa de Estudos Culturais da universidade americana George Mason, realizada em 12 de março de 2016. Disponível em: <<https://bfocal.wordpress.com/2016/03/16/entrevista-com-daniel-zamora-para-o-csc/>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

<sup>123</sup> Essa reflexão refere-se também, aos projetos no setor agrícola e de infraestrutura, que estão sendo desenvolvidos pelo Brasil em Moçambique, contestados por ocasionar deslocamentos populacionais forçados. Países que foram profundamente explorados, durante o período colonial e após sua independência, como o Brasil, reproduzem essa lógica capitalista, em seus territórios, e exportam essa incoerência para outros países. Sobre isso, pode ser consultado o documento: CLEMENTS, Elizabeth Alice; FERNANDES, Bernardo Mançano. **Land Grabbing, Agribusiness and the Peasantry in Brazil and Mozambique**. Agrarian South: Journal of Political Economy, 2013. Disponível em: <[http://www.oplop.uff.br/sites/default/files/documentos/land\\_grabbing\\_agribusiness\\_and\\_the\\_peasantry\\_in\\_brazil\\_and\\_mozambique.pdf](http://www.oplop.uff.br/sites/default/files/documentos/land_grabbing_agribusiness_and_the_peasantry_in_brazil_and_mozambique.pdf)>. Acesso em: 20 dez. 2015.

### 3.2 Somália: uma geografia de conflitos.

*“O campo de refugiados de Dadaab é uma tentativa de entrar na Somália e entender o seu contexto, sem entrar. A minha sensação era de ver 99% de somalis”.*<sup>124</sup>

A importância da Somália no contexto de formação do campo de refugiados de Dadaab é percebida além do número expressivo e majoritário de refugiados somalis em todo o campo. Um, entre muitos dos relatos desses refugiados, chamou a atenção<sup>125</sup>. Em dezembro de 2015, um luto de 30 dias foi estabelecido em um pequeno vilarejo, próximo à cidade de Garissa, no nordeste do Quênia, chamado Saka. O sentimento de perda e a homenagem foram direcionados à morte de uma acácia de 320 anos.

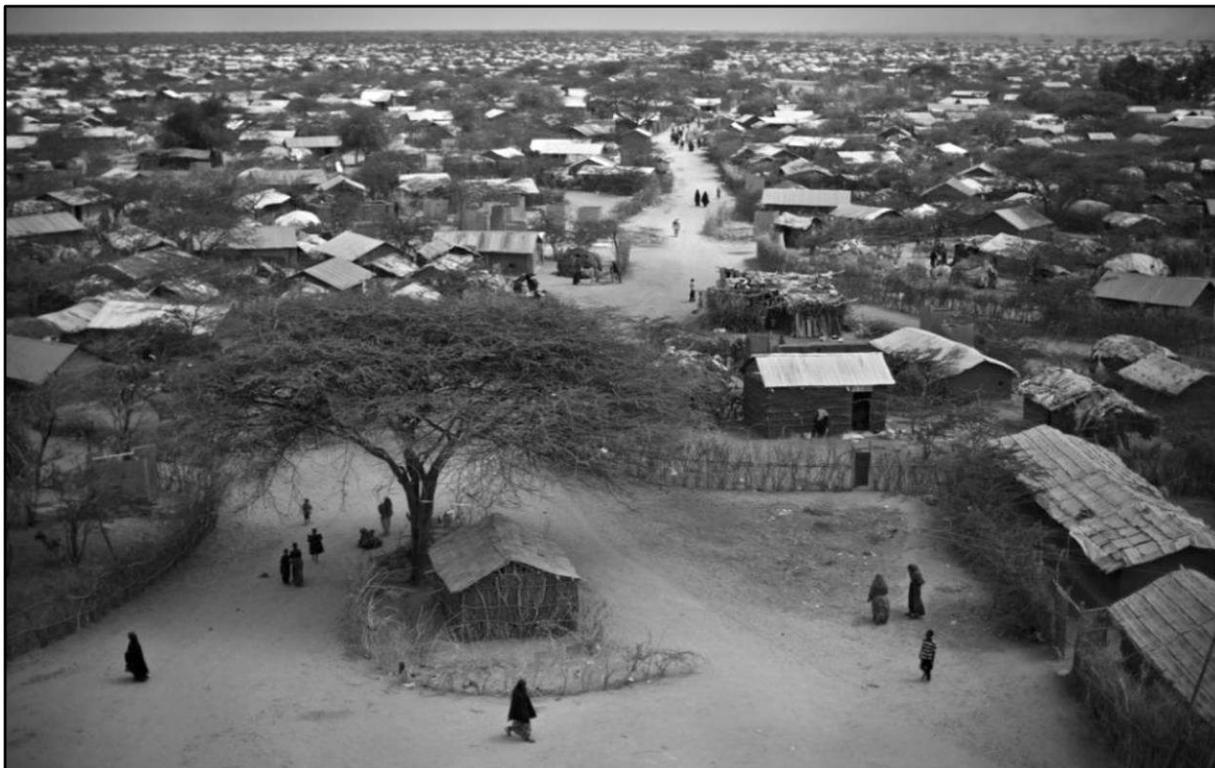
A importância de uma árvore no continente africano, principalmente em regiões de clima mais seco, é não só reverenciada, como também transformada em um marco geográfico. Muitos vilarejos crescem em volta de apenas uma árvore, como no caso do vilarejo de Saka, que quando vista de uma distância considerável indica que ali é um ponto de encontros (KAPUSCINSKI, 2002). Foi nesta árvore, chamada pelos moradores de toda região nordeste do Quênia de “a anfitriã mais idosa”, que os costumes da população de origem somali desse vilarejo foram delineados em seu cotidiano funcionando como centro comunitário, hospital improvisado ou local de discussões e decisões políticas dessa comunidade, durante esses três séculos de existência<sup>126</sup>. O vilarejo de Saka fica próximo ao campo de refugiados de Dadaab, o que mostra que, esse é o contexto da região nordeste do Quênia, onde está localizado esse campo de refugiados (FIGURA 69).

<sup>124</sup> Relato do jornalista brasileiro Alex Fisberg, que esteve em Dadaab em 2011. Entrevista realizada pelo Skype, em 11 de setembro de 2015.

<sup>125</sup> Relato do refugiado somali Suud Olat, em 30 de dezembro de 2015, expresso na rede social Facebook.

<sup>126</sup> **Sudden death of a beloved 320 year-old acacia tree breaks hearts in north Kenya.** Mail&Guardian Africa, 28 dez. 2015. Disponível em: <[http://m.mgafrica.com/article/2015-12-28-death-of-320-year-old-acacia-tree-breaks-hearts-in-north-kenya?fb\\_ref=423b4fea493547faab7a55ee05e9cc21-Facebook](http://m.mgafrica.com/article/2015-12-28-death-of-320-year-old-acacia-tree-breaks-hearts-in-north-kenya?fb_ref=423b4fea493547faab7a55ee05e9cc21-Facebook)>. Acesso em: 30 dez. 2015.

FIGURA 69 - Construções em volta de uma acácia no campo de refugiados de Dadaab.

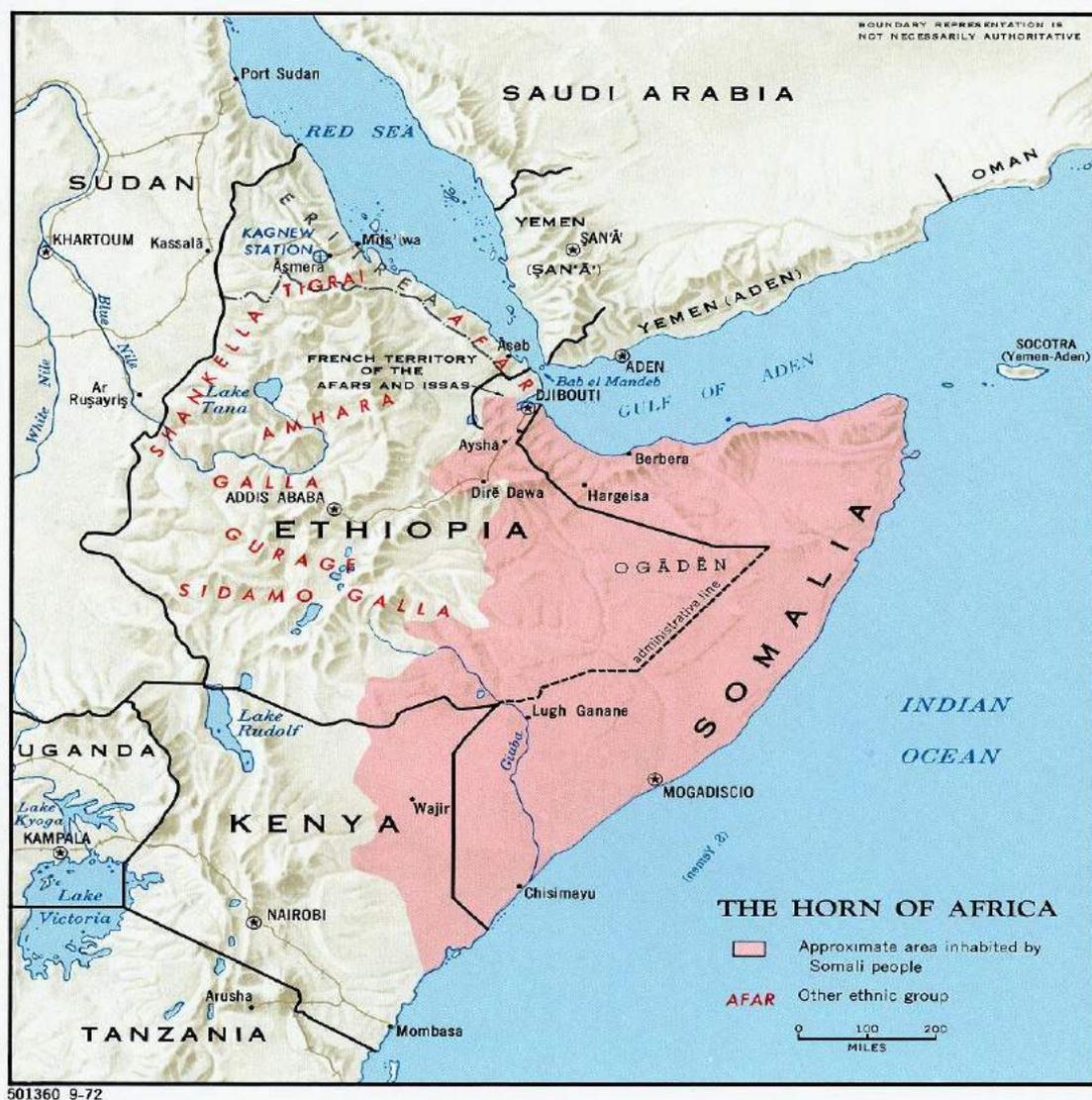


Fonte: Fotografia Robin Hammond, Médicos sem Fronteiras (2015). Disponível em: <<https://artsenzondergrenzen.nl/ontdekken/nieuws/kenia-onveiligheid-leidt-tot-terugschreeven-zorg-kamp-dadaab>>. Acesso em: 20 dez. 2015.

A formação desse campo de refugiados está diretamente relacionada com a guerra civil da Somália. Ele foi formado em 1991, para dar refúgio aos que fugiam dessa guerra. Grande parte dessa população em desespero ultrapassou a fronteira com o Quênia, nessa região historicamente tão próxima. As fronteiras políticas, então estabelecidas, durante o processo de colonização, como enfatizado anteriormente, não refletem os limites territoriais construídos durante séculos pelos diversos povos africanos. A Somália é um importante exemplo dessa realidade. As tradições e, também a territorialidade, historicamente formados por esse povo, persistem e “transpassam”, ou vão além, dos limites políticos impostos pela colonização. Os limites territoriais do povo somali, antes da colonização e da divisão territorial imposta pelos países europeus, são conhecidos tradicionalmente pela definição de Grande Somália (MAPA 15). Os refugiados etíopes provenientes da região de Ogaden (Etiópia), localizada no mapa abaixo, demonstram em seus costumes e no vínculo, que possuem com os clãs seculares da Somália (MAPA 16), a tradição somali. A linha que os separa, como descrita no mapa 15, é “administrativa”<sup>127</sup>.

<sup>127</sup> Esse vínculo tão próximo, dos refugiados etíopes provenientes da região de Ogaden, foi destacado por Silja Ostermann. A funcionária de relações públicas do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados

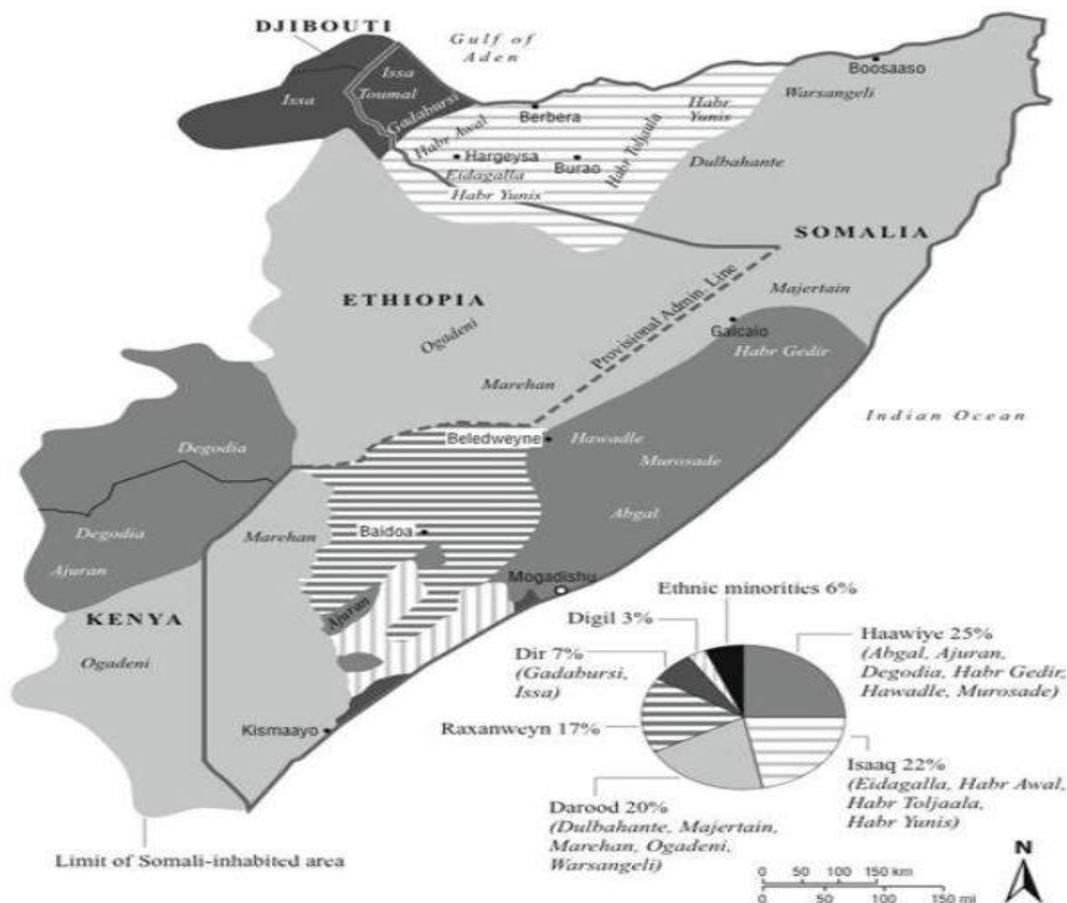
MAPA 15 - Localização do povo de origem somali no Chifre da África.



Fonte: **Michael Maren**, 1993. Disponível em: <<http://michaelmaren.com/1993/01/170/hornofafricasomaliethnicregions/>>. Acesso em: 20 ago. 2014.

(ACNUR/UNHCR), em Dadaab, resalta as semelhanças entre eles, não só através da religião, mas da língua e costumes. As informações foram obtidas através de entrevista realizada pelo Skype, em 25 de agosto de 2015.

MAPA 16 - Localização geográfica dos clãs somalis na África Oriental.



Fonte: International Organization for Migration (IOM). **Dimensions of crisis on migration in Somalia**. 2014. Disponível em: <<http://www.iom.int/files/live/sites/iom/files/Country/docs/Dimensions-of-Crisis-on-Migration-in-Somalia.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2014.

Apesar da divisão em clãs, os somalis “formam uma só nação” ((KAPUSCINSKI, 2002, p. 229). Possuem a mesma história, língua, cultura e religião. Tantos aspectos semelhantes e convergentes, por que então, a geografia de conflitos? A “geografia de amizades e ódios” existente entre diferentes povos da África (Ibidem, p. 81), assim como em outros lugares no mundo, seria o motivo? A diáspora somali, uma das maiores no mundo, responde que não (ANEXO A). A força de sua nação, por exemplo, vem à tona, no estreitamento de seus laços criados no exterior, ou seja, nas suas comunidades estabelecidas e nas importantes remessas<sup>128</sup> de dinheiro, proveniente da sua diáspora.

<sup>128</sup> As remessas de dinheiro enviadas pela diáspora somali têm sido um importante fator na reconstrução da Somália. Em Dadaab, elas são essenciais para os refugiados viverem de uma forma melhor e desenvolverem pequenos negócios no campo. Em muitos países africanos, essas remessas têm fortalecido a economia. Informação presente na palestra de Carlos Lopes, secretário executivo da Comissão Econômica da ONU para a África (Economic Commission for Africa-Uneca), citada anteriormente. Carlos Lopes chama a atenção para o crescimento dos valores enviados pelos imigrantes, refugiados ou não, afirmando que o valor dessas remessas foi maior que a ajuda ao desenvolvimento recebida pela África. Os imigrantes enviaram 62 bilhões de dólares,

A estrutura política desse país foi construída durante séculos. O sistema de clãs que recorta geograficamente o seu território é a sua forma original de organização em coletividade, ou de viver entre “outros”. Com a colonização, outro sistema foi imposto. Uma reorganização, ou melhor, uma desorganização, foi estabelecida norteadada pela dominação. Uma geografia de conflitos foi assim construída. A divisão em clãs tornou-se uma divisão pelo poder, só que agora centralizado na figura do Estado.

O cenário da guerra civil na Somália, que eclodiu em 1991, foi sendo construído pela Guerra Fria e os alinhamentos de poder, com os soviéticos e posteriormente com os americanos. A localização geográfica estratégica desse país sempre suscitou interesses diversos. A intervenção, na década de 1980, do Fundo Monetário Internacional, e uma série de ajustes feitos para que a “ajuda” internacional fosse fornecida, também influenciou na sua fragmentação como Estado. Nesse contexto de desestabilização, aliado ao período de reestruturação geopolítica do final Guerra Fria, surgem os Senhores da Guerra, outra forma de exploração e saques, contexto herdado dos tempos de colônia. Desde a queda do governo de Siad Barre, em 1991, não houve a instituição e funcionamento de um Estado centralizado. A estabilização, dessa geografia de conflitos (MAPA 17) que então se formou, parece estar longe de ser alcançada, apesar da reconstrução da Somália nos últimos anos. Por ser um país islâmico tornou-se alvo da Guerra ao Terror. Qualquer tentativa de restituição da ordem, ou do bom senso somali, e de formalização de acordos, instituídos pela tradição dos clãs, sofre retaliações externas. É o que afirma Luiz Carlos Bresser-Pereira<sup>129</sup>, economista e ex-ministro brasileiro. Para o autor, a região do Chifre da África, da qual a Somália faz parte, demonstra toda a lógica nociva das intervenções externas e suas estratégias de fragmentação dos movimentos islâmicos de constituição de um Estado centralizado.

O complexo jogo de forças desenvolvido nesse país, ainda tem muitas peças para serem elucidadas. Um exemplo, hoje, dos 25 anos de sofrimento da Somália é a Síria. Para Lakhdar Brahimi, emissário especial das Nações Unidas e da Liga Árabe para Síria, ao se referir à atual crise na Síria, “o verdadeiro perigo que espreita este país é uma espécie de ‘somalização’, mais duradoura e ainda mais profunda que a que vimos na Somália”<sup>130</sup>.

---

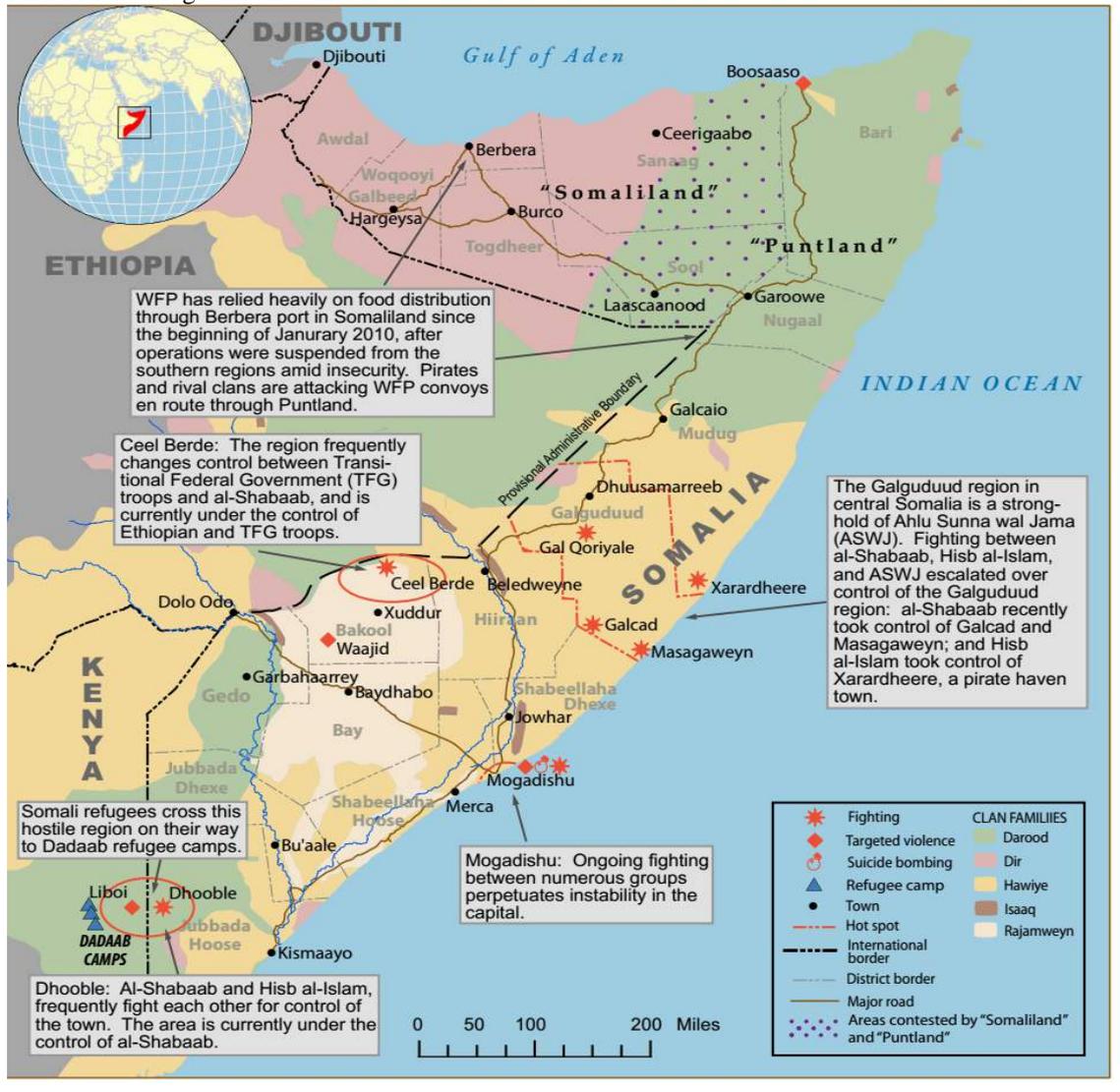
enquanto o valor de ajuda ao desenvolvimento foi de 52 bilhões. De acordo com o secretário, esse é um fenômeno que cresce no mundo.

<sup>129</sup> PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. **Somália, o país mais perigoso do mundo**. Le Monde Diplomatique Brasil, 15 mar. 2010. Disponível em: <<http://www.diplomatique.org.br/acervo.php?id=2275>>. Acesso em: 09 jun. 2014.

<sup>130</sup> Artigo da Agência Angola Express, 29 out. 2013. Disponível em: <[http://www.portalangop.co.ao/angola/pt\\_pt/noticias/internacional/2013/9/44/Brahimi-teme-somalizacao-Siria-negociacoes-fracassarem,535f99a2-dd11-45bb-ba03-a656c7ef5fa3.html](http://www.portalangop.co.ao/angola/pt_pt/noticias/internacional/2013/9/44/Brahimi-teme-somalizacao-Siria-negociacoes-fracassarem,535f99a2-dd11-45bb-ba03-a656c7ef5fa3.html)>. Acesso em: 20 jun. 2015.

A visibilidade exposta, dos diferentes atores identificados no conflito da Síria, assim como suas ações, deixou o mundo perplexo, diante da grande destruição e violência, e trouxe para a superfície, os crimes que se tem cometido, através das intervenções militares externas. A Somália, não é um Estado falido, como costuma ser chamado, mas sim, um Estado fragilizado por essas ingerências externas.

MAPA 17 - Geografia em conflito.



Fonte: Departamento de Estado dos Estados Unidos. **Somalia: continuing insecurity.** Humanitarian Information Unit, 2010. Disponível em: <[https://hiu.state.gov/Products/Somalia\\_ContinuingInsecurity\\_2010M ay21\\_HIU\\_U191.pdf](https://hiu.state.gov/Products/Somalia_ContinuingInsecurity_2010M ay21_HIU_U191.pdf)>. Acesso em: 10 ago. 2014.

No cenário de conflitos do mapa 17, outro ator aparece na configuração dessa geografia. O grupo terrorista somali Al Shabaab. O retorno dos refugiados somalis para seu país, na última década, tem sido evitado em virtude da expansão e ação violenta desse grupo. Cabe ressaltar também, a sua influência em Dadaab. A proximidade entre as fronteiras dos países tem

facilitado incursões do grupo no campo, acarretando com isso, sequestros e atentados. A dinâmica do campo e a própria circulação dos refugiados, sofreram alterações, com medidas de segurança após as investidas do grupo em Dadaab. O medo passou a rondar o campo desde então. O cenário de guerra civil, iniciado na década de 1990, seguido pelo caos da atuação de Senhores da Guerra, segue a trilha traçada pela evolução do terrorismo internacional.

A origem desse grupo armado teve como estopim, também a atuação da intervenção estrangeira. O Al Shabaab nasceu a partir da dissolução da União das Cortes Islâmicas, em 2006, numa coalizão entre Etiópia e Estados Unidos. As Cortes Islâmicas constituíam sistemas judiciais responsáveis pela tentativa de restauração da ordem na Somália, que aos poucos estava conseguindo constituir acordos entre as partes em conflito. Com a dissolução das Cortes, “os moderados foram para o exílio e os militantes formaram o Al Shabaab. (...) o que deveria ter sido um problema da Somália, (...) tornou-se um problema etíope e americano”<sup>131</sup>, desenvolvendo a radicalização do movimento e seu alinhamento com a Al Qaeda em 2012.

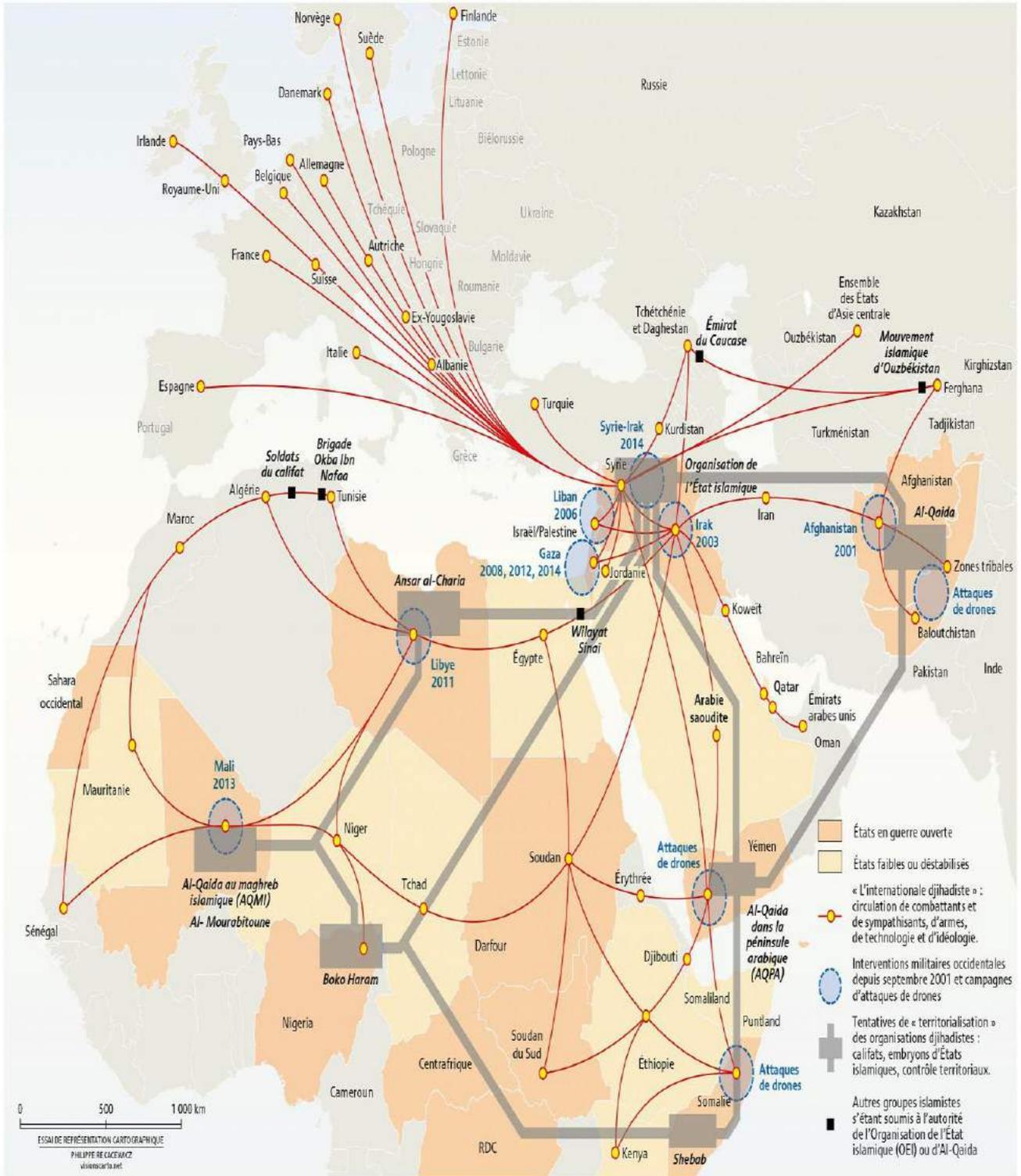
Essa radicalização de grupos como o Al Shabaab, lança questionamentos em relação a sua fundamentação e à diferenciação entre a sua atuação e a dos países que realizam violentas intervenções militares, que sequer são julgados pelas mortes consideradas extrajudiciais. Afinal, quem tem o direito de realizar execuções contra civis ou, por exemplo, explodir hospitais? “A justificativa da violência”, nesses casos, determina a importância de sua discussão (REKACEWICZ, 2015).

O geógrafo francês Philippe Rekacewicz (2015), lança uma discussão, em forma cartográfica (MAPA 18), sobre o que poderia ser qualificado, atualmente, como um ato terrorista. Ele questiona a ação dos países ocidentais, com destaque para a atuação dos Estados Unidos, através de seus embargos e ataques de drones, que têm causado a morte de milhares de pessoas no Iraque, Paquistão e Iêmen. Em extensão às observações do geógrafo, deve-se acrescentar os ataques de drones na Somália, destacados no mapa abaixo.

---

<sup>131</sup> NGUGI, Mukoma Wa. **How Al Shabaab was born**. The Guardian, 04 out. 2013. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2013/oct/04/kenya-westgate-mall-attacks>>. Acesso em: 10 ago. 2014.

MAPA 18 - Terrorismo, insurreiçao ou resistência?<sup>132</sup>



Sources : d'après une réflexion menée avec Alain Gresh (Orient XXI) et des informations collectées depuis 2011 pour une revue de presse quotidienne (principaux quotidiens français, anglais, américains et arabes, dépêches d'agences de presse internationales), Amnesty international ; Human Rights Watch ; International Institute for Strategic Studies (IISS) ; SIPRI ; The International Centre for the Study of Radicalisation and Political Violence (ICSR) ; Orient XXI - OrientXXI.info ; Assawra - Mouvement Démocratique Arabe - <http://assawrablogspot.fr/> ; « Comment les humanitaires travaillent face à Al-Qaïda et l'État islamique », Jean-Hervé Bradoï, Médiapart, février 2015 ; Jean-Pierre Luizard, *Le piège Daech : L'État islamique ou le retour de l'histoire*, La Découverte, février 2015 ; « Aux origines de l'État islamique », Mathieu Rey, *Lavie des idées*, mars 2015 ; Peter Harling, « État islamique, un monstre providentiel », *Le Monde diplomatique*, septembre 2014 ; Peter Harling, Sarah Birke « The Islamic State through the looking-glass », *The Arabist*, mars 2015 ; Patrick Cockburn, *The Jihadis Return. ISIS and the new sunni uprising*, OR books, 2014.

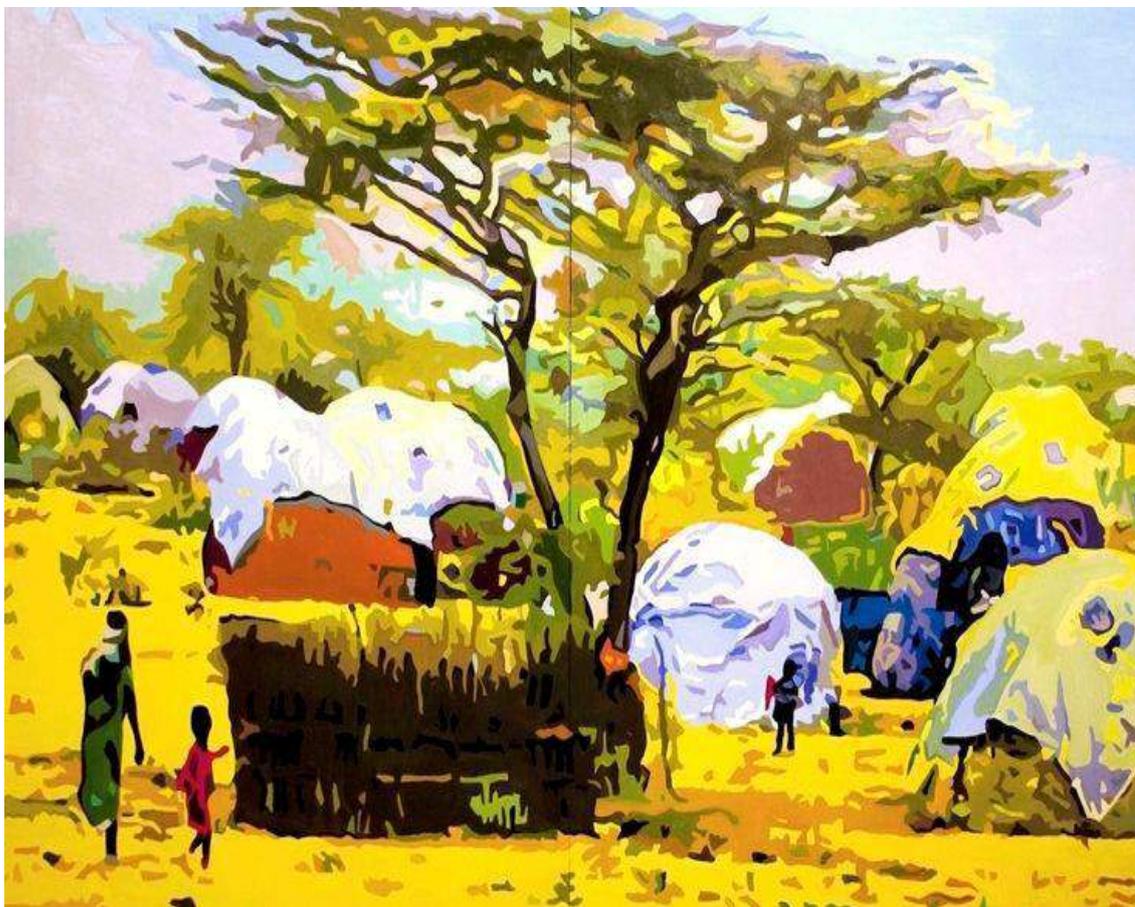
Fonte: Philippe Rekacewicz, 2015. Disponível em: <<http://visionscarto.net/djihadisme-international>>. Acesso em: 18 nov. 2015.

<sup>132</sup>Esse título foi criado por Philippe Rekacewicz, mas algumas alterações foram feitas de acordo com reflexões sobre suas observações.

O terrorismo, no caso do campo de refugiados de Dadaab, também é um fator constituinte de sua complexa dinâmica territorial, ou seja, dos processos de des-reterritorialização, a que os refugiados são submetidos. Desde sua fuga da Somália até os processos de privação de mobilidade, dentro e fora dos campos, quando conseguem permissão de saída para Nairóbi, ou para outros locais, de acordo com a sua nacionalidade. Não só os somalis sofrem com as restrições à mobilidade. As treze nacionalidades existentes em Dadaab, hoje, são atingidas por essas medidas (UNHCR/Kenya, 2016).

Como afirma Rogério Haesbaert (2014, p. 149), a intensa normatização vivenciada atualmente, “não se configura como dispositivos de controle atrelados diretamente ao Estado. E o ‘paraestatal’ que se dissemina pode ser ainda mais violento e repressor que o Estado que aí está”.

## Capítulo 4 – Campo de refugiados de Dadaab: o desafio da contemporaneidade.



Fonte: Pintura em tinta óleo do campo de refugiados de Dadaab da artista americana Grace Graupe Pillard, 2013.

*No início, eu fiquei impressionado com o fato de sua existência: Como poderia este lugar ainda estar aqui? E como poderia o mundo permitir que todas essas pessoas fiquem neste escaldante limbo, incapazes de trabalhar, de sair, e de passar toda a sua vida em uma prisão aberta? Mas, cinco anos mais tarde, depois de conviver com os moradores através de suas vidas diárias e ouvir suas esperanças e medos, cheguei a uma percepção muito diferente: Dadaab não é um anacronismo, ou um resíduo de uma antiga ordem mundial. É o futuro.*

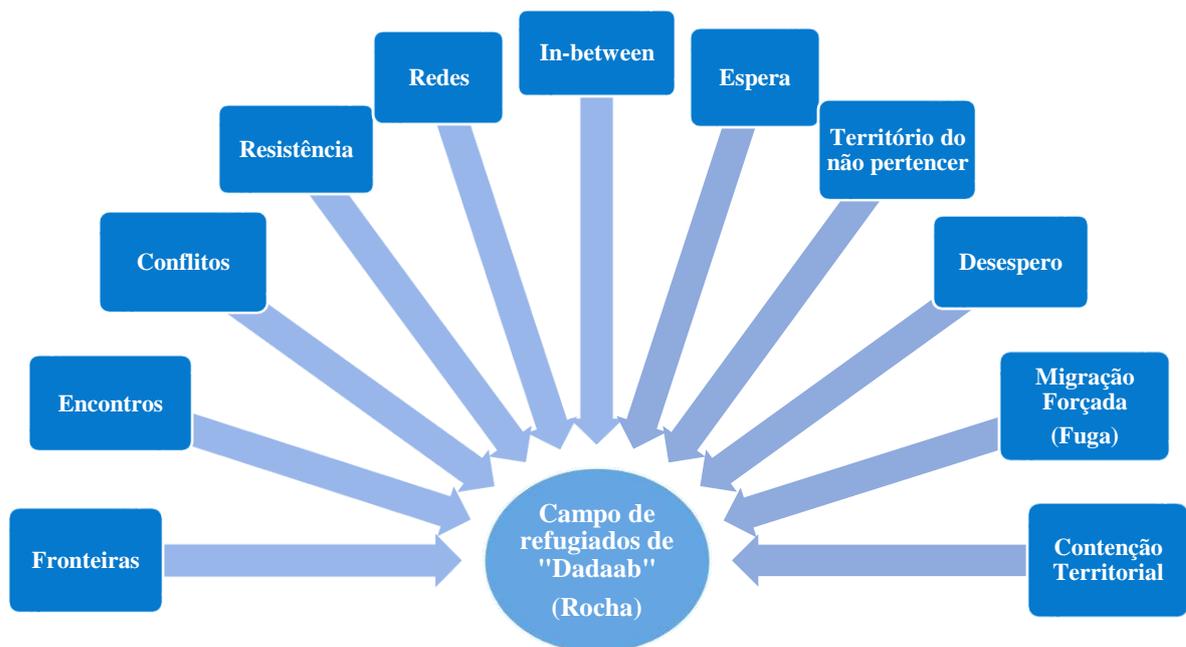
Ben Rawlence, 2016, tradução livre.

#### 4.1 O significado das palavras e os sentidos geográficos...

Palavras.... Luminosas, repetidas, percebidas, deixadas em um trajeto científico de percepções e experiências geográficas. Qual o papel dos significados das palavras na dimensão geográfica? A geografia nada mais é do que a relação dos seres humanos com o espaço, a sua experiência. Os nomes dos lugares são atribuídos através dessas relações. Ao realizar uma reflexão sobre os significados das palavras, que parecem tão soltas e despreziosas, todo um contexto é revelado. Para a Geografia, esse contexto ganha forma através de uma espacialidade, territorialidades e temporalidades. Como bem afirmou Michel Foucault (2000b, p. 155) o significado “das palavras é a luz mais segura que se possa consultar”.

A primeira palavra que surgiu como um emaranhado de questionamentos para pesquisa foi “Dadaab”. O que significaria essa palavra que sempre ocupou uma centralidade? Teria o seu significado alguma relevância na descrição e constituição desse lugar? A hipótese era que sim, e a resposta que só foi dada 1 ano e meio depois, não só a confirmou, mas reuniu as outras palavras que se destacaram durante a pesquisa e estão presentes no transcorrer do texto. Palavras que quando somadas deram a contextualização desse campo de refugiados. Dadaab é uma palavra da língua somali, escrita originalmente como “Dhadhaab” e possui como tradução a palavra “rocha” (FIGURA 70), como citado anteriormente.

FIGURA 70 - Diagrama das principais palavras que resumem e reafirmam o significado do campo de refugiados de Dadaab.



Fonte: SILVA, Daniela F. 2015.

O nome dos lugares é estudado pela toponímia, que de acordo com Paul Claval (2001) “é uma herança preciosa das culturas passadas”, assim como o “batismo do espaço” vai além da sua referência, “trata-se de uma verdadeira tomada de posse (simbólica ou real) do espaço” (CLAVAL apud SEEMANN, 2005, p. 209).

Este campo de refugiados é formado por diferentes nacionalidades, mas 95,3% são somalis (UNHCR/KENYA, 2015). Como foi visto no capítulo 3, essa região do Quênia é historicamente de origem somali, e o seu significado não poderia ser diferente. Expressa a resistência e a “resiliência”, palavra muito utilizada na referência aos refugiados somalis<sup>133</sup>, que historicamente convivem com as condições adversas das características naturais em muitas regiões de seu país, como ressalta o jornalista polonês Ryszard Kapuscinski em sua experiência de viagem da cidade de Berbera para Las Anod, localizadas na parte setentrional da Somália, atual região de Somalilândia<sup>134</sup>. Nessa jornada o autor descreve a forte relação existente entre o povo somali, as condições naturais de seu país e a sua tradição do pastoreio nômade, principalmente de camelos, muito presente no campo de refugiados de Dadaab (FIGURA 71).

FIGURA 71 – Refugiado somali no comércio de camelos na extensão Dagahaley do campo de refugiados de Dadaab.



Fonte: ENGHOFF, B. et al. **In Search of Protection and Livelihoods: Socio-economic and Environmental Impacts of Dadaab Refugee Camps on Host Communities**. Report for the Royal Danish Embassy, the Republic of Kenya and the Norwegian Embassy, 2010. Disponível em: <<http://reliefweb.int/report/kenya/search-protection-and-livelihoods-socio-economic-and-environmental-impacts-dadaab>>. Acesso em: 01 nov. 2014.

<sup>133</sup> Resiliência foi uma palavra muito abordada em artigos internacionais, científicos ou jornalísticos, escritos sobre Dadaab e os refugiados somalis.

<sup>134</sup> A cidade de Berbera e a região de Somalilândia estão localizadas no mapa 17 do capítulo 3.

Acompanhando pastores nômades, seu modo de vida secular, nessa região desértica do país e depois em sua passagem por um campo de ajuda humanitária internacional<sup>135</sup> na cidade de Gode (Etiópia), o autor relata a capacidade dos somalis de se adaptar a situações adversas:

Embora, aparentemente, não se possa ver nada ao redor - apenas deserto e mais deserto -, esse solo está riscado por incontáveis pistas, estradas, veredas e trilhas, que, apesar de invisíveis sob areia e rochas, estão profundamente gravadas na memória dos povos que, há séculos, vagueiam por essa parte do mundo. Aqui se inicia o grande desafio somali, o jogo da sobrevivência – o jogo da vida. (...). Essa gente recebia apenas 3 litros de água por dia para tudo: para beber, lavar, cozinhar e lavar a roupa. Como alimento, mais meio quilo de milho por dia e um saquinho de açúcar, além de um pedaço de sabão por semana. Pois não é que os somalis conseguiam economizar uma parte dessa ração e vender milho e açúcar a negociantes no campo, juntando dinheiro para comprar um novo camelo para fugir para o deserto? (KAPUSCINSKI, 2002, p. 231, 233 e 234).

Essa intensa capacidade dos somalis de reinventar-se diante de adversidades e do não desenvolvimento de uma ideologia de dependência das agências de ajuda humanitária têm atraído a atenção de pesquisadores de diferentes países<sup>136</sup> para estudá-los. Essa habilidade é visivelmente observada na construção de suas territorialidades em Dadaab, assim como a formação de espaços alternativos em mediação com as fortes proibições impostas pelo governo queniano.

O campo de refugiados de Dadaab tem um contexto de formação relacionado ao povo somali, mas os povos das diferentes nacionalidades que ali sobrevivem, também imprimem resistência, lutando pela superação diária dos desafios da vida nesse campo. Para Abulony Ojulu Okello, refugiado etíope da região de Gambela, a vida no campo de refugiados de Dadaab pode ser traduzida na superação diária dos muitos desafios existentes. “Se você não supera esses desafios diariamente, eles acabam te superando.”<sup>137</sup>

A resposta do significado da palavra “Dadaab” não veio de pesquisadores ou funcionários de organizações internacionais que trabalham no campo. Ela foi respondida por Abdullahi Said-Emkay<sup>138</sup>.

<sup>135</sup> O autor não especificou se era um campo de refugiados, apenas que a ajuda humanitária também se estendia para pastores nômades somalis que se encontravam perdidos ou em situação difícil no deserto.

<sup>136</sup> Informação dada pelo antropólogo americano Paul Goldsmith em entrevista disponível no documentário “Somali businesses in Eastleigh”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CugO03OTgN4>>. Acesso em: 05 ago. 2015.

<sup>137</sup> O depoimento de Abulony Ojulu Okello foi registrado pela organização internacional FilmAid, através do projeto Dadaab Stories. O seu depoimento, registrado em vídeo, e o de outros refugiados, estão disponíveis em: <<http://www.dadaabstories.org/>>. Acesso em: 05 mar. 2016.

<sup>138</sup> Abdullahi Said-Emkay mora no campo de refugiados de Dadaab, mas preferiu não se identificar como refugiado. A pergunta foi feita durante conversa informal pela rede social Facebook, em 23 de agosto de 2015.

## 4.2 Dadaab: “o fenômeno do temporário-definitivo”<sup>139</sup>.

As cores intensas e vivas do quadro da artista Grace Graupe Pillard <sup>140</sup> expressam a força e intensidade presentes nesse lugar. Da expressiva cor vermelho alaranjada do solo, com suas micropartículas muito finas, que no contato com as oscilações da formação dos ventos formam uma paisagem com aspectos de neblina (FIGURA 72), até as múltiplas cores vibrantes das roupas dos diferentes povos que ali se encontram e circulam (FIGURA 73), assim como o forte som da língua somali, de origem árabe claramente percebida, a qual cada palavra dita soa como um ato político (FIGURA 74) de resistência, ecoando em todo o campo.

FIGURA 72 - Momento de chegada no campo de refugiados de Dadaab.



Fonte: Foto da Agência France Presse (AFP) na publicação eletrônica do jornal inglês The Telegraph, 2011. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/africaandindianocean/kenya/12123097/Dadaab-Inside-the-worlds-largest-refugee-camp.html>>. Acesso em: 14 dez. 2015.

<sup>139</sup> Expressão criada por Alex Fisberg e título do capítulo sobre Dadaab, em seu livro *Mochila Social* (2013). Em entrevista, Alex acrescenta que esse termo foi criado a partir de suas reflexões sobre seus trabalhos desenvolvidos nas favelas de diferentes países, ao observar o seu contexto de improviso, que em certos aspectos é semelhante a um campo de refugiados, mas que ao mesmo tempo, dificilmente deixará de ter esse contexto.

<sup>140</sup> Esse quadro da artista americana Grace Graupe Pillard intitulado “Dadaab Camp/Kenya”, assim como outras obras sobre refugiados, estão disponíveis para visualização em: <<http://www.neoimages.net/artwork.aspx?nid=2043005>>. Acesso em: 20 out. 2015.

FIGURA 73 - A força dos contrastes em Dadaab.



Fonte: Arquivo do Flickr. Fotógrafo Xarovan Eskandari, 2011. Disponível em: <<https://www.flickr.com/fotos/68649991@N03/6994395466/in/photostream/>>. Acesso em: 03 jan. 2016.

FIGURA 74 - Questionando a ajuda da comunidade internacional.



Fonte: Arquivo pessoal de Hussein Mohamud exposto na rede social Facebook em 30 de dezembro de 2013.<sup>141</sup>

<sup>141</sup> Hussein Mohamud é refugiado somali. Viveu em Dadaab por 20 anos. Agora mora nos Estados Unidos, através do programa de reassentamento de refugiados em um terceiro país. Na foto, ele está ao lado de um ministro alemão, em visita ao campo de refugiados de Dadaab em 2013, questionando por que a comunidade internacional, ao invés de investir recursos na abertura de novos campos, não investe na resolução de conflitos na Somália, por exemplo. Na rede social Facebook, Hussein Mohamud utiliza o pseudônimo de Suud Olat, mencionado no capítulo 3.

A “permanência do temporário” em Dadaab é configurada, como a neblina de poeira, acima citada (GRAYSON, 2015, p. 03, tradução livre). As tentativas de transformar esse campo em lar emitem um tom dissonante quando se revela a sua realidade. As suas ruas, “casas”, lojas, cinemas, salões de beleza, academias de ginástica, hotéis, casas de chá, lan houses, escolas, hospitais, pontos de táxi e de ônibus, entre outros exemplos existentes, vão sempre estar inseridos em um contexto em que as peças não se encaixam, sempre vai faltar algo ou um significado (FIGURA 75).

FIGURA 75 - Rua Feliz?



Fonte: GRAYSON, Catherine-Lune. **Fermer Les Camps de Réfugiés de Dadaab? Quelle Bonne Idée!** Observatoire Canadien Sur Les Crises et L'Action Humanitaires. EQUAM, Quebec/Montreal. 2015. Disponível em: <[http://www.occah.org/DATA/PUBLICATION/158~v~FERMER\\_LES\\_CAMPS\\_DE\\_REFUGIES\\_DE\\_DADAAB\\_QUELLE\\_BONNE\\_IDEE\\_.pdf](http://www.occah.org/DATA/PUBLICATION/158~v~FERMER_LES_CAMPS_DE_REFUGIES_DE_DADAAB_QUELLE_BONNE_IDEE_.pdf)>. Acesso em: 03 fev. 2016.

Um lugar de contrastes, que apesar de sua aparência árida, possui distintas possibilidades para o seu desenvolvimento, como afirma o jornalista brasileiro Alex Fisberg, ao descrever a beleza da paisagem e suas potencialidades:

(...) a dor que me pegou foi a da paisagem. Primeiro, pela beleza. Lugar como nunca vi nenhum outro. A estrada é uma abertura de areia branca em meio a árvores rasteiras e secas de pouca estatura, algumas poucas ainda esgoelando o verde da outra temporada de chuvas, agora tão distante. O alaranjado na beira da estrada, cor de terra batida e aparentemente fértil, espera por alguns goles de água para desenvolver todo seu potencial. (...). A região entre o extremo leste do Quênia e a Somália tem potencial. Apesar das secas é possível encontrar fontes naturais de água abaixo do solo ou mesmo a uma distância considerada viável para a construção de dutos e encanamentos para uma possível irrigação. (FISBERG, 2013, p. 152 – 156).

O contraste percebido na paisagem e na resistência dos refugiados encontra também expressão, em todas as contradições perpetuadas no mundo das migrações forçadas. Novos muros, muros invisíveis, Estados caracterizados como “falidos”, mudanças climáticas, intervenções estrangeiras desastrosas, militares ou não, grilagem de terras, especulação financeira, tráfico de pessoas, terrorismo internacional, Estado de exceção, resistências e hibridismo cultural. Sim, é um mundo à parte. Pelo menos é assim que ele tem sido gerenciado. Espaço entre espaços. Enclave. Permitido pela omissão de todos, juridicamente administrado pela exceção e disfarçado de emergência humanitária.

Esse campo de refugiados foi formado aos poucos e ainda cresce, com a construção de novas instalações, devido ao fluxo constante de refugiados nessa região. Sua formação sempre esteve atrelada a organização do governo do Quênia e do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR/UNHCR)<sup>142</sup>. Nessa região semiárida do Quênia, a primeira extensão do campo, chamada Ifo, começou a ser formada em setembro de 1991, com um total de 50 mil pessoas e uma área formada de 28 km<sup>2</sup>. Com fluxo contínuo de refugiados somalis, em junho de 1992, duas outras extensões foram formadas, Dagahaley e Hagadera, com um total de 136 mil pessoas. O vilarejo de Dadaab fica a uma distância de 500 quilômetros de Nairóbi (DUBE; KOENIG, 2005), e possui aproximadamente, hoje, 70 mil moradores, divididos principalmente, entre pastores de camelos e agricultores (WADHAMS, 2011). O vilarejo de Dadaab, no início da década de 1990, tinha apenas 5 mil moradores.<sup>143</sup> O campo de refugiados impulsionou o seu crescimento.

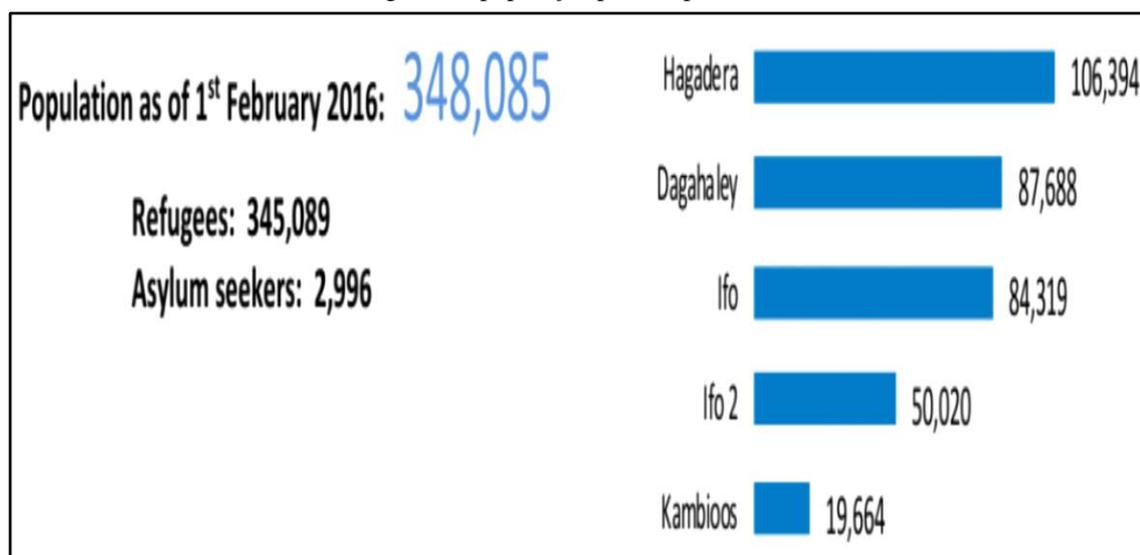
Atualmente, Dadaab possui 348 mil refugiados (FIGURA 76) e ocupa uma área de 50 km<sup>2</sup>, com duas outras extensões, Kambioos e Ifo 2, construídas em 2011 devido ao grande fluxo de refugiados somalis, ocasionado por uma grande seca em seu país. Como a Somália está em conflito desde 1991, não tinha condições de abrigar as pessoas deslocadas, e nem dar assistência.

---

<sup>142</sup> De acordo com informações de Duke Mwanha, funcionário de relações públicas do UNHCR. Informação obtida através de conversa informal pela rede social Facebook, em 11 de abril de 2016. Duke esclareceu que esse campo de refugiados não teve uma formação improvisada feita pelos refugiados. Desde o início o governo do Quênia, com o apoio das Nações Unidas, esteve presente na organização do campo.

<sup>143</sup> Informações do escritor e pesquisador Ben Rawlence, em seu artigo para o jornal inglês The Guardian, citado anteriormente na introdução.

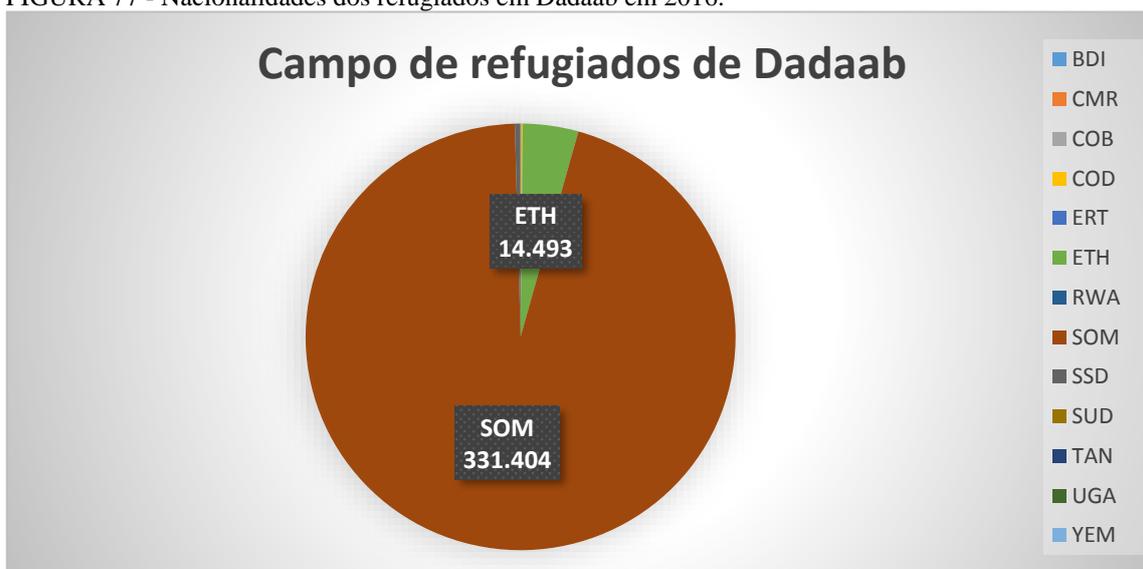
FIGURA 76 - Número total de refugiados e população por campo em Dadaab em 2016.



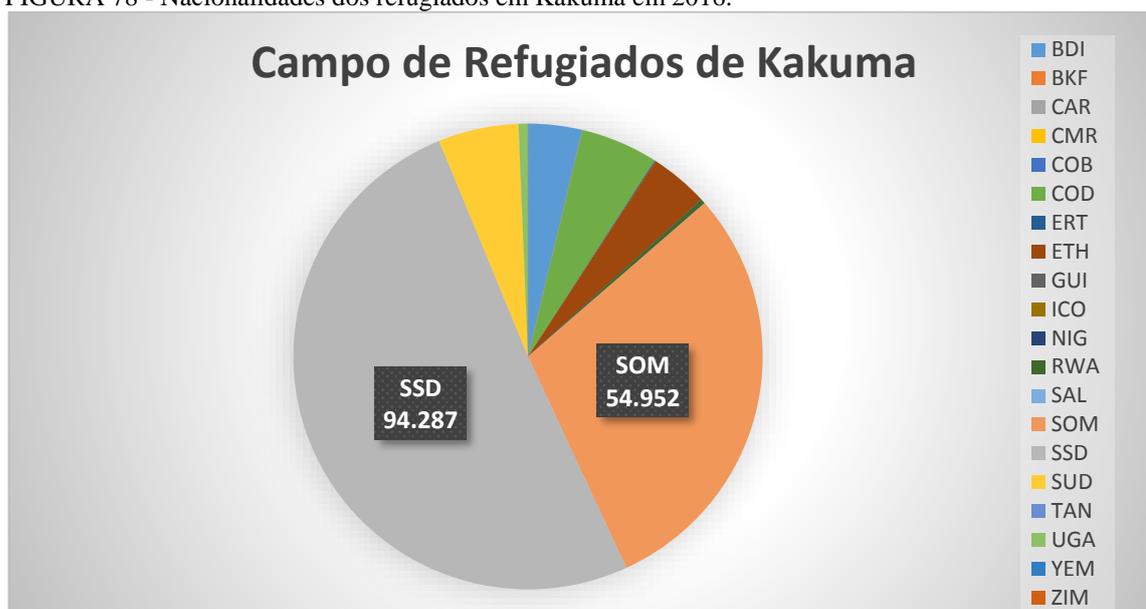
Fonte: UNHCR/Kenya (2016). Disponível em: <<http://reliefweb.int/report/kenya/dadaab-refugee-camps-kenya-unhcr-bi-weekly-update-01-15-february-2016>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

A diversidade de sua população, com 13 diferentes nacionalidades (FIGURA 77), não é, por exemplo, tão múltipla como a de Kakuma (FIGURA 78), o outro campo de refugiados do Quênia. O predomínio somali é percebido claramente, mas o campo não deixa de ser um território de importante diversidade. Além das distintas territorialidades dos refugiados, existem as influências dos quenianos da comunidade local, dos funcionários das diferentes organizações humanitárias internacionais, jornalistas e dos pesquisadores que desenvolvem projetos, através de suas universidades. Distintas realidades ou multiterritorialidades que se inter cruzam.

FIGURA 77 - Nacionalidades dos refugiados em Dadaab em 2016.



Fonte: VITAL, Fernando F. 2016. Dados obtidos do UNHCR/Kenya (2016).

FIGURA 78 - Nacionalidades dos refugiados em Kakuma em 2016.<sup>144</sup>

Fonte: VITAL, Fernando F. 2016. Dados obtidos do UNHCR/Kenya (2016).

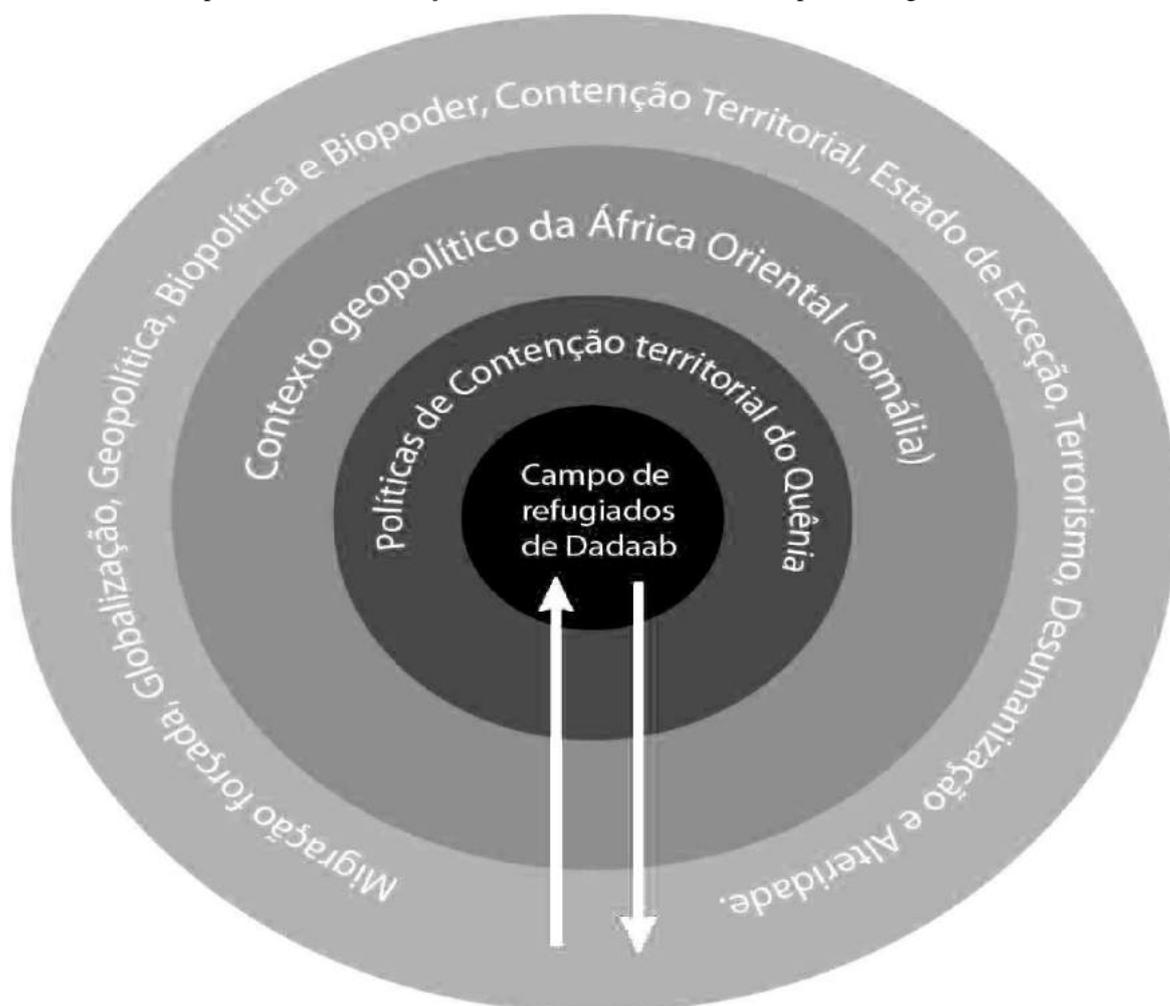
Como forma de síntese dos fatores de des-reterritorialização que formam o campo de refugiados de Dadaab, citados nos capítulos anteriores, foram formulados dois diagramas para uma melhor visualização e compreensão desse processo. No primeiro diagrama (FIGURA 79), a dinâmica territorial analisada indica que não ocorrem apenas processos em um único sentido de influência, com a ação de “vetores verticais” (SANTOS, 2000, p.70) dos atores hegemônicos que provocam os deslocamentos forçados ou a contenção territorial, mas uma contraposição ou reação dos que sofrem esses processos e tentam a partir disso, reconfigurar novas possibilidades, reterritorializando-se e formando uma geografia complexa ou transpassada por múltiplas “linhas de força” ou poderes (CRUZ, 2011, p.46).

Michel Foucault (1984) ao discutir sobre a existência de múltiplos poderes e das relações que são assim estabelecidas ressalta a dinâmica constituída entre esses diferentes poderes e os “movimentos de retorno” que são criados nesse processo. De acordo com o autor:

De modo geral, penso que é preciso ver como as grandes estratégias de poder se incrustam, encontram suas condições de exercício em micro-relações de poder. Mas sempre há também movimentos de retorno, que fazem com que as estratégias que coordenam as relações de poder produzam efeitos novos e avancem sobre domínios que, até o momento, não estavam concernidos. (FOUCAULT, 1984, p. 141).

<sup>144</sup> Atualmente, a nacionalidade predominante em Kakuma é a do Sudão do Sul, por sua proximidade com a fronteira desse país e pelo grande fluxo de refugiados que fogem do conflito desde 2013. A Somália, como destacado no gráfico, é a segunda nacionalidade com maior número de refugiados em Kakuma.

FIGURA 79 - Principais fatores de formação da dinâmica territorial do campo de refugiados de Dadaab.



Fonte: SILVA, Daniela F. 2015.<sup>145</sup>

O diagrama mencionado demonstra que os processos mais gerais formadores do campo de refugiados de Dadaab, não possuem uma localização espacial precisa. Esses processos estão dispersos globalmente, compondo uma dialética entre as partes constituintes, citadas no diagrama, indicando que todos estão inseridos na lógica do capitalismo e em práticas de exceção jurídica, formando uma dinâmica de relações, onde a contrariedade e a ambiguidade, expressas nessa dinâmica, desenvolvem desigualdades e precariedades sociais inerentes ao capitalismo e aspectos de indefinição ou inexatidão jurídica em sua constituição. A composição desse território se faz, então, através da atuação “de múltiplos poderes, tanto no que se refere à interseção entre diferentes escalas e modalidades de poder, quanto em suas distintas dimensões” (HAESBAERT, 2014, p. 92). A compreensão desse “fenômeno do temporário-definitivo”, que

<sup>145</sup> A elaboração gráfica foi feita por Danilo Ferreira Lúcio.

é o campo de refugiados de Dadaab, define-se assim, através da dinâmica desses múltiplos fatores.

No segundo diagrama (FIGURA 80), observam-se os fatores mais específicos no contexto de formação do campo de refugiados de Dadaab no Quênia, abordados nos capítulos 2 e 3. Mesmo tendo recebido refugiados de países de outro continente, como Paquistão e Iêmen, o contexto regional e local imprimem fatores determinantes no processo de formação desse campo de refugiados. O cenário de “emergências” criado nessa região do continente pelas intervenções políticas e militares, discutíveis, de diferentes Estados, associado às ações das atividades nocivas do mercado global provocam os deslocamentos humanos forçados, que tem como destino no Quênia, a sua instalação em campos de refugiados.

FIGURA 80 – Fatores específicos da formação e contenção territorial do campo de refugiados de Dadaab.



Fonte: SILVA, Daniela F. 2016.<sup>146</sup>

<sup>146</sup> A elaboração gráfica foi feita por Danilo Ferreira Lúcio.

As práticas de contenção territorial do Quênia, para refugiados, foram desenvolvidas por mecanismos informais, adotados pelo governo, ferindo acordos internacionais de proteção aos refugiados. A questão da segurança nacional, em virtude de ataques terroristas e de infiltração de agentes militares estrangeiros nos campos de refugiados<sup>147</sup>, o crescimento da xenofobia e a possível disputa pelo mercado de trabalho são exemplos de justificativas utilizadas para adoção dessas medidas de contenção no Quênia (LAMBO, 2012; HUMAN RIGHTS WATCH, 2002). De acordo com o professor Jackson Too da Moi University no Quênia, o receio que o governo queniano tem é que ocorra um conflito entre quenianos e refugiados, relacionado a uma possível disputa pelo mercado de trabalho.<sup>148</sup>

A manutenção de “privilégios”, palavra recorrente nesse texto, abordada no relatório da OXFAM (2016) e discutida no capítulo 2, compõe a síntese dos fatores constituintes da formação do campo de Dadaab, representado nesse diagrama. A principal causa ressaltada nesse relatório para o desenvolvimento de uma extrema desigualdade social é a atuação conjunta do “poder econômico e político”, que está “sendo exercido para moldar normas e instituições em favor de uma elite minoritária” (OXFAM, 2016, p. 23). No caso da formação desse campo de refugiados, essa manutenção de privilégios é percebida pela atuação de um grupo reduzido de instituições e Estados, responsáveis pelo desenvolvimento, nessa região, de uma geopolítica destinada à criação de “emergências” humanitárias que, em conjunto com as medidas de contenção territorial para refugiados do Quênia, ocasionam a formação do campo de refugiados de Dadaab, assim como a formação de outros campos nessa região do continente africano, em que esses fatores são também recorrentes.

---

<sup>147</sup> Existe a atuação de militantes do grupo rebelde sudanês SPLA, agentes de segurança da Etiópia e ex-funcionários etíopes do Derg (Coordinating Committee of the Armed Forces) nos campos de refugiados de Kakuma e Dadaab e também em Nairóbi. De acordo com depoimentos de refugiados contidos em um relatório da Human Rights Watch, agentes de segurança etíopes faziam abordagens no bairro de Eastleigh. A localização desses campos em áreas muito próximas das fronteiras facilita essa atuação (HUMAN RIGHTS WATCH, 2002).

<sup>148</sup> O relato do professor está presente no documentário do projeto Borderless Higher Education for Refugees da universidade canadense York, que em parceria com a Kenyatta University fornece ensino superior no campo de refugiados de Dadaab. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3q4bIUAmTC0>>. Acesso em: 10 mai. 2014.

### 4.3 Um lugar de vida e sobrevivência<sup>149</sup>: contenção e precarização territorial.

A configuração territorial do campo de refugiados de Dadaab, ao invés de ter como divisão definidora de sua estrutura, o complexo formado por cinco campos, divide-se na verdade, em dois campos. O dos refugiados, sem cercas, muros, proteção e infraestrutura mais desenvolvida, e o campo com muros, proteção e infraestrutura adequada, na sede estabelecida a 8 quilômetros de onde os refugiados ficam, construída para abrigar os escritórios e alojamentos dos funcionários das organizações humanitárias internacionais<sup>150</sup>. Esses dois espaços, além da distinção na estrutura, “possuem vivências e sensações completamente diferenciadas”.<sup>151</sup>

Essas discontinuidades espaciais de desencontros e muros tão visíveis ou configurados psicologicamente, mas tão segregadores quanto os que se podem ver, revelam processos mais extremos quando se tem acesso a realidade dos refugiados em Dadaab. A área ampla de 50 km<sup>2</sup>, aparentemente desconecta e sem limites expostos, com suas tendas dispersas (FIGURA 81) ou becos formados de cercas vivas de galhos secos, abrem caminhos para uma percepção diferenciada para quem percorre cada canto de sua realidade. A certeza de que as tendas vistas, demonstrando uma situação de emergência ou provisória, não revelam o seu contexto. Não é uma emergência. As pessoas estão se organizando e reconstruindo suas vidas nesse espaço precário e afastado. Essas construções indicam que o tempo está sendo alargado, machucando a cada dia, pois desenvolve-se nesse campo, uma temporalidade diferenciada, a da espera imposta.

---

<sup>149</sup> Título teve como inspiração o artigo “O Campo de refugiados: um lugar de vida e sobrevivência” do autor Marc-Antoine Pérouse de Montclos (2007). Disponível em: <<http://www.icarabe.org/clipping/o-campo-de-refugiados-um-lugar-de-vida-e-sobrevivencia>>. Acesso em: 12 jun. 2014.

<sup>150</sup> A sede da organização internacional dos Médicos sem Fronteiras fica localizada dentro de uma das extensões do campo de Dadaab. É uma política da organização de se manter sempre muito próximo às pessoas que estão auxiliando, assim como a não interferência no seu espaço. “O espaço é deles, e não nosso”, afirmou a psicóloga Deborah Duarte Franco durante entrevista. Deborah trabalhou nessa organização e em Dadaab, em 2011. Entrevista realizada pelo Skype em 05 de maio de 2015.

<sup>151</sup> Pensamento exposto por Alex Fisberg, assim como a visão do campo nas duas partes citadas. Essa foi a impressão de Alex ao conhecer Dadaab. Entrevista citada anteriormente.

FIGURA 81 – Abrigos em tendas no campo de refugiados de Dadaab.



Fonte: Fotografia Jonathan Ernst (PBS, 2015). Disponível em: <<http://www.pbs.org/newshour/updates/photos-worlds-largest-refugee-camp/>>. Acesso em: 25 fev. 2016.

Ao olhar com mais atenção para as cercas ou muros vivos (FIGURA 82) desses corredores, às vezes tão estreitos, percebe-se outra realidade. Essas cercas ou muros têm “espinhos” (RAWLENCE, 2016, tradução livre). São os espinhos de Dadaab, característicos dessa região semiárida, como a da caatinga no nordeste do Brasil. Mas, os espinhos em Dadaab revelam outro aspecto, além das características naturais. As diversas dificuldades e barreiras para se viver nesse lugar, para quem é refugiado.

FIGURA 82 - Corredores de espinhos do campo de refugiados de Dadaab.



Fonte: Fotografia Robin Hammond, Médicos sem Fronteiras (2015). Disponível em: <<https://www.aerzte-ohne-grenzen.at/article/psychologische-hilfe-ohne-grenzen>>. Acesso em: 20 dez. 2015.

Essa “geografia de controle e visibilidade”<sup>152</sup> presente também em uma prisão, por exemplo, é construída através de processos de contenção territorial. Esse termo, citado no capítulo 2, exemplifica de forma mais real o processo de controle que o governo queniano impõe à movimentação dos refugiados em seus campos e a possibilidade que eles têm de não ficarem totalmente reclusos. O controle é feito, mas não é efetuado completamente. Os refugiados são proibidos de sair da área de 50 km<sup>2</sup> do complexo, só podem circular entre os campos e pelo vilarejo. Dadaab é um campo de refugiados fechado, ou seja, o acesso a outras áreas é controlado. O efetivo de policiais quenianos responsáveis pelo controle e segurança é pequeno, e os limites do campo não possuem obstáculos, como muros ou cercas. As cercas e os muros só existem nos locais de entrega de suprimentos, de registro e nas instalações das agências humanitárias.

O controle só é feito nas estradas principais que dão acesso às cidades, através de bloqueios policiais. O controle nas fronteiras, também não é muito rigoroso. Então, por isso existe a possibilidade de saída sem que sejam notados. Mas, caso sejam descobertos durante essa movimentação, sofrem retaliações, como prisão ou deportação. Assim, o controle psicológico acaba exercendo maior influência. Para os refugiados, Dadaab é considerada “uma prisão em céu aberto” (GRAYSON, 2015, p. 02, tradução livre).

A sua saída só é permitida através da obtenção de um passe de movimento, concedido pelo Departamento de assuntos relacionados a refugiados do Quênia<sup>153</sup>, em sua extensão no campo. A permissão só é concedida para pedidos relacionados a procedimentos médicos que só podem ser feitos nas cidades, ou a assuntos referentes à educação.

O controle direcionado à circulação dos refugiados no Quênia, nos últimos anos tem se intensificado. Após o último atentado terrorista do grupo Al Shabaab em uma universidade de Garissa, em abril de 2015, as permissões de saída se tornaram mais restritas. De acordo com relatos dos refugiados nas redes sociais, essa permissão, para os estudantes está suspensa, sem maiores explicações. O refugiado somali, Liban Rashid, comenta que:

Uma vez registrados nos campos de Dadaab, os refugiados não têm permissão para viajar, a menos que cumpram um ou mais critérios inéditos para a obtenção de um "passe de movimento" assinado pelas autoridades quenianas e pelo ACNUR. Se a polícia parar um refugiado registrado nos campos, viajando sem um passe de movimento, o refugiado corre o risco de ser preso e multado e, na prática, ainda pior (detenção e expulsão). Mas atualmente, esse passe de movimento está suspenso.<sup>154</sup>

<sup>152</sup> Artigo do jornalista Ian Birrell comentando o livro **City of Thorns: nine lives in the world's largest refugee camp** do autor Ben Rawlence, The Guardian, 08 fev. 2016. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/books/2016/feb/08/city-of-thorns-nine-lives-worlds-largest-refugee-camp-dadaab-kenya-ben-rawlence-review>>. Acesso em: 12 mar. 2016.

<sup>153</sup> Department of Refugee Affairs (DRA/Kenya).

<sup>154</sup> Depoimento expresso na rede social Facebook, em 30 de dezembro de 2015.

A contenção territorial torna ainda mais difícil a vida no campo. Eles ficam retidos em um espaço, que não lhes dá alternativas. A contenção ocorre também, no sentido de suas práticas espaciais. Eles não podem construir moradias mais resistentes de alvenaria, é proibida a construção de saneamento básico e de infraestrutura de eletricidade<sup>155</sup>, não podem desenvolver de forma eficiente a agricultura, apenas pequenas hortas para sua própria alimentação, e caso consigam montar um pequeno negócio, têm que pagar impostos sobre sua atividade, porém não podem usufruir dos impostos pagos ou reivindicar melhorias, direito concedido só aos quenianos. Tudo que possua uma característica de permanente ou de melhor estrutura é proibido. O governo queniano enfatiza em suas ações de contenção, ou deixa bem claro, a condição de “emergência” dos campos de refugiados.<sup>156</sup>

A política do governo queniano reluta em manter os campos abertos, além de dificultar a sua viabilização e auto sustentabilidade, o que impede que esses espaços com características urbanas, que são os campos de Dadaab e Kakuma, consigam se desenvolver de uma forma mais humana (MONTCLOS; KAGWANJA, 2000). O fechamento do campo de Dadaab está em discussão no Quênia. Após o último atentado terrorista, já citado, foi imposto um prazo de 3 meses para o seu fechamento, às Nações Unidas. Depois de algumas negociações, o prazo foi revisto, mas ainda está em discussão.

Nesse contexto, o processo de reterritorialização dos refugiados em Dadaab, torna-se extremamente precário. Observando a dinâmica territorial desse campo, pode-se refletir sobre as considerações de João Luís Fernandes (2013). Para o autor, no caso dos campos de refugiados, a dinâmica territorial, ou os ciclos de desterritorialização/reterritorialização, como ele observa, não se completam, devido a sua fragilidade espacial. O autor considera que:

Algumas das mais importantes vulnerabilidades espaciais à escala global resultam precisamente desses ciclos incompletos. Refiram-se aqui os refugiados que, mesmo sob a proteção de instituições como o ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados), conhecem de forma clara os efeitos e as circunstâncias da desterritorialização sem que, apesar disso, vivam processos completos de reterritorialização. Esse desequilíbrio, algures em campos de refugiados quase sempre posicionados em áreas de fronteira, constitui um frequente processo de desterritorialização permanente ou de reterritorialização precária. (FERNANDES, 2013, p. 638).

---

<sup>155</sup> Informações do pesquisador Ben Rawlence, em seu artigo, citado anteriormente na introdução, publicado para o jornal inglês The Guardian.

<sup>156</sup> Todas as informações sobre os processos de contenção foram dadas em entrevista com Silja Ostermann, citada anteriormente. Desmond Paul, funcionário da National Council of Churches of Kenya, forneceu as informações sobre pagamento de impostos, em 27 de janeiro de 2016, através de conversa informal nas redes sociais.

O processo de reterritorialização em Dadaab acontece, mas sempre norteado pelas políticas repressivas e de precarização do governo queniano. Dadaab é um lugar onde existe uma suspensão das vidas, apesar da tentativa dos refugiados da construção de um recomeço. No campo, durante o processo de reterritorialização, muito da territorialidade trazida pelos refugiados é reproduzida nesse território contraditório. Os sudaneses do Sul e os etíopes, por exemplo, constroem igrejas (FIGURA 83), em contraste com as mesquitas dos somalis ou sua forma de expressar sua fé em diferentes locais do complexo de campos de Dadaab (FIGURA 84).

FIGURA 83 – Igreja de refugiados etíopes no campo de refugiados de Dadaab em 2011.



Fonte: Fotografia Robin Wyatt (2011). Disponível em: <<http://www.robinwyatt.org/photography/photo-essays/kenya-dadaab-christians/>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

FIGURA 84 – Pai e filho durante momento de orações na extensão Ifo do campo de Dadaab.



Fonte: Fotografia E. Hockstein (UNHCR, 2009). Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/210332245069081535/>>. Acesso em: 20 mai. 2016.

Cada bloco é destinado a diferentes grupos, para que não ocorram conflitos, entre os clãs dos somalis ou entre as diferentes nacionalidades. Eles reorganizam os lugares também pensando na questão da segurança. As patrulhas da polícia queniana são escassas (FIGURAS 85 e 86), e eles ficam desprotegidos, em relação a ataques de animais selvagens, roubos, estupros e investidas de terroristas do Al Shabaab. Crianças são sequestradas e os adultos sofrem investidas para que façam parte desse grupo na Somália.

FIGURA 85 - Patrulha da polícia queniana no campo de refugiados de Dadaab.



Fonte: Fotógrafo Daniel Wesangula, The Guardian, 08 fev. 2016. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/global-development-professionals-network/2016/feb/01/dadaab-somalia-home-cannot-leave-refugees#img-2>>. Acesso em: 01 mar. 2016.

FIGURA 86 - Patrulha da polícia queniana na área de tendas recentes da extensão de Dagahaley em 2011.



Fonte: Fotógrafa Rebecca Blackwell, Boston.com, 2011. Disponível em: <[http://archive.boston.com/bigpicture/2011/07/horn\\_of\\_africa\\_on\\_the\\_brink\\_of.html#photo2](http://archive.boston.com/bigpicture/2011/07/horn_of_africa_on_the_brink_of.html#photo2)>. Acesso em: 28 abr. 2015.

A tradição nômade somali de construção de tendas com galhos de acácia, muito utilizada pelos pastores desse país (FIGURA 87), compõe grande parte das construções de abrigos no campo. Nem todos, ao chegar, conseguem receber a lona branca das Nações Unidas. Eles improvisam com o que tem na região. É importante enfatizar, também, a proibição de desmatamento para construção de abrigos ou de lenha para cozinhar. Se forem pegos cortando árvores, são presos. A proibição tem como justificativa o grande impacto ambiental, causado nessa área do campo, pela sua construção. Como é uma região com poucos recursos naturais, o governo queniano tem mantido intenso controle, em relação a sua utilização. Esse é um dos motivos de conflitos entre refugiados e a comunidade dos vilarejos próximos. O uso da água escassa e da sua vegetação.

FIGURA 87 - Construção de abrigos improvisados de tradição nômade somali na extensão Ifo.



Fonte: Fotografia Rebecca Blackwell, Associetd Press, julho de 2011. Disponível em: <<http://www.jornalohodeaguia.com.br/index.php?pg=desc-noticia&id=380>>. Acesso em: 04 mar. 2015.

A construção dessas cabanas é uma tradição das mulheres somalis nômades. Durante sua construção, cantam e recitam poemas. Não só a tradição é mantida, mas a cabana também oferece melhores condições de abrigo que a tenda das Nações Unidas, considerada quente para essa região.<sup>157</sup> Para os refugiados somalis, que possuem essa tradição nômade, viver em um campo fechado como Dadaab com restrições a sua mobilidade é uma experiência de desalento. Toda uma tradição dos refugiados, somalis ou não, é mantida no campo apesar das dificuldades.

---

<sup>157</sup> MIRE, Sada. **Beautiful Somali buildings are rising up in a former war zone. It gives me hope.** The Guardian, 13 setembro de 2015. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/commentisfree/2015/sep/13/somali-buildings-nomadic-huts-somalia-heritage>>. Acesso em: 30 set. 2015.

Ao caminhar por Dadaab é interessante observar as suas contradições, expostas em seus vários setores e blocos. Formado por um contexto de conflitos, na África Oriental, onde diferentes países ocidentais interferem nesse processo, e inclusive agravam a sua situação, como no caso da Somália, o campo de Dadaab revela em pequenos detalhes a contradição de sua formação. Muitos dos países que provocam os conflitos e as “emergências” são os mesmos que “doam” recursos para os que foram afetados (FIGURAS 88 e 89). O Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR/UNHCR)<sup>158</sup> não possui orçamento anual, sobrevive através de doações dos países constituintes das Nações Unidas.

FIGURA 88 - “Uma mão fere e a outra socorre.”<sup>159</sup>



Fonte: Fotografia Oli Scarff, Getty Images (2011). Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/multimedia/galeria-fotos/dadaab-o-maior-campo-de-refugiados-do-mundo>>. Acesso em: 10 dez. 2014.

FIGURA 89 - “Facilidades patrocinadas.”



Fonte: Fotógrafa Simone Tomczak, **Broadening Global Development Discourse** (HiiDunia, 2010). Disponível em: <<http://www.hiidunia.com/2010/02/in-pictures-dadaab-refugee-camps-kenya/>>. Acesso em: 10 dez. 2014.

<sup>158</sup> Sigla em português e em inglês.

<sup>159</sup> Michel Agier (2006, p. 197). Criança na extensão Dagahaley (2011).

### 4.3.1 “Uma cidade de espinhos.”<sup>160</sup>

Mesmo sem possuir a legalidade, o reconhecimento jurídico e principalmente o direito a exercer a cidadania, Dadaab é um “rascunho de cidade” (AGIER, 2011, p. 125). Apesar das imposições legais do governo do Quênia em relação, por exemplo, a obtenção da sua cidadania, direito à circulação pelo país e ao trabalho, os refugiados durante o longo tempo de manutenção deste campo, vêm reproduzindo nesse espaço, traços da vida cotidiana dos centros urbanos de onde vieram. A urbanidade, nesse local, é expressa em forma de resistência a essa condição de precariedade e segregação em que se encontram. Assim, percebe-se que o campo de refugiados não deixa de ser um espaço de reprodução de vida, onde ocorrem processos de reterritorialização (HAESBAERT, 2012).

Em setembro de 2011, o complexo de campos de refugiados de Dadaab foi considerado a terceira maior cidade queniana, com uma população estimada em 430 mil refugiados (FISBERG, 2013). Título que só receberia se fosse juridicamente estabelecido como cidade. “Por conseguinte, eles não existem oficialmente e pode-se dizer que tudo está à imagem dessa inexistência aparente e dessa ausência de reconhecimento” (AGIER, 2011, p. 132).

O jornalista somali Moulid Hujale, citado no capítulo 2, relata a realidade do complexo de campos e a forma como os refugiados têm adaptado e reconstruído o campo de acordo com suas necessidades. Para ele “a cidade está dentro do campo”.

Os dois primeiros desses grupos se adaptaram à vida no campo. Eles estabeleceram empresas. As empresas de Dadaab contribuem significativamente para a economia local e regional. Existem grandes mercados nos campos onde os lotes de bens e serviços são trocados - tanto de varejo e atacado, incluindo empresas de informática, empresas de táxis, hotéis, escolas particulares, e cyber cafés, onde os jovens se conectam a Internet e ao mundo. Isto não é o que você pode esperar de um campo de refugiados. (HUJALE, 2014, tradução livre).

Um relatório sobre os impactos socioeconômicos e ambientais dos campos de refugiados de Dadaab nas comunidades de acolhimento (ENGHOFF et al., 2010) relata que as extensões de Dagahaley e Ifo têm pelo menos 1000 lojas cada, enquanto Hagadera tem mais de 2800, com diferenciados tipos de produtos, e muitos possuem características de comércio de grande porte. O complexo de campos possui aproximadamente 5000 lojas, o que contrasta em grande escala com o vilarejo de Dadaab, que possui apenas 370 lojas. O volume de negócios,

---

<sup>160</sup> Nome inspirado no título do livro **City of Thorns** (2016) do pesquisador da Human Rights Watch, Ben Rawlence, citado anteriormente. O livro, de tradução “Cidade de espinhos”, relata histórias de vida de alguns refugiados entrevistados no campo de refugiados de Dadaab. O livro foi construído durante seu trabalho de pesquisa para essa organização, nas diferentes ocasiões em que esteve em Dadaab.

que não se estende só ao comércio, mas também ao setor de serviços e geração de empregos, gira em torno de 25 milhões de dólares por ano, enquanto o volume de negócios anuais no vilarejo de Dadaab gira em torno de 1,3 milhões de dólares. Entre as capitais de Nairóbi no Quênia e Mogadíscio na Somália, o campo de refugiados de Dadaab possui o maior mercado.<sup>161</sup>

O autor Bram Jansey (2009) destaca esta economia como informal, observando a sua importância para a sobrevivência dos refugiados, que encontram nela uma alternativa, transformando este campo em uma forma singular de cidade. Para o autor os campos de refugiados são “cidades acidentais” e “podem ser vistos como entornos urbanos emergentes” (JANSEY, 2009, p. 11, tradução livre).

Sem perspectiva de volta para seus países, ainda em conflito, gerações são formadas. Nelas, os primeiros refugiados que chegaram, tiveram seus filhos e netos. A maioria dos refugiados das mais recentes extensões (Ifo 2 e Kambioos) são, principalmente, pastores, atividade que ainda tentam desenvolver em meio às muitas adversidades do local, contrastando assim com os refugiados das extensões mais antigas que desenvolveram a atividade comercial.

No campo de refugiados de Dadaab se desenvolvem a ruralidade e a urbanidade, de acordo com o local de origem de cada um e das práticas a que estavam acostumados. Os refugiados vão imprimindo neste local sua forma de viver, costumes, tradições, construindo assim, um espaço de identificação, de acordo com a sua nacionalidade. Para Agier (2002) todas essas atividades desenvolvidas pelos refugiados transformam a visão das suas vidas cotidianas, imprimindo um início de simbolismo nesses lugares.

O autor ressalta ainda que, o grande desafio para a configuração e gerenciamento dos campos de refugiados atualmente é o reconhecimento político de sua situação. Uma situação complexa que possui o agravante de ser um espaço onde a integração e socialização, entre diferentes etnias e nações, de acordo com as organizações humanitárias que os administram, podem gerar conflitos. A conscientização de sua situação, de acordo com o autor, só seria possível, se a segregação existente hoje no mundo ganhasse contornos planetários. O campo é visto assim, como um paradigma mantido em espaços afastados. “A cidade está no campo, mas sempre apenas sob a forma de desenhos que são perpetuamente abortados” (AGIER, 2002, p. 337, tradução livre).

Henri Lefebvre (2011) observa que a cidade é vista como cenário das ações humanas e seu desenvolvimento em toda sua plenitude. É onde o urbano se materializa e por onde podem

---

<sup>161</sup> Informações do pesquisador Ben Rawlence, em seu artigo, citado anteriormente, publicado para o jornal inglês The Guardian.

ser visualizadas as transformações dos modos de produção ao longo da história. Mesmo com uma história recente, em relação às mais antigas cidades estabelecidas no mundo, e ainda que se observem apenas aspectos do urbano nestes campos, como não caracterizar esse espaço produzido por todos que ali vivem e trabalham, como uma cidade ou uma origem dela? Sua morfologia não apresenta a complexidade das problemáticas desenvolvidas pela industrialização nesse espaço, mas a aglomeração humana que daí surgiu através de um processo de segregação, nos confins do nordeste do Quênia, próximo da fronteira com a Somália, cresce vertiginosamente, comandando uma economia que ultrapassa os limites impostos no campo e movimenta toda essa região.

O seu planejamento de um urbano temporário ou de “rascunhos de cidade” (AGIER, 2011, p. 125), com suas tendas, ruas, cercas e atividades econômicas, transforma-se agora em uma “arquitetura de exílio” (PETTI, 2015, tradução livre)<sup>162</sup>. Estariam essas arquiteturas projetando “cidades do devir”,<sup>163</sup> ou seja, uma “espacialização da transformação” (GROSSBERG, 1996 apud HAESBAERT, 2014, p. 37).

A construção de um espaço urbano em um campo de refugiados é um exemplo da resistência, desenvolvida diariamente pelos refugiados, como “pequenas reinvenções da vida cotidiana” (AGIER, 2008b, p. 52, tradução livre).

---

<sup>162</sup>PETTI, Alessandro. **Architecture of Exile**. 2015. O artigo foi citado no capítulo 2.

<sup>163</sup> Expressão utilizada pelo antropólogo francês Michel Agier em sua palestra “Por uma Antropologia das Fronteiras” proferida em Maceió, em 23 de novembro de 2015, na Bienal do Livro de Alagoas.

#### 4.4 Contornamento e transterritorialidades.

Como foi visto no capítulo 2, cada campo de refugiados tem o seu contexto de formação e se desenvolve de acordo com diferentes fatores, que vão desde as ações do Estado de acolhimento até o local em que foi instalado. Mas, mesmo diante de tantas diferenciações, seu território é marcado por diferentes intencionalidades e nacionalidades.

As Nações Unidas, os países de acolhimento, as comunidades locais, funcionários de organizações humanitárias e refugiados, juntos nesse território, refletem com isso “geografias desiguais de poder e status”, as quais moldam profundamente esse território, agora híbrido (GRBAC, 2013, p. 07, tradução livre).

O campo de refugiados de Dadaab parece estar vivendo novas formas de viver entre fronteiras. A história dessa região, já mencionada, viveu períodos em que quenianos e somalis constantemente viviam entre fronteiras. Hoje, o campo de Dadaab concentra grande parte desses encontros, e acrescenta também um mosaico de nacionalidades nessa região.

A historiadora e autora Keren Weitzberg desenvolveu uma pesquisa sobre as mudanças das fronteiras entre o Quênia e a Somália e a forma persistente de práticas regionais entre quenianos e somalis, que resistem às imposições desenvolvidas desde o processo de colonização e agora dos Estados, e desenvolvem fortes redes e ligações, através de suas comunidades nômades islâmicas, ultrapassando essas imposições.<sup>164</sup>

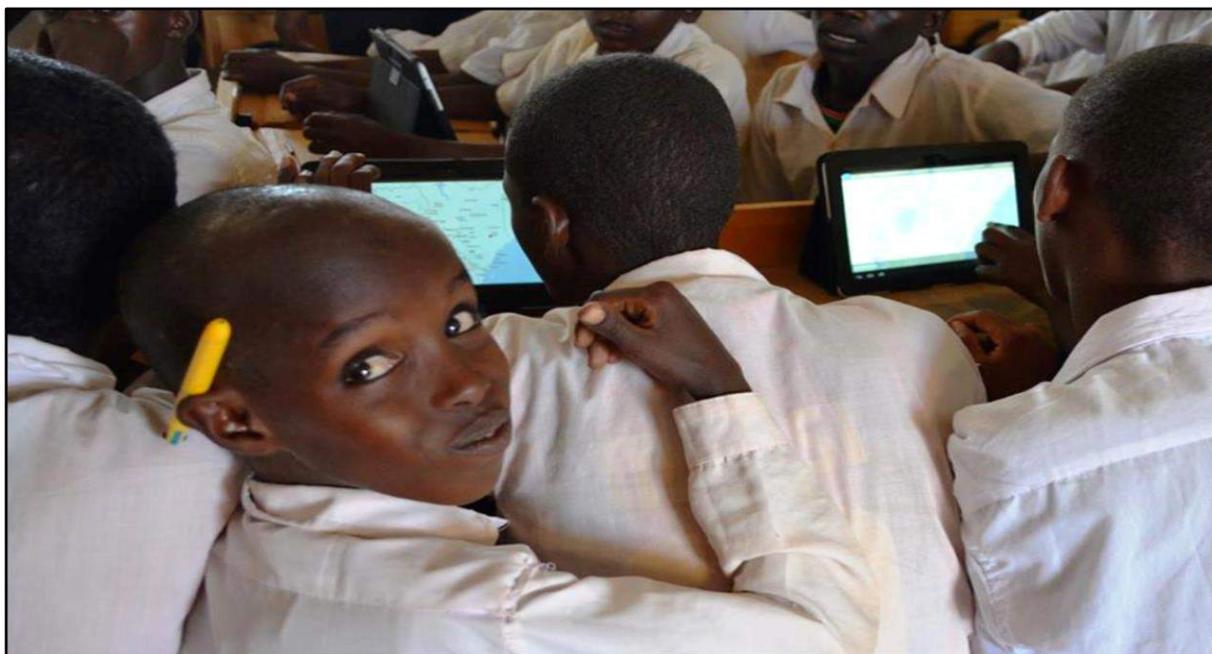
A história e geografia dessa região é a de superações das dificuldades e imposições. Rogério Haesbaert (2014) aborda esses processos de contornar situações precárias e com limites, através da ideia do contornamento,<sup>165</sup> que para o autor está associada à ideia de barreira de contenção ou imposições à mobilidade, mas que, como o próprio conceito de contenção, abordado anteriormente, dá a possibilidade do contorno desses obstáculos ou barreiras físicas. Para Haesbaert (2014, p. 288, grifo do autor) o contornamento é “a ‘contraface indissociável’ da contenção”. O mesmo autor ressalta, de acordo com as reflexões de Agamben em diálogo com Bauman, a possibilidade existente nos campos de refugiados de ludibriar as limitações e criar formas alternativas de sobrevivência.

<sup>164</sup> Resumo do seu livro que está em processo de criação. Esse livro foi resultado de sua pesquisa para dissertação. Disponível em: <[https://www.academia.edu/12956264/\\_Book\\_manuscript\\_in\\_progress\\_We\\_Do\\_Not\\_Have\\_Borders\\_Greater\\_Somalia\\_and\\_the\\_Predicaments\\_of\\_Belonging\\_in\\_Kenya](https://www.academia.edu/12956264/_Book_manuscript_in_progress_We_Do_Not_Have_Borders_Greater_Somalia_and_the_Predicaments_of_Belonging_in_Kenya)>. Acesso em: 12 fev. 2016.

<sup>165</sup> Rogério Haesbaert aborda a ideia do contornamento de acordo com as reflexões da socióloga Vera da Silva Telles, que utiliza a expressão “arte do contornamento” inspirada na obra de Marion Fresia intitulada **Frauder lorsqu'on est réfugié**, publicada na revista *Politique Africaine*, Paris, n° 93, mar. 2004.

Vários são os exemplos em Dadaab, dessas práticas territoriais alternativas criadas e de contornamento das imposições e das dificuldades diárias. As redes, como citadas acima, são uma forma de superar os limites do campo. Desde as tradicionais redes criadas pelos negócios desenvolvidos em atividades nômades, historicamente nessa região, às fortes redes constituídas pelas diferentes diásporas dos refugiados no campo. O acesso à internet é outra forma de contornar os limites do campo, seja através do uso do aparelho celular ou em locais que tem equipamentos e energia elétrica. Para as crianças que nasceram no campo de refugiados de Dadaab e nunca puderam deixá-lo e conhecer outros lugares, o acesso à internet auxilia no conhecimento de outras geografias do mundo (FIGURA 90).<sup>166</sup>

FIGURA 90 – Escola com acesso à internet na extensão Ifo do campo de Dadaab.



Fonte: Publicação na rede social Facebook na página da UNHCR/Kenya em 20 de setembro de 2015.

Moulid Hujale e Hussein Mohamud (FIGURA 74) destacaram a importância da diáspora somali nas melhorias de vida no campo. Para Hussein, essa importância vai além dos benefícios gerados para os refugiados no campo, enquadrando-se também em atividades de diplomacia voluntária, atuando como embaixadores, seguindo as palavras de Hussein, na tentativa de reconstrução da Somália. Moulid enfatizou a existência de uma forte rede de solidariedade, criada pelos refugiados, entre as cinco extensões de Dadaab. Quando questionado sobre uma possível ampliação dessa rede para o outro campo de refugiados do

---

<sup>166</sup> Reflexões da funcionária das Nações Unidas em Dadaab, Silja Ostermann, em texto escrito em uma publicação da rede social Facebook, presente na fonte da Figura 90.

Quênia, Moulid informou que a distância e a forte restrição de saída dos campos impedem o estreitamento de laços e comunicações entre os refugiados de campos diferentes.<sup>167</sup> Em relação à diáspora, Moulid acrescenta que:

As relações criadas pela diáspora ocorrem principalmente entre parentes, mas existe um grupo de jovens, cuja maioria foi reassentada através de bolsas de estudos, que se uniram para apoiar os seus colegas em Dadaab. Por exemplo, eles fazem arrecadação de fundos e compram lâmpadas de energia solar para as meninas. Eles também ajudaram muito durante o período da fome em 2011, enviando dinheiro através da liderança de refugiados para apoiar os recém-chegados que fugiam da fome mortal na Somália.<sup>168</sup>

Mesmo sendo administrado pelas Nações Unidas, esse campo de refugiados tem seu próprio sistema de eleições e lideranças entre os refugiados. Essas lideranças são divididas em dois grupos, o dos mais velhos e o da juventude de Dadaab, que se reúnem constantemente para discutir os problemas do campo e as possíveis soluções, assim como organizar eventos, sempre em conjunto com as Nações Unidas.<sup>169</sup>

O campo de refugiados de Dadaab transformou-se em um ponto aglutinador de negócios e relações (FIGURA 91). A sua ligação, por exemplo, com a Somália é fortemente percebida, nos produtos trazidos para serem vendidos nos comércios locais do campo. Os refugiados não têm autorização de sair para desenvolver negócios ou trazer mercadorias, mas essas barreiras são transpostas. Oficialmente, os quenianos compram as mercadorias para os refugiados, mas como não há um controle rígido dessa mobilidade, os negócios e viagens são realizadas mesmo sem permissão.

---

<sup>167</sup> A entrevista com Hussein Mohamud foi feita através de perguntas enviadas por email e de conversas informais pela rede social Facebook. As respostas foram recebidas no dia 23 de maio de 2016.

<sup>168</sup> Relato de Moulid presente em entrevista citada no capítulo 2. O campo de refugiados de Dadaab não possui energia elétrica. Apenas alguns setores do campo possuem geradores de energia, como os hospitais e as instalações de organizações internacionais. Em algumas partes do campo foram instalados postes de energia solar. À noite os jovens e crianças não têm como estudar. Por isso, as lâmpadas de energia solar são muito importantes. Moulid tem divulgado muito a questão do acesso à energia em Dadaab. Ele destaca que a energia no campo de refugiados de Dadaab é uma questão de “vida”. Para cozinhar os refugiados utilizam lenha proveniente dos arredores do campo. Com o crescimento do campo e a expansão de sua área, cada vez mais tem se tornado difícil esse recurso. Muitos incidentes de estupro ocorrem quando as mulheres e crianças vão em busca de lenha. Além da violência sexual, o problema de desmatamento é uma preocupação, em uma região com um clima tão difícil. O governo queniano proibiu o corte de árvores. As Nações Unidas e outras organizações fornecem parte da lenha utilizada, mas também não é suficiente.

<sup>169</sup> Informações dadas por Moulid Hujale.

FIGURA 91 - Sistema de transferência de dinheiro por telefone Mpesa nos comércios do campo de Dadaab.



Fonte: Foto de Moulid Hujale publicada em 6 de janeiro de 2016, na rede social Facebook.

Existem empresas quenianas de transporte no campo. Táxi ou ônibus, chamados de Matatus (FIGURA 92). A conexão com Nairóbi é feita regularmente, embora nos últimos meses as restrições à permissão de saída do campo tenham sido reforçadas. O bairro de Eastleigh, abordado no capítulo 2 é a principal conexão e destino dos refugiados, principalmente os somalis.

FIGURA 92 – Ponto de táxi e ônibus no campo de refugiados de Dadaab em 2016.



Fonte: Foto de Moulid Hujale publicada na rede social Facebook em 06 de janeiro de 2016.

O dinheiro no campo circula através também das redes da diáspora. Um sistema de transferência de dinheiro foi criado pelos somalis, chamado “Hawilad”. Ele funciona através da comunicação por telefone, conectando não só o campo de refugiados de Dadaab, mas o campo de Kakuma e outros locais do Quênia, como Eastleigh, por exemplo (MONTCLOS; KAGWANJA, 2000). Nesse sistema, os fundos são canalizados através do setor bancário, por dois centros financeiros, Jeddah (Arábia Saudita) e Dubai (Emirados Árabes), que fazem a transferência de maneira informal para os campos. O sistema é todo baseado na confiança. Um parente informa o nome da pessoa que deve receber o dinheiro, e ele é entregue (MONTCLOS, 2000).

A educação<sup>170</sup> oferecida no campo tem sido um agente mobilizador de transformações, embora mais uma vez existam dificuldades para consegui-la. A população do campo é de maioria jovem. Sem educação e sem trabalho, para uma significativa população de até 17 anos, idade escolar, a situação torna-se mais uma vez desesperadora. Algumas escolas que são construídas por refugiados são particulares, mas nem todos podem pagar. As escolas oferecidas pelas organizações humanitárias não são suficientes. A educação superior também enfrenta muitos desafios. Com a recente dificuldade de acesso a permissão de saída para estudo em Nairóbi, ficou ainda mais difícil. Um projeto da Kenyatta University (FIGURA 93), em parceria com outras universidades do mundo, recentemente construiu uma extensão de seu campus no vilarejo de Dadaab. Graduação e mestrado são oferecidos, beneficiando não só os refugiados, mas a comunidade local e funcionários das organizações humanitárias. Infelizmente, o número é também limitado.<sup>171</sup> A diretora do Centro de Estudos sobre refugiados da Kenyatta University, visitado durante pesquisa de campo em Nairóbi, Dra. Josephine Gitome, informou que a vida no campo de refugiados de Dadaab segue uma lista de prioridades, na qual a educação vem depois dos cuidados médicos, da alimentação, abrigo e segurança.

---

<sup>170</sup> O governo queniano, apesar de tantas restrições, permite que os refugiados façam os testes de educação, com direito a recebimento de certificados educacionais e algumas bolsas de estudo em Nairóbi.

<sup>171</sup> Informações dadas pela Diretora do Centro de Estudos de Refugiados da Kenyatta University, Josephine Gitome. Entrevista mencionada anteriormente.

FIGURA 93 - Campus da Kenyatta University em Dadaab.



Fonte: Publicação na página My life in Dadaab Refugee Camp da rede social Facebook em 21 de dezembro de 2014.

Memórias compartilhadas dos refugiados em redes sociais explicam melhor os processos de contornamento. Um desses exemplos remonta às tradições trazidas da Somália ainda influenciada, pelo menos parte de seu território, pela colonização italiana. Os refugiados recebem alimentação a cada 15 dias, a qual é chamada de ração. Consiste em um pouco de óleo vegetal, grãos, sal e açúcar. Diferente da alimentação dos somalis que possuíam o hábito de comer macarrão e carne. Na falta desses itens alimentares, alguns fabricavam a massa do macarrão no campo de refugiados de Dadaab. Uma tentativa de trazer a normalidade para o campo (FIGURA 94).

FIGURA 94 – Costumes somalis em Dadaab.



Fonte: Foto publicada na rede social Facebook de Liban Rashid em 08 de outubro de 2015.

Michel Agier destaca que aqueles que estão em um movimento errante, como os refugiados, acabam se adaptando e reorganizando o seu contexto social e de subjetividade, pois eles desenvolvem um tipo de pensamento em movimento, sempre projetando a possibilidade de avançar a cada passo ou atitude. Para o autor “o campo, sobretudo o que dura, representa uma situação de fronteira; é um espaço sempre sob controle, mas sempre liminar.” (AGIER, 2015a, p. 282).

Viver em um campo de refugiados, o maior do mundo, além da imensidão de espaço, existe uma imensidão de encontros entre diferentes povos (FIGURAS 95 e 96). Desses encontros entre refugiados, comunidade local, funcionários de organizações humanitárias internacionais, pesquisadores ou jornalistas, todos que por lá passam, ao menos um olhar de alteridade é trocado. Por mais que se viva isolado e tente manter suas tradições em represália ao que é novo e estranho, a situação do campo exige uma outra atitude. Nele, situações que não seriam vivenciadas no cotidiano normal dessas pessoas, têm no campo o seu embate, ou oportunidade. O campo de refugiados pode ser sim, um laboratório de práticas de controle, mas é também a formação de novas relações ou reflexões. É estar “num jogo de múltiplas situações identitárias e múltiplas relações de poder” ou em um “estar entre ou acionar/produzir” de “distintas territorialidades” (HAESBAERT, 2014, p. 100).

FIGURA 95 – Refugiado somali em Dadaab.



Fonte: Arquivo pessoal da fotógrafa Khadija Farah publicado no seu Instagram em 28 mar. 2015.

FIGURA 96 – Refugiada do Sudão do Sul em Dadaab.



Fonte: Arquivo pessoal da fotógrafa Khadija Farah publicado no seu Instagram em 13 fev. 2015.

Nesse contexto surge a transterritorialidade abordada por Haesbaert (2014), ou seja, “a ideia de trânsito entre territórios e o acionar simultâneo de múltiplas territorialidades” (Ibidem, p. 284). A transterritorialidade vai além da multiteritorialidade, ela é o transpassar de territorialidades distintas ou o transpor de fronteiras. Como afirmam os autores Jones Goettert e Marcos Mondardo:

As transterritorialidades são disputas, tensões, conflitos, mediações e negociações entre territorialidades; a ideia se aproxima da de “transculturacões”, podendo ser aquelas a expressão territorial destas, configurando-se em uma espécie de “transmigração” cultural e de poder na relação entre territorialidades divergentes. Pessoas, grupos, classes e instituições *transitam* entre territorialidades como trânsito entre *sentidos* de viver, muitas vezes opostos e em contradição, ao mesmo tempo que transpassam e são transpassados por territorialidades, podendo, inclusive, potencializar e produzir entrecruzamentos e/ou superposições através da “mistura” (oriunda do próprio choque), com a produção de territorialidades cada vez mais híbridas. Esse trânsito é, quase sempre, carregado de disputas, tensões, conflitos, mediações e negociações, geralmente exacerbadas em situação ou condição de migração. (GOETTERT; MONDARDO, 2009, p. 117).

O jornalista Alex Fisberg, mencionado anteriormente, ressalta que o contexto de interações entre os funcionários de organizações humanitárias e os refugiados, torna-se difícil pelas muitas atribuições desses funcionários. Poucos funcionários para tantas necessidades. No campo de refugiados, cada agência humanitária tem a sua própria “agenda”, ou seja, “sua linha de pensamento ou premissas”.<sup>172</sup> A insegurança no campo é outro fator que dificulta o convívio

<sup>172</sup> Palavras de Alex Fisberg.

mais intenso. As instalações das organizações estão sempre cercadas por muros altos e vigilância. Quando saem para o trabalho no campo, vão sempre escoltados por oficiais da polícia, ou por uma escolta contratada. Isso desenvolve um distanciamento significativo entre eles. A psicóloga brasileira Deborah Duarte Franco, mencionada anteriormente, trabalhou em Dadaab na organização internacional dos Médicos sem Fronteiras, que tem como política institucional, o desenvolvimento de uma maior proximidade com as pessoas que estão ajudando. A sede da organização em Dadaab está localizada no próprio campo, na extensão de Dagahaley. Deborah observou que os funcionários saem sem escolta para não criar um distanciamento e constrangimento para os refugiados, que já se encontram em uma situação de extrema vulnerabilidade. Para pessoas que fugiram de conflitos, estar na presença de armas é sempre muito difícil. Normalmente, as escoltas acompanham os funcionários e visitantes durante todo o seu trajeto nas extensões do campo.

Nos momentos culturais organizados no campo (FIGURA 97), como campeonatos de futebol, jogos esportivos, ou nas casas de chá, nas ruas dos comércios, lan houses, salões de beleza, e principalmente nas escolas, ocorrem trocas culturais, permeadas também por conflitos. De acordo com a funcionária das Nações Unidas, Silja Ostermann, a escola é um importante exemplo dessa interação. Na escola eles aprendem a conviver com diferentes culturas, religiões, formas de se vestir e de pensar (FIGURA 98).

FIGURA 97 – Competições esportivas no campo de refugiados de Dadaab.



Fonte: UNHCR/Kenya. Publicação na sua página da rede social Facebook em 13 de outubro de 2015.

FIGURA 98 – Apresentação cultural em uma escola no campo de refugiados de Dadaab.



Fonte: UNHCR/Kenya. Publicação na sua página da rede social Facebook em 20 de junho de 2014.

Um jornal e uma revista produzidos pelos refugiados, com auxílio de organizações internacionais, descrevem o dia a dia do campo, reflexões sobre as conquistas e os desafios, e o modo de vida das diferentes culturas e países que fazem parte desse campo de refugiados. Uma nova forma de pensar e de comportamento é incentivada pelas organizações internacionais. Questões sobre violência doméstica e sexual, casamento infantil, valorização da mulher, os perigos do uso do Khat e a forma de tratamento das pessoas que têm deficiências mentais são exemplos dos temas trabalhados. A psicóloga Deborah Duarte observou que a maior dificuldade do trabalho em Dadaab, para ela, era fazer com que os refugiados entendessem o que é o trabalho de um psicólogo. Muitos são de áreas rurais e não conheciam o trabalho desse profissional. Havia uma certa resistência na compreensão da necessidade desse tipo de tratamento também. Muitos traumas são formados durante a fuga e no período em que passaram em regiões de conflito ou perseguição. Quando essa resistência era quebrada, ela conseguia interagir e realizar o seu trabalho. Ela destacou dois pontos principais no seu trabalho no campo. O atendimento às mulheres que sofreram violência sexual e o tratamento baseado em correntes, que é atribuído as pessoas com deficiência mental. É realizado um trabalho de assistência médica e de conscientização na adoção de outras formas de tratamento para essas

peças, com o abandono do uso das correntes.<sup>173</sup> O empoderamento e o respeito às mulheres é muito desenvolvido no campo de Dadaab (FIGURA 99).

FIGURA 99 – Trabalho de empoderamento de mulheres e igualdade de gênero na extensão Ifo 2 de Dadaab.<sup>174</sup>



Fonte: Fotografia Munir Ahmed (Cruz Vermelha Quênia/Dadaab). Publicada na rede social Facebook da Kenya Red Cross Dadaab Refugee Operation em 26 de março de 2015.

Como mencionado anteriormente, o convívio entre culturas e nacionalidades tão diferentes, também geram conflitos. Entre os refugiados em Dadaab, eles ocorrem, principalmente, por motivos de religião, questões étnicas ou relacionadas à homofobia (HUMAN RIGHTS WATCH, 2002). Os somalis são muçulmanos, em contraste com a religião cristã de refugiados sudaneses ou etíopes, por exemplo. As roupas e religiosidade diferentes dos refugiados que não são muçulmanos são vistos como motivo para agressão verbal ou física. O casamento entre nacionalidades ou clãs diferentes também são motivos de agressão e perseguição. Muitos casais têm que ser transferidos para outros campos, reassentados ou protegidos em áreas isoladas do campo pelas organizações internacionais.

Alex Fisberg descreveu sua experiência no campo, ao caminhar pelas ruas de Dadaab. O olhar desconfiado dos adultos, ainda muito assustados com a experiência traumática da fuga

<sup>173</sup> Esse trabalho psicológico, com pessoas com deficiência mental e de uso de khat, da organização dos Médicos sem Fronteiras em Dadaab, pode ser visto em um pequeno documentário da organização. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SeUIi3iSfBE>>. Acesso em: 05 jan. 2016.

<sup>174</sup> A foto está relacionada ao projeto das Nações Unidas e da Cruz Vermelha de igualdade de gênero em Dadaab.

e com a estranheza do lugar novo. Com as crianças, no primeiro momento, houve um recuo, provavelmente da situação também nova. Um passo à frente, um pouco lento, olhos curiosos, e os gestos de quem está conhecendo algo diferente. Aos poucos foram tocando na pele de cor diferente do jornalista, percebendo os pelos dos braços, estranho para eles, de repente, sorrisos. O primeiro embate passou, agora seguem algumas brincadeiras rápidas.<sup>175</sup> O campo de refugiados de Dadaab é assim formado, entre contradições, controle, resistências, embates e encontros. Uma dinâmica territorial e de vida, que ainda tem muito para questionar e movimentar.

---

<sup>175</sup> Depoimento de Alex Fisberg em entrevista citada anteriormente.

#### 4.5 Por uma Geografia de encontros: a integração social como solução?

*“A sociedade do futuro e a do presente vão ser de permanente intercâmbio. E temos que nos acostumar a uma situação em que cada um de nós tem que negociar sua própria identidade, porque dentro de cada um de nós irão conviver diferentes identidades de povos distintos.”* (Esteban Velasquez, 2015, tradução livre).<sup>176</sup>

Como uma reflexão final, nessa longa jornada por Dadaab, surgiu a Geografia de encontros, constituída aos poucos, durante o processo de organização da pesquisa de campo e o arrebatamento ao conhecer uma parte do continente africano. Seus povos, costumes, paisagens. Tudo muito diferente, e ao mesmo tempo tão parecido com o Brasil. A questão da alteridade, um dos fatores constituintes da contenção dos refugiados nos campos, também foi vivenciada durante a pesquisa. Mais propriamente aqui no Brasil, do que na África. Isso fez com que essa questão surgisse e fosse percebida.

A pesquisa de campo foi importante também, para que se percebesse como fatores gerais, aparentemente distantes do campo, influenciavam em sua formação. Os refugiados estão no campo, esquecidos, porque um discurso também é criado. Os campos de refugiados podem ser assim compreendidos, como “fábricas de diferenças” abordadas por Achille Mbembe (2013, p. 51). Possíveis contatos de terroristas, rudes, adversários no mercado de trabalho, entre outros. As diferenças são usadas como argumentos para a formação desses espaços. Como afirma Michel Agier, “o que funda sua estranheza ‘radical’ é uma alteridade biopolítica, produzida pelo governo ‘técnico’ de uma categoria de população à parte” (AGIER, 2015a, p. 127, grifo do autor).

A homogeneização imposta desde os processos de colonização europeia e seu vasto alcance, ganhou nova velocidade a partir da década de 1990, quando a tendência que ia em direção ao multiculturalismo ou pluralismo encontrou os impasses dos processos do neoliberalismo e reestruturação na produção, como visto no capítulo 1, e a formação de um discurso relacionado à questão da identidade e da segurança nacional (CASTLES, 2010). A integração dos imigrantes e refugiados tem se tornado cada vez mais difícil, desde então. Mas,

---

<sup>176</sup> Fala do Padre Esteban Velazquez da paróquia de Tânger em Marrocos, no documentário “**Crônicas de um mundo em conflito: migrantes**”. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=7OZungt9Oml>>. Acesso: 09 out. 2015. O trabalho humanitário do padre Esteban com refugiados e imigrantes em Marrocos e a convivência, muitas vezes solidária e de intercâmbio cultural, entre os moradores e os diferentes migrantes em Tânger, que sobrevivem em campos improvisados construídos por eles nas regiões mais altas, fez com que Esteban Velazquez, influenciado pelos pensamentos do sociólogo espanhol Manuel Castells, refletisse sobre a importância do processo de integração social.

cabe ressaltar a indagação do enunciado desse subcapítulo. A integração social é a solução para o problema dos refugiados no mundo, ou dos campos? Não. Ela diminui o sofrimento, mas não resolve a questão, que está relacionada a prevenção e resolução de conflitos. A solução é política, e engloba a reorganização da sociedade e de sua mentalidade capitalista, tão individualista e cheia de muros. Por isso a importância dos encontros.

O filósofo e cientista político camaronês Achille Mbembe reflete sobre as distâncias imaginárias entre os povos e o direito que todas as pessoas têm de viver dignamente nesse mundo, que é, por definição, único. O autor observa que:

Por mais que insistamos em criar fronteiras, erguer muros, diques e cercas, dividir, selecionar, classificar e hierarquizar, tentar excluir da humanidade aqueles e aquelas que desprezamos, que não se parecem conosco ou com quem pensamos não ter nada em comum à primeira vista, existe um único mundo apenas, e todos temos direito a ele. Em princípio, ele pertence a todos nós, igualmente; somos todos seus herdeiros, por mais que nossas maneiras de habitá-lo variem. Daí, justamente, a pluralidade de formas culturais, linguagens e modos de vida que existem. Dizer isso não equivale, absolutamente, a ocultar a violência que ainda caracteriza o encontro de povos e de nações. Trata-se apenas de lembrar um dado imediato, um processo inexorável a cujas origens exatas, no fundo, é difícil remontar: a forma irreversível como culturas, seres e coisas se emaranham e entrelaçam. Esse entrelaçamento, que começou no passado e prossegue hoje, continuará, no futuro, a tornar nossa existência ao mesmo tempo incerta e repleta de promessas. (MBEMBE, 2013, p. 45).

A artista Marie Ange Bordas, sempre citada nesse trabalho, por suas lindas reflexões sobre os deslocamentos humanos forçados, lembra que “a dignidade de cada pessoa baseia-se, entre outras tantas coisas, no fato de que só ela vê o mundo como ela o vê, só ela guarda em seu olhar e em sua voz uma história única. Por isso é preciso encontrar o outro, ouvir o outro, ser também outro” (BORDAS, 2006, p. 05).

Um exemplo de um lugar onde a integração de refugiados de diferentes partes do mundo deu certo e mostrou a importância dessa convivência é a cidade do nordeste dos Estados Unidos, chamada Útica (FIGURA 100). Cidade de tradição histórica de imigração, agora possui refugiados de 30 nacionalidades diferentes. Sua chegada trouxe dinamização para a economia estagnada da cidade e um aumento significativo na taxa de natalidade que estava em acentuada queda.

Aceita-se como norma a diversidade existente no meio natural, mas a humana tenta-se moldar em um invólucro chamado “sociedade”, que tem que ser homogênea. É necessário ir além da homogeneização, numa tentativa de “descolonizar nossas mentes”<sup>177</sup>. Seguindo as palavras de Paul Claval:

---

<sup>177</sup> Reflexão do ecologista e ativista queniano Gathuru Mburu exposta em seu artigo intitulado **Decolonizing our minds and our lands: reviving seeds, culture, and african strenght**, editado por Beverly Bell e Simone Adler para o jornal Daily Kos em 16 de dezembro de 2015. Disponível em: <<http://www.dailykos.com/stories/2015/12/16/>>

A experiência do espaço é, pois, fundamentalmente, a de suas interrupções, suas rupturas, seus contrastes, sua heterogeneidade. Esta não resulta somente da multiplicidade das condições naturais ou da diversificação das atividades produtivas. Ela nasce da experiência que os homens têm dos lugares e das emoções que esta suscita. (CLAVAL, 2010, p. 55).

A geografia como ciência do mundo, dos seus lugares e povos, precisa desses encontros. Não só o espaço, não só as pessoas. Ver o espaço “através” das pessoas, uma relação, algo além do uso e do vivido. Um transpassar de espaço/pessoas que gera conhecimento transforma-se em geografia.

FIGURA 100 - Útica, a cidade dos refugiados.<sup>178</sup>



Fonte: ACNUR. **La ciudad que ama a los refugiados**. Revista Refugiados, n. 126, 2005. Disponível em: <[http://www.acnur.org/t3/fileadmin/scripts/doc.php?file=t3/fileadmin/Documentos/Publicaciones/2006/3691#\\_ga=1.99087134.1474636249.1460508878](http://www.acnur.org/t3/fileadmin/scripts/doc.php?file=t3/fileadmin/Documentos/Publicaciones/2006/3691#_ga=1.99087134.1474636249.1460508878)>. Acesso em: 15 mar. 2015.

Compreender o todo é compreender melhor o singular. Só conhecendo o mundo como ele é, com suas diversas potencialidades e possibilidades é que se sai das sombras desse desconhecer para a luz dos encontros.

---

1460730Decolonizing-Our-Minds-and-Our-Lands-Reviving-Seeds-Culture-and-African-Strength>  
 . Acesso em: 16 dez. 2015.

<sup>178</sup> No mapa foi feito um círculo em cor laranja e escrito o nome da cidade referenciada.

## Considerações Finais

*O “campo” nada mais é do que a percepção do controle.*<sup>179</sup>

A sociedade, hoje, interpreta o refugiado como uma exceção. Algo bem distante de sua realidade aparentemente ordenada e segura. São vistos apenas como produtos isolados de guerras civis, conflitos étnicos, perseguições políticas e religiosas, e não como consequências de um contexto mais amplo e complexo no qual toda a humanidade está inserida. A compreensão desses múltiplos processos extremamente complexos que configuram o espaço geográfico possui grande importância, pelo desenvolvimento cada vez maior de territórios precários e de exceção, como os campos de refugiados e seus espaços à parte da realidade que o cerca, ou enclaves, “mas não dissociados dela”. Os muros construídos, visíveis ou não, fazem parte de um processo mais complexo, que o fechamento de fronteiras, ou um limite às migrações.

O atual contexto desumano das migrações forçadas “pode ser uma mera sinalização do estado do mundo” (INGLÊS, 2015, p. 182). Que sinalizações essas “migrações desesperadas” (BLANCO, 2011) e a formação de campos de refugiados revelam geograficamente? A formação de um mundo de “emergências” pautado na privação de direitos, na “perda do poder de escolha”<sup>180</sup>, no discurso de segurança nacional, nas “crises” e na gestão da desordem (AGAMBEN, 2011)<sup>181</sup>. Dadaab, como maior campo de refugiados do mundo, é um exemplo importante dessa sinalização, pois aborda as diferentes realidades desse mundo à parte, de governança humanitária internacional. Das experiências vividas durante as migrações forçadas à contenção territorial, permeada por resistência, contornamentos e transterritorialidades, as geografias desse campo vão sendo formadas.

O geógrafo Claudio Minca (2015) influenciado pelas reflexões de autores como Paul Gilroy (2004), Giorgio Agamben e Reviel Netz (2004) aborda as geografias de um “campo”, coloniais e atuais, descrevendo-o como “um espaço atual e metafórico, onde alguns dos principais processos que estão na origem da crise atual das instituições políticas modernas se

<sup>179</sup> Reflexão feita a partir do documentário sobre o escritor José Saramago intitulado **O mito da caverna**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GpTuO6qym5w>>. Acesso em: 10 set. 2015.

<sup>180</sup> Depoimento do advogado brasileiro especialista em direitos humanos, Edgard Raoul Gomes, ao vivenciar a experiência dos refugiados na Grécia, na tentativa de entender a situação atual dos refugiados na Europa, de acordo com as suas perspectivas. Seu depoimento está na publicação intitulada **Um brasileiro entre os refugiados** (Globo.com, 14 jan. 2016). Disponível em: <<http://especiais.g1.globo.com/mundo/2016/um-brasileiro-entre-os-refugiados/>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

<sup>181</sup> Entrevista concedida pelo filósofo Giorgio Agamben, citada anteriormente.

unem e mostram a sua face mais violenta” (MINCA, 2015, p. 77, tradução livre). “As geografias de exceção” de um campo, assim classificadas pelo autor, abordam o espaço “campo”<sup>182</sup> como uma tecnologia biopolítica espacial, produzido por suspensões jurídicas em situações de emergência, isolando seletivamente alguns indivíduos, porém essas medidas de controle e gestão da “vida” desenvolvidas nesse mundo à parte dos “campos”, não ficam restritas ao seu perímetro, algumas delas são adotadas nas práticas cotidianas. A normalização dessas geografias em diferentes lugares, como nas praias de Lampedusa, citadas como exemplo pelo autor, comprovam a sua incorporação, muitas vezes imperceptível. O autor ressalta que:

como uma confirmação permanente e aviso para não esquecer que o campo é sempre possível, uma vez que é o pivô fundamental de algo maior, penetrante e genuinamente global. Indiscutivelmente, as espacialidades do campo determinam, de maneira fundamental, o que acontece "dentro", mas também afetam a produção das geografias políticas fora do campo. O campo tem dois gumes, como o arame farpado. Nós somos, de fato, afetados pela presença do campo. Novas ameaças à segurança continuam a impor a todos os cidadãos a potencial irrupção do campo em suas trajetórias pessoais, por exemplo, através da implementação da biometria em nossos corpos nas fronteiras e aeroportos, mas também através de perfis raciais, cálculos de seguros, métricas de cuidados de saúde e potencialmente detenção arbitrária preventiva. Depois do 09 de setembro, todos nós habitamos novas bio-geografias, povoados por campos virtuais e muito reais. No entanto, as maneiras pelas quais os indivíduos são realmente expostos a essa possibilidade difere muito em função da nacionalidade, classe social, “o perfil racial”, sexo, sua inserção global dentro das instituições políticas territoriais e de seu local de residência. É por isso que precisamos continuar a refletir sobre a lógica do campo, sobre que tipo de espaço é produzido pelos arquipélagos contemporâneos de encampamento, e como “o pensamento de campo” contribui para a produção de novas geografias políticas seletivas de raça e cultura, como sugerido por Gilroy e muitos outros. (MINCA, 2015, p. 80, tradução livre, grifo do autor).

As medidas de contenção territorial e de segurança adotadas pelo governo queniano, em todo seu território, podem ser vistas como um exemplo dos processos de reterritorialização do Estado contemporâneo (HAESBAERT, 2014) influenciados pela biopolítica e pelo biopoder. Essas medidas de segurança cotidianas de antiterrorismo desse governo são estendidas a todos, não só aos refugiados, que sofrem as práticas mais extremas, como a segregação e o confinamento em campos.

O autor conclui suas reflexões enfatizando a importância do estudo dessas geografias, que não podem, em sua opinião, parar de ser questionadas para que se possa, assim, denunciar e “resistir a todas as manifestações de uma mentalidade” que está em vigor, de formação “de campos” desenvolvidas através de discursos e práticas no/pelo Estado, como uma forma de

---

<sup>182</sup> Os “campos” abordados pelo autor são os de concentração, de detenção de imigrantes, de trânsito, de identificação, de refugiados, militares e de treinamento. O autor enfatiza que esses diferentes “campos” são parte de “um conjunto de tecnologias políticas mais amplas destinado a controlar a mobilidade e ‘governar a vida’ através de coerção e meios violentos diretos ou indiretos”, apresentados como uma “forma necessária de profilaxia social; ou seja, intervenções fundamentalmente relacionadas à saúde, à segurança e, em alguns casos, até mesmo à ‘melhoria’ do corpo social e político da nação” (MINCA, 2015, p. 75, grifo do autor, tradução livre).

“normalização da exceção”, que de alguma maneira, afeta a todos (MINCA, 2015, p. 81, tradução livre).

No campo de refugiados de Dadaab, essas geografias de exceção desenvolvem-se através de uma “prática” informal do governo queniano, não estabelecida juridicamente. Para o pesquisador Alexander Betts, apesar dos direitos que os refugiados possuem, muitos países, “na prática”, não obedecem às determinações estabelecidas em tratados internacionais de proteção aos refugiados. Alexander Betts ressalta que:

Na teoria, os refugiados têm o direito de buscar asilo. Na prática, nossas políticas de imigração bloqueiam o caminho para buscar a segurança. Na teoria, os refugiados têm o direito de integração ou de retorno ao país de origem. Mas, na prática, eles ficam presos em um limbo quase indefinido. Na teoria, os refugiados são uma responsabilidade global compartilhada. Na prática, a geografia faz com que países próximos ao conflito fiquem com a maioria esmagadora dos refugiados.<sup>183</sup>

Apesar de todo esse contexto de controle e de desrespeito aos direitos humanos na formação do campo de refugiados de Dadaab, alguns fatores constroem aspectos positivos. O trabalho de conscientização e valorização das questões relacionadas às mulheres e dos seus direitos realizado pelas organizações internacionais, tem implementado avanços em questões relacionadas ao casamento infantil, mutilação genital feminina e a importância da educação. Para muitas mulheres que viviam sob contextos de repressão e de violência, em seus locais de origem, o campo de refugiados de Dadaab, nesse aspecto, favorece as questões femininas, embora, no campo existam outros desafios.

As dificuldades encontradas para a realização da pesquisa de campo em Dadaab impediram a vivência dos aspectos de uma pesquisa, que só ocorrem através de importantes circunstâncias. Conversas informais, depoimentos seguidos de diferentes perguntas, contato direto com os refugiados e suas distintas territorialidades e seus processos de reterritorialização, suas diferentes visões do campo, acesso aos funcionários do departamento queniano responsável pelos refugiados no campo, fatos do cotidiano vistos por acaso, sons, gestos, feições e espaços, só percebidos pelas intencionalidades e questionamentos da pesquisa. Os trabalhos e experiências de pessoas que estiveram, ou estão em Dadaab e conheceram de perto a dinâmica territorial desse campo de refugiados foram essenciais para a realização da pesquisa, assim como os relatos dos refugiados, obtidos de forma direta e indireta. Diferentes questionamentos permanecem sobre os aspectos mais singulares desse território e de seus

---

<sup>183</sup> Alexander Betts é professor e diretor do Centro de Estudos sobre Refugiados da Universidade de Oxford. As informações foram obtidas através de sua palestra proferida em fevereiro de 2016. Disponível em: <[http://www.ted.com/talks/alexander\\_betts\\_our\\_refugee\\_system\\_is\\_failing\\_here\\_s\\_how\\_we\\_can\\_fix\\_it?language=en](http://www.ted.com/talks/alexander_betts_our_refugee_system_is_failing_here_s_how_we_can_fix_it?language=en)>. Acesso em 10 mar. 2016.

moradores. Suas casas/abrigos, ambientes de trabalho e templos religiosos não puderam ser visitados ou “percebidos” de perto, assim como os detalhes dos encontros de culturas distintas, de seus conflitos, de sua “cidade” e suas transterritorialidades...<sup>184</sup>

A inserção do tema abordado nessa pesquisa, nas discussões e reflexões acadêmicas, auxilia na visibilidade do problema, na aproximação da sua realidade e no incentivo ao desenvolvimento de discussões de possíveis medidas jurídicas e políticas contrárias a formação de “campos”, assim como na criação de projetos acadêmicos que implementem a integração social dos refugiados e diferentes possibilidades de sua inserção nos países de acolhimento.<sup>185</sup>

As perspectivas de construção de um panorama mais humano e justo para esta situação passam necessariamente pela formulação de instrumentos jurídicos eficazes que devem ultrapassar o seu caráter humanitário e de auxílio emergencial, que as diversas organizações internacionais de ajuda humanitária vêm desempenhando. Seria um importante fator para a conquista, de fato, de uma cidadania e de outros direitos essenciais para o desenvolvimento humano. Destaca-se neste contexto, a função de coordenação das medidas executadas para resolução da problemática dos refugiados pela Organização das Nações Unidas (ONU), que através da Declaração Universal dos Direitos Humanos para Refugiados de 1951 tem desenvolvido cooperações com diferentes países para a aplicação e garantia destes direitos. O seu desafio, além da aplicação de instrumentos jurídicos, é a atual necessidade de ampliação e revisão dos mesmos. A solução para esse cenário é política, como bem afirmou a Professora Dra. Liliana Jubilut<sup>186</sup> em relação à problemática dos refugiados no mundo.

Para Michel Agier, seguindo as reflexões de Hannah Arendt (1968, 1970), um dos pontos fundamentais para que os refugiados possam conquistar direitos efetivos é a sua “fama” (AGIER, 2008b, p. 103, tradução livre). O autor observa que o discurso e o espaço político desenvolvidos sobre esse fenômeno, podem diminuir a distância entre essa realidade e a de todas as outras pessoas, fazendo com que se compreenda que todos, na verdade, estão sendo afetados por uma política de segregação global, porém em níveis bem distintos.

---

<sup>184</sup> As reticências indicam pensamentos, ideias e questionamentos que a complexidade do campo de refugiados de Dadaab estimula a desenvolver. Que espaços estão por vir através desses elementos formadores? Campos de refugiados, como o de Dadaab, permanecerão em áreas remotas, ou estarão presentes, cada vez mais, em espaços com uma intensa circulação de pessoas e seus cotidianos urbanos, como está acontecendo, atualmente, na Europa? Que paisagens serão, assim, percebidas? Que desdobramentos as resistências, as transterritorialidades, os encontros de diferentes povos e seu caráter extraterritorial desenvolvidos nesse território teriam a longo prazo?

<sup>185</sup> O Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo (USP) desenvolveu um projeto que promove a integração social de refugiados através de um curso de Geografia do Brasil.

<sup>186</sup> Informação fornecida em entrevista concedida em setembro de 2015, citada anteriormente, pela professora Liliana Jubilut. As perguntas foram respondidas por email.

Algumas reflexões e propostas têm sido desenvolvidas como alternativas à detenção de refugiados, de solicitantes de asilo e de outros migrantes<sup>187</sup>, o seu confinamento em “campos” (UNHCR, 2014c) e uma mudança na mentalidade dessas práticas estabelecidas, principalmente, pela fragilidade dos direitos e acordos internacionais de proteção aos refugiados e a outros migrantes. Um exemplo dessas práticas alternativas é o governo de Uganda. Ao contrário do seu vizinho Quênia, esse país tem desenvolvido importantes políticas de integração social dos refugiados em seu território, apesar de ter um número muito próximo de refugiados que o Quênia.

Em Uganda os refugiados têm direito à livre circulação no país, direito ao trabalho, a serviços de assistência social, cultivo da terra e o comércio desses produtos, desenvolvendo assim, a independência dos refugiados. Esse governo tem implantado, também, a doação de pequenos terrenos como alternativa ao estabelecimento de campos de refugiados, que possuem a designação de assentamentos e não de campos. Essas medidas têm tido um impacto positivo na economia, principalmente com a criação de postos de trabalho pelos refugiados, para os cidadãos de Uganda. Uma economia que movimenta um comércio, não só dentro de Uganda, mas em outros países africanos e em outros continentes formando uma rede transnacional de comércio.<sup>188</sup> Esse exemplo demonstra que, apesar de um elevado número de refugiados em um país, como no caso de Uganda,<sup>189</sup> a integração social com a cooperação da comunidade internacional é a melhor solução para o acolhimento e proteção dos refugiados.

O que essas políticas de contenção de refugiados têm demonstrado, como no caso do Quênia, é a sua ineficácia em muitos de seus aspectos, principalmente, no seu argumento central que é o de segurança nacional. Os atentados terroristas têm ocorrido, mesmo com o confinamento da maior parte de seus refugiados. O controle exercido nos seus campos de refugiados é contornado, em muitas situações, pelos refugiados. Mesmo sem permissão de permanência em áreas urbanas, eles circulam nesse espaço, apesar das rígidas restrições. O bairro de Eastleigh, discutido em diferentes ocasiões nessa pesquisa, é um importante exemplo

---

<sup>187</sup> Reflexões, propostas e novas medidas adotadas estão presentes nos artigos da Revista **Forced Migration Review** (2013) intitulada Detention, Alternative to detention and Deportation. Disponível em: <<http://www.fmreview.org/about.html>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

<sup>188</sup> Informações obtidas da pesquisa desenvolvida em Uganda pelo Centro de Estudos sobre Refugiados da Universidade de Oxford, intitulada **Refugee Economies Rethinking Popular Assumptions** (2014). Disponível em: <<https://www.rsc.ox.ac.uk/files/publications/other/refugee-economies-2014.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

<sup>189</sup> Uganda possui, aproximadamente, 477 mil refugiados. Informação das Nações Unidas disponível em: <[http://reporting.unhcr.org/node/5129#\\_ga=1.207541587.11307384.1456171884](http://reporting.unhcr.org/node/5129#_ga=1.207541587.11307384.1456171884)>. Acesso em: 20 jun. 2016.

dessa situação, o que só reforça a reflexão de que “a mobilidade humana, hoje, é mais forte do que esses controles.”<sup>190</sup>

A suspensão da vida em que os refugiados em Dadaab vivem, remete ao distanciamento, cada vez maior, de importantes contextos. Suspensão de direitos, de outras relações humanas, do convívio de espaços e suas reais percepções e do viver em espaços contínuos de significados. Desses aglomerados humanos (HAESBAERT, 1995), como os campos de refugiados espalhados pelo mundo, formados por processos excludentes do capitalismo, por suspensões jurídicas ou práticas de exceção e pelo controle é que vem diariamente a percepção de que uma mudança é extremamente necessária e urgente. Para o filósofo Gilles Deleuze (1992, p. 216 e 221) e sua reflexão sobre as sociedades de controle e suas “modulações”, ou seja, “controle contínuo e comunicações instantâneas” que, de acordo com o autor, ultrapassam o “molde” do confinamento das sociedades disciplinares descritas por Michel Foucault, uma possibilidade para escapar desse controle poderia ser desenvolvida através de acontecimentos singulares, novos. Para o autor acreditar no mundo:

é o que mais nos falta; nós perdemos completamente o mundo, nos desapossaram dele. Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfície ou volume reduzidos. (...). É ao nível de cada tentativa que se avalia a capacidade de resistência ou, ao contrário, a submissão a um controle. Necessita-se ao mesmo tempo de criação e povo. (DELEUZE, 1992, p. 218).

A geografia de encontros, citada no último capítulo, segue no sentido contrário às “geografias de exceção” dos “campos” desenvolvidas desde a época colonial (MINCA, 2015)<sup>191</sup>, mas na direção de uma geografia de resistência, também existente no campo de refugiados de Dadaab e de outras formas de pensar e de viver a relação humana com o espaço. Essa relação, em grande parte do mundo, tem sido direcionada pelo capitalismo e impulsionada por uma globalização excludente, com raízes coloniais, ou seja, de “exploração” ou “dominação”.

Os campos de refugiados, porque são espacialmente visíveis, surgem como provas indiscutíveis desses fatores e de uma espacialidade extremamente controlada e em suspensão, onde o único direito que existe é o de “viver”. Como bem ressaltou o ecologista e ativista

---

<sup>190</sup> Declaração do atual Alto Comissário das Nações Unidas para Refugiados, Filippo Granti, em entrevista para a rádio da BBC em 15 de maio de 2016. Disponível em: <[http://www.bbc.co.uk/programmes/p03txyjr?ocid=socialflow\\_facebook](http://www.bbc.co.uk/programmes/p03txyjr?ocid=socialflow_facebook)>. Acesso em: 16 mai. 2016.

<sup>191</sup> Em seu artigo sobre as geografias de um campo, o autor Claudio Minca, ao abordar suas origens, cita o exemplo das práticas coloniais de segregação e violação de direitos humanos desenvolvidas nos campos de concentração criados no fim do século XIX e início do século XX, em lugares como a África do Sul e Cuba.

queniano Gathuru Mburu é preciso “descolonizar nossas mentes”<sup>192</sup>, lançar outros olhares e perspectivas geográficas, formar espaços de “sentidos”. Como foi ressaltado no segundo capítulo, deve-se buscar a formação de territórios do “ser” ao invés do “ter” (HAESBAERT, 2014, p. 61).

---

<sup>192</sup> Essa reflexão de Gathuru Mburu exposta em seu artigo **Decolonizing our minds and our lands: reviving seeds, culture, and african strenght** foi citada no final do capítulo 4. Gathuru Mburu tem desenvolvido projetos de agricultura no Quênia que buscam reviver o conhecimento dos povos ancestrais e sua relação harmônica com a Natureza, reafirmando a sua importância e valor, frente às práticas coloniais de exploração, que segundo o autor, ainda persistem na África. Seu importante projeto tem alcançado importantes avanços em seu país, assim como criado uma rede de solidariedade entre outros países africanos que têm adotado, ou revivido, também essas práticas agrícolas.

## Referências

ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados). **Protegendo refugiados no Brasil e no mundo**. 2014. Disponível em: <[http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2014/Protegendo\\_refugiados\\_no\\_Brasil\\_e\\_no\\_mundo\\_2014.pdf?view=1](http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2014/Protegendo_refugiados_no_Brasil_e_no_mundo_2014.pdf?view=1)>. Acesso em: 10 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. **La ciudad que ama a los refugiados**. Revista Refugiados, n. 126, 2005. Disponível em: <[http://www.acnur.org/t3/fileadmin/scripts/doc.php?file=t3/fileadmin/Documentos/Publicaciones/2006/3691#\\_ga=1.99087134.1474636249.1460508878](http://www.acnur.org/t3/fileadmin/scripts/doc.php?file=t3/fileadmin/Documentos/Publicaciones/2006/3691#_ga=1.99087134.1474636249.1460508878)>. Acesso em: 15 mar. 2015.

AGAMBEN, Giorgio. **Estado de Exceção**. Trad. Iraci de Poleti, São Paulo: Boitempo, 2004.

\_\_\_\_\_. **Homo Sacer: O Poder Soberano e a Vida Nua I**. Trad. Henrique Burigo, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002, 207 p.

\_\_\_\_\_. **Means Without End: Notes on Politics**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2000.

AGIER, Michel. **Migrações, descentramento e cosmopolitismo: uma antropologia das fronteiras**. Trad. Bruno César Cavalcanti, Maria Stela Torres B. Lameira, Rachel Rocha de A. Barros. São Paulo: Ed. Unesp; Alagoas: Edufal, 2015a, 320 p.

\_\_\_\_\_. **Encontros etnográficos: interação, contexto, comparação**. Trad. Bruno César Cavalcanti e Maria Stela Torres B. São Paulo: Ed. Unesp; Alagoas: Edufal, 2015b, 100 p.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Un monde de camps**. Paris: La Découverte, 2014, 422 p.

\_\_\_\_\_. **Antropologia da Cidade: lugares, situações, movimentos**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

\_\_\_\_\_. **Corridors of exile: a worldwide web of camps**. Trad. Eric Rosencrantz, *Metropolitiques*, 25 nov. 2010. Disponível em: <<http://www.metropolitiques.eu/Corridors-of-exile-a-worldwide-web.html>>. Acesso em: 20 mai. 2014.

\_\_\_\_\_. **Le camp comme limite et comme espace politique**. In: KOBELINKSKY, Carolina; MAKAREMI, Chowra. **Enfermés dehors**. Enquêtes sur le confinement dès étrangers. Broissieux/Bellecombe-en-Beuges: Ed. Du Croquant, 2009.

\_\_\_\_\_. **Gérer les indésirables: des camps de réfugiés au gouvernement humanitaire**. Paris: Flammarion, 2008a. 350 p.

\_\_\_\_\_. **On the margins of the world: the refugee experience today**. Malden: Polity Press, 2008b. 118 p.

\_\_\_\_\_. **Refugiados diante da nova ordem mundial**. Revista de sociologia: Tempo social. 2006, v. 18, n. 2, USP, p. 197 – 215. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v18n2/a10v18n2.pdf>>. Acesso: 20 jun. 2014.

\_\_\_\_\_. **Between War and City: Towards an Urban Anthropology of Refugee Camps.** *Journal of Contemporary Ethnography*, Londres, v. 3, n. 3, p. 317-341, set. 2002. Disponível em: <<http://faculty.washington.edu/plape/citiesaut11/readings/Agier%20BETWEEN.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2014.

AGUIAR, Carolina Moulin. **Refugiados: entre a política do medo e da solidariedade.** Estadão, São Paulo, 03 mar. 2015. Disponível em: <[https://www.academia.edu/15383676/Refugiados\\_entre\\_a\\_pol%C3%ADtica\\_do\\_medo\\_e\\_a\\_solidariedade](https://www.academia.edu/15383676/Refugiados_entre_a_pol%C3%ADtica_do_medo_e_a_solidariedade)>. Acesso em: 03 set. 2009.

ALEINIKOFF, Alexander. **Ending the Second Exile.** UNHCR/Tracks, 2015. Disponível em: <<http://tracks.unhcr.org/2015/06/ending-the-second-exile/>>. Acesso em: 22 jun. 2015.

ALSAYYAD, Nezar; ROY, Ananaya. **Modernidade medieval: cidadania e urbanismo na era global.** Trad. Joaquim Toledo Jr. *Novos Estudos*, n. 85, 2009, p. 105-128. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002009000300005&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002009000300005&script=sci_arttext)>. Acesso em: 10 nov. 2014.

ARENDT, Hannah. **The Human Condition.** Chicago: Chicago University Press, 1970.

\_\_\_\_\_. **The Origins of Totalitarianism.** New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1968.

BAUMAN, Zygmunt. **Vidas Desperdiçadas.** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. 258 p.

\_\_\_\_\_. **Globalização: As consequências Humanas.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999. 146 p.

BECKER, Bertha K. **A Geografia e o Resgate da Geopolítica.** *Espaço Aberto*, PPGG - UFRJ, v. 2, n.1, p. 117-150, 2012. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/EspacoAberto/article/view/2079/1846>>. Acesso em: 14 jun. 2015.

\_\_\_\_\_. **Geopolítica da Amazônia.** *Estudos Avançados*, v. 19, n. 53, p. 71-86, 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142005000100005&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142005000100005&script=sci_arttext)>. Acesso em: 14 jun. 2015.

BIRMAN, Patricia. **Gérer les indésirables: des camps de réfugiés au gouvernement humanitaire.** *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 360-363, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v15n32/v15n32a16.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2014.

BLANCO, Pablo. **Migraciones Desesperadas en África Subsahariana Poscolonial.** In: ACOSTA, Maria Helena A (Coord.). **África Subsahariana: sistema capitalista y relaciones internacionales, Buenos Aires**, 1. ed. - Buenos Aires: CLACSO, 2011. p. 521-541. Disponível em: <[http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20120313012029/17.Migraciones\\_Blanco.pdf](http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20120313012029/17.Migraciones_Blanco.pdf)>. Acesso em: 05 jun. 2015.

BLIXEN, Karen. **A Fazenda Africana.** 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2005. 448 p.

BORDAS, Marie Ange. **Geografias em Movimento**. São Paulo: Edições Sesc, n. 9, 2013. 142 p.

\_\_\_\_\_. **Deslocamentos: uma proposta de integração por meio da arte**. *Imaginario*, v. 12, n.13, São Paulo, 2006. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-666X2006000200013&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-666X2006000200013&script=sci_arttext)>. Acesso em: 05 nov. 2015.

BRAGA, Jorge Luiz Raposo. **Os campos de refugiados: um exemplo de "espaços de exceção" na política contemporânea**. In: 3º ENCONTRO NACIONAL ABRI 2011, 3., 2011, São Paulo. Proceedings online. Associação Brasileira de Relações Internacionais, Instituto de Relações Internacionais – USP. Disponível em: <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC0000000122011000200036&lng=en&nrm=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000122011000200036&lng=en&nrm=abn)>. Acesso em: 01 out. 2015.

\_\_\_\_\_; KAROL, Eduardo. **A Temática dos Refugiados na Geografia da População**. In: 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia (ENPEG), Porto Alegre, 2009. Disponível em: <[http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT5/tc5%20\(30\).pdf](http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT5/tc5%20(30).pdf)>. Acesso em: 20 mar. 2015.

BUTLER, Judith. **Precarious life: the powers of mourning and violence**. Nova York: Verso, 2004.

CALEGARI, Marília. **Refugiados e políticas migratórias: características e especificidades do caso brasileiro**. In: Encontro Internacional Participação, Democracia e Políticas Públicas: aproximando agendas e agentes, 2013, São Paulo (Unesp). Disponível em: <<http://www.fclar.unesp.br/Home/Pesquisa/GruposdePesquisa/participacaodemocraciaepoliticaspublicas/encontrosinternacionais/pdf-st08-trab-aceito-0419-11.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2015.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007, 85p.

CARRIER, Neil; LOCHERY, Emma. **Missing states? Somali trade networks and the Eastleigh transformation**. *Journal of Eastern African Studies*, 7: 2, p. 334 - 352, 2013. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/17531055.2013.776275#.Vw1MGvkrLrc>>. Acesso em: 05 mar. 2015.

CASTELLS, Manuel. 5. ed. **Fim de Milênio**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTLES, Stephen. **Entendendo a Migração Global: Uma perspectiva desde a transformação social**. REMHU, Brasília: CSEM, n. 35, p. 11-43, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.csem.org.br/remhu/index.php/remhu/article/view/227>>. Acesso em: 14 abr. 2015.

CERNUSÁKOVÁ, Barbora. **Trains to Nowhere, Hungary's harsh welcome for refugees**, Amnesty Internacional (2015). Disponível em: <<https://www.amnesty.org/en/latest/news/2015/09/trains-to-nowhere-hungary-harsh-welcome-for-refugees/>>. Acesso em: 10 set. 2015.

CLAVAL, Paul. **Terra dos Homens: a geografia**. São Paulo: Contexto, 2010.

\_\_\_\_\_. **A Geografia Cultural**. 2. ed. Florianópolis: EdUFSC, 2001.

\_\_\_\_\_. **O Território na transição da Pós-modernidade.** *GEOgraphia*, v. 1, n. 2, 1999. Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/16/14>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

Comissão Mundial sobre Migrações Internacionais (GCIM). **As Migrações num mundo interligado: Novas linhas de ação.** 2005. Disponível em: <[http://www.iom.int/jahia/webdav/site/myjahiasite/shared/shared/mainsite/policy\\_and\\_research/gcim/GCIM\\_Report\\_Complete\\_PT.pdf](http://www.iom.int/jahia/webdav/site/myjahiasite/shared/shared/mainsite/policy_and_research/gcim/GCIM_Report_Complete_PT.pdf)>. Acesso em: 14 out. 2014.

CONRAD, Joseph. **Coração das Trevas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CÔRREA, Roberto Lobato. Territorialidade e corporação: um exemplo. In: SANTOS, Milton et al (org.). **Território: Globalização e Fragmentação.** 4. ed. São Paulo: Hucitec: Anpur, 1998, p. 351-356.

CORSINI, Leonora. Migrações e êxodo constituinte. In: FERREIRA, A. et al. (Org.). **A experiência migrante: entre deslocamentos e reconstruções.** Rio de Janeiro: Garamond, 2010, p. 521-536.

CRUZ, Valter do Carmo. **Lutas sociais, reconfigurações indenitárias e estratégias de reapropriação social do territó-rio na Amazônia.** 2011. 368 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói.

DAL PONT, Karina Rousseng. **Geografia de encontros geografias fictícias.** *Geografares*, Espírito Santo, p. 66-80, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/geografares/article/view/8055>>. Acesso em: 05 ago. 2015.

DELEUZE, Gilles. Controle e Devir. In: **Conversações.** Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

\_\_\_\_\_. Post-Scriptum sobre as sociedades de controle. In: **Conversações.** Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELFIM, Rodrigo Borges. **Imigração no Brasil: o medo infundado do outro.** Blog MigraMundo, 2015. Disponível em: <<http://migramundo.com/2015/06/27/imigracao-no-brasil-o-medo-infundado-do-outro/>>. Acesso em: 04 jul. 2015.

DUBE, Alfred; KOENIG, Andreas. **Final Report: Self-reliance and sustainable livelihoods for refugees in Dadaab and Kakuma camps.** ILO-UNHCR, 2005. Disponível em: <<http://www.unhcr.org/4326a7542.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2015.

ENGHOFF, B. et al. **In Search of Protection and Livelihoods: Socio-economic and Environmental Impacts of Dadaab Refugee Camps on Host Communities.** Report for the Royal Danish Embassy, the Republic of Kenya and the Norwegian Embassy, 2010. Disponível em: <<http://reliefweb.int/report/kenya/search-protection-and-livelihoods-socio-economic-and-environmental-impacts-dadaab>>. Acesso em: 01 nov. 2014.

FARKAS, Solange O.; MARTINHO, Teté. Prefácio. In: BORDAS, M. A. **Geografias em Movimento.** São Paulo: Edições Sesc, n. 9, 2013. 142 p.

FERNANDES, João Luís. A desterritorialização enquanto risco antrópico. Análise a propósito da representação da insegurança nos filmes *Still Life* (2006) e *Home* (2008). In: LOURENÇO, Luciano Fernandes; MATEUS, Manuel Alberto (org.). **Riscos naturais, antrópicos e mistos**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2013, p. 631-651. Disponível em: <[http://www.uc.pt/fluc/depgeo/Publicacoes/livro\\_homenagem\\_FREbelo/631\\_651](http://www.uc.pt/fluc/depgeo/Publicacoes/livro_homenagem_FREbelo/631_651)>. Acesso em: 15 jun. 2014.

FISBERG, Alex. **Mochila Social: Um olhar sobre desenvolvimento social e pobreza no leste da África**. São Paulo: Ed. do Autor, 2013.

FONSECA, José de Ribamar Lima. **A nova conflitualidade**. Webartigos, 2009. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/a-nova-conflitualidade/25084/>>. Acesso em: 12 set. 2015.

FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In Ditos e Escritos (v. III). **Estética: Literatura e pintura, música e cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

\_\_\_\_\_. **Segurança, Território, População**. Trad. Eduardo Brandão e Claudia Berlinger. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

\_\_\_\_\_. **Em Defesa da Sociedade**. Trad. de Maria E. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000a.

\_\_\_\_\_. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Trad. Salma Tannus Muchail. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000b.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Trad. Roberto Machado. 4. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

GILROY, Paul. **Between camps: Nations, cultures and the allure of race**. London, UK: Routledge, 2004.

GOETTERT, Jones D.; MONDARDO, Marcos L. **O “Brasil Migrante”: Gentes, Lugares e Transterritorialidades**. GEOgraphia, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, 2009. Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/283/249>>. Acesso em: 20 set. 2015.

GOMES, Fábio Guedes. **Mobilidade do trabalho e controle social: trabalho e organizações na era neoliberal**. Revista de Sociologia e Política, Curitiba, v. 17, n. 32, p. 33-49, fev. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v17n32/v17n32a03.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2014.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Da geografia às geo-grafias: um mundo em busca de novas territorialidades**. In: Ceceña, Ana Esther y Sader, Emir (Org.) *La Guerra Infinita. Hegemonía y terror mundial* (Buenos Aires: CLACSO), 2002, p. 217-256. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/gt/20101018013328/11porto.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

GRAYSON, Catherine-Lune. **Fermer Les Camps de Réfugiés de Dadaab? Quelle Bonne Idée!** Observatoire Canadien Sur Les Crises et L'Action Humanitaires. EQUAM, Quebec/Montreal. 2015. Disponível em: <<http://www.occah.org/DATA/PUBLICATION/158~>>

~FERMER\_LES\_CAMPS\_DE\_REFUGIES\_DE\_DADAAB\_QUELLE\_BONNE\_IDEE\_.pdf  
>. Acesso em: 03 fev. 2016.

GRASSI, Marzia. **Globalização, Transnacionalismo e Novos Fluxos Migratórios dos trabalhadores convidados às migrações globais**. *Análise Social*, Lisboa, n. 178, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/aso/n178/n178a16.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

GRBAC, Peter. **Civitas, polis, and urbs: Reimagining the refugee camp as the city**. Refugee Studies Centre, Oxford, n. 96, p. 1-35, out. 2013. Disponível em: <<http://www.rsc.ox.ac.uk/files/publications/working-paper-series/wp96-civitas-polis-urbs-2013.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

HAESBAERT, Rogério. **Viver no Limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014. 320 p.

\_\_\_\_\_. Os dilemas da Globalização – Fragmentação. In: Haesbaert, R. et al. (orgs) **Globalização e Fragmentação no Mundo Contemporâneo**. 2. ed. Niterói: Editora da UFF, 2013a, p. 11 - 53.

\_\_\_\_\_. Territórios em Trânsito. In: BORDAS, M. A (Org.). **Geografias em Movimento**. São Paulo: Edições Sesc, n. 9, 2013b, p. 65-81.

\_\_\_\_\_. **Territórios Alternativos**. 3. ed., São Paulo: Contexto, 2013c, 186 p.

\_\_\_\_\_. **O Mito da Desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, 396 p.

\_\_\_\_\_. Territórios, in-segurança e risco em tempos de contenção territorial. In: PÓVOA NETO, H. et al. (Org.) **A experiência migrante: entre deslocamentos e reconstruções**. Rio de Janeiro: Garamond, 2010, p. 537-557.

\_\_\_\_\_. **Território e multiterritorialidade: um debate**. *GEOgraphia*, v. 09, n. 17, 2007. Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/213>>. Acesso em: 22 mar. 2014.

\_\_\_\_\_. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. 2004. Disponível em: <[http://www.uff.br/observatoriojovem/sites/default/files/documentos/CONFERENCE\\_Rogério\\_HAESBAERT.pdf](http://www.uff.br/observatoriojovem/sites/default/files/documentos/CONFERENCE_Rogério_HAESBAERT.pdf)>. Acesso em: 30 mai. 2015.

\_\_\_\_\_. Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão. In: Iná Elias de. Et al: **Geografia: conceitos e temas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 167-205.

HARDT, Michel; NEGRI, Antonio. **Multidão: Guerra e democracia na era do Império**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. 24. ed. São Paulo: Loyola Ed., 2013. 348 p.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos - o breve século XX: 1914-1991**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUJALE, Moulid Iftin. **Dadaab: a City within a camp**, Refugees International. 2014. Disponível em: <<http://refugeesinternational.org/blog/dadaab-city-within-camp>>. Acesso em: 02 dez. 2014.

\_\_\_\_\_. **A refugee's story**. Integrated Regional Information Networks (IRIN), 2011. Disponível em: <<http://www.irinnews.org/report/93527/kenya-somalia-refugees-story>>. Acesso em: 04 fev. 2016.

HUMAN RIGHTS WATCH. **Waiting here for death: displacement and “villagization” in Ethiopia’s Gambella Region**. 2012. Disponível em: <<https://www.hrw.org/report/2012/01/16/waiting-here-death/forced-displacement-and-villagization-ethiopias-gambella-region>>. Acesso em: 05 nov. 2015.

\_\_\_\_\_. **Welcome to Kenya Police Abuse of Somali Refugees**. 2010. Disponível em: <<http://www.hrw.org/report/2010/06/17/welcome-kenya/police-abuse-somali-refugees>>. Acesso em: 20 mai. 2016.

\_\_\_\_\_. **Hidden in Plain View: Refugees Living Without Protection In Nairobi And Kampala**. 2002. Disponível em: <<https://www.hrw.org/reports/2002/kenyugan/kenyugan.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2016.

INGLÊS, Paulo. Globalização, mobilidade humana e criatividade: desafiando categorias a partir de três casos de migração forçada em Angola. In: VASCONCELOS, Ana M. N.; BOTEAGA, Tuíla (Orgs.). **Política Migratória e o Paradoxo da Globalização**. Porto Alegre: EDIPUCRS, Brasília: CSEM, 2015, p. 169 - 188. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Pdf/978-85-397-0739-3.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2015.

INTERNATIONAL RESCUE COMMITTEE. **What’s in my bag? What refugees bring when they run for their lives**, 2015. Disponível em: <<https://medium.com/uprooted/what-s-in-my-bag-758d435f6e62#.4pfnrbhzn>>. Acesso em: 23 set. 2015.

JANSEN, Bram. **The Accidental City: Urbanisation in an East-African refugee camp** Urban Agriculture Magazine, n. 21, p. 11-12, jan. 2009. Disponível em: <<http://www.ruaf.org/sites/default/files/UAM21%20p.11-12.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2014.

JOHNSON, Heather L. **The Other Side of the Fence: Reconceptualizing the “Camp” and Migration Zones at the borders of Spain**. International Political Sociology, v. 7, n. 1, p. 75-91, 2013.

JUBILUT. Liliana L.; MADUREIRA, André L. **Os desafios de proteção aos refugiados e migrantes forçados no marco de Cartagena + 30**. REMHU (Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana), Brasília: CSEM, n. 43, jul./dez. 2014, p. 11-33. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/remhu/v22n43/v22n43a02.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2015.

KAMAU, Christine; FOX, John. **The Dadaab Dilemma: A Study on Livelihood Activities and Opportunities for Dadaab Refugees**. Danish Refugee Council, 2013. Disponível em: <[https://drc.dk/media/1654297/dadaab\\_livelihood\\_study\\_-final\\_report.pdf](https://drc.dk/media/1654297/dadaab_livelihood_study_-final_report.pdf)>. Acesso em: 05 mai. 2014.

KAPUSCINSKI, Ryszard. **Ébano: minha vida na África**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LAMBO, Idil. **In the shelter of each other: notions of home and belonging amongst Somali refugees in Nairobi**. Research Paper, n. 233, UNHCR, 2012. Disponível em: <<http://www.unhcr.org/4face3d09.pdf>>. Acesso em: 26 set. 2015.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. Trad. Rubens Eduardo Frias. 5. ed. São Paulo: Centauro Editora, 2011.

MARY, Cristina Pessanha. **África: integração e fragmentação**. In: Haesbaert, R. et al. (orgs) **Globalização e Fragmentação no Mundo Contemporâneo**. 2. ed. Niterói: Editora da UFF, 2013, p. 193-217.

MARTIN, Gabriela. **Pré-história do Nordeste do Brasil**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1996.

MARTINS, José de Souza. **Exclusão social e a nova desigualdade**. São Paulo: Paulus, 1997.

MBEMBE, Achille. Existe um único mundo apenas. In: BORDAS, M. A (Org.). **Geografias em Movimento**. São Paulo: Edições Sesc, n. 9, 2013, p. 43-65.

\_\_\_\_\_. **Necropolitics**. Public Culture, v. 15, n. 1, p. 11-40, 2003.

MEKDJIAN, Sarah; SZARY, Anne-Laure Amilhat. **Cartographies Traverses, des espaces où l'on ne finit jamais d'arriver**. Universidade de Grenoble, 2015. Disponível em: <<http://visionscarto.net/cartographies-traverses>>. Acesso em: 18 ago. 2015.

MEZZADRA, Sandro. **Multiplicação das Fronteiras e Práticas de Mobilidade**. REMHU, Brasília: CSEM, n. 44, p. 11-30, jan./jun. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/remhu/v23n44/1980-8585-REMHU-23-44-011.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2015.

MINCA, Claudio. **Geographies of the camp**. Political Geography, v. 49, p. 74-83, 2015.

MONTCLOS, Marc-Antoine Pérouse de. **Réseaux financiers, diaspora et hawilad: le rôle clé de la péninsule Arabique entre l'Occident et la Somalie**. Autrepart, n.16, p. 99-116, 2000. Disponível em: <[http://horizon.documentation.ird.fr/exl-doc/pleins\\_textes/pleins\\_textes\\_7/autrepart/010023777.pdf](http://horizon.documentation.ird.fr/exl-doc/pleins_textes/pleins_textes_7/autrepart/010023777.pdf)>. Acesso em: 20 dez. 2015.

\_\_\_\_\_; KAGWANJA, Peter Mwangi. **Refugee Camps or Cities? The Socio-economic Dynamics of the Dadaab and Kakuma Camps in Northern Kenya**. Journal of Refugee Studies, Oxford, v. 13, n. 2, 2000. Disponível em: <[http://www.humanitarianinnovation.com/uploads/7/3/4/7/7347321/demontclos\\_2000.pdf](http://www.humanitarianinnovation.com/uploads/7/3/4/7/7347321/demontclos_2000.pdf)>. Acesso em: 15 nov. 2014.

MOULIN, Carolina. **Os Direitos Humanos dos Humanos sem Direito: refugiados e a política do protesto**. Revista Brasileira de Ciências Sociais (RBCS), São Paulo, v. 26, n. 76, 2011, p. 145-154. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v26n76/08.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2015.

MUIR, David. **Inside Somalia's Crippling Famine**. The Daily Beast, 08 ago. 2011. Disponível em: <<http://www.thedailybeast.com/articles/2011/08/08/david-muir-reports-from-somalia-refugees-famine-and-freedom.html>>. Acesso em: 14 mai. 2015.

NETZ, Reviel. **Barbed wire: An ecology of modernity**. Middletown, CT, USA: Wesleyan University Press, 2004.

NIGLIO, Diego Di. **Instantâneas da África**. Exposição fotográfica. Disponível em: <<https://instantaneasdaafrica.wordpress.com/>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

ONYANGO-OBBO, Charles. **Somalia “no longer failed state” and other sights and sounds in E. Africa.** The Daily Nation, 07 jan. 2016. Disponível em: <<http://www.nation.co.ke/oped/Opinion/Somalia-no-longer-failed-State/-/440808/3023612/-/angsejz/-/index.html>>. Acesso em : 10 jan. 2016.

OXFAM (Oxford Committee for Famine Relief). **A Economia para o 1%**. Documento Informativo da OXFAM, 210. 2016. Disponível em: <<http://www.oxfam.org.br/sites/default/files/arquivos/Informe%20Oxfam%20210%20-%20A%20Economia%20para%20o%20um%20por%20cento%20-%20Janeiro%202016%20-%20Relato%CC%81rio%20Completo.pdf>>. Acesso em: 03 fev. 2016.

PESSOA, Osvaldo Jr. **O Sujeito na Física Quântica**, em Oliveira, E.C. (org.), Epistemologia, Lógica e Filosofia da Linguagem – Ensaio de Filosofia Contemporânea, Núcleo de Estudos Filosóficos – UEFS, Feira de Santana, 2001. p. 157-96. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/df/opessoa/Sujeito.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2015.

PETEET, Julie. **Landscape of hope and despair: palestinian refugee camps**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2005. 260 p.

PETTI, Alessandro. **Architecture of Exile**. 2015. Project Campus in Camps. Disponível em: <<http://www.campusincamps.ps/architecture-exile/>>. Acesso em: 25 jun. 2015.

PÓVOA NETO, Helion. Barreiras físicas como dispositivo de política migratória na atualidade. In: FERREIRA, A. et al. (Org.). **A experiência migrante: entre deslocamentos e reconstruções**. Rio de Janeiro: Garamond, 2010, p. 469-473; 491-520.

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. 23. ed. São Paulo: José Olympio, 1977, 122 p.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RAMOS, A. C.; RODRIGUES, G.; ALMEIDA, G. A, (Orgs.). **60 anos de ACNUR: perspectivas de futuro**. São Paulo: Editora CL-A Cultural, 2011. Disponível em: <[http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2011/60\\_anos\\_de\\_ACNUR\\_-\\_Perspectivas\\_de\\_futuro.pdf?view=1](http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2011/60_anos_de_ACNUR_-_Perspectivas_de_futuro.pdf?view=1)>. Acesso em: 29 abr. 2015.

RAWLENCE, Ben. **City of Thorns: nine lives in the world's largest refugee camp**. New York: Picador, 2016, 384 p.

REKACEWICZ, Philippe. **Terrorisme, insurrection ou résistance: cartographier et nommer “l'internationale djihadiste”**. 08 jun. 2015. Disponível em: <<http://visionscarto.net/>>

djihadisme-international>. Acesso em: 30 jun. 2015.

RUIZ, Castor. **A exceção jurídica na biopolítica moderna**. Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, n. 343, 2010. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao343.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2015.

SACK, Robert David. O significado da territorialidade. In: DIAS, Leila Christina. FERRARI, Maristela. (Org.). **Territorialidades humanas e redes sociais**. Florianópolis: Insular, 2. ed. 2013, p. 63-85.

SAID, Edward. **Fora do Lugar: memórias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. **Reflexões sobre o Exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. Ed. São Paulo: Universidade de São Paulo Ed., 2006, 259 p.

\_\_\_\_\_. **Por uma outra globalização - do pensamento único à consciência universal**. São Paulo: Record, 2000.

\_\_\_\_\_. O retorno do território. In: SANTOS, Milton et al (org.). **Território: Globalização e Fragmentação**. 4. ed. São Paulo: Hucitec: Anpur, 1998, p. 15-20.

\_\_\_\_\_. **Técnica espaço tempo: Globalização e meio técnico científico-informacional**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1994, 94 p.

SAQUET, Marco Aurelio. **Por uma Geografia das territorialidades e das temporalidades: uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial**. 1 ed. São Paulo: Outras Expressões, 2011, 128 p.

\_\_\_\_\_. **As diferentes abordagens do território e a apreensão do movimento e da (i)materialidade**. Geosul, Florianópolis, v. 22, n. 43, p. 55-76, jan./jun. 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/12646/11806>>. Acesso em: 16 set. 2014.

\_\_\_\_\_; BRISKIEVICZ, Michele. **Territorialidade e identidade: um patrimônio no desenvolvimento territorial**. Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 31, v. 1, 2009. Disponível em: <<http://agbpb.dominiotemporario.com/doc/CPG31A-3.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2014.

SEEMANN, Jörn. **A Toponímia como construção histórico-cultural: o exemplo dos municípios do estado do Ceará**. Revista Vivências. UFRN/CCHLA. Natal, n. 29, 2005, p. 207 – 224. Disponível em: <[http://www.cchla.ufrn.br/Vivencia/sumarios/29/PDF%20para%20INTERNET\\_29/2\\_DOSSI%3%8A\\_o%20espa%3%A7o\\_parte%201/CAP%205\\_JORN%20SEEMANN.pdf](http://www.cchla.ufrn.br/Vivencia/sumarios/29/PDF%20para%20INTERNET_29/2_DOSSI%3%8A_o%20espa%3%A7o_parte%201/CAP%205_JORN%20SEEMANN.pdf)>. Acesso em: 14 nov. 2015.

SOUZA, Fabrício Toledo. **O êxodo dos refugiados e o direito a resistir**. Revista Direito e Práxis, v. 5, n. 9, 2014, p. 101-117. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/12931/0>>. Acesso em: 08 ago. 2015.

SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. Globalização da desigualdade: globalização e fragmentação. In: SANTOS, Milton et al (org.). **Território: Globalização e Fragmentação**. 4. ed. São Paulo: Hucitec: Anpur, 1998, p. 21-28.

UNITED NATIONS ORGANIZATION FOR EDUCATION, SCIENCE AND CULTURE (UNESCO). **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Brasília, 1998. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

UNITED NATIONS HIGH COMMISSIONER FOR REFUGEE/KENYA (UNHCR/KENYA). **UNHCR Dadaab – Kenya: population statistics**. 2016. Disponível em: <<http://reliefweb.int/report/kenya/unhcr-dadaab-kenya-camp-population-statistics-09-mar-2016>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

UNITED NATIONS HIGH COMMISSIONER FOR REFUGEES (UNHCR). **UNHCR Dadaab and Alinjuggur, kenya Briefing Note**. 2015. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/UNHCRKenya243/dadaab-briefing-august-2015>>. Acesso em: 12 set. 2015.

\_\_\_\_\_. **Global Appeal 2016-2017**. 2016. Disponível em: <<http://www.unhcr.org/gal16/index.xml>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

\_\_\_\_\_. **UNHCR Statistical Yearbook 2014**. 14. ed. 2015. Disponível em: <<http://www.refworld.org/docid/5666f04b4.html>>. Acesso em: 10 dez. 2015.

\_\_\_\_\_. World at War. **Global Trends Forced Displacement**. New York: Oxford University Press, 2014a. Disponível em: <<http://unhcr.org/556725e69.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2015.

\_\_\_\_\_. **Global Strategy for Settlement and Shelter**. 2014b. Disponível em: <<http://www.unhcr.org/530f13aa9.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

\_\_\_\_\_. **Policy on Alternatives to Camp**. 2014c. Disponível em: <<http://www.refworld.org/docid/5423ded84.html>>. Acesso em: 05 nov. 2015.

\_\_\_\_\_. **Sub Office Dadaab, Kenya - Refugee Operation: 60 years**. 2011. Disponível em: <[http://www.unhcr.org/hk/files/Emergency/emergency%20report/2011%20somali/Oct%2011/Dadaab%20Refugee%20Operation%20Brief%20\\_v.%202011.09.24\\_.pdf](http://www.unhcr.org/hk/files/Emergency/emergency%20report/2011%20somali/Oct%2011/Dadaab%20Refugee%20Operation%20Brief%20_v.%202011.09.24_.pdf)>. Acesso em: 08 set. 2014.

\_\_\_\_\_. **Handbook for Emergencies**. 3. ed. 2007. Disponível em: <<http://www.refworld.org/docid/46a9e29a2.html>>. Acesso em: 15 nov. 2015.

\_\_\_\_\_. Current Dynamics of Displacement. **The State of the World's Refugees 2006: Human Displacement in the New Millennium**. New York: Oxford University Press, p. 09-29, 2006. Disponível em: <<http://www.unhcr.org/4444afc50.html>>. Acesso em: 12 set. 2015.

\_\_\_\_\_. The Changing Dynamics of Displacement. **The State of the World's Refugees 2000: Fifty Years of Humanitarian Action**. New York: Oxford University Press, p. 275-288, 2000. Disponível em: <<http://www.unhcr.org/3ebf9bb80.html>>. Acesso em: 12 set. 2015.

VALLET, Élisabeth. **Quand la Méditerranée se fait meurtrière**. L'actualité, 21 abr. 2015. Disponível em: <<http://www.lactualite.com/actualites/politique/quand-la-mediteranee-se-fait>>

-meurtriere/>. Acesso em: 25 abr. 2015.

\_\_\_\_\_; DAVID, Charles-Philippe. **Introduction: The (Re) Building of the Wall In International Relations**, *Journal of Borderlands Studies*, 2. ed., v. 27, p. 111-119, 2012. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/08865655.2012.687211>>. Acesso em: 03 jan. 2016.

VIANNA, Adriana; FACUNDO, Ángela. **Tempos e deslocamentos na busca por justiça Entre “moradores de favelas e “refugiados”**. *Cienc. Cult.*, São Paulo, v. 67, n. 2, 2015. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v67n2/v67n2a14.pdf>>. Acesso em: 11 out. 2015.

VIDAL, Laurent; MUSSET, Alain; VIDAL, Dominique. **Sociedades, mobilidades, deslocamentos: os territórios da espera. O caso dos mundos americanos (de ontem a hoje)**. *Revue Franco-brésiliennne de géographie*, n. 13, p. 1-24, 2011. Disponível em: <<http://confins.revues.org/7274>>. Acesso em: 26 jun. 2014.

WADHAMS, Nick. **Kenya’s Permanent Refugees: The Camps that Became Cities**. *Time*, 26 jan. 2011. Disponível em: <<http://content.time.com/time/world/article/0,8599,2044430,00.html>>. Acesso em: 08 dez. 2015.

WEISSHEIMER, Marco. **Vivemos em um processo seletivo de fronteiras**. *Jornal Sul21* [Rio Grande do Sul], 23 nov. 2015. Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/vivemos-um-processo-de-fechamento-seletivo-de-fronteiras-no-mundo-dizem-pesquisadores/>>. Acesso em: 10 dez. 2015.

WEITZBERG, Keren. **A permanent state of exception: Kenya’s new anti-terror laws**. *The Africa Collective*, 29 dez. 2014. Disponível em: <<http://theafricacollective.com/2014/12/29/a-permanent-state-of-exception-kenyas-new-anti-terror-laws/>>. Acesso em: 12 jan. 2015.

WIHARTA, Sharon; MELVIN, Neil; AVEZOV, Xenia. **The New Geopolitics of Peace operations: Mapping the Emerging landscape**. Stockholm International Peace Research Institute (SIPRI), 2012. Disponível em: <[http://www.sipri.org/research/conflict/pko/other\\_publications/NGP-Policy-Report.pdf](http://www.sipri.org/research/conflict/pko/other_publications/NGP-Policy-Report.pdf)>. Acesso em: 14 out. 2015.

ZETTER, Roger. **Protection in Crisis: Forced Migration and Protection in a Global Era**. Washington, DC: Migration Policy Institute, 2015. Disponível em: <<http://www.migrationpolicy.org/research/protection-crisis-forced-migration-and-protection-global-era>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

**Apêndice**  
**RELATO DE VIAGEM**  
**DO IMAGINÁRIO ÀS PRIMEIRAS IMPRESSÕES DO CONTINENTE**  
**AFRICANO: POR UMA GEOGRAFIA DE ENCONTROS<sup>193</sup>**

*Entre os primeiros povos e nos meios populares das sociedades tradicionais, as geografias não são exclusivamente feitas de práticas e de habilidades. Elas são carregadas de experiências e de subjetividade. Viver é evoluir entre as paredes ou se encontrar ao ar livre. Viver é estar em contato com o meio ambiente em todos os sentidos: com a visão, a audição, o olfato, o tato. É se mover em um ambiente selvagem, cultivado ou urbanizado, é percebê-lo enquanto paisagem. As pessoas têm uma reação emotiva diante dos lugares em que vivem, que percorrem regularmente ou que visitam eventualmente. (CLAVAL, 2010, p. 39).*

Começo as reflexões sobre as experiências geográficas no continente africano citando as observações do geógrafo Paul Claval sobre a importância dos seus significados, através da diversidade de lugares e de seres humanos no desenvolvimento da Geografia.

É difícil começar a escrever sobre essa experiência nesse continente porque tudo o que foi visto e vivenciado vem junto e com grande velocidade. Fiz o planejamento de escrever todos os dias durante a viagem, mas não consegui. E quando cheguei, demorou um bom tempo para que eu retornasse também. Assim como eu compreendo que a trajetória de formação do campo de refugiados de Dadaab começa bem antes da sua experiência nele, ou seja, durante a jornada desesperada dessas pessoas, os encontros geográficos com parte desse continente foram surgindo bem aos poucos durante a pesquisa, com a formação de uma compreensão de que ela nunca estaria completa se eu não vivenciasse esses encontros mais de perto. Os contatos foram sendo formados e estudados detalhadamente durante mais de um ano, assim como Nairóbi foi pesquisada em todos os seus aspectos. A vontade de compreender esse fenômeno, além do mundo em suas dimensões mais desumanas, e a motivação da pesquisa foram o impulso para

---

<sup>193</sup> O título teve com referências a exposição fotográfica **Instantâneas da África** de Diego Di Niglio e seu questionamento sobre o imaginário desse continente e o título do artigo **Geografia de encontros geografias fictícias** de Karina Rousseng Dal Pont.

superar todas as dificuldades que encontrei e que poderia encontrar. Busquei me despojar de preconceitos, até para entender melhor o discurso do medo, do que é tão diferente, mas ao mesmo tempo, tão familiar a nossa realidade brasileira. Quando as pessoas me perguntam se não senti medo, afirmo que sim, contando sobre as doze horas de angústia e apreensão, não em solo africano, e sim brasileiro, em pleno aeroporto de Guarulhos. Fui constantemente abordada por pessoas que andavam em conjunto e se aproximavam rapidamente pedindo dinheiro e olhando os pertences dos passageiros. Qualquer descuido e minha viagem terminava por ali mesmo. Duas semanas após minha chegada no Brasil, vi a notícia de que tinha sido presa uma quadrilha que atuava nesse aeroporto.

O primeiro encontro com diferentes nacionalidades aconteceu no portão de embarque internacional. Africanos, asiáticos, europeus e da América Latina. As que me chamaram mais a atenção foram os passageiros do Oriente Médio. Não consegui conversar com nenhum deles, apenas com um senhor simpático do Chile. Não dava para saber exatamente de onde eram, mas pelas roupas e fisionomias alguns aparentavam ser do Afeganistão. Burcas, turbantes e tecidos floridos africanos, fala e gestos apressados dos muitos chineses e a calma dos indianos davam uma noção do que eu iria encontrar em Nairóbi.

A viagem de ida foi bem difícil pelo cansaço dos dois dias viajando e da ansiedade do “chegar”. O primeiro país em solo africano foi Togo. Lá fiquei apenas uns quarenta minutos no avião, para uma escala. Lomé, sua capital, como cidade litorânea lembrou Recife, apesar de possuir uma infraestrutura menor e quase nenhuma verticalização, principalmente à beira mar. O que me chamou a atenção foram as enormes torres de exploração de petróleo. A expectativa era por Adis Abeba, na Etiópia, onde ficaria por quatro horas para uma conexão. Cheguei à noite, e a grande luminosidade da cidade chamou a atenção. Em contraste com Recife e até mesmo São Paulo, onde se percebe os problemas com iluminação urbana. Saí do avião sem casaco, e congelei por alguns segundos até colocá-lo. Muito frio na capital! Adis Abeba fica em uma região de planalto com aproximadamente 2300 metros de altitude. A primeira coisa que pensei foi no sofrimento dos refugiados no campo de Dadaab à noite. Desprotegidos em cabanas improvisadas. Essa seria uma das minhas perguntas. Então descobri que uma das dificuldades dos funcionários e refugiados, era exatamente o contrário. Um calor que persiste até a noite. Um tempo depois, assistindo o documentário O Sal da Terra, sobre o trabalho do fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado, vi que esse frio da Etiópia era uma das causas das mortes nos campos de deslocados internos da região de Tigray, na década de 1980. Muitos morreram à noite por causa do frio.

Passei pela primeira inspeção de migração. Bem simples, era só uma olhada no passaporte. O problema é que o meu estava sem visto! Para conseguir o visto do Quênia, ou você vai para Brasília, ou envia pelos Correios o passaporte e o dinheiro. Não há depósito em conta. Em conversa com a embaixada do Quênia em Brasília, por telefone, me explicaram que seria bem melhor tirá-lo na hora, pois não correria o risco do extravio do passaporte e o procedimento seria super fácil e rápido. Confirmei com a companhia aérea sobre meu embarque sem visto e com a embaixada da Etiópia e Togo se teria algum problema. Tudo confirmado, então decidi viajar mesmo sem estar devidamente “regularizada”. Fiquei preocupada, mas na Etiópia confirmaram a minha nacionalidade e viram que não teria nenhum problema. Resolvido isso, pude começar as observações sobre esse país, mesmo que fosse apenas do ângulo do aeroporto, que por sinal é belíssimo e organizado. Os funcionários são educadíssimos, mas deu para perceber que não tinham muita paciência com alguns chineses ou coreanos. Difícil conseguir diferenciá-los. Na viagem de volta tive mais calma para observar outros detalhes. Era de manhã cedo e o aeroporto estava lotado. Pessoas do mundo todo. Várias delegações esportivas e um mosaico de idiomas diferentes passavam lentamente pelo amplo salão, de onde se podia ver através de uma parede totalmente em vidro, a paisagem um pouco árida dessa região do Rift Valley. Lindo sem dúvida! Infelizmente não pude sair do aeroporto para ver mais de perto. É necessário um visto de trânsito. Deu para ver um pouco quando estava embarcando no avião, que mesmo pela manhã e com Sol estava bem frio. A única coisa ruim em um aeroporto é que são praticamente todos iguais. Mas, ainda deu para ver algumas características do leste da África, como a sala de orações dos muçulmanos, alguns itens de artesanato nas lojas Duty Free e o “povo etíope”, único em suas características físicas tão marcantes e nas suas importantes especificidades históricas, porém pouco conhecidas. Como viajei em uma companhia aérea etíope, pude experimentar um pouquinho de suas tradições. Uma delas é o café. Era o cheiro mais presente durante a viagem. Sempre ofereciam café e chá. Mas, claro que o café etíope fazia mais sucesso. Lembro até hoje do seu cheiro, do gosto muito bom da comida etíope, bastante temperada e cuidadosamente servida, assim como o som da sua música típica a cada decolagem e aterrissagem. A viagem de volta foi mil vezes mais tranquila. Já sem ansiedade, mas ainda sem conseguir dormir direito, aproveitei para colocar a leitura em dia e assistir todos os lançamentos do cinema, mais uma das muitas coisas boas dessa companhia. Os encontros continuaram acontecendo. Conversas despojadas com uma senhora coreana bem simpática e com uma chinesa, que foram meus vizinhos de cadeira na ida e na volta, e a tentativa, sem muito sucesso, de comunicação com uma criança do Togo que só falava francês, língua oficial de seu país. Um momento bem interessante, durante a volta, foi quando

muçulmanos de origem árabe, ao entardecer, estenderam seus tapetes orientais, acredito que na direção de Meca, e fizeram suas orações trazendo depois suas esposas cobertas totalmente com burcas pretas e luvas. Nem seus olhos conseguíamos ver. Alguns passageiros tiraram foto, mas eu preferi respeitar o momento e observar atentamente o ritual cantado e com tanta religiosidade. Sabia que iria encontrar muitos muçulmanos e em respeito a suas tradições levei alguns lenços, mas só utilizei no pescoço. Não senti a necessidade de colocá-los. Vi que tanto nos aeroportos por onde passei, no avião ou em Nairóbi não havia porque usá-los. Mesmo em Eastleigh, bairro de predomínio somali em Nairóbi, eu não coloquei o lenço. Usei sempre camisas com manga longa e calça.

Na chegada a Nairóbi passei por um posto de verificação do vírus Ebola. Só nesse momento lembrei que tinha viajado em plena epidemia. Tive que responder um questionário e passar pelos funcionários, que totalmente cobertos com suas roupas de proteção branca e luvas verdes, passaram um aparelho em forma de termômetro para medir a temperatura corporal de cada passageiro. Passei de forma bem rápida pela migração onde tirei o visto. Tudo muito organizado e rápido. Troquei os dólares pela moeda local, o xelim queniano, e fui em busca do motorista do hostel. Aí conheci meu primeiro anjo da viagem, Raphael. Cozinheiro do hostel e motorista quando necessário. Um senhor queniano bem simpático que me fez a primeira saudação em Suaíli, língua oficial do Quênia e de alguns países vizinhos, que surgiu da mistura da língua Bantu e do árabe. Dá para perceber a influência árabe no Suaíli. “Karibu”<sup>194</sup> Daniela! Me senti muito bem-vinda!

Raphael, também atuou como meu colega de relações públicas, buscando entre os hóspedes do hostel, alguma indicação ou profissionais que trabalhavam com refugiados nos campos do Quênia. Organizou a minha ida ao bairro de Eastleigh e conseguiu uma carona para eu conhecer o outro campo de refugiados chamado Kakuma, no Noroeste, que como relatado anteriormente, por medidas de segurança, a visita neste campo não foi feita.

Da janela do carro fui tendo as primeiras impressões de Nairóbi em plena madrugada. A fiscalização policial, na saída, foi meu primeiro contato com o esquema rígido de inspeção contra o terrorismo. O “Estado de Exceção” então instalado. Em todos os locais durante os oito dias de estadia em Nairóbi, o carro era vistoriado e minha bolsa também, mas sempre de forma muito educada. Aliás, foi quando eu percebi pela primeira vez na vida a diferença da cor da minha pele. Você se sente diferente e até com um certo constrangimento, pelo tratamento recebido, principalmente, pelo modo como a pessoa que está ao seu lado, um queniano, é olhado

---

<sup>194</sup> Significa “Bem-vindo” em suaíli.

e interrogado sobre sua nacionalidade de maneira rigorosa e com um olhar persistente. Parece ser uma constante esse tratamento. Em um shopping, no primeiro dia que cheguei, presenciei a situação mais difícil. Em um elevador um senhor hostilizou o motorista do hostel que estava comigo. Meu segundo anjo nesta viagem, também chamado Raphael. Reclamou por ele ter apertado o botão para descer, chamando-o de “índio” de maneira rude e com aquele olhar visto tantas vezes durante a minha estadia no Quênia. Eu estava tão cansada dos dois dias de viagem, meio atrapalhada por causa do fuso e tinha dormido apenas algumas horas para acordar cedo e resolver as coisas, que não tive nem reação na hora. Evitei perguntar, em todos os momentos sobre as etnias. Não sei ao certo como isso é encarado pelos quenianos, mas sei que existem alguns problemas. São em torno de 40 a 70 etnias no Quênia. O último grande confronto foi em 2008 por causa das eleições presidenciais desencadeando um número elevado de mortes, criando com isso a formação de refugiados quenianos e deslocados internos. Só recentemente os refugiados quenianos começaram a retornar para o seu país. Mas, ainda hoje, existem alguns campos de deslocados internos no país por causa da violência ocorrida.

O que é bem interessante observar no Quênia é a existência das tradições culturais das diferentes etnias. Mesmo nos dias atuais, algumas questões policiais são resolvidas pelo ressarcimento da vítima através da entrega de um número específico de gado. E isso é o que acho mais importante. As tradições dos seus povos, assim como as diferentes línguas, ainda existem! No Brasil, infelizmente, vemos tão pouco das línguas e tradições dos primeiros povos que por aqui viveram.

O hostel em que fiquei só servia as refeições no refeitório, e isso foi o mais importante da viagem, e com certeza um dos motivos de sua escolha. Nele aconteceram diferentes encontros. Distintas nacionalidades, onde o inglês dominava as discussões e a comunicação entre as pessoas. Coreanos de uma organização internacional, americanos, canadenses, italianos, ingleses, quenianos, ugandenses, ruandeses e um funcionário de uma petrolífera do Sudão do Sul. Esses foram os que conheci ou observei. Claro que procurava sentar sempre junto dos africanos. Por dois motivos. Eles eram sempre muito simpáticos e curiosos, e eu queria ter, nem que fosse de maneira rápida, uma noção da África através deles. As conversas sempre foram muito animadas e sempre que eu falava que era do Brasil, logo em seguida eu ouvia um “sinto muito pela copa”. Frase constante em todos os lugares: embaixada do Brasil, universidade, parques, no centro e até pelos funcionários do aeroporto. Os quenianos têm um carinho pelo Brasil! Vi até em um Matatu, transporte local bem colorido, as cores e o nome do Brasil. Infelizmente não deu para tirar foto. A emoção maior foi quando conversei com esse funcionário do Sudão do Sul de uma petrolífera que tem projetos com a Petrobrás. Minha

monografia foi sobre o Sudão quando ainda nem era dividido, mas estava em processo para isso. Ele me contou como estava a situação atual do país, mas como mora na capital Juba, não tem sentido muito os efeitos do conflito recente. Só nos vilarejos é que acontecem as piores coisas do mundo. Disse ele bem preocupado, pois viaja sempre e a família fica no país. Rimos muito e ele disse que os brasileiros são sempre iguais. Bem simpáticos! A conversa com a senhora de Ruanda também foi bem interessante. Falou da modernização de seu país e de sua admiração pelo atual presidente, Paul Kagame, que liderou um movimento de Frente Patriótica contra o genocídio de 1994 em Ruanda.

A África de hoje é bem diferente da de alguns anos atrás. Muitos investimentos e parcerias comerciais espalhados por todos os lugares. Chineses principalmente. Acho que o aeroporto de Adis Abeba na Etiópia teve recursos deles. Passou essa impressão pela sua magnitude, e também pelo fato de terem financiado a construção da moderníssima sede da União Africana nessa mesma cidade. Nairóbi, infelizmente, é um canteiro de obras com prédios imensos em construções, claro, em parceria com os chineses. A cidade é tão arborizada e característica. Tenho receio de que em alguns anos isso se perca. Adoro cidades que não tenham demasiadamente o processo de verticalização e sejam arborizadas. A atmosfera é outra.

Mas o legado da colonização persiste e avança em outras frentes de batalha, só que agora minuciosamente revestida por projetos de desenvolvimento e novas partilhas por terras agrícolas. Esse é um dos principais motivos, hoje na África, para o deslocamento forçado das pessoas. É triste saber que o Brasil também participa desse processo através de investimentos agrícolas em Moçambique, por exemplo.

Infelizmente poucas foram as caminhadas a pé e sozinha pelas ruas para ver o cotidiano das pessoas e da cidade. Como estava sozinha e não conhecia os lugares fiquei sempre por perto do hostel. No primeiro dia perdi o café da manhã, então me indicaram um Café na outra avenida. Na caminhada deu para perceber o movimento incessante de pessoas caminhando em direção aos seus trabalhos ou estudos. Terno e gravata, casacos e roupas coloridas são uma constante em Nairóbi. Faz muito frio pela manhã e no final da tarde. Vários Matatus circulando e eu com o meu ar de Muzungu<sup>195</sup> (estrangeiro em suaíli) observando e sendo observada. Infelizmente o Café era igual aos tradicionais de Recife, com seu aspecto luxuoso e distante, mas era o mais próximo e eu não sabia quais locais poderia ir ou não. Depois voltei ao hostel e seguimos para a embaixada brasileira. Daí continuaram os muitos encontros. “Os indianos”. Não imaginava ver tantos assim em Nairóbi. No primeiro momento imaginei ser por causa da presença da sede

---

<sup>195</sup> Esse termo foi descrito pelo jornalista brasileiro Alex Fisberg (2013).

das Nações Unidas e das diversas Organizações Internacionais que tem Nairóbi como base central na África, com seus funcionários do mundo todo. Depois lendo o livro a Fazenda Africana (BLIXEN, 2005) vi que tiveram sempre uma forte presença desde a época da colonização. Pela janela do carro os vi circulando no centro da cidade com ou sem seus trajes típicos e a pinta vermelha na testa. O supermercado que fica em um centro de compras do lado do hostel tem um indiano como dono. Quando fui comprar alguns itens, ele estava sentado lendo jornal.

Na Embaixada, como não podia ser diferente, veio a saudação dos funcionários quenianos: “Hey Brazill!!!! Sinto muito pela Copa!!! Foi inevitável durante toda viagem! O atendimento na imensa e linda Embaixada do Brasil foi muito bom. Fui só para fazer o meu registro, mas pediram que eu esperasse porque a cónsul gostaria de falar comigo e ver se precisava de alguma coisa. Ela foi bem simpática e deu algumas informações importantes. Me entregou seu cartão e disse que se precisasse de alguma coisa era só ligar.

Na ida para o bairro da Embaixada, que é o mesmo das Nações Unidas e de outras embaixadas e Organizações Internacionais, cruzamos a floresta Karura, que separa essas duas partes da cidade. Essa é uma região onde ficam os antigos casarões ingleses e as moradias das pessoas que têm melhores condições financeiras. A floresta é de uma exuberância impressionante, em plena área urbana. Fiquei de parar depois para tirar fotos, mas com a correria acabou não dando tempo. Raphael me disse que o vilarejo de onde vem, no interior do Quênia, próximo à região do Rift Valley tem uma paisagem semelhante à dessa floresta. Nairóbi é cortada por duas paisagens distintas, a de savana e a de floresta tropical típica dessa região. Não é difícil encontrar alguns animais, como os camelos e macacos, caminhando por entre a cidade em direção aos parques e reservas nacionais. Da janela do hostel sempre via a visita diária de pássaros imensos que produziam sons bem estranhos. A sensação que temos é que construíram uma cidade em plena área de reserva ecológica. Nairóbi é de uma beleza estonteante!

A primeira reação inesperada que tive foi quando minha primeira entrevistada surgiu. Husna Hussein é uma “clinical officer” (profissional da equipe médica) em um hospital em Dadaab da organização americana International Rescue Committee. Foi a primeira vez que conversei com alguém de burca. Husna me atendeu em sua hora de almoço. Esperamos que ela largasse do trabalho, em frente ao escritório da organização em Nairóbi, e durante seu almoço foi respondendo às perguntas. Mesmo eu não pedindo fez questão de mostrar o seu crachá. Foi bastante simpática, e claro não deixou de lembrar da Copa.

No terceiro dia recebi autorização da diretora do Centro de Estudos sobre Refugiados<sup>196</sup> da Kenyatta University (FIGURA 101), Dra. Josephine Gitome, para visitar o Centro e entrevistá-la. Estava marcada também uma entrevista com Dra. Ester Mbithi que também participa do Centro de Estudos, mas ela não pôde me atender. Dra. Josephine Gitome me recepcionou na entrada do prédio, recém construído, onde funciona o centro de estudos. Me apresentou as instalações rapidamente e fomos para sua sala para a entrevista. Levei alguns artigos culturais do estado de Pernambuco de presente. Ela ficou bastante surpresa e deslumbrada com o caboclo de lança. Disse que iria ficar na sua mesa. A entrevista foi ótima, mas infelizmente a viagem tinha um tempo curto. Para ter mais acesso à universidade, seu centro de pesquisa, biblioteca e aos refugiados precisaria de um convênio firmado entre as universidades. Tudo isso demoraria um período de três meses para que fosse formalizado, em conjunto também com minha permissão de pesquisa em Dadaab. Mesmo depois de tantas tentativas por email, só com minha ida para Nairóbi consegui essa permissão e o apoio logístico para ficar no campo de refugiados nas instalações das Nações Unidas e realizar a pesquisa.

FIGURA 101 – Entrada principal da Kenyatta University.



SILVA, Daniela F. Março de 2015.

Foi sem dúvida a melhor parte da viagem, a certeza da possibilidade de conhecer o campo de refugiados de Dadaab em segurança.

No quinto dia conheci a sede das Nações Unidas. No formulário escrevi o interesse da visita e justificativa relacionados ao campo de refugiados de Dadaab. Mas, o direcionamento

---

<sup>196</sup> Centre for Refugee Studies and Empowerment (KU-CRSE). Página na internet: <<http://www.ku.ac.ke/crse/>>.

da visita, que teve que ser paga, foi apenas ao funcionamento da ONU em Nairóbi e sua história. Não deixou de ser importante. No mundo só existem quatro sedes, e Nairóbi é uma delas. Passei por um enorme esquema de segurança, de passaporte retido a várias portarias de inspeção. O complexo é imenso e um dos lugares mais bonitos que já vi (FIGURAS 102 e 103). Tudo ecologicamente pensado. Obras de arte sempre relacionadas com a temática ecológica, dadas como presente por diferentes países.

FIGURA 102 – Uma das partes externas da sede das Nações Unidas em Nairóbi.



SILVA, Daniela F. Março de 2015.

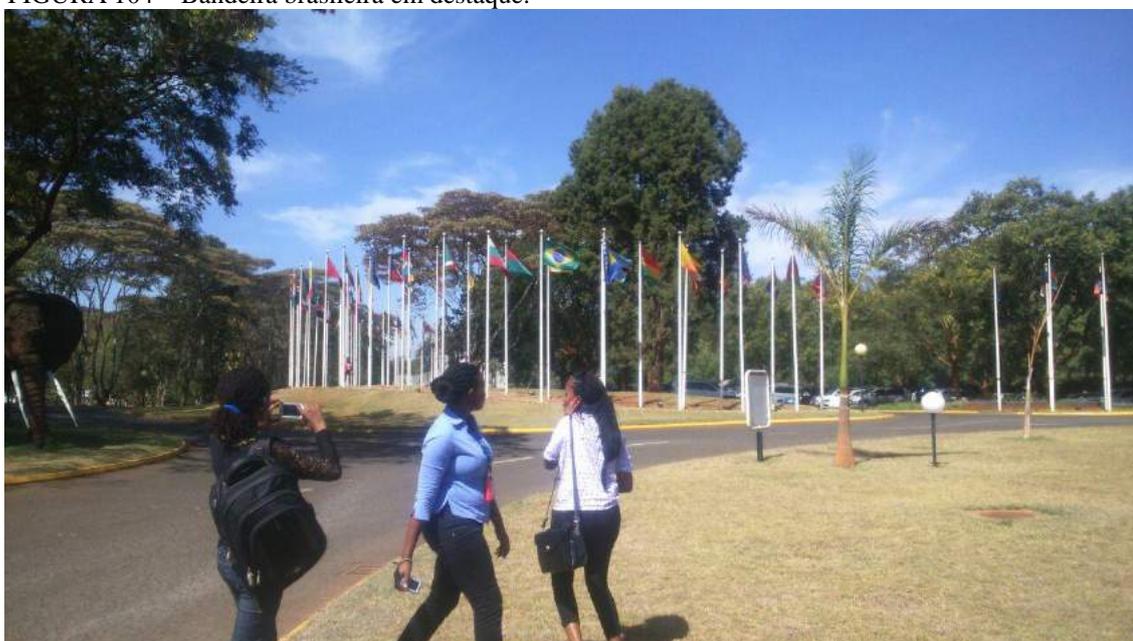
FIGURA 103 – Jardim principal das Nações Unidas.



SILVA, Daniela F. Março de 2015.

Funcionários e representantes políticos passavam apressados pelo corredor central das bandeiras. Excluindo as autoridades principais de cada país, todos fazem esse percurso a pé até a entrada principal, passando por esse longo corredor de 193 bandeiras (FIGURA 104). Acredito que esse trajeto foi intencionalmente elaborado, para que as pessoas que passassem por ele, relembassem a importância dessa organização. Algumas conferências estavam sendo realizadas. Na frente de cada sala de conferência tem um painel eletrônico que identifica os temas que estão sendo abordados. Assisti junto com estudantes da Universidade de Nairóbi a uma palestra sobre o papel das Nações Unidas no mundo e seus principais desafios.

FIGURA 104 – Bandeira brasileira em destaque.



SILVA, Daniela F. Março de 2015.

Conhecer a sala principal de conferência (FIGURA 105) com o símbolo da ONU, onde os principais líderes mundiais discutem temas importantes e cruciais, foi bem especial. Como não poderia ser diferente, por ali circulavam gente do mundo todo. Quem me recepcionou foi uma funcionária de relações públicas, Jue Wang, da China. Conversei com alguns alunos que estavam muito curiosos. Eu era a única estrangeira no grupo, e do Brasil. Acharam bem curioso. Conversando com uma aluna de psicologia, e até mesmo com os funcionários do hostel, percebi que apesar deles estarem tão próximos da realidade de Dadaab, era um assunto que não repercutia muito. Achavam sempre interessante a minha pesquisa. Isso me surpreendeu, pensei que para eles seria um tema já muito debatido. São vinte e cinco anos de existência do campo. É uma relação bem antiga.

FIGURA 105 – Sala principal de conferências.



SILVA, Daniela F. Março de 2011.

Ainda nas Nações Unidas, não deu para deixar de observar a sofisticação do lugar e o condomínio de casas de luxo que ficava apenas a alguns metros dos limites do complexo. Sem claro, apresentar muros elevados que os separasse. Constatei então a impressão que já tinha das Nações Unidas, o da elitização e burocracia. Saí bem decepcionada por não ter conseguido as informações sobre o campo, mas após alguns meses, consegui a entrevista com a Agência das Nações Unidas para Refugiados (UNHCR) direto de Dadaab. Foi feita pelo Skype. Deram permissão para gravar e foi ótima, bem esclarecedora. Disseram que estavam à disposição para que se eu tivesse mais dúvidas poderia entrar em contato. Eles já tinham enviado alguns documentos com estatísticas e informações, mas não eram suficientes.

Não pude deixar de recordar nesse bairro das embaixadas e das Nações Unidas em Nairóbi, um pouco da cidade de Recife. Apesar de ser mil vezes mais arborizado, com flores que ninguém sabe de onde vem tanta beleza e o estilo inglês predominante, essa região da cidade me lembrou muito o bairro recifense de Apipucos. Uma lembrança dos tempos coloniais e seus casarões.

Infelizmente, o encontro com o refugiado somali de Dadaab, Mohamed Hussein Hassan,<sup>197</sup> que conheci através das postagens no Facebook do funcionário da UNHCR/kenya, Duke Mwanha, não aconteceu. Ele escreve para os principais jornais de Nairóbi e para a revista produzida em Dadaab por uma organização internacional. Na época estava cursando o ensino

---

<sup>197</sup> Um depoimento de Mohamed Hussein Hassan para o jornal Sahan Journal foi registrado no segundo capítulo.

médio. Nos comunicamos pelo Facebook e whatsapp durante alguns meses. Ele disse que poderia ir e que não teria problemas. Pediu uma lembrança do Brasil. Ele é fã do escritor Paulo Coelho. Marcamos, mas ele não foi. Até hoje não sei o motivo! Mande algumas mensagens, mas não respondeu. Acho que preferiu assim. Ainda tenho seu contato e continuo acompanhando suas postagens pelo Facebook. Ele sempre descreveu tanto as suas idas a Eastleigh, achei que seria interessante tê-lo como companhia no bairro.

Eastleigh é o bairro descrito pela escritora Karen Blixten em seu livro *A Fazenda Africana*. É interessante notar como a sua descrição, mesmo no início do século XX, não é distante da realidade de hoje desse bairro. A escritora descreve também, o processo de criação de bairros de maneira afastada e segregada, falando dos bairros de latões como ainda hoje são chamadas as “favelas” como a de Kibera, também em Nairóbi, uma das maiores do continente africano. Dra. Josephine me avisou para não ir, disse que não tinha nada lá para ser visto. Afirmei delicadamente que iria mudar meus planos. Mas, sabia que para mim, Eastleigh teria muito a mostrar. Opinião também compartilhada pela recepcionista do hostel, que surpresa pelo meu interesse nesse bairro, me disse que via Eastleigh só pela janela da condução e bem de longe. Com um inglês com sotaque carregado do suaíli, ela me disse: “a gente só passa, Daniela”. Mas mesmo assim pediu para que eu lhe contasse como tinha sido. Ela sempre se surpreendia com os locais que eu gostaria de visitar. Sorria bastante e dizia que eu tinha que trocar. Demos boas gargalhadas! As conversas no início da manhã com ela eram sempre animadoras, e quando menos percebi já estava falando com alguns de seus trejeitos. Acho tão interessante a maneira como dialogam. O “Rummm” no final de cada frase e a maneira enfática com que falavam o L do meu nome ficaram na memória de forma bem carinhosa.

Passei rapidamente pelo centro para tirar fotos e ver um pouco do artesanato do povo Masai Mara. Povo guerreiro que dominava a região antes da chegada dos colonizadores. Agora, infelizmente vivem nas reservas ou perambulam pelo centro para vender seu artesanato.

A experiência não foi muito boa. Fomos cercados por um grupo que aparentava ser de flanelinhas. Eu disse para o motorista que não tinha problema, eu estava acostumada com essa situação no Brasil. Quando descemos se formou um tumulto e vi que Raphael ficou nervoso. Gritou para eu entrar no carro. Aí senti um pouco de medo! É uma região não muito turística. Então os poucos que aparecem causam tumulto. Mas, como pedi para ele me levar em um mercado mais barato, de rua mesmo, fomos para esse. Quando entramos no carro e vi que outra pessoa tinha entrado fiquei com receio, mas ele era amigo de Raphael, então estava tudo certo. Demos a volta e retornamos a pé. Foi bem estressante comprar. Porque eles não falavam os preços tudo era muito negociado. Eu falava o meu preço e eles davam uma resposta até a

negociação acabar. Bem estressante! Um pouco mais longe escutamos um tiro de fuzil, mas como ninguém correu e não houve tumulto continuamos o passeio pelo centro (FIGURAS 106 e 107).

FIGURA 106 – Matatus no centro de Nairóbi.



SILVA, Daniela F. Março de 2015.

FIGURA 107 – Parque Uhuru no centro da cidade.



SILVA, Daniela F. Março de 2015.

No penúltimo dia, o domingo, tirei para descansar, fazer as malas, dar adeus e parar para uma última conversa no refeitório. Preferi não ir à missa. Não sou católica, mas confesso que estava muito curiosa para ver uma celebração cristã em outro país. O hostel que fiquei é católico e tem uma igreja imensa no pátio, com missas celebradas em inglês e em suaíli. Preferi acordar mais tarde e organizar as coisas.

Confesso que muito foi imaginado, mas claro, sempre de forma positiva e realista. Como não idealizar o cenário africano! Uma coisa sempre me chamou atenção: a força das cores, expressa nas roupas, nas artes, na musicalidade e nas fotografias. Mas, quando cheguei ao Quênia, e também na passagem por outros países, vi que era muito mais do que havia imaginado. Mesmo para quem morou mais de dez anos em plena floresta Amazônica, no meio de igarapés e de matas onde a luz do Sol não conseguia penetrar direito, sentindo-se um forte ar úmido misturado com “os aromas” da floresta, a contemplação da exuberância das paisagens desse continente, me tirou o fôlego. Da cor vermelha e forte do solo ao colorido das flores em pequenas mudas à venda em muitos canteiros na beira das estradas de Nairóbi. O jeito cantado de falar ou de ouvir, terminando sempre com um sonoro “Rumm” usado como complemento da frase ou da interação na conversa. Não vi isso só no Quênia, mas também com os povos da Etiópia, Ruanda, Uganda e Sudão do Sul. Sim, existe uma diversidade inebriante transfigurada em sentidos.

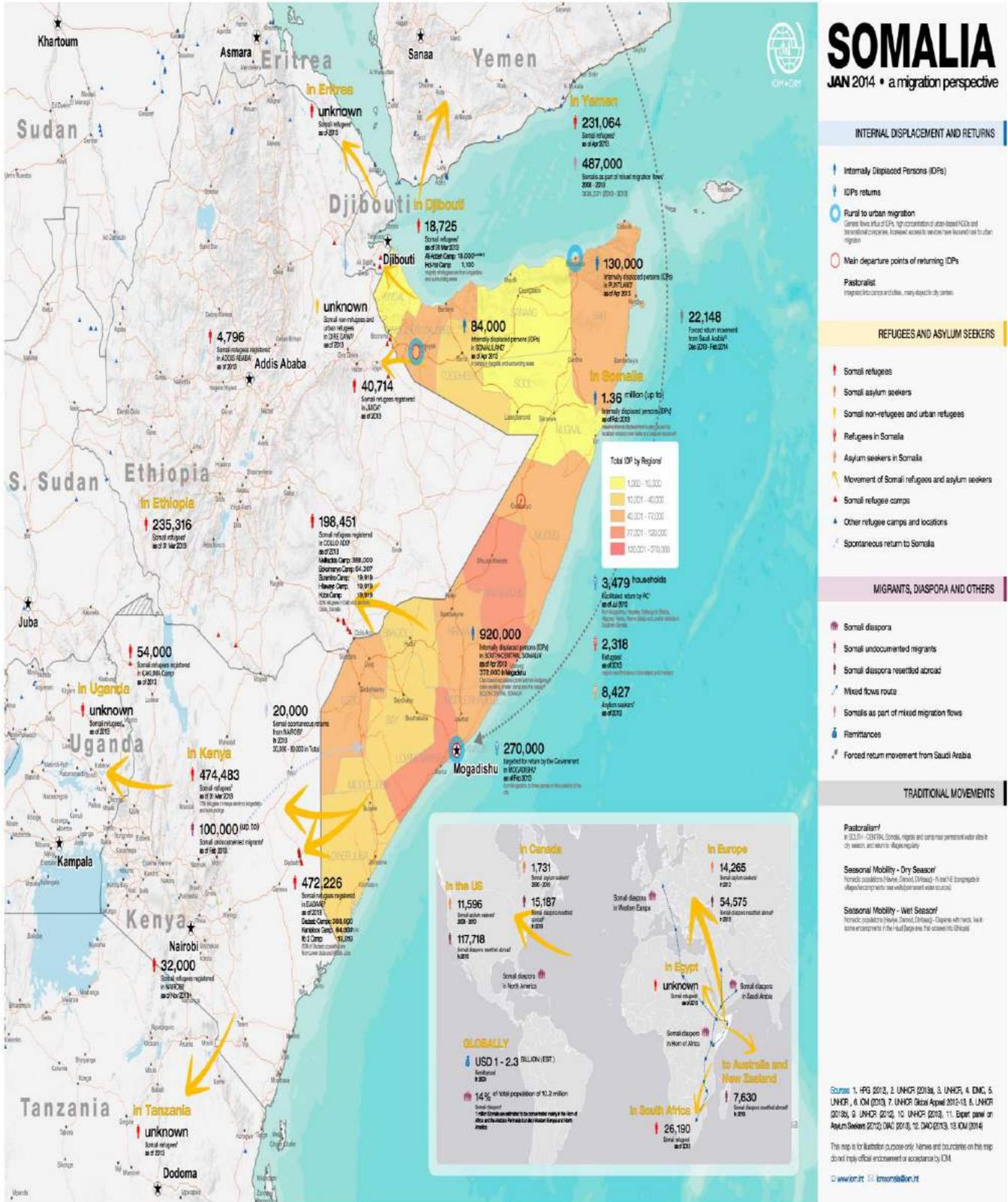
Termino o texto como o comecei, sem conseguir falar sobre tudo o que vi ao certo. Tudo na África é uma explosão de experiências. Das paisagens às pessoas. Fiquei sim, muitas vezes, sem reação, tentando disfarçar meus olhares insistentes com sorrisos, como quem pede desculpas por tanta observação. Sinto agora a sensação de estar em dois lugares ao mesmo tempo. Os lugares por onde passei e morei ao longo de minha vida estão em minha memória e sentidos, mas não estão sendo mais vivenciados. Pernambuco e Quênia, para mim, estão agora conectados. Vivenciados diariamente.

A citação do jornalista polonês Ryszard Kapuscinski, que trabalhou na África, entre idas e vindas, nas décadas de 1950 a 1990, citado em outros momentos na dissertação, descreve bem as minhas primeiras impressões de uma pequena parte do continente africano. De acordo com o autor:

*Esse continente é demasiadamente grande para ser descrito. É um verdadeiro oceano. Um planeta diferente, composto de várias nações, um cosmo múltiplo. Somente por comodidade simplificamos e dizemos “África”. Na verdade, a não ser pela denominação geográfica, a África não existe. Ryszard Kapuscinski, 2002, p. 08.*

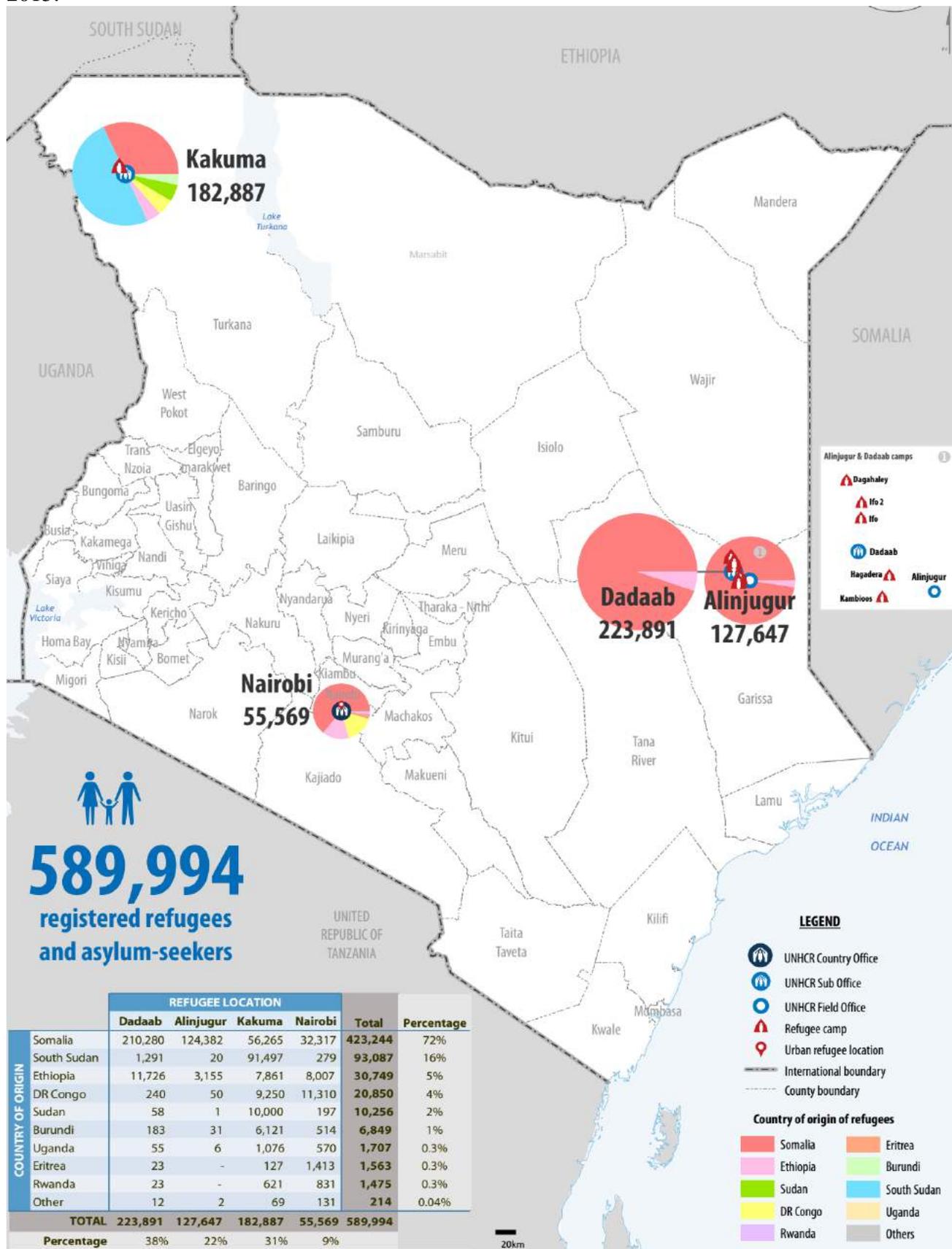
**ANEXOS**

ANEXO A – Mapa da diáspora somali no mundo em 2014.



Fonte: International Organization for Migration (IOM). **Dimensions of crisis on migration in Somalia**. 2014. Disponível em: <<http://www.iom.int/files/live/sites/iom/files/Country/docs/Dimensions-of-Crisis-on-Migration-in-Somalia.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2014

ANEXO B – Mapa de localização de refugiados e solicitantes de asilo registrados no Quênia em 2015.



Fonte: UNHCR/Kenya (2015). Disponível em: <<http://reliefweb.int/map/kenya/kenya-registered-refugees-and-asylum-seekers-01-may-2015>>. Acesso em: 14 dez. 2016.